

F A C U L D A D E D E L E T R A S

REVISTA DO LABORATÓRIO
DE
FONÉTICA EXPERIMENTAL



VOLUME IV
ANO DE 1958

U N I V E R S I D A D E D E C O I M B R A

**REVISTA DO LABORATÓRIO
DE FONÉTICA EXPERIMENTAL**

F A C U L D A D E D E L E T R A S

REVISTA DO LABORATÓRIO DE FONÉTICA EXPERIMENTAL



VOLUME IV
ANO DE 1958

U N I V E R S I D A D E D E C O I M B R A

Composto e impresso na Imprensa de Coimbra, L.da
Largo de S. Salvador, 1 a 3— Coimbra

PARTICULARIDADES FONÉTICAS DO COMPORTAMENTO ELOCUCIONAL DO FALAR DO RIO DE JANEIRO

(EM CONFRONTO COM O PORTUGUÊS NORMAL DE PORTUGAL)

I — PRELIMINARES

O facto dos autores desta obra, um português e um brasileiro, se terem encontrado a trabalhar num mesmo laboratório, estimulou e facilitou a realização dum estudo de fonética comparada que há muito interessava efectuar.

Já vários linguistas brasileiros e portugueses (1) examinaram *subjectivamente* o respectivo material elocucional e a eles se devem muitas observações que merecem ser ampliadas com auxílio dum exame auditivo mais preciso e particularizante.

No que respeita, propriamente, ao comportamento elocucional, dir-se-á que não foi, até agora, efectuada qualquer investigação sistemática e, tanto quanto possível, baseada numa análise instrumental.

Aproveitou-se, especialmente, a oportunidade para atenuar a referida falta estudando o mencionado comportamento mediante os processos laboratoriais disponíveis e de modo a tornar mais precisas as impressões auditivas.

Sucedendo que a elocução dum dos autores (N. R.) é característica do Rio de Janeiro, e a do outro (A. L.) é isenta de regionalismos auditivamente sensíveis, de pronúncia ou de dicção, tomou-se esta para base de confronto, considerando-a como normalmente portuguesa.

Sobre a importância do falar do Rio de Janeiro (o falar *carioca*) no conjunto de falares regionais brasileiros, bastaria assinalar que o *Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*, realizado em S. Paulo em 1937, resolveu «considerar a pronúncia carioca a mais perfeita do país e propô-la como língua padrão a ser usada no teatro, na declamação e no canto eruditos do Brasil» depois de 12 *consideranda* (2).

Cândido Jucá (filho) em *A Pronúncia Brasileira*, trabalho aprovado «*com vivos louvores*» pelo Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil (em sessão de 12 de Maio de 1936), considerou pronúncia padrão «a que se tem por boa entre as pessoas bem falantes que habitam no Rio de Janeiro» (3). A mesma opinião é defendida por Antenor Nascentes, pelos autores por ele citados, João Ribeiro e Floriano de Brito (4), bem como por muitos outros.

J. Matoso Câmara Junior na sua obra *Para o Estudo da Fonémica Portuguesa* limitou o seu campo de observação à «variedade coloquial tensa» do Rio de Janeiro (5).

José Pedro Machado refere-se à organização e estabilização da situação linguística interna do Brasil «de maneira que a centralização da linguagem carioca se torne um facto» (...) (6).

Relativamente ao problema da escolha para padrão dum «falar» (7) português — ouvidas as opiniões de Gonçalves Viana (8) e de Oliveira Guimarães (9) — julga-se que foi Paiva Boléo quem melhor o situou (10). Este autor, depois de expor as dificuldades inerentes ao assunto, diz ter observado que existe em certas regiões uma consciência de que a melhor pronúncia do país é a de Coimbra e aconselha um inquérito para apurar a extensão de tal consciência.

Apenas se alude ao problema do «falar (11) padrão», visto as circunstâncias terem imposto como termo de confronto uma elocução que só pode ser considerada como normal por não manifestar qualquer regionalismo sensível de pronúncia ou de dicção. Tal normalidade pode ser confirmada pela audição dos fonogramas que foram analisados.

* * *

Se o falar carioca e o português normal de Portugal tivessem já sido estudados sistematicamente de modo a tornar conhecidas as particularidades fonéticas que os caracterizam, a nossa tarefa reduzir-se-ia a confrontar essas particularidades e assinalar consequentes diferenças e semelhanças. Sucede, porém, que os estudos existentes, muito especialmente no domínio brasileiro, são apenas contribuições mais ou menos incompletas que abrangem campos fonéticos muito restritos. Considerando o caso presente verifica-se que são muito escassos os conhecimentos sobre a fonética do falar carioca e todos eles resultantes dum simples exame auditivo, pelo que se coadunam com a designação de «impressões».

É certo que Cândido Jucá (filho), diz-nos que as conclusões que apresenta sobre o falar carioca foram submetidas a uma verificação experimental. Infelizmente não temos conhecimento duma publicação dos resultados, igno-

rando portanto quais os métodos utilizados e o critério observado na sua apreciação (12).

A necessidade de se estabelecerem no Brasil centros experimentais de investigação fonética tem sido evidenciada por numerosos autores (13) mas só presentemente se iniciaram providências nesse sentido, entre elas a criação do Laboratório de Fonética Experimental da Universidade da Bahia.

Relativamente ao estudo da fonética do português normal de Portugal há a considerar de modo especial além da obra notável de Gonçalves Viana (14) a contribuição de Sá Nogueira (15). Mas todos estes estudos, e tal facto não os diminui, baseiam-se, essencialmente, num exame auditivo. Estudos de fonética portuguesa, parcial ou totalmente baseados numa investigação instrumental são ainda pouco numerosos (16), o que aliás sucede com outros idiomas, incluindo os de grande expansão tais como o francês, o inglês e o alemão.

Duma maneira geral, pode dizer-se que os trabalhos existentes mais importantes focam, principalmente, o sistema fonémico deste ou daquele idioma (17), ocupando-se apenas do aspecto opositivo, do valor fonológico que os sons dum dado idioma apresentam, abstraindo da variação desses sinais como elementos da fala. Estudos das formas típicas de variação desses sinais como valores expressivos da palavra viva, da palavra actuante, são, ainda, uma raridade em qualquer país. Dizemos «formas típicas de variação» e não simplesmente «formas de variação» visto que são inúmeras as formas de realização de qualquer *composição vocabular*.

* * *

Perante o objectivo pretendido, elaborou-se um plano de acção orientado pelo propósito de se examinarem composições elocucionais capazes de actuar como palavras-frases e não como simples composições fonológicas, como simples reduções a «apresentações» (18) de significado vocabular e com uma expressividade praticamente nula.

Principiou-se por delinear um plano demasiadamente ambicioso, mercê do desejo natural de se efectuar um trabalho tão completo quanto possível. Em breve surgiu a necessidade de o limitar, e de restrição em restrição perante as dificuldades que contrariaram o intento inicial, acabou-se por desistir dum *amplo e profundo* estudo como fora projectado. O facto da actividade fonadora ser condicionada pelos chamados factores da variação elocucional (19), factores que além de numerosos, são extremamente inconstantes na sua acção, motiva uma multiplicidade de restrições a que o investigador não se pode furtar. Assim, o estudo fonético dum falar, capaz de merecer o

qualificativo de «completo» só poderia resultar de uma activa, persistente e demorada colaboração de muitos investigadores. Estes teriam de conjugar os seus esforços de modo a poder resultar uma observação sistemática capaz de lhes permitir generalizações num domínio em que as variações são tão numerosas e assumem tão grande importância.

Tratando-se dum estudo laboratorial há, ainda, a considerar o muito tempo que os registos e análises de som requerem, a par do esforço despendido para vencer as dificuldades de ordem técnica com que todos os pesquisadores têm de lutar continuamente.

II — LOCUTORES E MATERIAL ELOCUCIONAL

A) Locutores: Foram utilizados como locutores, o brasileiro N. R. e o português A. L. (20). Os registos sonoros foram efectuados em 1954; conjugam-se com essa data as informações prestadas sobre N. R. e A. L. As características que apresentam como locutores normais são as seguintes:

Locutor brasileiro:

Idade adulta: — 27 anos. Sexo masculino.

Características acústicas individuais (21): regulares.

Particularidades fonéticas individuais (22): regulares.

Nos casos em que a pronúncia admite variantes mais sensíveis, N. R. tende a optar pela considerada no consenso geral culto como a mais espontânea ou natural. Assim sucede, por exemplo, proferir a vibrante múltipla uvular em vez da apico-alveolar, e o 1 velar, depois de vogal com que forma sílaba, com um *u* intercalar, transicional, breve e frouxo.

Particularidades fonéticas colectivas (23): próprias do «falar carioca».

Locutor português:

Idade adulta: — 52 anos. Sexo masculino.

Características acústicas individuais: regulares.

Particularidades fonéticas individuais: regulares.

Observa-se a substituição da vibrante múltipla pela uvular, uma substituição cada vez mais frequente em locutores portugueses.

Particularidades fonéticas colectivas: as do português normal excepto na fala muito descuidada em que manifesta, por vezes, ainda que atenuadamente, particularidades do falar do Porto.

B) Material elocucional: A quantidade de material elocucional registado para estudo, foi condicionada pelo tempo disponível para a sua apreciação

e de harmonia com um plano previamente elaborado. Foi, todavia, aproveitada a ocasião para se registar um número de elocuições brasileiras muito maior do que o previsto para um exame pormenorizado. O excedente poderá ser utilizado em trabalhos complementares e serviu, juntamente com outros textos elocucionais, para dar uma impressão geral do falar carioca.

* * *

As elocuições utilizadas foram classificadas segundo o locutor, formando dois grupos:

Elocuições em português do Brasil — grupo B.

Elocuições correspondentes em português de Portugal — grupo P.

Por sua vez, as elocuições de cada grupo foram distribuídas nos seguintes sub-grupos:

I-B — Elocuições proferidas por N. R., sem fonograma				
I-P —	»	»	» A. L.,	»
II-B —	»	»	» N. R., com	»
II-P —	»	»	» A. L.,	»
III-B —	»	»	» outros locutores brasileiros, com fonograma.	
III-P —	»	»	» outros locutores portugueses, com fonograma.	

Grupo-IB) Elocuições proferidas por N. R., sem fonograma.

Procurando dar uma orientação conveniente a este estudo, efectuou-se uma série de observações preliminares, baseadas na audição directa de elocuições realizadas pelo locutor brasileiro e apreciadas por A. L., como ouvinte, e por N. R. como locutor-ouvinte.

Utilizaram-se vários processos da apreciação directa e o material elocucional foi constituído, principalmente, por palavras-frases. Evitaram-se, inicialmente, conjuntos de palavras, de modo a facilitar as observações. Os vocábulos correspondentes às elocuições de N. R., apresentaram diversos tipos de composição e a sua escolha, abstraindo de casos fortuitos, foi feita segundo um interesse predominante pelas vogais, visto serem estas de mais difícil apreciação do que as consoantes e assumirem muito maior importância como portadoras da expressão e consequentemente sujeitas a variações que dificultam, extraordinariamente, o seu exame. Todas as elocuições desse grupo foram realizadas nas modalidades informativa e interrogativa duma forma tanto quanto possível alheia a aspectos expressivos que não fossem de sim-

ples informação ou interrogação, com o propósito de simplificar o exame auditivo, limitando, tanto quanto possível, a possibilidade de variação.

A atenção dos ouvintes foi dirigida de modo a focar, principalmente, os seguintes factos: *a)* Ponto de articulação das vogais, grau de abertura e de palatalização ou de velarização; *b)* Actividade labial na emissão de vogais, especialmente das vogais (*i*) (*u*) (*o*) (*ɔ*); *c)* Modo de ataque de vogais iniciais; *d)* Comportamento tonal, qualitativo e tensional; *e)* Aspectos silábicos; *f)* Aspectos de acentuação.

As observações efectuadas tiveram um carácter mais ou menos superficial, não só por se tratar duma sondagem preliminar, mas ainda pelo facto de interessar apenas — na altura em que foram feitas — observar o que se destacasse como mais sensível. Procurava-se, sobretudo, orientar o estudo e já fora então estabelecido que o material elocucional mais representativo ia ser examinado subjectivamente mediante fonogramas e objectivamente mediante a tradução desses fonogramas em cromogramas.

Grupo II-B) Elocuções proferidas por N. R. com fonograma.

Série 1 — Elocução improvisada (24) — Texto elocucional de conformação dialogal:

- 1) Respostas de N. R. (fomentadas por A. L.) que constituem informações pessoais sobre a sua idade, estado civil, naturalidade, terras onde tem vivido, viagens efectuadas, cultura, profissão, etc. (24).
- 2) Trechos de conversa espontânea em que são abordados temas diversos.
- 3) Designação verbal de figuras de uma colecção de desenhos e gravuras propositadamente reunida para inquéritos fonéticos (24).
- 4) Comentários, observações, gracejos, explicações, etc., de extensão muito variável, intercalados nos textos elocucionais 1, 2, 3.

Série 2 — Elocução memorizada:

- 1) Contagem do número 1 ao número 22.
- 2) Enumeração dos dias da semana.

Duração total das elocuições improvisada e memorizada: cerca de 28 minutos.

Série 3 — Elocução interpretativa:

- 1) Leitura dum texto em prosa de conformação dialogal de uso corrente familiar vulgar de (função lúdica) acção convivencial recreativa de tema corrente e tratamento íntimo, amigável, revelando uma atitude de semelhante, uma categoria cultural mediana e os aspectos de afectivo, jocoso e juvenil (25).
Andamento normal.

Nível de ntensificação predominante — 2.

(Duração: Cerca de 3 minutos e 30 segundos).

- 2) Leitura de palavras com vários graus de valorização.

(Duração: cerca de 2 minutos).

- 3) Leitura de uma longa série de palavras que abrangem todos os fonemas com vários tipos de conjugação, acentuação, etc.
- 4) Leitura de uma frase constituída por 3 palavras com o seguinte condicionamento nas modalidades informativa e interrogativa: a) Leitura sem valorização de qualquer das 3 palavras componentes; b) Leitura com valorização da 1.ª, da 2.ª e da 3.ª palavras, respectivamente.
- 5) Leitura muito fluente de uma versão brasileira da «Parábola dos sete vimes». Leitura vagarosa do mesmo texto em forma de ditado. Leitura vagarosa da versão portuguesa do referido texto.
- 6) Leitura dos seguintes textos literários:
Rubem Braga, *Sôbre a morte* (crónica), in *O Homem Rouco*.
Carlos Drummond de Andrade, *José*, in *Poesia até agora*, Rio, 1948, e *Balada do amor através das idades*, ibidem.
Ronald de Carvalho, *Brasil*, in *Tôda a América*, Pimenta de Melo e Cia, Rio, 1926.

Série 3-B) Os fonogramas desta série foram submetidos a uma análise instrumental e abrangem vários textos elocucionais interpretativos de função informativa ou interrogativa, distribuídos conforme a sua composição fonológica, do seguinte modo:

Monossílabos do tipo *consoante áfona mais vogal*

Transcrição ortográfica: / Pê / Pé / Pá / Tu / Xô / Pó /
» fonética : pe pe pa tu fo po

A não existência em Português dos vocábulos (*pu*) e (*po*) explica a respectiva substituição da consoante (p) pelas consoantes (t) e (f).

Figurava nesta série a palavra (Pi) mas esta foi retirada pelo facto dos cromogramas relativos à emissão portuguesa na modalidade informativa oferecerem dúvidas quanto à sua exactidão. Não foi possível repetir o registo, único meio de resolver satisfatoriamente a questão.

A interjeição «Xô» foi emitida com um mínimo de expressão interjecional de modo que pudesse valer como palavra. Não se preferiu o monossílabo vocabular «ro» (o nome da letra grega) por ser uma composição que se não enquadrava no esquema adoptado.

Polissílabos

a) Palavras agudas

- | | |
|------------------------|----------|
| 1) Com uma pretónica | Agá. |
| 2) Com duas pretónicas | Amará. |
| 3) Com três » | Acatará. |

Por uma questão de uniformidade pretendeu-se evitar a utilização de formas verbais, mas nem sempre se encontraram vocábulos que as pudessem substituir.

b) Palavras graves:

- | | |
|------------------------|------------|
| 1) Sem pretónica | Cola. |
| 2) Com uma pretónica | Inútil. |
| 3) Com duas pretónicas | Papelada. |
| 4) Com três » | Afadigada. |

c) Palavras esdrúxulas:

- | | |
|------------------------|---------------|
| 1) Sem pretónica | Dádiva. |
| 2) Com uma pretónica | Binóculo. |
| 3) Com duas pretónicas | Pacatíssima. |
| 4) Com três » | Afinadíssima. |

Grupo III-B) Elocuções proferidas por outros locutores brasileiros e com fonograma.

Este grupo é constituído por fonogramas de elocuções de várias espécies e função, proferidas pelo locutor brasileiro A. M., directamente registadas, e por fonogramas de elocuções radiodifundidas de espécie interpretativa e de função informativa, proferidas por outros locutores brasileiros.

Elocuções portuguesas:

Grupo I-P — Elocuções proferidas por A. L., sem fonograma, com o mesmo conteúdo vocabular das elocuções do grupo I-B.

Grupo II-P — Elocuções proferidas por A. L., com fonograma e correspondentes às do grupo II-B — série 3-B.

Grupo III-P — Elocuções proferidas por diversos locutores portugueses, com fonograma.

Registo sonoro do material elocucional:

Todos os registos foram feitos em fita magnética, utilizando um registor «Magne recorder» de pista simples e dois registadores Webster de pista dupla.

Dos documentos originais foram extraídas cópias de vários segmentos e algumas *selecções de repetição limitada* (26).

Os fonogramas, devidamente catalogados, encontram-se no Arquivo Sonoro (Secção Brasileira) do Lab. de Fonética Experimental da Universidade de Coimbra (27).

III — APRECIACÃO SUBJECTIVA

O tempo exigido pela análise de que se ocupa o capítulo seguinte explica que não se tivesse realizado um exame auditivo suficientemente extenso e sistemático de modo a serem postas distintamente em relevo as diversidades fonéticas predominantes entre os dois falares confrontados. Por motivo semelhante foram precárias algumas das observações efectuadas sobre a actividade articulatória visível.

Processos auxiliares utilizados — Recorreu-se, principalmente, ao processo da *repetição*. Só em casos especiais se empregaram outros processos tais como: amplificação em vários níveis e audição em sentido inverso (28). Evitou-se tanto quanto possível o «alongamento com deformação» (29) por causa da distorsão sonora que o processo mencionado necessariamente provoca.

Aspectos considerados — Aspectos articulatorios visíveis mediante inspecção directa e inferidos dos efeitos acústicos motivados.

Observações efectuadas — No estudo da pronúncia dum falar distinguem-se características permanentes e características variáveis. As primeiras respeitam à *composição*, «aquilo que subsiste seja qual for a *variante apresentativa*» (30). As características variáveis, contrariamente ao que sucede com as permanentes, não são determinadas pela composição embora delas dependam.

O facto dos fonemas serem os mesmos em Portugal e no Brasil não impede a sua realização de forma específica diversa no português de Portugal e no português do Brasil.

Além de particularidades variáveis como as do comportamento tonal (31) há as características permanentes que muito impressionam o ouvinte português perante a elocução *carioca*.

O número e o grau das distinções experimentadas depende, como é óbvio, da acuidade auditiva, do treinamento fonético do ouvinte bem como do seu grau de atenção e de muitas outras circunstâncias (32).

Pretendendo considerar, apenas, as peculiaridades de pronúncia que auditivamente mais se destacam, mencionam-se:

- carácter palatal mais sensível das vogais anteriores;
- labialização mais sensível das vogais posteriores;

- maior grau de abertura da vogal (a);
- menor grau de abertura do (o) tónico seguido de nasal;
- ocorrência regular das variantes átonas (*ʊ*) (*o*) (*e*) (*e*) (*ɛ*) (*ɪ*) (*ə*);
- ataque mais breve e tenso de vogais iniciais;
- níveis qualitativos e tensionais mais elevados;
- velarização do (l) final de sílaba e variação da vogal antecedente no sentido de (u), podendo este som atingir, ou não, uma realização integral;
- articulação oclusiva das consoantes (p) (b) (g) em posição intervocálica;
- maior tensão articulatória das consoantes (p) (b), por vezes com compressão labial;
- articulação mais palatal e tensa de (t) e (d) seguidos de (i) tónico ou átono;
- articulação das fricativas caracterizada por uma *acção própria* (33) mais efectiva;
- maior distinção silábica em virtude duma coarticulação menos íntima;
- quase-simultaneidade das ressonâncias oral e nasal nos ditongos nasais;
- maior grau de nasalidade durante a oclusão das nasais (m) (n);
- redução dos segmentos vocálicos das sílabas átonas em muito menor grau e sem prejuízo do valor distintivo da tónica e, consequentemente, maior individualização das chamadas palavras auxiliares (partículas átonas).

Relativamente ao «ponto de articulação» deve dizer-se que a observação directa é muito deficiente e duvidosa na maior parte dos casos e que não se dispunha de métodos adequados ao seu estudo, tais como a radiografia e a cinerradiografia. Por carência de aparelhagem se explica também que não tivessem sido efectuadas algumas observações sobre a intensidade elocucional.

Como informação complementar reproduzem-se no Apêndice I os resultados do exame auditivo de duas das vogais que figuram nas elocuições monossilábicas, relativamente ao *tom*, à *qualidade vocálica* e à *tensão*.

Para uma visão de conjunto da pronúncia do Rio de Janeiro, publica-se em apêndice (IV), uma transcrição fonética da leitura feita por N. R. dum texto em prosa. O mesmo texto vocabular foi anteriormente realizado em Português de Portugal (isento de regionalismos) pelo locutor G. C. e a respectiva transcrição fonética publicada num número anterior desta Revista (34). O locutor brasileiro N. R. procurou condicionar a sua realização de forma semelhante à observada pelo locutor português referido (35) e o grau de pormenorização da transcrição foi sensivelmente o mesmo. Facilitou-se, assim, um cotejo das duas realizações fonéticas.

IV — ANÁLISE DE ELOCUÇÕES

A tradução dos magnetogramas em registos sonoros analisáveis foi feita pelo processo *electrocromográfico de projecção horizontal* (36). Mediante os *cromogramas* obtidos examinou-se o comportamento qualitativo vocálico e o respectivo *decurso tonal* (37).

O *comportamento tensional* (38) foi subjectivamente apreciado. Os fonogramas (magnetogramas) foram repetidamente ouvidos com a atenção orientada de modo a incidir consecutivamente sobre cada um dos aspectos fonéticos a examinar e abstraindo-se tanto quanto possível (39) de outros aspectos elocucionais concomitantes. A repetição lenta devidamente utilizada (40) resolveu os casos em que surgiram maiores dúvidas.

Na apresentação dos resultados distinguem-se as modalidades informativa e interrogativa, principiando-se por transcrever as respectivas emissões.

Seguem-se as verificações relativas ao locutor brasileiro (B) e ao locutor português (P), na ordem que se passa a indicar:

Linha Tonal	—flutuação com a inclinação dos segmentos expressa em graus (número colocado à direita, entre parêntesis);
Qualidade Vocálica	— sua estabilidade ou variação no sentido progressivo, regressivo ou misto / indicação das zonas de plenitude, e da rapidez ou lentidão da variação;
Tensão	—discriminação de zonas iniciais, médias e finais / indicação de <i>iniciais</i> e <i>terminais</i> elocutivos conforme o seu decurso;
Duração	—apontam-se as durações (em milissegundos (m.s.)) do trecho aperiódico e de toda a elocução.

Os *tonogramas* foram encontrados com o *Triângulo Tonométrico Multiplicador* (41) regulado para uma quintuplicação da duração da configuração periódica. As linhas tonais originais foram rectificadas e reduzidas (42) de forma a poderem ser convenientemente publicadas e agrupadas em quadros.

Cada um dos referidos quadros abrange 4 realizações elocucionais dum mesmo vocábulo na ordem seguinte: elocução brasileira e correspondente portuguesa na modalidade informativa; *idem* na modalidade interrogativa.

No alto de cada quadro e ao lado esquerdo, encontra-se um segmento de recta cujo comprimento corresponde a 50 milissegundos. Este segmento, que só é válido para o quadro em que figura, faculta a apreciação dos valores temporais.

O momento inicial da emissão é assinalado pela letra *a*. Os segmentos *a-b* e *c-d* marcam, respectivamente, as durações dos trechos atípicos, inicial e final, de cada zona vozeada discriminada. Observe-se que a letra *c* foi por vezes omitida mas sem qualquer prejuízo para a interpretação do gráfico. A determinação do ponto *d* ofereceu, como em outros estudos (43), dificuldades e por vezes dúvidas.

O segmento *b-1* corresponde ao primeiro período (primeira configuração) delimitado. Os números colocados no início e no final de cada segmento tonal assinalam os períodos que o delimitam. O período em que a linha tonal mudou de sentido é marcado pelos números intercalares.

À esquerda de cada tonograma figuram as frequências que determinam a *banda tonal* (44) correspondente.

Os cronogramas relativos aos aspectos temporais examinados encontram-se no fim do capítulo V.

Observações — A esquematização da linha tonal é uma simplificação do seu decurso e, por consequência, só é praticável nos casos em que podem ser desprezados pormenores da flutuação tonal sem prejuízo para a sua caracterização essencial.

— A delimitação de sons altamente coarticuláveis foi por vezes precária. Foi o que sucedeu, por exemplo, com os dois sons componentes da segunda sílaba da palavra «Amará.».

— Apesar do cuidado com que foram efectuados todos os trabalhos de preparação dos gráficos para poderem ser publicados, não puderam ser evitadas, completamente, algumas ligeiras alterações. Estas afectaram, por vezes, o grau de inclinação da linha tonal, sucedendo, então, desviar-se este um pouco do valor numéricamente expresso, valor este que resultou da medição da linha tonal original.

— Utilizou-se a simbolização (α) (excepto nos gráficos) para indicar um maior grau de abertura da variante carioca da vogal (*a*).

Abreviaturas — Em vez de «Quase» utilizou-se na descrição da linha tonal simplesmente a letra Q. Assim, «Q. constante» (ou q. constante) significa *quase constante*.

— Nas descrições do decurso da linha tonal, um zero colocado entre parentesis curvo e este entre parentesis recto — [(0)] — significa aproximadamente zero graus de inclinação ou seja uma linha tonal (trecho ou totalidade) quase constante (sensivelmente quase constante).

V — APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE

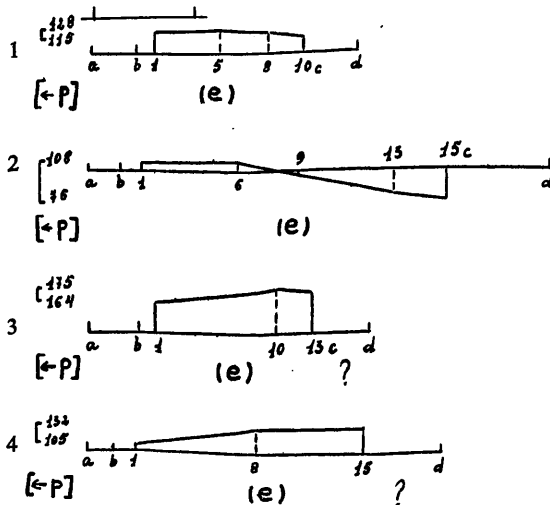
Monossílabos

Emissões: I $\left| \begin{array}{c} 1 \\ 2 \end{array} \right.$ — Pê. I $\left| \begin{array}{c} 3 \\ 4 \end{array} \right.$ — Pê?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro I-1	P: Quadro I-2
Flutuação	B: Ascendente (3) Descendente (3) » (9)	P: Ascendente (1) Descendente (9) » (13) » (8)
Esquematisação	B: Q. constante-descendente. P: » - »	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude média. P: Predominantemente constante até ao p. 10; diferenciação regressiva do p. 10 ao p. 15, seguida de longo amortecimento.	
Tensão	B: Constante com inicial crescente e terminal decrescente. P: Q. constante-decrescente. (A variação no trecho q. constante será no sentido decrescente. Teríamos: menos decrescente — mais decrescente).	
Durações	B: Segmento a-b: 22,5 m.s. P: » » 16 »	a-d: 133 m.s. » 232 »

I



MODALIDADE INTERROGATIVA

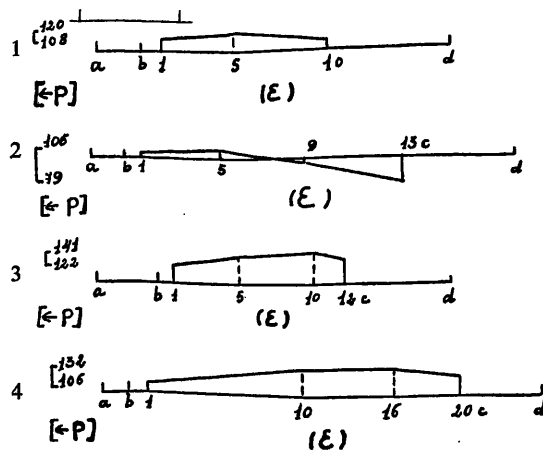
Linha tonal	B: Quadro I-3	P: Quadro I-4
Flutuação	B: Ascendente (8) Descendente (6)	P: Ascendente (8) » (1)
Esquematização	B: Ascendente com terminal descendente. P: Ascendente-q. constante.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude inicial-central (1-9); regressiva (9-13) com amortecimento final relativamente longo. P: Dois trechos diferenciados (1-8 e 8-15); o primeiro com breve plenitude inicial e o segundo com plenitude inicial-central. Lenta deformação final.	
Tensão	B: Predominantemente constante. P: Quase constante.	
Durações	B: Segmento a-b: 25 m.s. P: » » 15 »	a-d: 139,5 m.s. » 200,5 »

Emissões: II $\left| \begin{array}{c} 1 \\ 2 \end{array} \right|$ — Pé. II $\left| \begin{array}{c} 3 \\ 4 \end{array} \right|$ — Pé?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro II-1	P: Quadro II-2
Flutuação	B: Ascendente (5) Descendente (6)	P: Ascendente (3) Descendente (6) » (13)

II



Esquematisação	B: Ascendente-descendente P: » »
Qualidade vocálica	B: Q. constante-regressiva com plenitude inicial; amortecimento ultra-longo e trecho de conformação de duração média. P: Q. constante-regressiva; predominantemente constante; breve conformação e lenta deformação; plenitude inicial.
Tensão	B: Constante com inicial crescente e terminal decrescente. P: Q. constante-decrescente. (A variação no trecho q. constante será no sentido decrescente. Teríamos: menos decrescente — mais decrescente).
Durações	B: Segmento a-b: 21,5 m.s. a-d: 173 m.s. P: » » 16 » » 207,5 »

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro II-3 P: Quadro II-4
Flutuação	B: Ascendente (8) P: Ascendente (7) » (2) Q. constante [(0)] Descendente (12) Descendente (6)
Esquematisação	B: Ascendente com terminal descendente. P: Ascendente-constante-descendente.
Qualidade vocálica	B: Predominantemente q. constante; lento período de conformação e lento trecho de amortecimento (possivelmente constituído por sopro fónico áfono). P: Dois trechos diferenciados: — 1-10 e 10-20 — o primeiro levemente regressivo e o segundo de diferenciação contínua no sentido regressivo; amortecimento lento.
Tensão	B: Predominantemente constante. P: Q. constante.
Durações	B: Segmento a-b: 30 m.s. a-d: 173 m.s. P: » » 12,5 » » 219 »

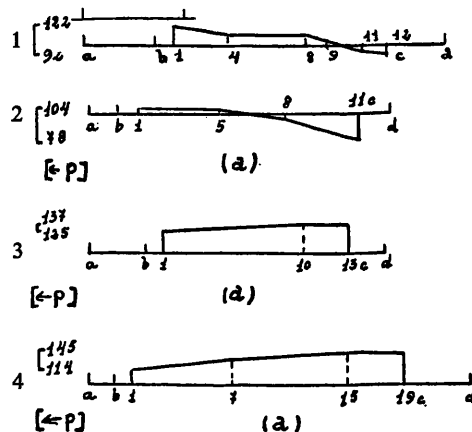
Emissões: III $\left| \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right.$ — Pá. III $\left| \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right.$ — Pá?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro III-1 P: Quadro III-2
Flutuação	B: Descendente (10) P: Descendente (2) Constante (0) » (5) Descendente (12) » (16) » (5)
Esquematisação	B: Descendente-constante-descendente. P: Q. constante-descendente.

Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central. P: Diferenciação contínua lenta, especialmente a partir do p. 5; plenitude inicial (1-5).
Tensão	B: Constante com inicial crescente e terminal decrescente. P: Q. constante-decrescente.
Durações	B: Segmento a-b: 34,5 m.s. a-d: 175,5 m.s. P: » » 14 » » 149,5 »

III



MODALIDADE INTERROGATIVA

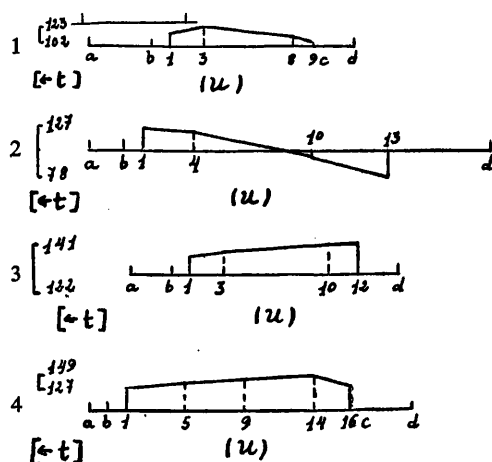
Linha tonal	B: Quadro III-3 P: Quadro III-4
Flutuação	B: Ascendente (3) P: Ascendente (6) Constante (0) » (4) Descendente (1)
Esquematização	B: Ascendente com terminal constante. P: Ascendente com terminal q. constante.
Qualidade vocálica	B: Predominantemente q. constante. Lenta e pequena diferenciação contínua a partir do p. 4. Plenitude inicial. P: Muito inconstante, podendo distinguir-se 3 trechos diferenciados de configuração periódica.
Tensão	B: Predominantemente constante. P: Q. constante.
Durações	B: Segmento a-b: 28 a-d: 146,5 m.s. P: » » 21 » 190,5 »

Emissões: IV $\left| \begin{array}{c} 1 \\ 2 \end{array} \right|$ — Tu. IV $\left| \begin{array}{c} 3 \\ 4 \end{array} \right|$ — Tu?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro IV-1	P: Quadro IV-2
Flutuação	B: Ascendente (11) Descendente (7) » (14)	P: Descendente (4,5) » (10) » (17)
Esquematisação	B: Descendente com inicial ascendente. P: Descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente estável. Trecho de conformação muito longo e de deformação muito breve. P: Dois trechos diferenciados: 1-4 e 4-13 — o primeiro quase constante e pleno; o segundo de diferenciação contínua. Ataque breve e forte.	
Tensão	B: Constante com inicial crescente e terminal decrescente. P: Q. constante-decrescente.	
Durações	B: Segmento a-b: 30,5 m.s. P: » » 17 »	a-d: 130 m.s. » 201 »

IV



MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro IV-3	P: Quadro IV-4
Flutuação	B: Ascendente (9) » (4) Descendente (2)	P: Ascendente (6) » (3) » (1) Descendente (13)

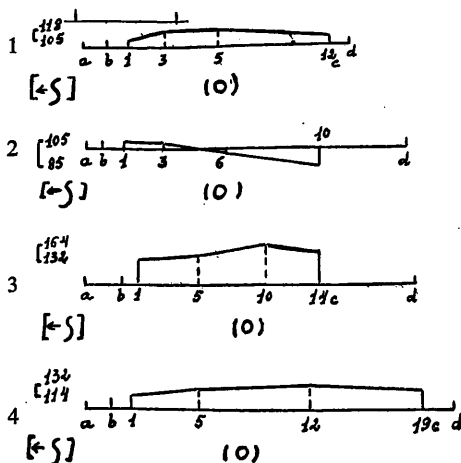
Esquematisação	B: Ascendente com terminal q. constante. P: Ascendente com terminal descendente.
Qualidade vocálica	B: Levemente progressiva com plenitude central. Ataque relativamente pouco rápido. Breve amortecimento final. P: Dois trechos diferenciáveis, 1-5 e 5-16 — o primeiro q. constante e o segundo de diferenciação contínua. Ataque muito breve e forte. Trecho de amortecimento final relativamente longo.
Tensão	B: Predominantemente constante. P: Q. constante.
Durações	B: Segmento a-b: 20,5 m.s. a-d: 132 m.s. P: » » 8,5 » » 160 »

Emissões: $V \left| \begin{array}{c} 1 \\ 2 \end{array} \right. - X\hat{o}. \quad V \left| \begin{array}{c} 3 \\ 4 \end{array} \right. - X\hat{o}?$

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro V-1 P: Quadro V-2
Flutuação	B: Ascendente (16) P: Constante [(0)] Constante (0) Descendente (6) Descendente (6) » (9)

V



Esquematisação	B: Constante-descendente com inicial ascendente. P: Descendente com inicial q. constante.
Qualidade vocálica	B: Q. constante com plenitude do p. 7 ao p. 10. Breve amortecimento final e pronta conformação inicial. P: Regressiva-progressiva com longo amortecimento final. Pequeno grau de diferenciação. Ataque muito breve.

Tensão	B: Crescente-constante. (Possível terminal decrescente).	
	P: Q. constante-decrescente.	
Duração	B: Segmento a-b: 11,5 m.s.	a-d: 132 m.s.
	P: » » 7 »	» 160,5 »

MODALIDADE INTERROGATIVA

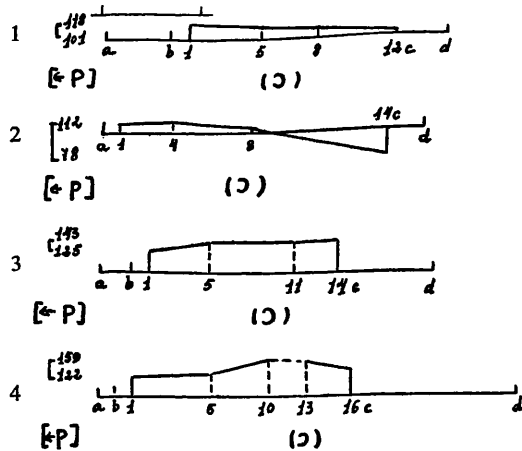
Linha tonal	B: Quadro V-3	P: Quadro V-4
Flutuação	B: Ascendente (5)	P: Ascendente (7)
	» (9)	Q. constante (2)
	Descendente (6)	Descendente (3)
Esquematisação	B: Ascendente-descendente.	
	P: Q. constante-descendente com inicial ascendente.	
Qualidade vocálica	B: Q. constante (Diferenciação quase nula).	
	P: Dois trechos diferenciáveis — 1-5 e 5-19 — o primeiro de qualidade q. constante e o segundo de lenta e quase contínua diferenciação. Breves zonas de conformação e de deformação.	
Tensão	B: Predominantemente constante.	
	P: Q. constante.	
Durações	B: Segmento a-b: 18 m.s.	a-d: 167,5 m.s.
	P: » » 12 »	» 184 »

Emissões: VI $\left| \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right|$ — Pó VI $\left| \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right|$ — Pó?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro VI-1	P: Quadro VI-2
Flutuação	B: Descendente (4)	P: Ascendente (4)
	» (3)	Descendente (6)
	» (5)	» (12)
Esquematisação	B: Descendente.	
	P: Descendente com inicial ascendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante.	
	P: Diferenciação contínua. Plenitude inicial.	
	Conformação e deformação lentas.	
Tensão	B: Constante com inicial crescente e terminal decrescente.	
	P: Q. constante-decrescente.	
Durações	B: Segmento a-b: 32,5 m.s.	a-d: 172 m.s.
	P: » » 23 »	» 162,5 »

VI



MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro VI-3	P: Quadro VI-4
Flutuação	B: Ascendente (9) Q. constante (1)	P: Ascendente (3) » (15) Descendente (3) » (12)
Esquemáticação	B: Q. Constante com inicial ascendente. P: Ascendente-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente instável. Dois trechos mais diferenciáveis. Conformação inicial longa e deformação final não delimitável e muito irregular. P: Grande instabilidade a partir do p. 12 e final muito irregular. Dois trechos mais diferenciados — 1-12 e 12-16 — o primeiro quase constante-regressivo e o segundo com uma plenitude momentânea.	
Tensão	B: Q. constante *. Variação muito provavelmente crescente e de pequeno grau. P: Q. constante.	
Durações	B: Segmento a-b: 14,5 m.s. P: » » 7,5 »	a-d: 167 m.s. » 208,5 »

* Observação: A elocução em B apresenta, possivelmente, um breve terminal decrescente que não foi sentido na audição com velocidade normal.

CONFRONTO DOS RESULTADOS

Relativamente aos monossílabos encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — Apresenta nas elocuções de B e de P formas variadas dos seguintes tipos: q. constante-descendente / ascendente-descendente / descendente com um ou mais declives /.

Diversidade — Muito maior predomínio em P da zona descendente, quer pelo seu maior declive quer pela sua maior duração, ou ainda, por uma e outra coisa.

Qualidade vocálica — As elocuções de B manifestam um predomínio de estabilidade ao passo que as portuguesas denunciam uma variação parcial ou total de valor muito sensível.

Tensão — Foi do tipo *constante* com inicial crescente e terminal decrescente em B ao passo que em P foi q. constante-decrescente.

A diversidade essencial está na existência em B dum terminal decrescente em vez duma zona decrescente como sucedeu nas elocuções de P.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — apresenta em B, como em P, formas variadas dos seguintes tipos: ascendente com um ou mais declives / ascendente com terminal descendente ou q. constante. (O tipo ascendente-q. constante-ascendente parece revelar duplicação da expressão interrogativa).

Qualidade vocálica — exceptuando o monossílabo «Pó», irregularidade que não sabemos a que atribuir, foi predominantemente estável, ao passo que as elocuções de P revelaram sempre diferenciação com estabelecimento frequente de dois trechos diferenciados.

Tensão — foi sempre q. constante com brevíssimo terminal decrescente nas elocuções de B ao passo que nas de P foi q. constante. O comportamento tensional foi, consequentemente, semelhante.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade das elocuções de B proveio dos seguintes factos: inexistência dum predomínio duma zona descendente na linha tonal, predominância duma estabilidade qualitativa, ausência duma zona de tensão sensivelmente decrescente.

— Na modalidade interrogativa a diversidade proveio essencialmente do predomínio duma estabilidade qualitativa.

Polissílabos

a) Palavras agudas

1) Com uma pretónica:

Emissões: VII $\left| \begin{array}{l} 1 \\ 2 \end{array} \right.$ — Agá. VII $\left| \begin{array}{l} 3 \\ 4 \end{array} \right.$ — Agá?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal B: Quadro VII-1 P: Quadro VII-2

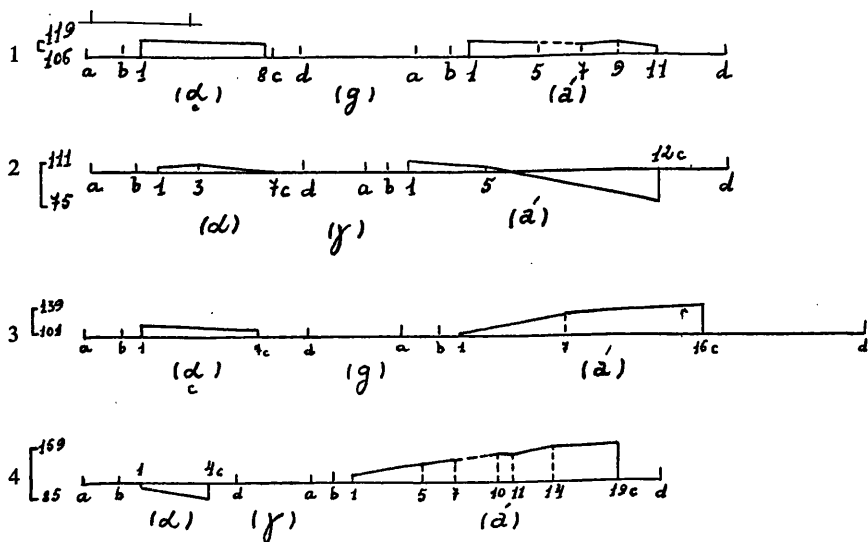
1.^a SÍLABA

Flutuação B: Descendente (2) (q) P: Ascendente (5) (a)
Descendente (4) (a)

Esquematização B: Descendente.
P: Descendente com inicial ascendente.

Qualidade vocálica B: Predominantemente constante.
P: Progressiva-q. constante-regressiva.

VII



Tensão B: Constante (com ímpeto inicial).
P: Ímpeto tensional muito breve.

Durações B: Segmento a-b: 17,5 m.s. a-d: 106 m.s.
P: » » 21,5 » » 104 »

SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Descendente (3) (a) Constante (0) » Descendente (8) »	P: Descendente (4) (a) » (12) »
Esquematisação	B: Descendente-constante com terminal descendente. P: Descendente.	
Qualidade vocálica	B: Q. constante (1-5) -regressiva. Plenitude inicial. P: Variação contínua com dois trechos diferenciados (1-5 e 5-12). Plenitude inicial.	
Tensão	B: Q. constante (levemente crescente). Nível superior ao da átona. P: Q. constante decrescente. Nível superior ao da átona.	
Duração	B: 213,5 m.s.	P: 212 m.s.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro VII-3	P: Quadro VII-4
-------------	-----------------	-----------------

1.ª SÍLABA

Flutuação	B: Descendente (2) (q)	P: Descendente (11) (a)
Qualidade vocálica	B: Trecho q. constante antecedido e seguido de variação. P: Predominantemente constante. Ataque breve e brando.	
Tensão	B: Decrescente. P: Ímpeto tensional frouxo.	
Durações	B: Segmento a-b: 18 m.s. P: » » 18,5 »	a-d: 112 m.s. » 78 »

SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Ascendente (11) (a) » (3) »	P: Ascendente (11) (a) » (6) » » (11) » » (1) »
Esquematisação	B: Ascendente. P: Ascendente com terminal q. constante.	
Qualidade vocálica	B: Trecho predominantemente constante (7-16), antecedido e seguido de variação. P: Variação contínua com dois trechos diferenciados. Amortecimento breve após regressão antecedente.	
Tensão	B: Q. constante com terminal decrescente. Nível tensional superior ao da átona. P: Crescente com terminal decrescente. Nível sup. ao da átona.	
Duração	B: 281 m.s.	P: 212,5 m.s.

2) com duas pretónicas:

Emissões: VIII $\left| \begin{array}{l} 1 \\ 2 \end{array} \right|$ — Amará. VIII $\left| \begin{array}{l} 3 \\ 4 \end{array} \right|$ — Amará?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal B: Quadro VIII-1 P: Quadro VIII-2

1.ª SÍLABA

Flutuação B: Q. constante [(0)] (φ) P: Descendente (4) (α)
Descendente (7) ($\varphi \rightarrow m$)

Esquematização B: Constante com terminal descendente.
P: Descendente.

Qualidade vocálica B: Q. constante.
P: Q. constante. Ataque brando e rápido.

Tensão B: Impulso inicial decrescente.
P: Ímpeto tensional momentâneo.

Durações B: Segmento a-b: 19 m.s. a-d: (a-9): 99,5 m.s.
P: » » 8 » » 54 »

2.ª SÍLABA

Flutuação B: Ascendente (1) (m) P: Ascendente (3) (m)
Descendente (1) (φ) Descendente (5) ($m \rightarrow \alpha$)
» (4) ($\varphi \rightarrow r$) » (3) ($\alpha \rightarrow r$)

Esquematização B: Q. constante com terminal descendente.
P: Ascendente-descendente.

Qualidade vocálica B: Q. constante excepto durante o trecho de transição para a sílaba seguinte.
P: Regressão contínua. (Leve progressão da consoante.)

Tensão B: Decrescente.
P: Q. constante (crescente-decrescente).

Duração B: (9-27): 167 m.s. P: (a-c): 151 m.s.

SÍLABA TÓNICA

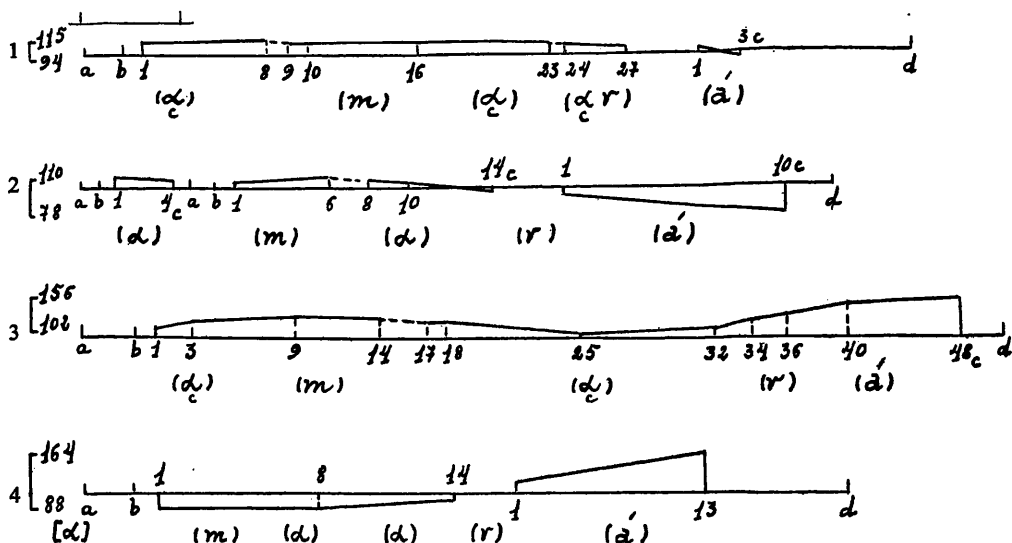
Flutuação B: Descendente (14) (α) P: Descendente (5) (α)

Qualidade vocálica B: Predominantemente constante.
P: Lenta diferenciação com plenitude inicial.

Tensão B: Q. constante com terminal decrescente. Nível tensional superior ao das átonas.
P: Crescente com terminal decrescente. Nível tensional superior ao das átonas.

Duração B: (27-d): 140,5 m.s. P: (c-d): 168 m.s.

VIII



MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro VIII-3	P: Quadro VIII-4
1.ª SÍLABA		
Flutuação	B: Ascendente (13) (q) » (3) »	P: Descendente (1) (a→m)
Esquematisação	B: Ascendente com inicial de grande aclave.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. Ataque brando e longo. Brevíssima transição para (m). P: Pouco distinta com um só período delimitável. Ataque brando e lento.	
Tensão	B: Impulso inicial decrescente. P: Ímpeto inicial momentâneo.	
Durações	B: Segmento a-b: 27 m.s. P: » » 25 »	a-d*: 89 m.s. » 48 »
2.ª SÍLABA		
Flutuação	B: Ascendente (3) (m) Descendente (1) (m) » (3) (ma) » (4) (q) Ascendente (3) » » (11) »	P: Q. constante (1) (m) Ascendente (4) (a)

* Observação: o ponto d (Quadro VIII) não foi assinalado.

Esquematisação	B: Descendente com inicial ascendente (<i>m</i>); descendente-ascendente (<i>q</i>). P: Quase constante-ascendente.
Qualidade vocálica	B: Lenta diferenciação contínua de pequeno grau com rápida transição da consoante precedente. P: Pequena diferenciação contínua.
Tensão	B: Decrescente. P: Q. constante (crescente-decrescente).
Duração	B: (d-34): 245,5 m.s. P: (1-14): 147,5 m.s.

SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Ascendente (11) (<i>r</i>) P: Ascendente (9) (<i>a</i>) » (11) (<i>a</i>) » (2) »
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. Rápida transição da consoante para a vogal. Amortecimento final breve. P: Diferenciação contínua. Longo trecho final de qualidade incharacterística.
Tensão	B: Q. constante com terminal decrescente. Nível superior ao das átonas. P: Crescente com terminal decrescente. Nível superior ao das átonas.
Duração	B: (34-d): 123,5 m.s. P: (14-d): 196,5 m.s.

3) com três pretónicas:

Emissões: IX $\left| \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right|$ — Acatará. IX $\left| \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right|$ — Acatará?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro IX-1 P: Quadro IX-2
1. ^a SÍLABA	
Flutuação	B: Descendente (1) (<i>q</i>) P: Constante (<i>a</i>) Ascendente (7) »
Qualidade vocálica	B: Q. constante com plenitude central. P: Transicional pouco distinta.
Tensão	B: Constante. P: Ímpeto inicial momentâneo.
Durações	B: Segmento a-b: 25 m.s. a-d: 105,5 m.s. P: » » 16 » » 66,5 »

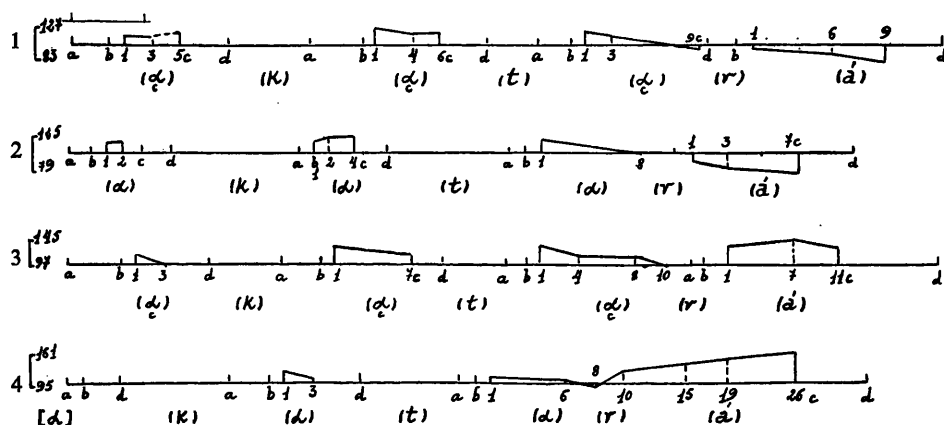
2.^a SÍLABA

Flutuação	B: Descendente (9) (q) Ascendente (1) »	P: Ascendente (25) (a) » (3) »
Esquemáticação	B: Descendente-q. constante.	
Qualidade vocálica	B: Transicional com breve trecho (4-6) q. constante. P: Predominantemente constante.	
Tensão	B: Constante (nível superior aos das outras pretónicas). P: Q. constante (crescente-decrescente). Nível tensional superior aos das outras pretónicas.	
Duração	B: 179 m.s.	P: 147 m.s.

3.^a SÍLABA

Flutuação	B: Descendente (12) (q) » (5) »	P: Descendente (5) (a)
Esquemáticação	B: Descendente com inicial de grande declive.	
Qualidade vocálica	B: Transicional-q. constante. P: Lenta diferenciação no sentido regressivo com plenitude inicial.	
Tensão	B: Constante. P: Q. constante (crescente-decrescente).	
Duração	B: 149,5 m.s.	P: (d-8): 177 m.s.

IX



SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Descendente (3) (a) » (8) »	P: Descendente (10) (a) » (5) »
Esquemáticação	B: Descendente com terminal de maior declive. P: Descendente com inicial de maior declive.	

Esquematisação	P: Ascendente com inicial de maior aclave.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante.	
	P: Trecho q. constante antecedido de transição e seguido de regressão lenta.	
Tensão	B: Constante com inicial crescente. Nível superior ao das átonas.	
	P: Crescente com terminal decrescente. Nível superior ao das átonas.	
Duração	B: (10-d): 187 m.s.	P: 183,5 m.s.

CONFRONTO DOS RESULTADOS

Relativamente aos dissílabos agudos (tipo *Agá*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso semelhante na 1.^a sílaba e parcialmente diverso na sílaba tônica. Esta apresentou na elocução de B um trecho de permanência que se não verificou na elocução de P.

Qualidade vocálica — decurso diverso nas duas sílabas. Maior constância qualitativa na elocução de B.

Tensão — decurso diverso na 1.^a sílaba. Esta apresenta na elocução de B um trecho de permanência que se não verifica na elocução de P. Decurso parcialmente diverso da sílaba tônica por se observar na elocução de P um decréscimo que se não verificou na de B.

Durações — durações absolutas da 1.^a sílaba pouco diversas. (Ver cronogramas).

Durações relativas (da átona em relação à tônica) — semelhantes e na razão de cerca de 1:2.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tônica predominantemente inferior ao da átona.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tônica superior ao da átona.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso semelhante nas duas sílabas.

Qualidade vocálica — decurso semelhante na 1.^a sílaba e diverso na 2.^a. Nesta verificou-se maior constância na elocução de B.

Tensão — decurso diverso na 1.^a sílaba. Esta reduz-se na elocução de P a um ímpeto, momentâneo, tensional. Diverso na 2.^a sílaba em virtude

da existência dum trecho de permanência que se não verificou na elocução de P.

Durações — durações absolutas da 1.^a sílaba pouco diversas. Duração maior da 2.^a sílaba na elocução de B.

Durações relativas — muito pouco diversas e na razão de 1:3.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica predominantemente superior ao da átona na elocução de B e superior na elocução de P.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao da átona.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade da elocução de B proveio dos seguintes factos: maior estabilidade da vogal tónica em virtude duma maior estabilidade tonal, qualitativa e tensional predominantes. Relativamente à vogal átona, esta quando não foi semelhante, apresentou como a tónica menor variação. Em qualquer dos casos a sua estrutura de vogal mais aberta na elocução de B contribuiu, naturalmente, para avivar diversidades.

— Na modalidade interrogativa a diversidade da elocução de B resultou, como na informativa, duma maior constância da vogal tónica, quer tonal, qualitativa ou tensional. O aspecto temporal valorizou a estabilidade da vogal tónica. Relativamente à vogal átona observa-se o mesmo que se verificou na modalidade informativa.

Donde: o dissílabo agudo apresentou nas elocuições de B, nas duas modalidades, uma maior nitidez estrutural em qualquer das composições vocálicas componentes. Essa maior nitidez motiva uma diversidade entre a tónica e a átona sem que esta deixe de revelar bem caracteristicamente a sua composição fonológica apesar da menor valorização resultante da acen-tuação da palavra.

Relativamente aos trissílabos agudos (tipo *amará*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — menor variação na elocução de B, nas duas sílabas átonas e maior variação na sílaba tónica.

Qualidade — decurso semelhante na 1.^a sílaba (na el. de B), menor variação na 2.^a e ainda menor na sílaba tónica.

Tensão — decurso pouco diverso na 1.^a sílaba; diferente na 2.^a — maior variação na elocução de B; diferente na sílaba tónica — menor variação na elocução de B.

Durações — duração da 1.^a sílaba: maior (dupla) na elocução de B e pouco diversa na 2.^a e na sílaba tónica.

Durações relativas — diversas, excepto entre a tónica e a segunda pretónica em que foram semelhantes.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica inferior ao das átonas nas elocuições de B e de P.

Níveis tensionais relativos — Não foram examinados.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso diverso na 1.^a sílaba e semelhante na 2.^a e na sílaba tónica.

Qualidade — maior constância na elocução de B na 1.^a sílaba; decurso diferente na 2.^a.

Tensão — maior constância na elocução de B na 1.^a sílaba e na sílaba tónica; diversidade na 2.^a.

Durações — duração maior em B na primeira sílaba (quase dupla) e na segunda; maior em P na sílaba tónica.

Durações relativas — foram dissemelhantes nas elocuições de B e de P. Observamos que a duração da tónica na elocução de B foi muito menor (cerca de 1/2) do que a da átona precedente.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica superior ao da átona.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao da átona.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade distintiva da elocução de B proveio dos seguintes factos: maior estabilidade em virtude duma menor variação qualitativa e tensional da vogal tónica (A linha tonal foi predominantemente variável na elocução de B e de P). Relativamente às vogais átonas, estas apresentaram maior constância tonal e qualitativa na elocução de B; maior constância tensional na elocução de B, na 1.^a pretónica e menor na 2.^a.

— Na modalidade interrogativa a diversidade da elocução de B resultou duma maior estabilidade qualitativa e tensional da vogal tónica (como na modalidade informativa). Relativamente às vogais átonas, estas não apresentam diversidades tonais *distintivas*. Qualitativamente verificou-se um trecho de permanência na 1.^a sílaba da elocução de B que se não observou na elocução de P. A qualidade vocálica da 2.^a sílaba foi em ambos os casos variável.

Relativamente aos tetrassílabos agudos (tipo *acatará*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças.

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso diferente na 1.^a sílaba (predominantemente variável na elocução de B e predominantemente constante na elocução de P) e na 2.^a; semelhante na 3.^a e na sílaba tónica (descendente).

Qualidade vocálica — predominantemente constante na elocução de B e variável na elocução de P, na 1.^a sílaba. Observa-se o inverso na 2.^a. Decurso semelhante na 3.^a sílaba (variável) e diverso na tónica, em que se verifica um predomínio de *constância* na elocução de B e de *variação* na de P.

Tensão — decurso predominantemente constante na 1.^a sílaba da elocução de B e reduzido a um breve ímpeto na de P; predominantemente constante na 2.^a e 3.^a sílabas da elocução de B e de P. Decurso parcialmente semelhante da sílaba tónica.

Durações — as durações da 1.^a e da 2.^a sílabas foram maiores na elocução de B; a duração da terceira sílaba foi maior na elocução de P. A duração da sílaba tónica foi praticamente igual nos dois casos.

Observa-se ainda que na elocução de B a duração da 2.^a sílaba átona foi maior do que a da tónica; na elocução de P foi, praticamente, igual à da tónica. A duração desta foi menor do que a da terceira sílaba.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica inferior ao das átonas.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao das átonas.

Verificou-se que o nível tensional da 2.^a sílaba foi superior ao das outras átonas.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso predominantemente indistinto na 1.^a sílaba da elocução de P e diverso nas demais sílabas (na 3.^a sílaba predominou a constância na elocução de B).

Qualidade vocálica — a uma constância predominante na elocução de B, na primeira sílaba, opõe-se uma indistinção na elocução de P. Foi predominantemente constante em todas as outras sílabas em ambas as elocuições.

Tensão — a uma constância predominante em B opõe-se, na primeira sílaba, uma breve e indistinta variação em P. Na 2.^a sílaba foi variável na elocução de B e predominantemente constante na elocução de P, verificando-se o inverso na 3.^a sílaba e na sílaba tónica.

Durações — 1.^a sílaba muito mais longa na elocução de B (cerca do triplo). As durações das demais sílabas (inclusive as tónicas) foram praticamente iguais em ambas as elocuições.

Durações relativas — a sílaba tónica foi a de maior duração em ambas as elocuições, observando-se pequenas diferenças entre a tónica e as duas pretónicas que a antecedem.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica superior ao das átonas.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade distintiva da elocução de B proveio dos seguintes factos: maior estabilidade em virtude duma menor variação qualitativa e tensional da sílaba tónica. Relativamente às átonas verificou-se maior estabilidade qualitativa e tensional na primeira sílaba.

— Na modalidade interrogativa a diversidade foi motivada por uma maior estabilidade em virtude duma menor variação tensional na sílaba tónica e duma maior constância qualitativa e tensional na 1.^a sílaba.

b) Palavras Graves

1) Sem pretónica.

Emissões: X $\left| \begin{array}{c} 1 \\ 2 \end{array} \right|$ — Cola. X $\left| \begin{array}{c} 3 \\ 4 \end{array} \right|$ — Cola?

MODALIDADE INFORMATIVA

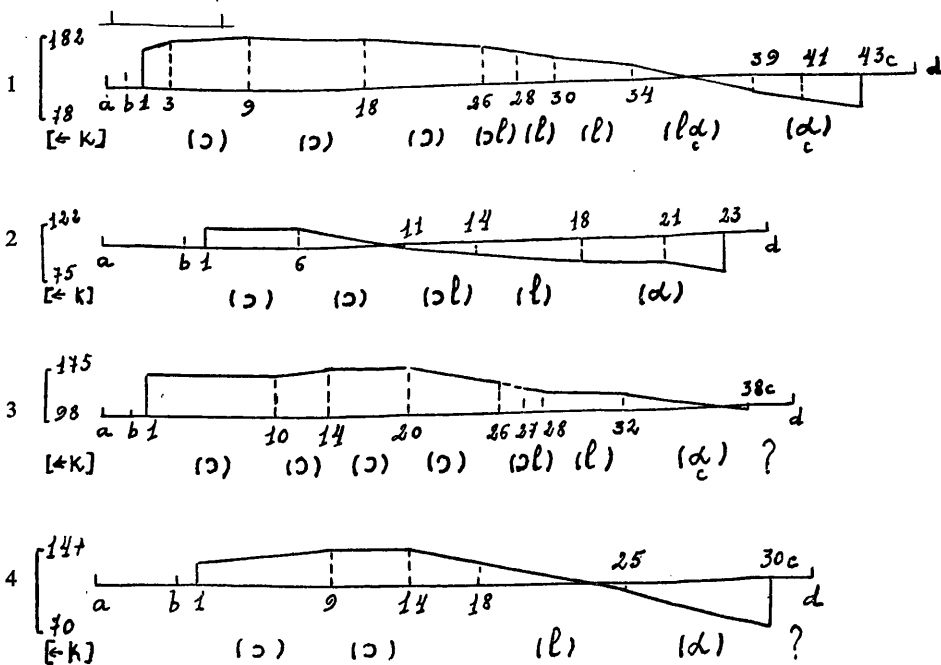
Linha tonal	B: Quadro X-1	P: Quadro X-2
	SÍLABA TÓNICA	
Flutuação	B: Ascendente (21) (o)	P: Ascendente (1) (o)
	» (3) »	Descendente (11) »
	Descendente (1) »	» (6) »
	» (6) »	
	» (12) (o→l)	
Esquematização	B: Q. constante-descendente com inicial ascendente.	
	P: Q. constante-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Três trechos diferenciados (1-9; 9-18; 19-26) de qualidade q. constante. Plenitude inicial e final.	
	P: Dois trechos diferenciados de qualidade predominantemente constante (1-6; 6-13).	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente e terminal decrescente.	
	P: Decrescente com inicial crescente.	
Durações	B: segmento a-b: 8,5 m.s.	a-d: (a-29*) 196 m.s.
	P: » » 36,5 »	» (a-14): 166 »

* Observação: Não foi assinalado o período 29 no tonograma do Quadro X-I.

SÍLABA FINAL

Flutuação	Descendente (12) (l) B: » (6) » » (15) (l → q) » (7) (q)	P: Descendente (6) (l) » (1) (α) » (12) »
Esquematização	P: Descendente-q. constante com terminal descendente.	
Qualidade vocálica	B: Diferenciação contínua (de pequeno grau) no sentido regressivo. P: Lenta e contínua diferenciação regressiva; íntima coarticulação da consoante com a vogal.	
Tensão	B: Q. constante-decrescente. P: Golpe tensional frouxo (predominantemente decrescente).	
Duração	B: (29-d): 167,5 m.s.	P: (14-d): 129,5 m.s.

X



MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal **B:** Quadro X-3 **P:** Quadro X-4

SÍLABA TÓNICA

Flutuação B: Constante (0) (2) P: Ascendente (6) (2)
 Ascendente (7) » Q. constante [(0)] »

	Descendente (1) (ɔ)	Descendente (11) (ɔ→l)
	» (10) »	
	» (15) (ɔ→l)	
Esquematisação	B: Constante-ascendente-q. constante-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central. (Pequena diferenciação progressiva nos trechos 1-10 e 20-26). P: Predominantemente constante. (Íntima coarticulação com a consoante seguinte).	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente. P: Q. constante com inicial crescente.	
Durações	B: Segmento a-b: 12,5 m.s.	(a-26): 177,5 m.s.
	P: » » 36,5 »	(a-18): 170 »

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (2) (l) » (8) (q)	P: Descendente (11) (l) » (16) (a)
Qualidade vocálica	B: Configuração sonora pouco distinta com pequena diferenciação regressiva. P: Pequena diferenciação regressiva. Plenitude inicial.	
Tensão	B: Decrescente. P: Q. constante (crescente-decrescente).	
Duração	B: (26-d): 131,5 m.s.	P: (18-d): 150 m.s.

2) Com uma pretónica.

Emissões	XI $\left \begin{array}{l} 1 \\ 2 \end{array} \right $ — Inútil	XI $\left \begin{array}{l} 3 \\ 4 \end{array} \right $ — Inútil?
----------	--	---

MODALIDADE INFORMATIVA

1.ª SÍLABA

Linha tonal	B: Quadro XI-1	P: Quadro XI-2
Flutuação	B: Ascendente (1)	P: Ascendente (2)
Esquematisação	B: Q. constante. P: Q. constante.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. Ataque brando e breve. P: Predominantemente constante.	
Tensão	B: Q. constante. P: Golpe tensional.	
Durações	B: Segmento a-b: 15 m.s.	a-(8): 71,5 m.s.
	P: » » 20,5 »	» 88,5 »

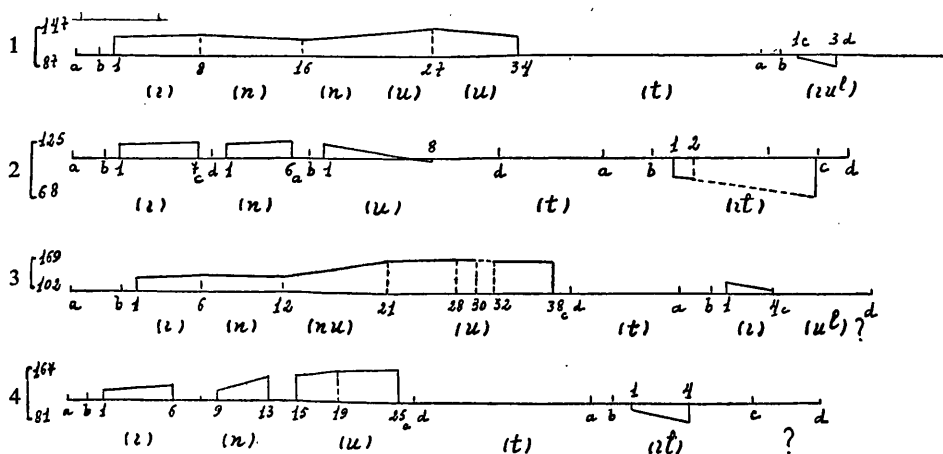
SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Descendente (2) (n)	P: Ascendente (2) (n)
	Ascendente (4) »	Descendente (7) (u)
	» (4) (u)	
	Descendente (7) »	
Esquematisação	B: Q. constante-ascendente-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Q. constante (Transição relativamente rápida para (i)).	
	P: Predominantemente constante.	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente.	
	P: Decrescente com inicial crescente.	
Duração	B: 236,5 m.s.	P: 183 m.s.

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (15) (u ^l)	P: Descendente (6) (i)
		» (7) (i ^l)
Qualidade vocálica	B: Q. constante (1-3) (segue-se um longo trecho de qualidade pouco distinta e regressiva relativo à consoante).	
	P: Q. constante (segue-se um longo trecho de qualidade pouco distinta e regressiva relativo à consoante).	
Tensão	B: Decrescente.	
	P: Decrescente. Decurso semelhante ao da tónica mas em nível tensional inferior.	
Duração	B: 231 m.s.	P: 222 m.s.

XI



MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal B: Quadro XI-3 P: Quadro XI-4

1.^a SÍLABA

Flutuação B: Ascendente (3) P: Ascendente (5)

Qualidade vocálica B: Q. constante (rápida transição para a consoante seguinte). Ataque brando e lento.
P: Predominantemente constante.

Tensão B: Q. constante com inicial crescente.
P: Crescente.

Durações B: Segmento a-b: 32 m.s. a-6: 82,5 m.s.
P: » » 12,5 » a-d*: 86 »

* *Observação:* o ponto *d* (Quadro XI-4) foi erroneamente recuado cerca de 10^{mm} no tonograma da sílaba tónica. Corresponde ao sinal existente entre os períodos 6 e 9.

SÍLABA TÓNICA

Flutuação B: Descendente (2) (*n*) P: Ascendente (16) (*n*)
Ascendente (10) (*n*→*u*) » (7) (*u*)
» (2) (*u*) » (1) »
Descendente (2) »

Esquematização B: Q. constante-ascendente-q. constante.
P: Ascendente-q. constante.

Qualidade vocálica B: Predominantemente constante.
P: Predominantemente constante (seguido dum longo trecho de configuração indistinta).

Tensão B: Crescente.
P: »

Duração B: (6-d): 233,5 m.s. P: 180,5 m.s.

SÍLABA FINAL

Flutuação B: Descendente (10) (*u*↓) P: Descendente (11) (*u*→↓)

Qualidade vocálica B: Breve trecho predominantemente constante seguido de diferenciação contínua no sentido regressivo (*u*↓)
P: Predominantemente constante.

Tensão B: Decrescente.
P: Decrescente com inicial crescente.

Duração B: 190,5 m.s. P: 211,5 m.s.

Publicam-se em apêndice (III) os tonogramas das seguintes palavras do mesmo tipo acentual de *inútil*: *Eterno.* / *Humilde.* / *Ossada.* /

Os cronogramas respectivos encontram-se no capítulo V.

3) Com duas pretônicas

Emissões: XII $\left| \begin{array}{c} 1 \\ 2 \end{array} \right.$ — Papelada XII $\left| \begin{array}{c} 3 \\ 4 \end{array} \right.$ — Papelada ?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro XII-1	Quadro XII-2
	1. ^a síLABA	
Flutuação	B: Ascendente (2) (a)	P: Ascendente (1) (a)
Esquematização	B: Q. constante	P: Q. constante.
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante.	
	P: » »	
Tensão	B: Constante com inicial levemente crescente.	
	P: Golpe tensional (acento secundário).	
Durações	B: Segmento a-b: 26,5 m.s.	a-d*: 125 m.s.
	P: » » 13 »	» 93 »

* *Observação:* o limite da 1.^a sílaba na elocução de B foi erroneamente recuado 1,5^{mm} (segmento a-d; quadro XII-1).

2.^a síLABA

Flutuação	B: Descendente (2) (e)	P: (sem linha tonal)
Qualidade vocálica	B: Trecho q. constante seguido de regressão lenta. Plenitude inicial.	
	P: Indistinta.	
Tensão	B: Constante com terminal decrescente.	
	P: Indistinta.	
Duração	B: 195,5	P: 81,5

sÍLABA TÓNICA

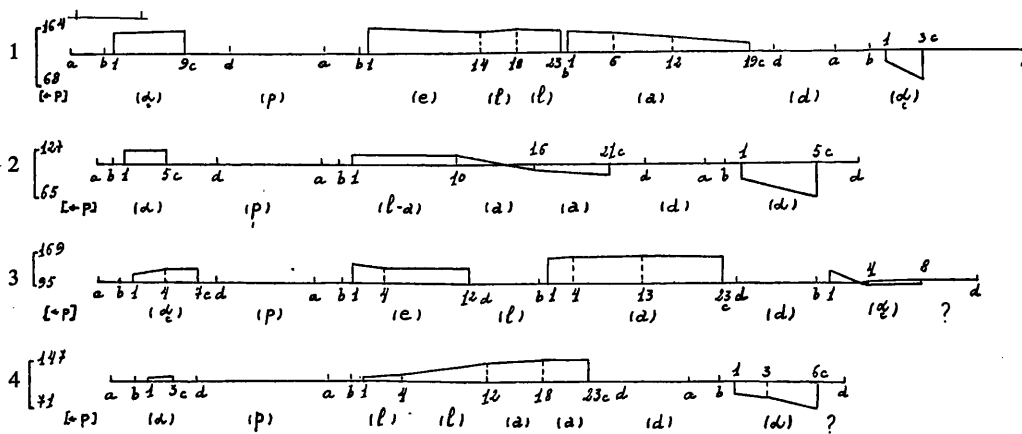
Flutuação	B: Ascendente (5) (l) Descendente (1) » » (2) (a) » (4) » » (6) »	P: Ascendente (l) (l→a) Descendente (9) (a) » (4) »
Esquematização	B: Ascendente q. constante-descendente.	
	P: Q. constante-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central (6-12).	
	P: Predominantemente constante.	
Tensão	B: Constante.	
	P: Q. constante (decrescente).	
Duração	B: 230 m.s.	P: 252,5 m.s.*

* *Observação:* o limite final da sílaba tônica proferida por P foi erradamente avançado no respectivo cronograma, cerca de 2^{mm}.

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (28)	P: Descendente (13)
Qualidade vocálica	B: Configuração pouco distinta, possivelmente progressivo-regressiva. P: Configuração pouco distinta; variação contínua no sentido regressivo.	
Tensão	B: Q. constante-decrescente. P: Golpe tensional frouxo.	
Duração	B: (d-d): 197 m.s.	P: (d-d): 165 m.s.

XII



MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro XII-3	P: Quadro XII-4
-------------	-----------------	-----------------

1.ª SÍLABA

Flutuação	B: Ascendente (9) (α) Q. constante [(0)] »	P: Ascendente (3) (α)
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante P: » »	
Tensão	B: Constante. P: Simples golpe tensional.	
Durações	B: Segmento a-b: 16 m.s. P: » » 17 »	a-d: 88 m.s. » 65.5 »

2.ª SÍLABA

Flutuação	B: Descendente (8) (e) Ascendente (1) »	P: Sem linha tonal
Esquemáticação	B: Descendente-q. constante.	

Qualidade vocálica	B: Q. constante (Pequena e lenta diferenciação contínua). P: Configuração vocálica inexistente.
Tensão	B: Q. constante (decrecente). P: Indistinta.
Duração	B: (d-d): 195,5 m.s. P: (d-a): 102,5 m.s.

SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Ascendente (5) (la) Q. constante [(0)] » Descendente (1) »	P: Ascendente (3) (la) » (9) » » (3) » Q. constante (1) »
Esquematisação	B: Ascendente-q. constante. P: Ascendente-q. constante	
Qualidade vocálica	B: Q. constante (Pred. constante). P: P. constante (Pred. constante). Plenitude final (18-23).	
Tensão	B: Q. constante. P: Q. constante-decrecente com breve inicial crescente.	
Duração	B: (d-d): 216,5 m.s. P: (a-d): 224,5 m.s.	

Observação: por lapso, o ponto correspondente à letra *d* da sílaba tónica (elocução de P, quadro XII-4) não foi marcado no tonograma reduzido.

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (18) (a) » (2) »	P: Descendente (7) (a) » (11) »
Qualidade vocálica	B: Breve e distinta caracterização seguida de regressão lenta. P: Plenitude inicial seguida de regressão lenta.	
Tensão	B: Q. constante-decrecente. P: Decrescente com inicial crescente.	
Duração	B: 186,5 m.s. P: 174 m.s.	

4) Com três pretónicas.

Emissões: XIII $\left| \begin{array}{l} 1 \\ 2 \end{array} \right.$ — Afadigada. XIII $\left| \begin{array}{l} 3 \\ 4 \end{array} \right.$ — Afadigada?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro XIII-1 P: Quadro XIII-2	
	1. ^a SÍLABA	
Flutuação	B: Ascendente (6) (a) Descendente (2) »	P: Ascendente (7) (a) Descendente (7) »
Esquematisação	B: Ascendente-q. constante.	

Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central.
P:	» » » » »
Tensão	B: Q. constante
P:	Golpe tensional decrescente (acento secundário).
Durações	B: Segmento a-b: 26 m.s. a-d: 126 m.s.
P:	» » 10 » » 93 »

2.^a SÍLABA

Flutuação	B: Ascendente (2) (α) » (1) » Constante (0) »	P: Ascendente (2) (α) Descendente (6) »
Esquematisação	B: Ascendente-constante.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. Plenitude central.	
P:	Predominantemente constante.	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente.	
P:	Simple golpe tensional.	
Duração	B: 263 m.s.	P: 211,5

3.^a SÍLABA

Flutuação	B: Ascendente (6) (l) Descendente (6) »	P: Ascendente (1) (l) Descendente (14) »
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central.	
P:	» » » » »	
Tensão	B: Q. constante.	
P:	Crescente-decrescente (de pequeno grau).	
Duração	B: 130,5 m.s.	P: 131,5 m.s.

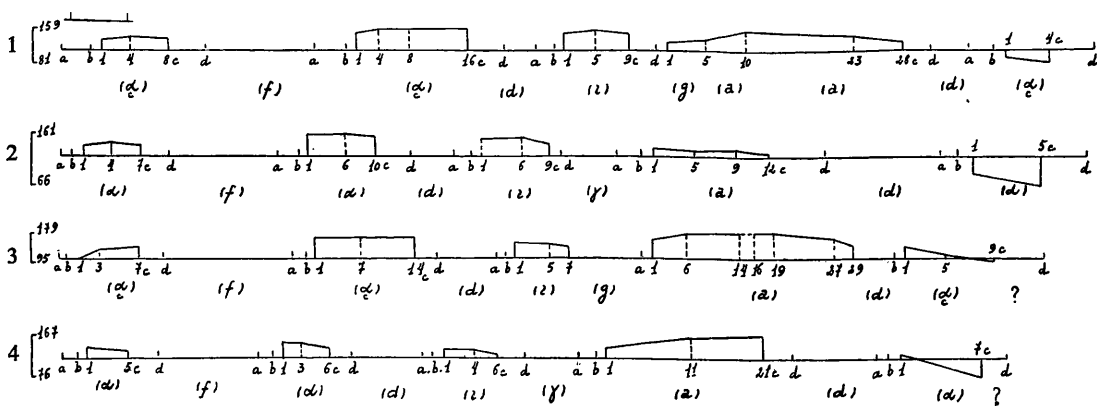
SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Ascendente (5) (g) » (13) (a) Descendente (3) » » (8) »	P: Descendente (4) (γ→a) Ascendente (2) (a) Descendente (7) »
Esquematisação	B: Ascendente-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante.	
P:	Predominantemente constante com diferenciação final longa.	
Tensão	B: Crescente-q. constante com terminal decrescente.	
P:	Crescente-decrescente.	
Duração	B: 240 m.s.	P: 231 m.s.

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (9) (α)	P: Descendente (10) (α)
Qualidade vocálica	B: Pouco distinta. P: » »	
Tensão	B: Decrescente com inicial crescente. P: Q. constante-decrescente.	
Duração	B: 143,5 m.s.	P: 229 m.s.

XIII



MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro XIII-3	P: Quadro XIII-4
-------------	------------------	------------------

1.ª SÍLABA

Flutuação	B: Ascendente (22) (α) » (4) »	P: Descendente (5) (α)
Esquematisação	B: Ascendente com inicial de maior active.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. P: Predominantemente constante.	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente. P: Golpe tensional frouxo (acento secundário temporal).	
Durações	B: Segmento a-b: 6,5 m.s. P: » » 13 »	a-d: 89,5 m.s. » 83,5 »

2.ª SÍLABA

Flutuação	B: Ascendente (1) (α) Constante (0) »	P: Descendente (2) (α) » (10) »
Esquematisação	B: Q. constante. P: Q. constante-decrescente.	

Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante	P: » »
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente e terminal decrescente.	P: Q. constante (decrescente).
Duração	B: 239 m.s.	P: 169 m.s.

3.^a SÍLABA

Flutuação	B: Descendente (2) (i) » (9) »	P: Q. Constante [(0)] (i) Descendente (15) »
Esquematisação	B: Q. constante-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. Plenitude central.	P: » » » »
Tensão	B: Decrescente com inicial crescente.	P: Golpe tensional (em nível inferior ao das outras sílabas).
Duração	B: 115,5 m.s.	P: 149,5 m.s.

SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Ascendente (11) (a) Constante (0) » Descendente (5) » » (21) (a→d)	P: Ascendente (7) (a) » (3) »
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude final.	P: Predominantemente constante com plenitude pós-inicial.
Tensão	B: Crescente-decrescente.	P: Crescente-decrescente.
Duração	B: (7-29): 254,5 m.s.	P: 236 m.s.

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (12) (a) » (6) »	P: Descendente (14) (a)
Qualidade vocálica	B: Q. constante-regressiva com plenitude inicial.	P: Q. constante-regressiva com plenitude pós-inicial.
Tensão	B: Decrescente com inicial crescente.	P: Crescente com terminal decrescente (duplicação interrogativa).
Duração	B: (29-d): 167,5 m.s.	P: 188 m.s.

CONFRONTO DOS RESULTADOS

Relativamente aos *dissílabos graves* (tipo *cola*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso semelhante nas duas sílabas.

Qualidade vocálica — decurso semelhante nas duas sílabas.

Tensão — existência na sílaba tónica e na átona dum trecho de relativa constância, na elocução de B, que se não verificou na elocução de P.

Durações — duração da sílaba tónica maior na elocução de B. Duração da sílaba átona maior na elocução de B.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica superior ao da átona.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao da átona.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso semelhante nas duas sílabas.

Qualidade vocálica — decurso semelhante nas duas sílabas.

Tensão — decurso semelhante na sílaba tónica e parcialmente diverso na sílaba átona.

Durações — duração absoluta da sílaba tónica praticamente igual;

— duração da sílaba átona menor na elocução de B;

— duração da sílaba átona em relação à sílaba tónica, menor na elocução de B.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica superior ao da átona.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao da átona.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade distintiva da elocução de B proveio apenas do seguinte facto: menor variação tensional na sílaba tónica e na sílaba átona.

— Na modalidade interrogativa não se verificou uma diferença (distintiva) de comportamento. Neste caso a diversidade só pôde ser manifestada por uma dissemelhança qualitativa das vogais tónica e átona. O mesmo se pode dizer a respeito da diversidade na modalidade informativa visto que a diferença observada no comportamento foi mínima.

Relativamente aos *trissílabos graves* (tipo *inútil*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso predominantemente (parcialmente) semelhante na sílaba tónica e semelhante nas sílabas átonas.

Qualidade vocálica — decurso semelhante em todas as sílabas.

Tensão — maior estabilidade na sílaba tónica e na 1.^a sílaba da elocução de B e comportamento semelhante na sílaba final.

Durações — duração da sílaba tónica maior na elocução de B;

— duração da sílaba tónica praticamente igual à da sílaba final na elocução de B;

— duração da sílaba tónica menor do que a da sílaba final na elocução de P (possível alongamento para aumentar o grau informativo).

Níveis tonais relativos — nível da sílaba tónica inferior-superior ao das átonas na elocução de B; inferior ao da 1.^a sílaba e superior ao da sílaba final na elocução de P.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao das átonas.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso parcialmente semelhante na sílaba tónica (o decurso da vogal é semelhante) e semelhante nas sílabas átonas.

Qualidade vocálica — semelhante na sílaba tónica e na sílaba inicial; parcialmente semelhante na sílaba final (em virtude do conjunto *ut*).

Tensão — decurso semelhante na sílaba tónica e na sílaba final; parcialmente semelhante na sílaba inicial.

Durações — duração da sílaba inicial praticamente igual (e a menor de todas) nas duas elocuições;

— duração da sílaba tónica maior na elocução de B do que na elocução de P;

— duração da sílaba final menor do que a da tónica na elocução de B e maior do que a da tónica na elocução de P.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica superior ao das átonas.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao das átonas.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade proveio, apenas, do seguinte facto: maior estabilidade tensional da sílaba tónica.

— Na modalidade interrogativa não se verificou uma diversidade (distintiva) de comportamento.

O mesmo se pode dizer a respeito da diversidade na modalidade informativa, visto que a diferença observada no comportamento foi mínima.

Em qualquer das modalidades a diversidade só pôde ser manifestada por dissemelhança qualitativa (estrutural), especialmente das vogais (constituição fonética da sílaba final — *tut* — na elocução de B).

Relativamente aos *tetrassílabos graves* (tipo *papelada*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso predominantemente semelhante na sílaba tónica e semelhante na sílaba inicial e na sílaba final.

Qualidade vocálica — decurso semelhante na sílaba inicial e na sílaba tónica e parcialmente semelhante na sílaba final.

Tensão — semelhante na sílaba tónica e mais estável na sílaba inicial e na sílaba final da elocução de B.

Durações — duração da sílaba inicial maior na elocução de B e de valor mínimo relativamente às outras sílabas da mesma realização;

— duração da 2.^a sílaba pretónica muito menor na elocução de P (reduzida a uma consoante (*p*)) do que na de B;

— duração da tónica maior na elocução de P e máxima nas duas elocuições;

— duração da sílaba final maior na elocução de B.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica superior ao da sílaba final e inferior ao da inicial.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao das átonas.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — predominantemente semelhante na sílaba tónica e semelhante na sílaba final. Maior estabilidade na sílaba inicial na elocução de B.

Qualidade — decurso semelhante nas duas elocuições.

Tensão — predominantemente semelhante na sílaba tónica e mais estável nas sílabas átonas na elocução de B.

Durações — duração da sílaba inicial pouco diversa e mínima nas duas elocuições;

— duração da 2.^a sílaba pretónica muito menor (1/2) na elocução de P (reduzida a uma consoante (*p*));

— duração da sílaba tónica praticamente igual e máxima nas duas elocuições;

— duração da sílaba final um pouco maior na elocução de B.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica superior ao das átonas.

Níveis tensionais relativos — Ofereceram dúvidas.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade proveio, apenas, do seguinte facto: maior estabilidade tensional nas sílabas inicial e final (na elocução de B).

— Na modalidade interrogativa a diversidade proveio, apenas, duma maior estabilidade tonal na sílaba inicial e duma maior estabilidade tensional nas sílabas átonas (na elocução de B).

Verifica-se, portanto, uma pequena diferença no comportamento geral. Tal diferença é essencialmente manifestada por diversidades qualitativas (estruturais), especialmente das vogais, coarticulação menos sensível na elocução de B (maior distinção silábica) e, ainda, pela redução da sílaba pretónica a uma consoante na elocução de P.

Relativamente aos *pentassílabos graves* (tipo *afadigada*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso parcialmente semelhante na sílaba tónica (parte da vogal semelhante), semelhante na sílaba inicial, na 3.^a sílaba e na final. Mais estável na 2.^a sílaba na elocução de B.

Qualidade vocálica — decurso semelhante nas duas elocuições em todas as sílabas.

Tensão — maior estabilidade na elocução de B em todas as sílabas excepto na final (nesta foi maior na elocução de P).

Durações — duração da tónica praticamente igual nas duas elocuições; aproximadamente igual à da 2.^a sílaba nas duas elocuições; maior do que a da final na elocução de B, e igual à da final na realização de P;

- duração da sílaba inicial, maior na elocução de B (cerca de 1/3); praticamente igual à da final em B e muito menor do que a da final em P;
- duração pouco diversa da 2.^a sílaba nas duas elocuições;
- duração praticamente igual da 3.^a sílaba nas duas elocuições;
- duração da sílaba final muito menor na elocução de B.

Níveis tonais relativos — nível tonal da tónica inferior ao da 2.^a (acento secundário), superior ao da última e semelhante ao das outras átonas, na elocução de B;

- nível tonal da tónica inferior ao das sílabas pretónicas e superior ao da última, na elocução de P.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao das átonas.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso diverso (mais estável na elocução de B) na sílaba tónica e na 2.^a sílaba; semelhante na 3.^a sílaba e na sílaba final; diverso na sílaba inicial.

Qualidade — decurso semelhante nas duas elocuições em todas as sílabas.

Tensão — decurso semelhante na sílaba tónica e na 2.^a sílaba; mais estável, na elocução de B, na 1.^a sílaba e na 3.^a; parcialmente semelhante na sílaba final.

Durações — duração da sílaba inicial, praticamente igual e mínima nas duas elocuições;

- duração da 2.^a sílaba praticamente igual à da tónica na elocução de B e maior na elocução de B do que na elocução de P;
- duração da 3.^a sílaba (pretónica) pouco diversa nas duas elocuições;
- duração da sílaba tónica praticamente igual nas duas realizações;
- duração da sílaba final aproximadamente igual nas duas elocuições.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da sílaba tónica predominantemente superior ao das átonas.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao das átonas.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade (distintiva) proveio do seguinte facto: maior estabilidade tonal na 2.^a sílaba e maior estabilidade tensional em todas as sílabas, excepto na final, na elocução de B.

— Na modalidade interrogativa verificou-se maior estabilidade tonal na 2.^a sílaba e na sílaba tónica e maior estabilidade tensional na 1.^a sílaba e na pretónica.

Verifica-se, portanto, uma pequena diferença no comportamento geral. A diversidade é especialmente manifestada por dissemelhanças como as apontadas para as elocuções do tipo *papelada*.

Publicam-se em apêndice (III) os tonogramas de: *Apoquentada. / Apoquentada?* — observando-se que as realizações na elocução de P foram feitas, respectivamente, segundo os moldes da *fala descuidada* (XXI) e os da *fala silabada* (XXII).

c) Palavras Esdrúxulas

1) Sem pretónica

Emissões: XIV $\left| \begin{array}{l} 1 \\ 2 \end{array} \right.$ — Dádiva. XIV $\left| \begin{array}{l} 3 \\ 4 \end{array} \right.$ — Dádiva?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro XIV-1	P: Quadro XIV-2
	SÍLABA TÓNICA	
Flutuação	B: Ascendente (10) (a) » (3) » Descendente (4) »	P: Ascendente (7) (a) Descendente (7) » » (1) » » (9) »
Esquematisação	P: Descendente-q. constante-descendente com inicial ascendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central. P: Dois trechos diferenciados: 1-7 com plenitude central e variação contínua, e 7-15 com maior estabilidade e plenitude final.	
Tensão	B: Q. constante-decrescente com inicial crescente. P: » » » » »	
Durações	B: segmento a-b: 41 m.s. a-d: 218 m.s. P: » » 27,5 » » 180 »	
	2. ^a SÍLABA	
Flutuação	B: Descendente (12) (i) » (5) »	P: Ascendente (5) (i) » (12) »
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. P: Q. constante com plenitude inicial (pequena diferenciação no sentido regressivo).	

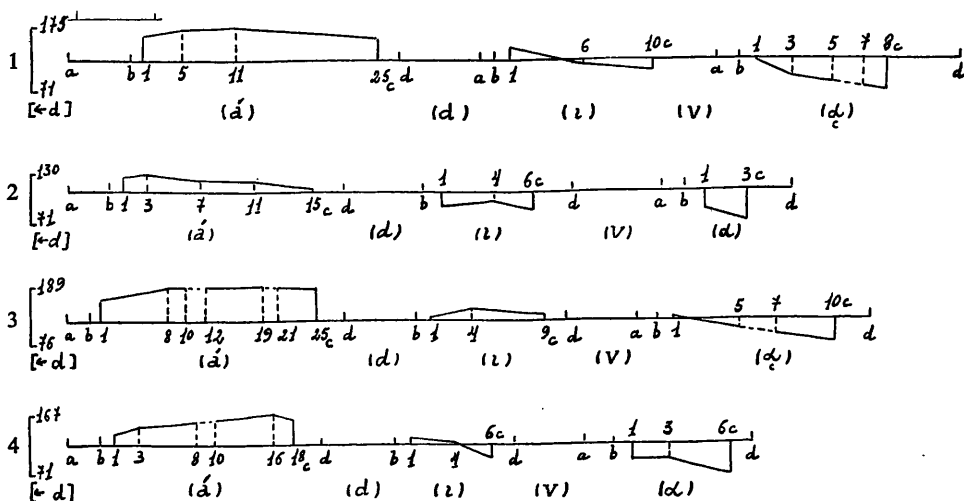
Tensão	B: Q. constante	
P:	»	»
Duração	B: (d-10c) 168 m.s.	P: 152,5 m.s.

Observação: o limite da 2.^a sílaba proferida por P foi erroneamente recuado 1^{mm} no cronograma respectivo.

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (24) (q)	P: Descendente (17) (a)
	» (8) »	
	» (7) »	
Qualidade vocálica	B: Q. constante-regressiva com plenitude inicial.	
	P: Regressiva (configuração pouco distinta).	
Tensão	B: Q. constante-decrescente.	
	P: Q. constante com terminal decrescente.	
Duração	B: (10c-d) 201,5 m.s.	P: 145 m.s.

XIV



MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro XIV-3	P: Quadro XIV-4
-------------	-----------------	-----------------

SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Ascendente (10) (a)	P: Ascendente (18) (a)
	» (1) »	» (5) »
	Descendente (5) »	Descendente (14) »
Esquematisação	B: Ascendente-q. constante-decrescente.	
	P: Ascendente com inicial de maior acento e terminal decrescente.	

Durações B: Segmento a-b: 33 m.s. a-d: 116 m.s.
P: » » 20 » 106 »

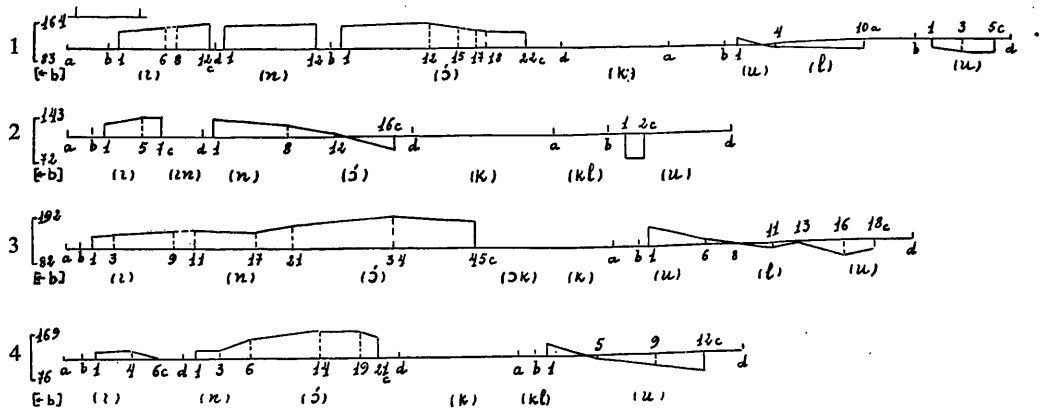
SÍLABA TÓNICA

Flutuação B: Ascendente (2) (n) P: Descendente (4) (n)
» (1) (o) » (9) (o)
Descendente (9) » » (15) »
» (1) »

Esquematização B: Q. constante-descendente-q.constante.

Qualidade vocálica B: Q. constante com plenitude quase total.

XV



Tensão B: Predominantemente constante com plenitude q. total.
P: Q. constante com inicial crescente e terminal decrescente.

Duração B: 270,5 m.s. P: 164,5 m.s.

3.ª SÍLABA

Flutuação B: Descendente (13) (u) P: Sem linha tonal.
» (4) »

Qualidade vocálica B: Q. constante com plenitude q. total.
P: Sílabas reduzidas a (k), facto confirmado pela audição lenta do fonograma.

Tensão B: Q. constante.
P: Decurso indistinto.

Duração B: 181 m.s. P: 107,5 m.s.

Observação: O limite final da 3.ª sílaba da elocução de P foi erroneamente recuado no cronograma cerca de 1^{mm}, e não foi marcado no tonograma reduzido (cerca de 2,5^{mm} adiante do p. 4).

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (8) (<i>u</i>) Constante (0) »	P: Constante (0) (<i>u</i>)
Qualidade vocálica	B: Diferenciação contínua (pouco distinta). P: Apenas dois períodos delimitáveis de configuração predominantemente constante.	
Tensão	B: Q. constante-decrescente. P: Decrescente.	
Duração	B: 170,5 m.s.	P: 138,5 m.s.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro XV-3	P: Quadro XV-4
-------------	----------------	----------------

1.ª SÍLABA

Flutuação	B: Ascendente (7) (<i>l</i>) » (3) »	P: Ascendente (3) (<i>l</i>) Descendente (18) »
Esquematização	B: Ascendente com inicial de maior acentuação.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude final. P: Predominantemente constante com plenitude quase total.	
Tensão	B: Q. constante. P: » »	
Durações	B: Segmento a-b: 11 m.s. P: » » 15 »	a-9: 80,5 m.s. » 94 »

SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Q. constante [(0)] (<i>n</i>) Descendente (2) (<i>n</i>) Ascendente (12) » » (5) (<i>o</i>) Descendente (4) »	P: Descendente (1) (<i>n</i>) Ascendente (21) » » (6) (<i>o</i>) Descendente (1) » » (18) »
Esquematização	B: Q. constante-ascendente-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude inicial. P: Dois trechos diferenciados predominantemente constantes com plenitude final no primeiro.	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente. P: Crescente.	
Duração	B: 286,5 m.s.	P: 168,5 m.s.

Observação: O ponto *d* da sílaba tónica (em B) não foi assinalado no tonograma reduzido (cerca de 8^{mm} adiante do p. 45 c).

3.ª SÍLABA

Flutuação	B: Descendente (15) (<i>u</i>) » (8) »	P: Sem linha tonal (Sílaba reduzida ao som (<i>k</i>)).
-----------	---	---

Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude inicial. P: Sílabas reduzidas ao som (k).
Tensão	B: Q. constante. P: Decurso duvidoso.
Duração	B: (d-8) 149 m.s. P: (k) 94,5 m.s.

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (8) (l) Ascendente (9) (l→u) Descendente (16) (u) Ascendente (10) (u)	P: Descendente (15) (l) » (8) (u) » (10) »
Qualidade vocálica	B: Configuração pouco distinta com diferenciação regressiva contínua. P: Predominantemente constante com plenitude final.	
Tensão	B: Q. constante-decrescente. P: Decrescente com inicial q. constante.	
Duração	B: (8-d) 141 m.s.	P: 175,5 m.s.

Publicam-se em apêndice os tonogramas da elocução portuguesa «Binóculo» segundo o tipo de *fala silabada*. Os correspondentes cronogramas encontram-se no respectivo quadro.

3) Com duas pretónicas:

Emissões: XVI $\left| \begin{array}{c} 1 \\ 2 \end{array} \right.$ — Pacatíssima. XVI $\left| \begin{array}{c} 3 \\ 4 \end{array} \right.$ — Pacatíssima?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal	B: Quadro XVI-1 1.ª SÍLABA	P: Quadro XVI-2
Flutuação	B: Ascendente (6) (q) Q. constante [(0)] »	P: Descendente (2) (α)
Esquematização	B: Q. constante com inicial ascendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude inicial. P: Predominantemente constante.	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente. P: Q. constante.	
Durações	B: Segmento a-b: 18 m.s. P: » » 17,5 »	a-d: 145,5 m.s. » 94 »
	2.ª SÍLABA	
Flutuação	B: Descendente (2) (α) » (9) »	P: Q. constante [(0)].
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central. P: Predominantemente constante.	

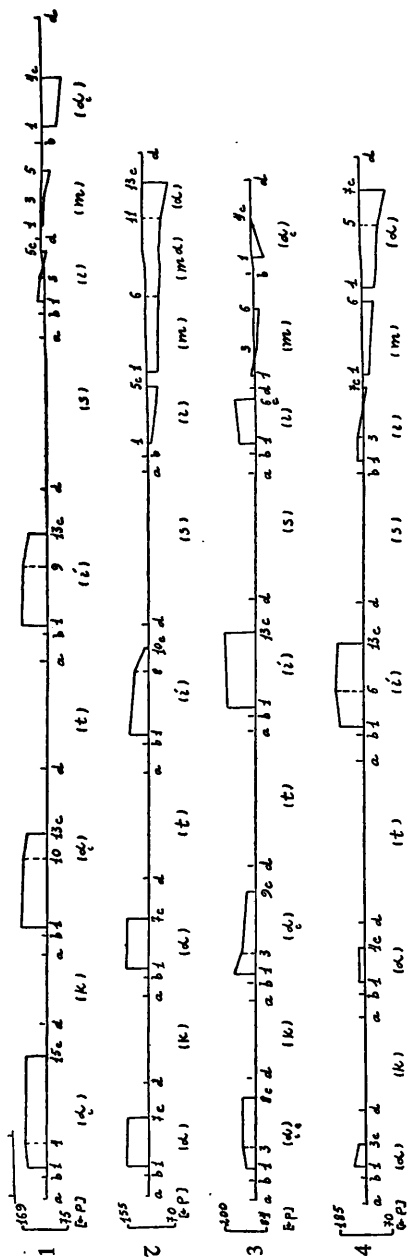
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente. P: Q. constante.	
Duração	B: 214 m.s.	P: 171,5 m.s.
SÍLABA TÓNICA		
Flutuação	B: Descendente (1) (i) » (12) »	P: Descendente (3) (i) » (26) »
Esquematização	B: Q. constante-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. P: » »	
Tensão	B: Predominantemente constante (inicial crescente e terminal decrescente). P: Q. constante-decrescente com inicial crescente.	
Duração	B: 232,5 m.s.	P: 211,5 m.s.
4.ª SÍLABA		
Flutuação	B: Descendente (7) (i) » (15) »	P: Descendente (7) (i)
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. P: » »	
Tensão	B: Q. constante. P: » »	
Duração	B: 206 m.s.	P: (d-5c) 196,5 m.s.
SÍLABA FINAL		
Flutuação	B: Descendente (3) (m) » (13) » » (6) (q)	P: Descendente (3) (m) » (4) (a) » (11) »
Qualidade vocálica	B: Diferenciação lenta e contínua. P: Predominantemente q. constante excepto no final (regressiva).	
Tensão	B: Q. constante-decrescente. P: Q. constante com terminal decrescente.	
Duração	B: 183 m.s.	P: (5c-d) 199 m.s.

MODALIDADE INTERROGATIVA

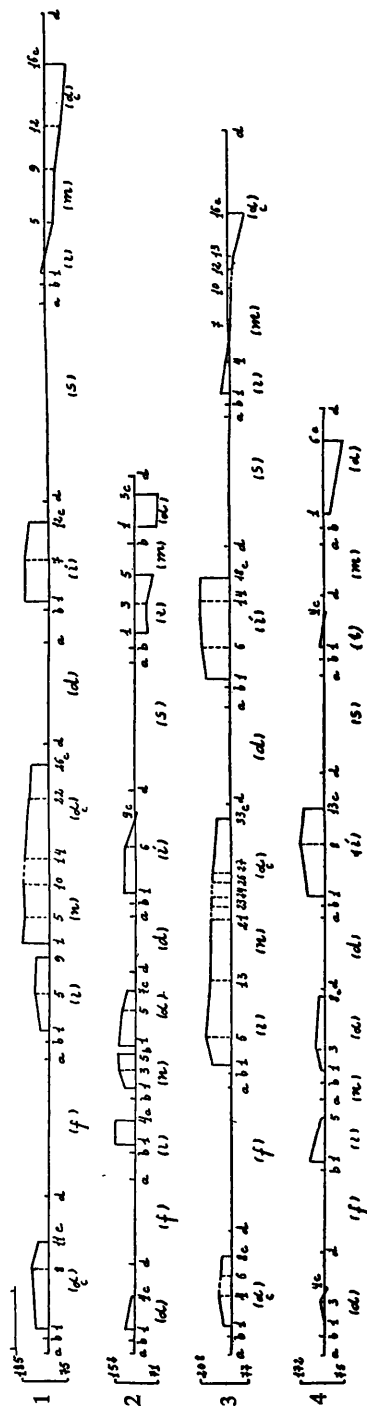
Linha tonal	B: Quadro XVI-3	P: Quadro XVI-4
1.ª SÍLABA		
Flutuação	B: Ascendente (13) (q) Q. constante (1) »	P: Descendente (15) (a)
Esquematização	B: Q. constante com inicial ascendente.	
Qualidade vocálica	B: Q. constante com plenitude central-final. P: Predominantemente constante com plenitude central.	

Tensão	B: Predominantemente constante. P: Q. constante.	
Durações	B: Segmento a-b: 16 m.s. P: » » 22 »	a-d: 99,5 m.s. » 77 »
2. ^a SÍLABA		
Flutuação	B: Descendente (23) (q) » (5) »	P: Constante (0) (a)
Qualidade vocálica	B: Diferenciação contínua excepto durante um breve trecho (4-5) q. constante e pleno. P: Predominantemente constante com plenitude central.	
Tensão	B: Predominantemente constante. P: Q. constante.	
Duração	B: 175,5 m.s.	P: 155,5 m.s.
SÍLABA TÓNICA		
Flutuação	B: Ascendente (2) (l)	P: Ascendente (6) (l) Descendente (2) »
Esquematização	B: Q. constante. P: Ascendente-q. constante.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central-final. P: Predominantemente constante com plenitude inicial.	
Tensão	B: Crescente-q. constante. P: Q. constante-decrescente com inicial crescente.	
Duração	B: 220,5 m.s.	P: 264 m.s.
4. ^a SÍLABA		
Flutuação	B: Ascendente (4) (l)	P: Ascendente (2) (l) Descendente (9) »
Esquematização	P: Constante-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude inicial. P: Predominantemente constante com plenitude quase total.	
Tensão	B: Q. constante. P: » »	
Duração	B: 173 m.s.	P: (d-7c) 177,5 m.s.
SÍLABA FINAL		
Flutuação	B: Descendente (10) (m) » (4) » Ascendente (16) (q)	P: Descendente (4) (m) » (4) (a) » (13) »
Esquematização	P: Descendente com terminal de maior declive.	
Qualidade vocálica	B: Configuração pouco distinta com diferenciação contínua. P: Predominantemente constante.	

XVI



XVII



Tensão

B: Q. constante-decrescente.

P: Q. constante com terminal decrescente.

Duração **B:** 169,5 m.s. **P:** 190 m.s.

Nota: a delimitação final da sílaba anterior (4.^a) pronunciada por P, oferece dúvida, admitindo-se que ela tenha sido mais breve, e, conseqüentemente, mais longa a sílaba final.

4) Com três pretônicas:

Emissões: XVII $\left| \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right.$ — Afinadíssima. XVII $\left| \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right.$ — afinadíssima?

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal **B: Quadro XVII-1** **P: Quadro XVII-2**

1.ª SÍLABA

Flutuação B: Ascendente (4) (α) P: Descendente (10) (α)
 Descendente (14) »

Esquemáticação **B: Ascendente com terminal descendente.**

Qualidade vocálica B: Predominantemente constante com plenitude inicial.
P: O. constante com plenitude central.

Tensão B: Q. constante com inicial crescente.
 P: Q. constante.

Durações	B: Segmento a-b: 13 m.s.	a-d: 136 m.s.
	P: » » 10,5 »	» 77,5 »

2.ª SÍLABA

Flutuação B: Ascendente (9) (l) P: Q. constante [0] (l)
 Descendente (1) »

Esquematisação **P: Constante.**

Qualidade vocálica B: Predominantemente constante com plenitude central-final.
P: O. constante com plenitude central.

Tensão B: Q. constante com inicial crescente (acento secundário).
P: Q. constante.

Duração B: 215 m.s. P: 125,5 m.s.

3.ª SÍLABA

Flutuação	B: Descendente (3) (<i>n</i>)	P: Ascendente (20) (<i>n</i>)
	Ascendente (3) »	» (2) »
	Descendente (6) (<i>n</i> → <i>q</i>)	Descendente (6) (<i>q</i>)
	» (6) (<i>q</i>)	» (16) »
	» (2) »	

Qualidade vocálica B: Predominantemente constante com plenitude central.
P: » » » » »

Tensão	B: Decrescente com inicial crescente. P: Q. constante.	
Duração	B: 180,5 m.s.	P: 131 m.s.

SÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Ascendente (2) (i) Descendente (9) »	P: Descendente (2) (i) » (19) »
-----------	--	------------------------------------

Qualidade vocálica	B: Q. constante. P: » »
--------------------	----------------------------

Tensão	B: Q. constante-decrescente com inicial crescente. P: Decrescente com inicial levemente crescente.
--------	---

Duração	B: 213 m.s.	P: 159,5 m.s.
---------	-------------	---------------

5.ª SÍLABA

Flutuação	B: Descendente (11) (i) Descendente (12) »	P: Ascendente (2) (i) Descendente (12) »
-----------	---	---

Esquematisação	P: Q. constante-decrescente.
----------------	------------------------------

Qualidade vocálica	B: Progressiva-regressiva com plenitude central. P: Predominantemente constante (lenta diferenciação no sentido regressivo).
--------------------	---

Tensão	B: Q. constante. P: » »
--------	----------------------------

Duração	B: 230,5 m.s.	P: (d-5) 188 m.s.
---------	---------------	-------------------

Observação: a demarcação final (em B) da 5.ª sílaba, é duvidosa; consequentemente também o é o limite inicial da 6.ª.

SÍLABA FINAL

Flutuação	B: Descendente (1) (m) » (8) (m → q) » (8) (q) » (4) »	P: Descendente (4) (a)
-----------	---	------------------------

Qualidade vocálica	B: Configuração pouco distinta com breve plenitude inicial. P: Configuração pouco distinta.
--------------------	--

Tensão	B: Q. constante-decrescente com inicial crescente. P: Decrescente.
--------	---

Duração	B: 192,5 m.s.	P: (5-d) 87 m.s.
---------	---------------	------------------

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal	B: Quadro XVII-3	P: Quadro XVII-4
-------------	------------------	------------------

1.ª SÍLABA

Flutuação	B: Ascendente (9) (q) Descendente (4) »	P: Ascendente (10) (a) Descendente (24) »
-----------	--	--

Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central. P: Predominantemente constante.
--------------------	--

Tensão	B: Q. constante.	
	P: Q. constante.	
Durações	B: Segmento a-b: 16 m.s.	a-d: 106,5 m.s.
	P: » » 17 »	» 89,5 »

2.^a síLABA

Flutuação	B: Ascendente (14) (l) Descendente (4) »	P: Descendente (15) (l)
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante.	
	P: » »	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente.	
	P: Q. constante.	
Duração	B: (d-13) 213,5 m.s.	P: 108 m.s.

Observação: o limite final da 2.^a sílaba, proferida por P, não foi assinalado no tonograma reduzido (cerca de 1^{mm} antes do ponto 5).

3.^a síLABA

Flutuação	B: Descendente (1) (n) » (2) (n→q) » (3) (q) » (5) »	P: Ascendente (15) (n→a) Descendente (4) (a)
Esquematização	B: Q. constante-descendente.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com plenitude central.	
	P: Predominantemente constante.	
Tensão	B: Q. constante.	
	P: » »	
Duração	B: (13-d) 151,5 m.s.	P: 121 m.s.

sÍLABA TÓNICA

Flutuação	B: Ascendente (8) (l) » (3) » Descendente (1) »	P: Ascendente (8) (l) Descendente (7) »
Esquematização	B: Ascendente-q. constante.	
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante com inicial progressivo.	
	P: Predominantemente constante com plenitude central.	
Tensão	B: Q. constante com inicial crescente e terminal decrescente.	
	P: Q. constante-decrescente com inicial crescente.	
Duração	B: 222,5 m.s.	P: 189,5 m.s.

5.^a síLABA

Flutuação	B: Descendente (9) (l)	P: Descendente (7) (l)
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante.	
	P: » »	

Tensão	B: Q. constante. P: » »	
Duração	B: (b-4) 158 m.s.	P: 156 m.s.
	SÍLABA FINAL	
Flutuação	B: Descendente (9) (m) Constante [(0)] (m) Descendente (6) (m→q) » (6) (q) » (13) »	P: Descendente (10) (a)
Qualidade vocálica	B: Predominantemente constante. P: Diferenciação contínua com plenitude inicial.	
Tensão	B: Q. constante-decrescente. P: » » »	
Duração	B: (4-d) 204 m.s.	P: 169 m.s.

Relativamente aos trissílabos esdrúxulos (tipo *dádiva*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso parcialmente semelhante na sílaba tónica, diverso na 2.^a sílaba e semelhante na sílaba final.

Qualidade — maior estabilidade nas sílabas tónica e final na elocução de B e semelhantes na segunda sílaba.

Tensão — decurso semelhante na sílaba tónica e na 2.^a sílaba; mais estável na sílaba final na elocução de P.

Durações — duração da sílaba tónica um pouco maior em B e máxima nas duas realizações;

— duração da 2.^a sílaba pouco diversa nas duas elocuições;

— duração da sílaba final maior na elocução de B; praticamente igual à da sílaba anterior em P.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da tónica superior ao das átonas.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao das átonas.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso diverso na sílaba tónica (mais estável em B) e na 2.^a sílaba; parcialmente semelhante na última sílaba.

Qualidade — maior estabilidade nas sílabas tónica e final na elocução de B e semelhante na 2.^a sílaba.

Tensão — maior estabilidade na sílaba tónica na elocução de B e semelhante nas duas outras sílabas.

Durações — duração da sílaba tónica praticamente igual nas duas elocuições, e praticamente igual à da sílaba final na elocução de P;

— duração da 2.^a sílaba praticamente igual e mínima nas duas elocuições;

— duração da sílaba final maior na elocução de B onde foi máxima.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da sílaba tónica superior ao das átonas.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da sílaba tónica superior ao das átonas.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa verificou-se maior estabilidade qualitativa na sílaba tónica e maior estabilidade qualitativa-tensional na sílaba final, na elocução de B.

— Na modalidade interrogativa verificou-se maior estabilidade tonal-qualitativa-tensional na sílaba tónica e maior estabilidade qualitativa na 2.^a sílaba, na elocução de B.

Relativamente aos tetrassílabos esdrúxulos (tipo *binóculo*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso diverso na sílaba tónica (maior estabilidade na elocução de B); parcialmente semelhante na 1.^a e última sílabas.

Qualidade vocálica — decurso semelhante na sílaba tónica e na 1.^a sílaba; parcialmente semelhante na sílaba final.

Tensão — maior estabilidade na sílaba tónica na elocução de B, semelhante na 1.^a sílaba e parcialmente semelhante na sílaba final.

Observe-se que a 3.^a sílaba na elocução de P se reduziu a (*k*). A sílaba final, na mesma elocução, foi predominantemente indistinta, só lhe correspondendo, conseqüentemente, um breve trecho de linha tonal (apenas dois períodos demarcáveis).

Durações — duração da sílaba inicial praticamente igual nas duas elocuições;

— duração da sílaba tónica muito maior na elocução de B e máxima nas duas realizações;

— duração da 3.^a sílaba (reduzida a uma consoante na elocução de P) maior na elocução de B;

— duração da sílaba final, maior na elocução de B.

Níveis tonais relativos — diversos. Nível da sílaba tónica predominantemente superior na elocução de B e predominantemente inferior na eloc. de P.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da sílaba tónica, superior ao das átonas.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso parcialmente semelhante.

Qualidade vocálica — maior estabilidade na sílaba tónica, e menor na sílaba final, na elocução de B; semelhante na 1.^a sílaba.

Tensão — maior estabilidade na sílaba tónica na elocução de B; semelhante na 1.^a e última sílabas.

Observe-se que a 3.^a sílaba na elocução de P se reduziu ao som (*k*).

Durações — duração da sílaba inicial praticamente igual e mínima nas duas elocuições;

— duração da sílaba tónica muito maior e máxima na elocução de B;

— duração da 3.^a sílaba, (reduzida ao som (*k*) na elocução de P), maior na elocução de B;

— duração da sílaba final maior e máxima na elocução de P.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da sílaba tónica superior ao das sílabas átonas.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da sílaba tónica superior ao das átonas. (É possível que a tensão da sílaba tónica seja mais acentuadamente crescente quando emitida em nível tonal inferior ao da primeira sílaba átona).

Conclui-se:

— Na modalidade informativa verificou-se uma maior estabilidade tonal-tensional na sílaba tónica (temporalmente destacada relativamente à elocução de P) na elocução de B. (Maior valor da sílaba final na realização de B em virtude da sua maior duração relativa e distinção qualitativa).

— Na modalidade interrogativa verificou-se, apenas, maior estabilidade qualitativa-tensional na sílaba tónica da elocução de B.

Deve notar-se que a redução verificada na 3.^a sílaba da elocução de P poderia ter sido de menor grau ou não ter tido lugar, mas fosse como fosse nunca teria a independência que normalmente se verifica na elocução de B, a não ser quando emitida com uma expressão distintiva especial que vale frequentemente como afectação.

Relativamente aos pentassílabos esdrúxulos (tipo *pacatíssima*) encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso semelhante em todas as sílabas.

Qualidade vocálica — decurso semelhante em todas as sílabas.

Tensão — maior estabilidade na sílaba tónica na elocução de B, e semelhante em todas as sílabas átonas.

Durações — duração da sílaba inicial muito maior na elocução de B e mínima em ambas as elocuições;

— duração da 2.^a sílaba praticamente igual à da sílaba tónica, à da 4.^a sílaba e pouco diversa da duração da sílaba final na elocução de B;

— duração da 2.^a sílaba menor do que a da tónica na elocução de P;

— duração da tónica praticamente igual à das postónicas;

— duração das postónicas praticamente igual nas duas elocuições.

Níveis tonais relativos — diversos. Nível tonal da sílaba tónica superior ao das átonas na elocução de B; inferior ao das átonas pretónicas e superior ao das átonas postónicas na elocução de P.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tónica superior ao das átonas.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso diverso em todas as sílabas. Maior estabilidade nas sílabas tónica e inicial, menor na 2.^a sílaba, na elocução de B.

Qualidade — decurso semelhante nas sílabas tónica, 1.^a e 4.^a. Menor estabilidade na 2.^a e 5.^a (final) sílabas na elocução de B.

Tensão — maior estabilidade na sílaba tónica da elocução de B e semelhante em todas as sílabas átonas.

Durações — duração da sílaba inicial, maior na elocução de B e mínima nas duas elocuições;

— duração da 2.^a sílaba, maior na elocução de B;

— duração da sílaba tónica, maior na elocução de P e máxima nas duas elocuições;

— duração das postónicas, praticamente iguais na elocução de B;

— duração da sílaba final, superior à das outras átonas na elocução de P.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível tonal da sílaba tónica superior ao das sílabas átonas.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da sílaba tónica, superior ao das átonas.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa verificou-se, na elocução de B, maior estabilidade tonal-tensional da sílaba tónica e menor estabilidade tonal das sílabas postónicas.

A maior duração da estabilidade tonal das sílabas pretónicas na elocução de B intensificou-lhes o aspecto de constância em relação às pretónicas na elocução de P.

— Na modalidade interrogativa verificou-se na elocução de B maior estabilidade tonal-tensional na sílaba tónica, e maior estabilidade tonal na sílaba inicial. Na 2.^a sílaba a estabilidade tonal-qualitativa foi menor na elocução de B; na sílaba final a estabilidade tonal foi menor na elocução de B.

Os factos observados dificultam o confronto do grau de estabilidade das sílabas átonas nas duas elocuições, visto ter sido muito variável de sílaba para sílaba.

Relativamente aos hexassílabos esdrúxulos (tipo *afinadíssima*), encontraram-se as seguintes diversidades e semelhanças:

MODALIDADE INFORMATIVA

Linha tonal — decurso diverso em todas as sílabas. Maior estabilidade na elocução de B na sílaba tónica e na 1.^a e 3.^a sílabas; menor na 2.^a e 5.^a. Estabilidade semelhante na sílaba final.

Qualidade — decurso semelhante na sílaba tónica e em todas as átonas excepto na 5.^a sílaba. Esta apresentou maior estabilidade na elocução de P.

Tensão — maior estabilidade na elocução de B nas sílabas tónica e final; menor na 3.^a (em B) e semelhante nas 1.^a, 2.^a e 5.^a sílabas.

Durações — duração silábica sempre maior na elocução de B (aproximadamente dupla na sílaba final);

- duração da 1.^a sílaba, mínima em ambas as elocuições;
- duração da 2.^a sílaba praticamente igual à da tónica e à da primeira postónica; pouco diversa da duração da 3.^a sílaba e da duração da sílaba final, na elocução de B;
- duração da sílaba tónica na elocução de P, superior à de todas as sílabas excepto na primeira postónica em que foi inferior.

Observe-se que a duração da sílaba tônica foi inferior à da primeira postônica em ambas as elocuições.

Níveis tonais relativos — diversos. Nível tonal da tônica pouco diverso do da pretônica anterior, e superior ao das restantes átonas na elocução de B.

Nível tonal da tônica sensivelmente igual ao da 1.^a pretônica, inferior ao das duas outras pretônicas e superior ao das postônicas na elocução de P.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da tônica superior ao das átonas em ambas as elocuições.

MODALIDADE INTERROGATIVA

Linha tonal — decurso diverso nas sílabas tônicas e pretônicas. Maior estabilidade nas sílabas tônica e pretônicas na elocução de B. Decurso semelhante nas postônicas.

Qualidade — maior estabilidade na sílaba final na elocução de B. Decurso semelhante nas restantes sílabas, inclusive na tônica.

Tensão — decurso semelhante em ambas as elocuições.

Durações — duração silábica maior na elocução de B (na sílaba inicial e na 1.^a postônica verifica-se uma pequena diferença);

— duração da sílaba inicial mínima e da sílaba tônica máxima em ambas as elocuições.

Níveis tonais relativos — semelhantes. Nível da sílaba tônica superior ao das sílabas átonas.

Níveis tensionais relativos — semelhantes. Nível tensional da sílaba tônica superior ao das sílabas átonas.

Conclui-se:

— Na modalidade informativa a diversidade da elocução de B foi motivada por uma maior estabilidade tonal da 1.^a sílaba, tonal-tensional da sílaba tônica e tensional da sílaba final.

— Na modalidade interrogativa verificou-se na elocução de B maior estabilidade tonal das sílabas tônica e pretônicas, e maior estabilidade qualitativa na sílaba final.

Publicam-se em apêndice (III) os tonogramas das elocuições *Binóculo*. / *Binóculo*? (XXIII), realizadas por P segundo o tipo de *fala cuidada*. Seguem-se os tonogramas de *Microcéfalo*. / *Microcéfalo*? (XXIV) relativos a B e P.

EXPOSIÇÃO DE RESULTADOS

Considerando separadamente os aspectos tonais, qualitativos, tensionais e temporais, das realizações elocucionais de B e de P nas modalidades informativa e interrogativa, verificou-se:

ASPECTOS TONAIS

Linha tonal — As semelhanças e diversidades encontradas revelaram que o material examinado é insuficiente para se tirarem conclusões relativamente à flutuação tonal.

Níveis tonais relativos — Os níveis da tónica em relação aos da átona ou das átonas, foram sempre semelhantes na modalidade informativa ao passo que nem sempre o foram na modalidade interrogativa (V.: Apêndice II-1).

ASPECTOS QUALITATIVOS

Decurso qualitativo — Semelhante ou diverso nas duas modalidades nas elocuições de B e de P. Na modalidade interrogativa foi frequentemente semelhante. Quando se verifica diversidade, esta consiste numa maior estabilidade das realizações de B, muito especialmente na sílaba tónica. (V.: Ap. II-2).

ASPECTOS TENSIONAIS

Decurso tensional — Na modalidade informativa o comportamento da tensão pode ser semelhante ou diverso nas elocuições de B e de P. Quando há diversidade, esta consiste geralmente numa maior estabilidade das realizações de B (V.: Ap. II-3). Na sílaba tónica as elocuições de B apresentaram sempre uma maior estabilidade tensional.

— Na modalidade interrogativa o decurso tensional da tónica foi semelhante ou mais estável nas realizações de B. Nas átonas, quando o decurso tensional foi diverso, manifestou, geralmente, maior estabilidade na elocução de B (V.: Ap. II-4).

Na 1.^a sílaba dos polissílabos verificou-se, por vezes, que o decurso nas elocuições de P se reduziu a um ímpeto tensional (rápido acréscimo-decrécimo de tensão) momentâneo que as realizações de B nunca manifestaram.

ASPECTOS TEMPORAIS

Durações silábicas relativas segundo o material examinado:

Sílaba tônica — A sua duração foi quase sempre máxima, tanto nas realizações de B como nas de P, nas duas modalidades (V.: Ap. II-5).

Sílaba inicial átona — Foi quase sempre mais longa nas elocuições de B do que nas de P, nas duas modalidades (V.: Ap. II-6).

Sílaba final átona — Foi quase sempre mais longa nas realizações de B do que nas de P, na modalidade informativa (V.: Ap. II-7).

Na modalidade interrogativa a relação entre as durações verificadas nas elocuições de B e de P foi muito variável.

Seguem-se os cronogramas dos polissílabos, segundo os respectivos aspectos temporais silábicos. Encontram-se distribuídos da seguinte forma:

Grupo I): cronogramas das realizações dos vocábulos agudos / *agá* / *amará* / *acatará* /.

Grupo II): inclui os cronogramas relativos às realizações dos vocábulos graves / *cola* / *inútil* / *papelada* / *afadigada* / — e os correspondentes às realizações dos vocábulos do mesmo tipo acentual / *eterno* / *humilde* / *ossada* / *apoquentada* / cujo estudo não figura no texto.

Grupo III): reúne os cronogramas relativos às realizações dos vocábulos esdrúxulos / *dádiva* / *binóculo* / *pacatíssima* / *afinadíssima* / — e os correspondentes às realizações do vocábulo / *microcéfalo* / cujo estudo não figura no texto.

Nos referidos 3 grupos, encontram-se à esquerda os cronogramas das realizações de B, e à direita os das realizações de P.

Grupo IV): inclui os cronogramas baseados nos tonogramas das elocuições / *Apoquentada*. / *Apoquentada?* / , que figuram na série XXII do apêndice III, e os baseados nos tonogramas das elocuições / *Binóculo*. / *Binóculo?* / que figuram na série XXIII do mesmo apêndice.

As elocuições a que se refere o grupo IV foram realizadas por P segundo o tipo de *fala cuidada*. Facultam interessantes observações da flutuação do aspecto temporal.

I)

da	ga
----	----

da	ga?
----	-----

da	ma	ra
----	----	----

da	ma	ra?
----	----	-----

da	ka	ta	ra
----	----	----	----

da	ka	ta	ra?
----	----	----	-----

da	ya
----	----

da	ya?
----	-----

da	ma	ra
----	----	----

da	ma	ra?
----	----	-----

da	ka	ta	ra
----	----	----	----

da	ka	ta	ra?
----	----	----	-----

II)

ko	pa
----	----

ko	pa?
----	-----

nu	ti
----	----

nu	ti?
----	-----

e	ter	nu
---	-----	----

e	ter	nu?
---	-----	-----

u	mit	da
---	-----	----

u	mit	da?
---	-----	-----

o	sa	da
---	----	----

o	sa	da?
---	----	-----

pa	pe	la	da
----	----	----	----

pa	pe	la	da?
----	----	----	-----

da	fa	di	ga	da
----	----	----	----	----

da	fa	di	ga	da?
----	----	----	----	-----

da	po	ka	ta	da
----	----	----	----	----

da	po	ka	ta	da?
----	----	----	----	-----

ko	pa
----	----

ko	pa?
----	-----

nu	ti
----	----

nu	ti?
----	-----

e	ter	nu
---	-----	----

e	ter	nu?
---	-----	-----

u	mit	da
---	-----	----

u	mit	da?
---	-----	-----

o	sa	da
---	----	----

o	sa	da?
---	----	-----

pa	pe	la	da
----	----	----	----

pa	pe	la	da?
----	----	----	-----

da	fa	di	ya	da
----	----	----	----	----

da	fa	di	ya	da?
----	----	----	----	-----

da	po	ka	ta	da
----	----	----	----	----

da	po	ka	ta	da?
----	----	----	----	-----

III)

da	dl	vd
----	----	----

da	dl	vd?
----	----	-----

bl	no	ku	pu
----	----	----	----

bl	no	ku	pu?
----	----	----	-----

pd	kd	tl	sl	md
----	----	----	----	----

pd	kd	tl	sl	md?
----	----	----	----	-----

ml	kro	se	fd	lu
----	-----	----	----	----

ml	kro	se	fd	lu?
----	-----	----	----	-----

d	fl	nd	dl	sl	md
---	----	----	----	----	----

d	fl	nd	dl	sl	md?
---	----	----	----	----	-----

da	dl	vd
----	----	----

da	dl	vd?
----	----	-----

bl	no	k	pu
----	----	---	----

bl	no	k	pu?
----	----	---	-----

pd	kd	tl	sl	md
----	----	----	----	----

pd	kd	tl	sl	md?
----	----	----	----	-----

ml	kro	se	fd	lu
----	-----	----	----	----

ml	kro	se	fd	lu?
----	-----	----	----	-----

d	fl	nd	dl	sl	md
---	----	----	----	----	----

d	fl	nd	dl	sl	md?
---	----	----	----	----	-----

IV)

d	pu	ken	ta	da
---	----	-----	----	----

d	pu	ken	ta	da?
---	----	-----	----	-----

bl	no	ku	pu
----	----	----	----

bl	no	ku	pu?
----	----	----	-----

VI — CONCLUSÕES

Conjugando todas as observações efectuadas, subjectiva e objectivamente, sobre as dissemelhanças que caracterizam o falar carioca (culto) relativamente ao Português (culto) de Portugal isento de regionalismos, formulam-se as seguintes conclusões:

A variante carioca apresenta uma diversidade sensivelmente constante da *composição vocabular* e uma diversidade sensivelmente variável da *composição elocucional*.

A dissemelhança da composição vocabular é estrutural e consequentemente constante, ao passo que a dissemelhança da composição elocucional é inconstante pelo facto de obedecer aos factores do condicionamento elocutivo. Como a composição elocucional contém a vocabular, resulta que a diversidade do falar carioca pode ser maior ou menor, mas é sempre sensível.

As particularidades fonéticas que mais frequentemente distinguem a composição elocucional (de função simplesmente comunicativa) do falar carioca relativamente ao falar português tomado para confronto, além das provenientes da composição vocabular (V. Capítulo III), são as seguintes:

a) maior estabilidade qualitativa, tensional, ou qualitativa-tensional da forma de realização quando se verifica um comportamento diverso. Correlacionam-se com a maior estabilidade qualitativa:

1 — grande frequência de vogais de expressão informativa com breve progressão qualitativa inicial e rápida regressão qualitativa terminal.

2 — grande frequência de vogais com trechos relativamente longos de plenitude vocálica.

Estes factos implicam uma reduzida percentagem de configurações acústicas indistintas.

b) maior duração relativa de sílabas átonas em posição inicial e em posição final (de palavras-frases) e consequentes efeitos de maior constância qualitativa, tensional e tonal.

c) acentuação caracterizada por uma distinção resultante da conjugação de um predomínio temporal com um decurso tensional de grande estabilidade e uma pequena flutuação qualitativa;

d) fluxo silábico com um predomínio das acções próprias sobre as modificadoras segundo um modo de coarticulação que não prejudica a individualidade acústica dos sons componentes.

Conjugando as referidas observações com as anteriormente mencionadas constitui-se o seguinte quadro:

VOGAIS

ORAIS

Maior palatalidade das vogais anteriores.

» abertura da vogal anterior (a).

» labialização das vogais posteriores.

Menor abertura da vogal posterior (o) quando tónica e seguida de nasal.

Ocorrência regular de variantes átonas com maior grau de abertura, tais como:

i e e e α o u u.
c . c . c

Ataque mais breve e tenso de vogais iniciais.

Níveis qualitativos e tensionais mais elevados.

Maior estabilidade qualitativa, tensional ou qualitativa-tensional.

Esta maior constância implica a ocorrência frequente de:

Breves progressões vocálicas iniciais / Breves regressões vocálicas terminais.

Longas plenitudes vocálicas.

NASAIS

Ocorrência (possivelmente regular) de vogais totalmente orais-nasais (sem início simplesmente oral).

Nível de nasalidade mais elevado.

DITONGOS

ORAIS

Ocorrência de ditongos decrescentes imperfeitos (alongamento apreciável da configuração acústica inicial, antecedendo o *deslize*).

NASAIS

Quase simultaneidade das ressonâncias oral e nasal.

CONSOANTES

ORAIS

Articulação oclusiva dos sons (p) (b) (g) em posição intervocálica.

» das fricativas particularizada por uma «acção própria» mais efectiva.

» mais palatal e tensa dos sons (t) (d) seguidos de (i) tónico ou átono.

NASAIS

Articulação das nasais (m) (n) com um maior grau de nasalidade durante a fase oclusiva.

SEGMENTOS SILÁBICOS

Maior duração relativa de sílabas átonas iniciais e finais e consequente valorização duma maior constância qualitativa, tensional ou tonal.

FLUXO SILÁBICO

Coarticulação silábica com menor prejuízo da individualidade acústica dos segmentos componentes, quer átonos ou tónicos.

ACENTUAÇÃO

Predomínio temporal da sílaba tónica valorizado por uma maior constância da sua *constituição*.

INTELIGIBILIDADE

Menor percentagem de segmentos obscuros.

Maior » » » claros.

Contribuem para um maior grau de inteligibilidade quase todas as particularidades fonéticas apontadas, mas muito especialmente as seguintes:

- maior sonoridade das vogais átonas (espectros acústicos mais agudos; maior predomínio de ressonância oral sobre a faríngea).
- maior duração relativa das vogais átonas.
- maior estabilidade de todas as composições vocálicas.
- acções próprias consonânticas mais tensas e estáveis.
- maior independência dos segmentos coarticulados.

Cumprе observar que se consideram as particularidades fonéticas observadas como frequentemente ocorrentes e não como características permanentes.

Todavia, apesar das conclusões apresentadas se basearem na observação de um número muito reduzido de elocuições e de locutores, julgamo-las muito provavelmente válidas na sua essência, para a generalidade dos casos.

VII — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentados em razões já expostas dizemos que B falou à maneira carioca. E acrescentamos: falar à maneira carioca significa falar como (mais ou menos) frequentemente se fala no Rio de Janeiro — o que não exclui admitir-se que haja cariocas que falem duma forma diversa daquela que é, pelo menos, mais frequente no Rio de Janeiro.

Ora B não é um deles, porque se o fosse, nem o próprio B como locutor-ouvinte, nem os outros ouvintes invocados como capazes de ajuizarem, com relativa segurança, afirmariam que B falava à maneira carioca.

Aceitar a possibilidade de que B e os demais se tenham enganado, só muito dificilmente é admissível.

Aceitar a possibilidade de que B emitiu as elocuições analisadas objectivamente, duma forma diversa da que lhe é habitual, também só muito difficilmente é admissível visto que se teve sempre o maior cuidado em criar um ambiente genético das emissões, favorável a atitudes isentas de artificialismo. A audição dos fonogramas arquivados das elocuições de B assim o prova.

Observemos que um falar se distingue (foneticamente) dum outro, por um número oscilante de particularidades fonéticas mais ou menos distintas. Sucede que há particularidades que são manifestadas por todos os locutores ou por um grande número de locutores duma dada comunidade, ao passo que outras o não são.

Não esqueçamos, porém, que para se falar com rigor da frequência de ocorrência desta ou daquela variante particularizante, teriam de ser examinados longos trechos elocutivos de todos os locutores da comunidade considerada, o que só é praticável nos casos especiais em que se consideram pequenos agrupamentos de indivíduos. Contentamo-nos, quase sempre, com uma ideia mais ou menos vaga da frequência de ocorrência.

Considerar representativas, apenas, as particularidades comuns a todos os locutores duma dada comunidade é pressupor um conhecimento de que só excepcionalmente se dispõe.

Na maioria dos casos também não é possível saber-se com segurança quais são as particularidades que ocorrem com maior e com menor frequência.

Atendendo ao exposto, parece que a atitude a tomar deverá ser, simplesmente, esta: considerar todas as particularidades fonéticas dum locutor duma dada comunidade — depois de excluídas as que possam ser classificadas como individualizantes e consequentemente não constituem elementos de caracterização colectiva — como variantes do falar dessa comunidade. Estas variantes serão tanto mais representativas, quanto maior for o número de locutores examinados, da comunidade determinada, que as realizem. As mais representativas pelo facto de ocorrerem com maior frequência poderão não ser as mais importantes segundo qualquer outro possível critério que não seja o baseado no grau de ocorrência.

Além das variantes mais representativas por serem mais comuns, interessa discriminar as mais distintivas pelo seu valor sonoro, articulatório ou sonoro-articulatório.

Observar a frequência de realização duma dada particularidade num locutor só poderá interessar se o seu aparecimento é inconstante ou se realiza de formas diversas.

No presente caso, não podemos dizer se as particularidades não individualizantes, reveladas pelo exame objectivo das elocuições de B, são, ou não, mais ou menos frequentes no Rio de Janeiro. Só nos é permitido afir-

mar que são variantes elocutivas dum carioca e que — segundo o critério estabelecido — não sendo individualizantes se consideram variantes do falar do Rio de Janeiro.

Quanto ao seu grau de tipicismo este poderia ter sido maior ou menor se as elocuções, igualmente condicionadas, tivessem sido proferidas por um outro locutor carioca.

O seu valor representativo seria mínimo se o exame subjectivo das elocuções doutros locutores da mesma comunidade não nos tivessem revelado a ocorrência de variantes semelhantes.

O ambiente genético criado para as elocuções objectivamente analisadas, não poderia provocar o aparecimento de formas com um elevado grau de tipicismo. E sucedeu assim, porque variadíssimas circunstâncias o determinaram.

Todas as referidas elocuções de B, constituíram respostas ou perguntas, excepto as que foram excluídas da lista de realizações seleccionadas. precisamente por se suspeitar que não tinham sido devidamente condicionadas.

Relativamente ao locutor português, poderiam formular-se considerações semelhantes, devendo, porém, notar-se que no caso de P, a exigência se limitou a poder garantir-se que as suas elocuções foram emitidas em Português normal, isento de regionalismos sensíveis.

Poderá censurar-se a pequena quantidade de material elocucional analisado objectivamente, facto a que nós próprios aludimos ao procurar tirar conclusões do confronto dos aspectos tonais das elocuções de B e de P.

Para que fosse possível tirar conclusões seria necessário estudar um número de variantes suficiente para se descobrir, relativamente a cada tipo de composição vocabular (número de sílabas e sua constituição, acentuação, etc.), o que é que a forma elocucional tem de manifestar para que o seu significado expressivo seja este ou aquele, e o que é que pode variar sem alteração essencial desse mesmo significado.

O material objectivamente examinado foi não só de pequena extensão mas também muito reduzido —pode mesmo dizer-se que foi reduzido a um mínimo aceitável — no que respeita à sua variedade expressiva.

Foram apenas motivadas elocuções de simples função informativa ou interrogativa, com eliminação de qualquer acidente expressivo. Mesmo no domínio da expressão informativa ou interrogativa alheia a qualquer outro elemento de conformação da dicção e consequentemente da pronúncia, seria necessário um número incomparavelmente maior de elocuções de modo a ficarem suficientemente representados os vários tipos de composição vocabular.

Diremos em nossa defesa, que as análises efectuadas, apesar do seu reduzido número, exigiram muitas centenas de horas de trabalho e que um plano

mais vasto requeria possibilidades de que não dispúnhamos. Importa observar-se que a deficiência apontada limitou os resultados da investigação efectuada mas não afectou o seu rigor.

Diga-se, ainda, que consideramos este estudo como uma primeira sondagem do comportamento elocucional carioca, nada impedindo que outros o ampliem em superfície e profundidade.

Todavia, é precisamente a profundidade a que *descemos* — o sublinhado tem certa intenção — o que alguns leitores vão muito provavelmente censurar. O grau de pormenorização observado poderá parecer exagerado aos que andam longe dos ambientes laboratoriais e consequentemente ignoram o valor do pormenor. O experimentalista comentará, pelo contrário, a falta de análises espectrográficas, radiográficas e outras só realizáveis em laboratórios muito bem apetrechados. Um bom apetrechamento não se verificou, infelizmente, no nosso caso.

O propósito — mercê das circunstâncias — de eliminar formas elocucionais que não significassem simples informação ou interrogação, segundo um ambiente genético oposto a uma multiplicidade de formas expressivas, fez com que as elocuições fossem condicionadas contrariamente à variedade e flexuosidade de sentimentos que animam as realizações fónicas dum locutor quando este fala para manifestar o que pensa e sente perante algo capaz de sensibilizar a sua personalidade.

É esta a razão da enorme variação do grau de tipicismo experimentado ao ouvir-se as elocuições realizadas pelo locutor brasileiro (ou pelo português) quando este travou um diálogo mais ou menos animadamente, ou leu uma poesia que pelo seu significado o fez experimentar as variadas vivências que a sua fala traduziu — e o experimentado ao ouvir-se as elocuições realizadas por qualquer dos locutores com o único e simples intuito de informar ou interrogar sem qualquer outro estímulo que não fosse o de realizar uma resposta ou uma pergunta sem outro conteúdo semântico estimulante, e mediante uma frase constituída por uma só palavra.

Em tais circunstâncias a personalidade do locutor reduziu-se a um mínimo, ao esquemático; e consequentemente se limitou a sua reacção verbal. Em tais circunstâncias B foi o menos carioca possível e o mais possível igual a qualquer outro indivíduo (45).

Ao passo que as palavras se foram esvaziando de sentido, as formas de realização elocucional de B e de P foram-se assemelhando. Uma constante se manteve tenaz, revelando-se sempre fossem quais fossem as variantes: a constante estrutural.

Igualaram-se, por vezes, as linhas arquitectónicas das construções sonoras dos dois realizadores, mas persistiu sempre a diversidade do material sonoro como elemento de distinção.

RESUMO

I

Considerando o objectivo do presente estudo, os seus autores principiam por se referir ao problema da fala padrão, relativamente ao português do Brasil e ao português de Portugal. Explicam, seguidamente, o trabalho de fonética comparativa que pretendem realizar, aludindo então às suas dificuldades e às limitações que estas motivam.

II

Prestam-se as indispensáveis informações sobre os locutores utilizados e sobre o material elocucional em que se baseou a investigação. Dá-se atenção especial às elocuições que foram registadas magnetefonicamente e foram distribuídas pelos seguintes grupos: palavras monossilábicas (constituídas por consoante áfona mais vogal); palavras agudas de 2 a 4 sílabas; palavras graves de 2 a 5 sílabas; palavras esdrúxulas de 3 a 6 sílabas.

III

Explica-se que as circunstâncias não permitiram mais do que uma apreciação subjectiva muito sumária e incompleta. Mencionam-se os processos auxiliares utilizados, os aspectos fonéticos considerados e as observações efectuadas e finalmente as características de pronúncia do falar carioca que auditivamente mais se destacam quando se confronta o referido falar com o português de Portugal.

IV

Descrevem-se os métodos seguidos na análise das elocuições registadas magnetofonicamente, mencionam-se os aparelhos utilizados e prestam-se as informações necessárias à interpretação dos gráficos apresentados. Segue-se a exposição dos resultados obtidos, que se distribuem em séries correspondentes aos vários grupos de elocuições estabelecidos. No final de cada série apresentam-se as diversidades e semelhanças verificadas mediante um confronto efectuado entre as elocuições do locutor brasileiro e as elocuições do locutor português, nas modalidades informativa e interrogativa.

V

Tomando como base os resultados dos confrontos efectuados em cada série de elocuições e considerando-os menos pormenorizadamente de modo a atender-se ao maior geral, apresentam-se as diversidades e semelhanças verificadas, observando, separadamente, os aspectos tonais, qualitativos e tensionais nas modalidades informativa e interrogativa.

VI

Conjugando todas as observações efectuadas, subjectiva e objectivamente, formulam-se conclusões sobre a caracterização do «falar carioca» como variante do português de Portugal isento de regionalismos.

VII

Caminhando ao encontro de prováveis críticas comentam-se os aspectos do trabalho que se reputam como mais discutíveis no intuito de esclarecer dúvidas que o interessado no assunto possa experimentar ao formular um juízo sobre os resultados apresentados.

APÊNDICE I

Vogal (e) da palavra «Pé.»

B	Tom	nível — médio (possivelmente baixo) decurso — q.-constante com breve terminal descendente
	Qualidade	articulação — mais anterior decurso — predominantemente constante
	Tensão	nível — mais elevado decurso — q.-constante com breve terminal decrescente
P	Tom	nível — médio (possivelmente mais elevado) decurso — q.-constante-descendente
	Qualidade	articulação — mais posterior decurso — q.-constante-regressiva
	Tensão	nível — pouco elevado (frouxo) decurso — q.-constante-decrescente

Vogal (e) da palavra «Pé?»

B	Tom	nível — mais elevado decurso — ascendente com pequeno aclave
	Qualidade	articulação — mais anterior decurso — predominantemente constante
	Tensão	nível — mais elevado decurso — predominantemente constante com breve terminal decrescente
P	Tom	nível — menos elevado decurso — ascendente com breve terminal descendente
	Qualidade	articulação — mais posterior decurso — constante-regressiva
	Tensão	nível — menos elevado decurso — crescente com terminal decrescente

Vogal (o) da palavra «Xô.»

B	Tom	nível — mais elevado decurso — q.-constante com provável terminal descendente
	Qualidade	articulação — mais labial decurso — predominantemente constante
	Tensão	nível — mais elevado decurso — constante (brevíssimo terminal decrescente)

P	Tom	nível — menos elevado decorso — q.-constante-descendente
	Qualidade	articulação — menos labial decorso — q.-constante-regressivo
	Tensão	nível — menos elevado decorso — q.-constante-decrescente

Vogal (o) da palavra «Xô?»

B	Tom	nível — mais elevado decorso — ascendente com terminal descendente
	Qualidade	articulação — mais labial decorso — q.-constante com terminal regressivo
	Tensão	nível — mais elevado decorso — q.-constante com brevíssimo terminal decrescente

P	Tom	nível — menos elevado decorso — ascendente com breve terminal descendente
	Qualidade	articulação — menos labial decorso — q.-constante com terminal regressivo
	Tensão	nível — ofereceu dúvidas decorso — ofereceu dúvidas

APÊNDICE II

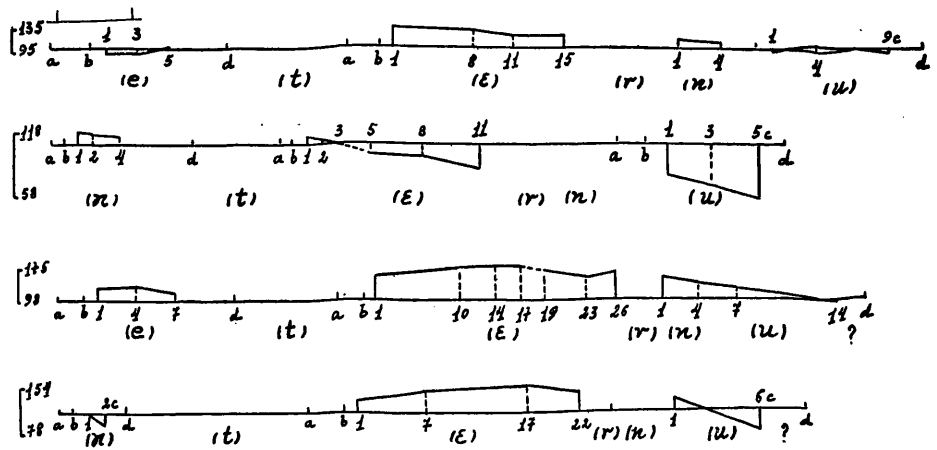
- 1) Foram diversos em *inútil*, *binóculo*, *pacatíssima*, *afinadíssima* e parcialmente semelhantes em *afadigada*.
- 2) Contrariamente à tendência geral manifestada, a qualidade foi predominantemente variável nas elocuições de B, na modalidade informativa, na 2.ª e 3.ª sílabas de *acatará*. Na 5.ª sílaba de *afinadíssima*, revelou-se mesmo menos estável do que na elocução de P. Na modalidade interrogativa foram menos estáveis, qualitativamente, nas elocuições de B: a sílaba final de *binóculo*; a 2.ª e a última sílabas de *pacatíssima*.
- 3) O decurso tensional, contudo, foi menos estável nas elocuições de B, na modalidade informativa: na 2.ª sílaba de *amará*, na sílaba final de *afadigada*, na sílaba final de *dádiva* e na 3.ª sílaba de *afinadíssima*.
- 4) Na modalidade interrogativa essa maior estabilidade deixou de se verificar nas elocuições de B, na 2.ª sílaba de *acatará* e na sílaba final de *binóculo*.
- 5) Não foi máxima, na modalidade informativa, nas elocuições seguintes:
B — *amará*, *acatará*, *afadigada*, *afinadíssima*;
P — *acatará*, *inútil*.

Não foi máxima, na modalidade interrogativa, nas elocuições seguintes:
B — *amará*, *apoquentada*, *dádiva*.
P — *amará*, *cola*, *inútil*, *apoquentada*, *binóculo*.

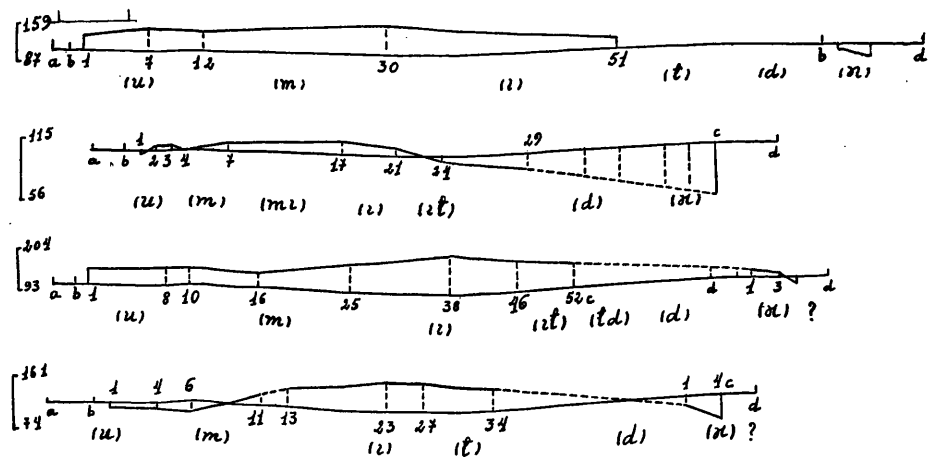
A duração duma sílaba depende da sua constituição, do número total de sílabas componentes da palavra e da forma de realização.
- 6) Foi mais longa na elocução de P, na modalidade informativa, em *inútil* (apenas 17 milésimos de segundo) e na modalidade interrogativa, em *inútil* e *binóculo*.
- 7) Exceptuando *afadigada* e *pacatíssima*.

APÊNDICE III

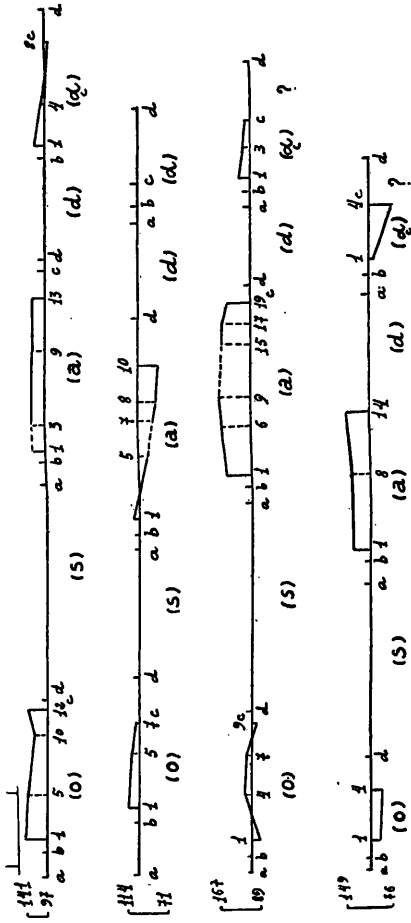
XVIII



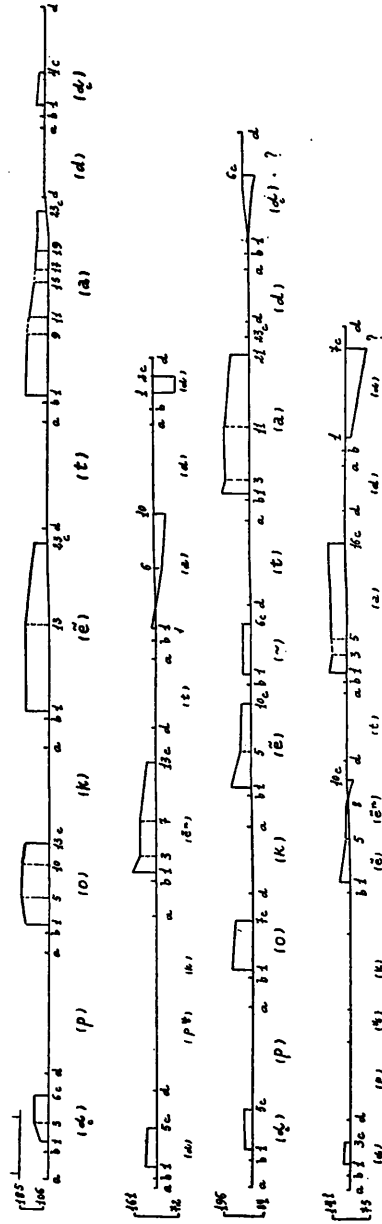
XIX



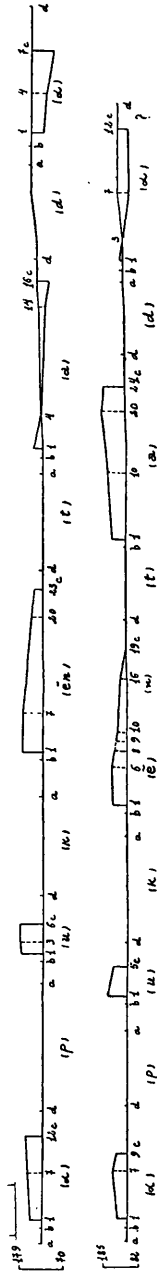
XX



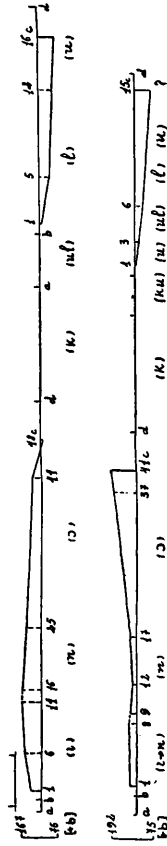
XXI



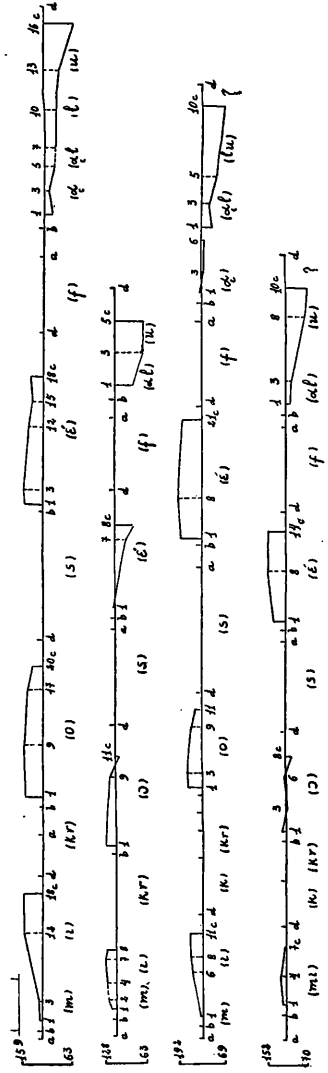
XXII



XXIII



XXIV



APÊNDICE IV

è_ruma vé_zũ pá.ι / k^a tĩpα sēt^c^a fĩluf. //

kũã_du^stá.va para mōrēq, / fαmóu uz_α tōduf, / ^a depò:ιz d^c^a

te_rolà: du^kĩ'ē_tui trĩst^c^a mēt^c^a pa_ru séu, / dũ.s^a λ^a f:

—zà: nãũ tēd^c^a mǎĩ / ^a eu sēi k^a nãũ pōsu durāq mūĩtu; /

ma_zāt^c^a f d^c^a mōrēq / dezezu k^a kada ũ d^c^a vóz m^a va bufkà_rau

kāpu du m^w'ĩju / ũ vum^a séku.

—eu tābēĩ? pēgũtò.u u maĩf pākēnu — ũ azbēutū qapazĩju d^c^a

kũātru ānuf / k^a ādāva, īnosēt^c^a mēt^c^a, / α brĩkã_rau sōul kō duaz moēdaz

nũ vélu fapēu d^c^a fēultu.

—tu tābēĩ, t^c^a iāgu.

— k^uā_{du}:f fīluz voultárāũ kō uz vīm̃af, / u pái pādīu au mai_z
novítu: /

— ké_{bra}es^u vīm̃af. /

àu ουνι_{ρί}stīu, / u mī'údu pāqtīu u vīm̃af / sē[ī] náda λη kus_{tā}o.

— agōra pāo_t^{cu} zōu:truf, / ũ a ũ.

u pākēnu obedeseu.

— trázēi m̃af, 'tōduf, 'ōu:tru vīm̃af! tognōu u pail lōgu ka viu u pākēnu
pāqtī_{ru} ú:tt^{cu} imu sē[ī] difikulda_d^ualgūma. /

k^uā_{du}uz ṙapā_z zapa_{re}se_{rā}ũ d^{cu}u nóvu, / ēfeifōu uf set^{cu}
vīm̃af soultuf / atāduuf kō ũ fī'u. //

— tōm_a est^{cu}u feif̃af, pāulu. / pāqt^{cu}u u! oodenou u pái au filu mai_z
vēlu — u ōmē mai_z valet^{cu}u da fregazīa.

vēdu ka za λη du'l'āũ az māũz d^u tātū s^uffoqsāo puo pāqtī_{ru}
féif̃af, / akresētou: /

— nāũ fòst^ε κ kapáf! | u ó_{su} ε dúru dκ q̄oeq!... ||

— nāũ sκpòq, nāũ fūi, | κ za mκ dō^ε az māũf, q̄espōdēu u mōsu. ||

todu zu zōutrusf tētārāũ κ vāũ.

— sκ fōsēi mīul vīmκ zκ vez dκ set^ε κ, | pī^oq sκqíα, κsklamōu u

pāl. | κεq sēzāũ vīmκ zou korasōĩf, | lēbrāi vuf, | sēprκ, | κ α unīāũ

fa_{za} fōqsa. | sκstivēq^ε κf sē_{prκ}unīduf | nīgēi vuf farā mā uł.

au akabāq d^ε κ dize_rĩftu, | mōqeu. || fīei_{zau} bō kōsēlu patēqnu, |

ate au fī da vīda, | fōrāũ sēprκ felīzκ zκ fōq^ε κf komu lāōĩf | uf

sē t^ε κ iqmāũz dēfīa κftōria.

NOTAS E CITAÇÕES

¹ As diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal constam há muito do programa do ensino secundário brasileiro. Houve mesmo uma época em que se pretendeu «proclamar a independência da *língua brasileira*» (!). Seria ocioso recordar a fragilidade linguística dos argumentos (?) invocados pelos defensores de causa tão ingrata. Tiveram, porém, o mérito de fornecer oportunidade a estudiosos dos dois países de repor as coisas nos seus lugares. Vejam-se, entre outros:

Amadeu Amaral, *O dialecto Caipira*, Casa Edit. «O Livro», São Paulo, 1920, (2.^a ed. Anhembi, São Paulo, 1955).

Clóvis Monteiro, *Português da Europa e Português da América*, Livraria J. Leite, Rio, 1931.

Manuel de Paiva Boléo, *Português europeu e português do Brasil*, sep. de *Biblos*, Coimbra Edit., Coimbra, 1933.

— *Brasileirismos*, sep. de *Brasília*, Coimbra Edit., L.da, Coimbra, 1943.

Renato Mendonça, *O Português do Brasil*, Civilização Brasileira, Rio, 1936.

Cândido Jucá (filho), *O Português de Portugal e o do Brasil*, Livraria Civilização, Rio, 1937.

— *A Pronúncia Brasileira*, Coedit. Brasília, Rio, 1939.

Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, Departamento de Cultura, São Paulo, 1938.

José Pedro Machado, *O Português do Brasil*, Coimbra Edit., L.da, Coimbra, 1943.

Antenor Nascentes, *O Idioma Nacional*, 5 vol., 3.^a ed., Rio, 1942.

— *O Linguajar Carioca*, 2.^a ed., O. Simões, Rio, 1953 (a 1.^a ed. é de 1922).

Gladstone Chaves de Melo, *A língua do Brasil*, Livraria Agir Edit., Rio, 1946.

Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, Instituto Nacional do Livro, Rio, 1950.

² «Nas sessões de plenário foi discutido um Anteprojeto apresentado para facilitação dos trabalhos, pelo Departamento de Cultura. Nesse Anteprojeto vinha proposta a pronúncia carioca como língua-padrão a ser usada no teatro, na declamação e no canto eruditos do Brasil. Discutida no dia 8 essa proposta, e depois de audiência de vários Congressistas de diversos Estados da Federação, foi ela unânime aprovada, o que provocou uma salva de palmas dos Congressistas e numerosa assistência». *Normas para boa pronúncia da Língua Nacional no canto erudito*, Introdução, *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*, Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, São Paulo, 1938, p. 51.

São os seguintes os *consideranda* referidos:

a) — considerando que a irregularidade de pronúncia duma língua afeta perigosamente as artes do dizer e do canto;

b) — considerando que o estabelecimento e fixação duma língua-padrão virá pôr um termo à anormalidade de pronúncia que atualmente se verifica no teatro, na declamação e no canto da língua nacional;

c) — considerando que a fixação dessa língua-padrão é um elemento civilizador e um processo de cultura;

d) — considerando que a fixação dessa língua-padrão será mais um fator patriótico de unidade nacional;

e) — considerando que dentro das pronúncias regionais do Brasil faz-se mister escolher uma que apresente ao mesmo tempo as melhores credenciais nacionais, filológicas e artísticas;

f) — considerando que a pronúncia «carioca» do Distrito Federal apresenta-se como a mais evolucionada dentre as pronúncias regionais do Brasil;

g) — considerando ser ela a mais rápida e consequentemente a mais incisiva de todas;

h) — considerando ser ela a que mais apresenta «tonalidades próprias de bastante relêvo» no dizer do professor Renato Mendonça;

i) — considerando ser ela a de maior musicalidade na pronúncia oral, ao mesmo tempo que dá menos a impressão do «falar cantado», na observação do professor Mário Marroquim;

j) — considerando ser a pronúncia carioca a mais elegante, a mais essencialmente urbana dentre as nossas pronúncias regionais;

l) — considerando ser ela provavelmente, por ter se fixado na capital do país, um produto inconsciente, uma síntese oriunda das colaborações de todos os Brasileiros, e por isso mesmo a mais adaptável a todos êles;

m) — considerando ser ela, por ser a da capital a que os Brasileiros mais afluem, a mais fácil de ser ouvida e propagada e a que mais probabilidades tem para se generalizar» (...). (*Ob. cit.*, pp. 59-60).

3 «A pronúncia padrão que aqui propugno é a que se tem por boa entre as pessoas bem falantes que habitam no Rio de Janeiro. Nem me parece que eu devesse fazer de outro modo. Nesta grande metrópole se caldeiam todos os regionalismos, e se chega à média natural, que não é decerto aquela que os sábios realizariam nos seus gabinetes ou laboratórios». Cândido Jucá (filho), *A Pronúncia Brasileira*, Coeditora Brasília, Rio de Janeiro, 1939, p. 12.

4 «A pronúncia brasileira normal é a do Rio de Janeiro, a capital do país.

Nem sempre as capitais dos países são os lugares onde melhor se fala a língua; o francês da Turena, por exemplo, é superior ao de Paris.

Mas causas históricas concorreram para que em nosso país a capital fosse o lugar onde melhor se falasse.

(...) Do mesmo modo opinam João Ribeiro e Floriano de Brito.

Em matéria de ortoepia «é considerada de bom uso» a da capital do país (*Gramática Portuguesa*, 21.^a edição, pg. 12).

«Quer pela situação política e social, quer pela própria cultura, a capital da República está indubitavelmente indicada para fornecer o padrão ortoépico normal, nas hipóteses de grandes e sensíveis divergências prosódicas» (Parecer apresentado em 15 de Julho de 1916, na qualidade de relator da comissão de instrução pública da Câmara dos Deputados).

Cfr. Aut. cit., *O Idioma Nacional*, Vol. II, 3.^a edição, Rio de Janeiro (data do I vol. 1930), pp. 32-33.

⁵ «Assim delimitado, portanto, o campo e o alcance do nosso estudo com restringi-lo em princípio à variedade coloquial tensa [na p. 58 «norma culta espontânea»] do Rio de Janeiro, podemos iniciá-lo, partindo do exame do acento tônico».

V.: J. Mattoso Câmara Jr., *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, Organização Simões, Rio de Janeiro, 1953, pp. 58-59.

⁶ «O Brasil, depois de conseguir uma perfeita coesão sob todos os aspectos das suas populações, precisa de assentar nisto, para organizar e estabilizar a sua situação linguística interna, de maneira que a centralização da linguagem carioca se torne um facto (directa ou indirectamente, não importa) sobre as vastas regiões de todo o país que tem como cabeça a cidade maravilhosa».

V.: José Pedro Machado, *O Português do Brasil*, Coimbra Editora, 1943, p. 70.

⁷ Emprega-se o termo «falar» com um sentido semelhante ao que lhe foi atribuído por Serafim da Silva Neto:

(...) «Em resumo: a língua portuguesa é falada em Portugal e no Brasil. Tanto de um lado como de outro há diferença de lugar para lugar e de classe social para classe social. Temos, portanto, os falares do português de Portugal e os falares do português do Brasil».

Cf. aut. cit., *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, Instituto Nacional do Livro, Rio, 1950, pp. 173-174.

⁸ «A pronúncia da língua portuguesa não é uniforme, nem mesmo no continente; há todavia no centro do reino, entre Coimbra e Lisboa, um padrão médio, do qual procuram aproximar-se os que sabem ler e escrever, e que tende a absorver as particularidades dialectaes, não só nesse centro, mas ainda nas cidades das demais províncias. A este dialecto comum nos referiremos em especial ao expormos o valor de cada letra, e os sons, quer vogaes, quer consoantes, e suas modificações, que são elementos dos vocábulos portugueses».

A. R. Gonçalves Vianna, *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, p. 43.

⁹ (...) «procura (êste livro) ser uma obra de divulgação que se dirige a todo o público, tentando tornar-se acessível a todos quantos, apenas providos de sumária cultura lingüística, tenham curiosidade ou necessidade de conhecer a pronúncia normal da língua portuguesa que, por consenso quasi unânime, se reputa ser a da região central do país, tal como a traduz a elocução média das pessoas cultas do meio académico coimbrão». Cf. Oliveira Guimarães, *Fonética Portuguesa*, Coimbra, 1927, p. 6.

«Por ortologia portuguesa entendemos a pronúncia que pode considerar-se normal e correcta da língua portuguesa». Idem, *ibidem*, p. 31.

O Autor referido, depois de ter aludido ao critério regional e ao que denominou *intrínseco* — um critério «que consiga apurar qual dos falares regionais se destaca pela maior harmonia, clareza e sonoridade da expressão, pelo mais gracioso ritmo, pela mais dúctil entoação da frase» (p. cit.), escreve:

«Segundo Rodrigues Lobo (*Côrte na Aldeia*, ed. 1619, diál. oitavo, 72), a pronúncia correcta, normal, típica da língua portuguesa, é um ideal de que podem e devem aproximar-se os que constituem o escol da nacionalidade. Êsse escol não pode ser hoje constituído pela cortesia de outros eras, porque desapareceu; mas substitui-a, na era democrática em que vivemos, o núcleo da população portuguesa que pela cultura e educação

não só possui os conhecimentos necessários para fixar uma modalidade fonética do idioma mais conforme com a tradição culta da elocução, como ainda pelo trato polido da conversação e gosto pelas manifestações artísticas da palavra, é a portadora daquele senso da eufonia, que instintivamente ama a clareza e a sonoridade da dicção, e sabe descobrir os ritmos suaves e as entoações melódicas que o génio da língua comporta.

Esta elite, que a escola tem profusamente difundido, encontra-se espalhada por toda a parte, mas só por inexplicável anomalia deixaria de ter a sua mais genuína representação na cultíssima sociedade académica coimbrã.

Instalada no centro do país, onde o falar, por alheio às aberrações fonéticas da periferia, mais ou menos contaminadas de influências estranhas, é já de si claro, melodioso e pouco vário; herdeira de uma tradição de cultura humanística plurisecular e constituída por elementos vindos das camadas já seleccionadas de todos os recantos do país e portanto em condições de operar, pela eliminação dos regionalismos, a síntese dos elementos comuns da língua pátria: essa sociedade parece ter jus a ser reputada como a natural geradora duma modalidade fonética do idioma nacional, digna de ser considerada normal e típica». Aut. cit., *ob. cit.*, pp. 32-33.

10 «Convém não esquecer que a idéia de língua, mesmo quando esta se apresenta de forma tão homogénea como sucede no território português, é sempre vaga, visto não passar de uma abstracção do nosso espírito. Rigorosamente falando, não existe uma *língua* portuguesa, francesa ou inglesa, como não há uma *raça* latina, germânica ou eslava. O que há é dialectos, falares ou linguagens diversas dentro da mesma comunidade lingüística: o dialecto ou falar de tal ou tal região, a linguagem do povo, das classes ilustradas, da conversação, dos discursos, etc., e é abstraindo dêsses particularismos que chegamos à noção geral de «língua».

Para nos convenceremos de que assim é, basta pensarmos na dificuldade que tem havido em estabelecer o padrão ortoépico: pretendem uns que a pronúncia normal portuguesa (aquilo a que o vulgo chama o «falar melhor») seja a de Lisboa, em virtude do seu prestígio de capital do País: é o caso de Gonçalves Viana, que, tanto no seu *Essai de Phonétique* (1.^a ed. 1883; 2.^a ed., 1941) como no *Portugais* (Lipsia, 1903), adoptou como norma a pronúncia de Lisboa; querem outros que seja a de Coimbra (1)». M. Paiva Boléo, *Brasileirismos*, Coimbra, 1943, pp. 10-11.

Na nota (1) faz um exame da questão. Discorda da atitude de João da Silva Correia que, «em artigo um pouco hesitante, *O problema da norma ortoépica na língua portuguesa* (sep. de *Biblos*, 1933, vol. IX), procura, de certa maneira, conciliar as duas opiniões (...)», opõe argumentos às considerações de José Pedro Machado favoráveis à adopção da pronúncia lisboeta, e, depois de fazer ressaltar as dificuldades do problema, considerando alguns dos seus aspectos, diz:

(...) «Por outro lado, é incontestável que numa grande parte do País existe a consciência (muito importante para o filólogo) de que a «melhor» pronúncia do País é a de Coimbra. Tive ocasião de o verificar nas terras da Beira Baixa, por onde andei a fazer colheitas dialectais. Em resposta à minha pergunta: «Qual é a terra do País onde se fala melhor?» respondiam-me sempre: «Coimbra». E acrescentavam, por vezes: — «Depois é a Guarda». Da primeira falavam, principalmente, por ouvir dizer; da segunda, em parte, por já lá terem estado e não conhecerem outras cidades que pudessem servir de confronto. Apesar de Lisboa ser muito mais conhecida que Coimbra, nunca me responderam: Lisboa. E consta-me que no distrito do Porto se pensa como na Beira.

Essa «consciência» a que me refiro existe também nas outras regiões de Portugal? Eis um inquérito que ainda não foi feito e valeria a pena realizar.

Não tenho quaisquer preferências pela pronúncia de Coimbra ou pela de Lisboa, visto não ser natural de nenhuma dessas cidades; procuro apenas observar a realidade lingüística. Ora no estado actual dos nossos conhecimentos, se é legítimo defender, como norma ortoépica, a pronúncia da capital, por motivos de ordem política e social, não o é menos defender a de Coimbra, por motivos sobretudo lingüísticos.

Todos os que conhecem a pronúncia de Coimbra põem em relêvo a quasi ausência de sotaque e o tom agradável da dicção, mesmo no povo. João da Silva Correia (artigo citado, pág. 20) viu-se obrigado a reconhecer que é em Coimbra, e não em Lisboa, «que é menor a distância entre a dicção do vulgo analfabeto e a das pessoas letradas». Cf. M. Paiva Boléo, *ob. cit.*, p. 12 (nota).

11 «A pronúncia [hoje acrescentaríamos: e a dicção] emprego de certos vocábulos ou conjuntos vocabulares revelam o *falar* de determinada colectividade lingüística».

V. A.: Lacerda, *Características da Entoação Portuguesa*, II vol. Coimbra Editora, 1947, p. 304.

12 «Foi procurando solucionar esse problema [vantagens em ser fixada uma prosódia literária da língua, a qual será adotada no teatro, escolas de canto e de declamação, e ensinada nas escolas públicas do país] que apresentei o presente trabalho, organizado em parte com apontamentos que obtive — faz já alguns anos — numa estreita colaboração com o saudoso filólogo e poliglota Dr. John W. Goetz.

Depois de lhe haver obtido a plena aprovação «com vivos louvores» do referido Congresso, confesso que não quis deixar de ponderar as ligeiras objecções que apresentou o meu erudito companheiro e ilustre linguista Carlos Domingues. Por isso confiei-o ao meu não menos ilustre Colega Osvaldo Serpa, que em fevereiro de 1937 fez em Londres, no Laboratório Experimental dirigido pelo célebre Daniel Jones, uma completa revisão do meu trabalho, controlado pela notável técnica de Miss Eileen M. Evans, B. A..

Depois disso, tive confirmação de muitas das minhas observações e também fui obrigado a corrigir algumas conclusões». Cf. aut. cit., *A Pronúncia Brasileira*, Coeditora Brasília, Rio, 1939, p. 11

Também a Discoteca Pública do Departamento de Cultura de São Paulo realizou gravações, em disco, de um texto-padrão organizado por Manuel Bandeira com o auxílio de Antenor Nascentes visando à «organização de um material que servisse para o estudo das pronúncias regionais brasileiras». Os registos foram ouvidos na sessão lingüística de 12 de Julho de 1937 do I Congresso da Língua Nacional Cantada (V.: *Anais*, pág. 30) e de sua elaboração ocupam-se os *Anais* nas páginas 181-186. Cremos, contudo, que até hoje não foram utilizados para estudos fonéticos nem mesmo auditivos. Podem ainda mencionar-se a comunicação de E. Roquette Pinto ao citado Congresso (*Anais*, págs. 697-709) e os quimogramas e palatogramas publicados por J. Mattoso Câmara Jr. em *Princípios de Linguística Geral*, 2.^a ed., Liv. Académica, Rio, 1954. Diz o primeiro: «As minhas pesquisas estão ainda em andamento. Nesta nota prévia, desejo apenas levar ao Congresso de S. Paulo a notícia de tais investigações, que são realmente interessantes». Mas não voltou, que saibamos, a publicar sobre o assunto. M. Câmara limita-se a uma breve notícia sobre os estudos fonéticos em geral. Utiliza os gráficos para exemplificar e não pretende tirar conclusões sobre uma língua determinada que ficariam deslocadas numa obra de Linguística Geral. Está em situação análoga *A Fonofotografia e a Fonética*, de J. Lellis Cardoso (*Anais*, págs. 511-550).

13 Cons. *Anais...* ob. cit. anteriormente, pp. 15, 24, 26, 27, 28, 189, 330 e *passim*. V., também, *Boletim de Educação Primária*, ano I, N.º 4, Rio de Janeiro, 1930, p. 589.

¹⁴ Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna, *Exposição da Pronuncia Normal Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; *Portugais*, Teubner, Leipzig, 1903; *Essai de Phonétique et de phonologie de la langue portugaise* (d'après le dialecte actuel de Lisbonne), 2.^a ed. Bole-
tim de Filologia, Tomo VII, fasc. 2 (1941).

¹⁵ Rodrigo de Sá Nogueira, *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa* Lisboa, 1938.

¹⁶ Mencionam-se: A. de Lacerda e F. M. Rogers, *Sons dependentes da Fricativa Palatal Áfona, em Português*, Coimbra, 1939.

A. de Lacerda e M. J. Canellada, *Comportamientos Tonaes Vocálicos en Español y Portugués*, Madrid, 1945.

A. de Lacerda, *Análise de Expressões Sonoras da Compreensão*, Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra, 1950.

¹⁷ No concernente ao Português cumpre assinalar o trabalho de J. Mattoso Câmara Jr., citado na nota 5.

¹⁸ Como a *palavra* oferece, quase sempre, um tríptico aspecto, impressivo-representativo-expressivo, só em casos especiais ou por abstracção se dissocia um dos três aspectos do conjunto por eles constituído. Esses três aspectos denominam-se: Apresentação, Representação e Expressão. A apresentação, como a consideramos, reduz-se a impressão, e no domínio verbal, impressão é a acção dum som ou duma associação de sons, simplesmente como som. A impressão apenas pode sugerir. A representação é a acção do som como vocábulo. A representação traduz segundo um código, o código vocabular. A expressão é a acção da representação, é a representação actuante. A expressão traduz segundo um código, o código expressivo. O tríptico aspecto da palavra, resulta: 1 — Do que se apresenta; 2 — Do que é representado; 3 — Da representação actuante.

Cons. A. de Lacerda, *Características da Entoação Portuguesa*, Coimbra Editora, 1941, p. 149.

«Se a composição fónica actua como simples objecto sonoro-articulatório, faz-se sentir, apenas, a apresentação».

Conf. aut. cit., *ob. cit.*, II Vol. (1947), p. 22.

¹⁹ «La connaissance des facteurs du conditionnement de n'importe quel genre d'élocution — mémorisée, interprétative ou spontanée — implique la réponse aux questions suivantes: Qui parle?, De quoi parle-t-on?, À qui parle-t-on?, Pourquoi (ou Pour quoi) parle-t-on?, Où parle-t-on?».

Cons. A. de Lacerda, *Facteurs de la Variation Élocutive*, Revista do Lab. de Fon. Experimental (da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Vol. I, 1952.

²⁰ Informações sobre N. R.: Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1927 onde viveu até aos 27 anos de idade. Em Setembro de 1954 veio para Portugal onde permaneceu até Fins de Janeiro de 1955. No Brasil efectuou breves viagens que nunca excederam a duração de uma semana.

A nacionalidade italiana de seus pais não exerceu qualquer influência sensível sobre a sua pronúncia ou sobre a sua dicção, por várias circunstâncias, entre as quais a de seus pais falarem sempre em bom português do Brasil.

Auto-apreciação: fala como qualquer bom locutor de nível universitário do Rio de Janeiro. Nunca lhe notaram nem sentiu nenhuma característica acústica irregular.

Informações sobre A. L.: Nasceu na cidade do Porto em 1902 onde viveu até à idade de 26 anos. Breves temporadas em Lamego (Douro) ou numa aldeia próxima desta cidade. Visitou vários países da Europa, viveu na Alemanha (Hamburgo e Bonn) durante cerca de 3 anos, regressou depois ao Porto onde esteve mais um ano, passando, então, a viver em Coimbra onde se encontra há 17 anos e donde se afastou apenas para breves viagens ou estadias em diversos distritos do país. Em 1950-1951 esteve durante cinco meses em Madison-Wisconsin (U.S.A.).

Auto-apreciação: fala como qualquer bom locutor de nível universitário, a não ser na fala muito descuidada em que apresenta, por vezes, particularidades fonéticas do «falar do Porto».

Nunca lhe notaram ou sentiu qualquer característica acústica irregular.

21 «Cada instrumento apresenta determinadas características especiais que o podem distinguir, em maior ou menor grau, dum outro instrumento semelhante. É o que sucede com o aparelho fonador. A actuação do aparelho fonador pode ser natural ou forçada (voz de falsete, etc.).

Considerando a actuação natural, quer seja na criança ou no adulto, do sexo masculino ou feminino, o aparelho fonador de cada locutor apresenta características acústicas que devemos chamar «características acústicas individuais».

Conforme a normalidade ou anormalidade do aparelho fonador respectivo, as características acústicas individuais serão «regulares» ou «irregulares». Por seu turno, as características individuais regulares podem ser mais ou menos distintivas» (...). V.: *ob. cit.* na nota 11, vol. II, p. 262 e vol. I, p. 89 (Coimbra, 1941). Utilize-se o índice terminológico.

22 «Particularidades fonéticas: A par das suas características acústicas um locutor apresenta: a) Particularidades fonéticas individuais; b) Particularidades fonéticas colectivas.

a) Particularidades fonéticas individuais: Se um locutor pronuncia (ou diz) (realiza) este ou aquele fonema, ou vários fonemas, este ou aquele agrupamento fónico, ou vários agrupamentos fónicos, duma maneira especial, correcta ou incorrecta, notamos a peculiaridade ou peculiaridades, como particularidades fonéticas individuais (de pronúncia ou de dicção)».

Cf. A. Lacerda, I Vol. da *ob. cit.* na nota 11, pp. 106-107. Cons. I e II vols. da mesma obra utilizando o índice terminológico.

23 «A fala dum locutor pode manifestar particularidades fonéticas locais, regionais ou dialectais (particularidades fonéticas colectivas) que a tornam mais ou menos diversa duma fala padrão».

Cf. Vol. I da *ob. cit.*, na nota 11, p. 107.

24 Uma elocução pode ser improvisada (mais ou menos espontânea), memorizada (mais ou menos recitativa), ou interpretativa (como sucede na leitura). A elocução memorizada pode ter o aspecto de recordada ou de imitativa.

V.: *Recolha, Arquivo e Análise de Falaes Regionais Portugueses*, in *Rev. do Lab. de Fon. Exp.*, vol. II, Coimbra, 1954, pp. 134-136.

25 Cons. *ob. cit.*, na nota 11, II vol., utilizando o índice terminológico.

26 V. artigo citado na nota 24, pp. 137-138.

27 O Lab. de Fon. Exp. de Coimbra faculta aos interessados a aquisição de cópias dos fonogramas arquivados.

28 Sobre processos auxiliares do exame auditivo, cons. A. Lacerda, *Características da Entoação Portuguesa*, Vol. I, Coimbra, 1944, utilizando o índice terminológico.

29 V.: A. Lacerda, *Estrutura sonora e estrutura fónica*, no artigo intitulado *Estrutura Fónica*, in Biblos, vol. xiv, Coimbra, 1938.

30 Cf. A. Lacerda, *ob. cit.*, na nota 28, vol. II, Coimbra 1947, utilizando o índice terminológico.

31 Cons. A. Lacerda, *Transcrição Indirecta de Aspectos Fonéticos Particularizantes*, in Rev. do Lab. de Fon. Exp., Vol. III, p. 155 (*Aspectos tonais*), Coimbra 1956.

32 Cons. A. Lacerda, *ob. cit.*, na nota 31, p. 149 (*Complexidade*) e *Facteurs de la Variation Élocutive*, Rev. do Lab. de Fon. Exp. da Univ. de Coimbra, vol. I, 1952, p. 93.

33 Cons. Lacerda-Rogers, *Sons dependentes da fricativa palatal áfona, em Português*, Coimbra, 1939, utilizando o respectivo índice terminológico.

34 Vol. I, Coimbra, 1952, pp. 128-129.

35 V.: *ob. cit.* na nota ant. p. 126 (*Qualidade da dicção*).

36 Sobre processos cromográficos cons.: A. Lacerda, *Die Chromographie* (*Archives Néerl. de Phon. Expér.*) vols. VII, VIII-IX, X, La Haye, 1932-1934; e G. Hammarström, *Le Chromographe et le Triangle Tonométrique de Lacerda*, Rev. do Lab. de Fon. Exp., vol. I, Coimbra, 1952.

37 Sobre *decurso tonal*, V.: *ob. cit.* na nota 31, pp. 13-14.

38 Sobre *comportamento tensional*, V. *ob. cit.* nota 31, p. 155 (*Aspectos tensionais*).

39 V.: *ob. cit.* na nota 31, p. 151 (*Simplificação da Complexidade*).

40 V.: *ob. cit.* na nota 29.

41 Cons. G. Hammarström, *ob. cit.* na nota 36.

42 Cons. A. Lacerda, *Análise de Expressões Sonoras da Compreensão*, (Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, 1950), p. 18.

43 Leia-se: *ob. cit.* na nota 31, p. 151 (*Segmentos obscuros*).

44 V.: *ob. cit.* na nota 42, p. 20.

45 Dir-se-á que o grau de diversidade entre um carioca e um português será considerado maior ou menor, nestas ou naquelas circunstâncias, conforme o aspecto examinado. O mesmo sucede com a avaliação do grau de diversidade entre o falar carioca e o português de Portugal. É, consequentemente, discutível a «impressão» de Paiva Boléo, seguidamente transcrita:

«Tenho, no entanto a impressão (porventura inexacta, visto nunca ter estado no Brasil) de que elas [diferenças mais ou menos importantes] são menores do que vulgarmente se julga. Já por mais duma vez tive ocasião e o prazer de conversar na União Bra-

sileira, de Hamburgo, com naturais do Brasil. Trata-se, é certo, de pessoas que pertencem à chamada «classe ilustrada», mas nem por isso deixam de ter a pronúncia brasileira característica e de empregar de vez em quando termos com sentido diferente do usado em Portugal. E a verdade é que eles compreendem, logo de início, e sem dificuldade, os portugueses, não obstante o mau hábito que estes têm (já censurado por Lopes Vieira) de pronunciarem com demasiado desleixo e não raro de forma imperceptível as sílabas átonas.

Observe-se o que o citado Professor diz, depois, a respeito de «sotaque»:

«A realidade (contra a qual não valem argumentos sentimentais) é que o português e o brasileiro, quando se encontram, mórmente no estrangeiro, têm a sensação nítida de que são irmãos, não só pela identidade de temperamento, de alma, de mentalidade, de gostos, de qualidades e até de defeitos, mas ainda pela identidade de língua. Com o decorrer da conversa quase se chega a esquecer o sotaque, como sucede, por ex.: quando um minhoto fala durante alguns minutos com um alentejano».

Manuel de Paiva Boléo, *Português europeu e português do Brasil*, sep. de Biblos, Coimbra Edit., L.da, Coimbra, 1933, p. 9 (Nota 2).

ARMANDO DE LACERDA e NELSON ROSSI

ORDENAÇÃO DOS ASSUNTOS

	Págs.
I) PRELIMINARES	5
II) LOCUTORES E MATERIAL ELOCUCIONAL	8
III) APRECIACÃO SUBJECTIVA	13
Processos auxiliares utilizados	»
Aspectos (fonéticos) considerados.....	»
Observações efectuadas	»
IV) ANÁLISE DE ELOCUÇÕES	15
V) APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE	17
Monossílabos.....	»
Emissões I $\begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix}$ — Pê. I $\begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix}$ — Pê?	»
» II $\begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix}$ — Pé. II $\begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix}$ — Pé?	18
» III $\begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix}$ — Pá. III $\begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix}$ — Pá?	19
» IV $\begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix}$ — Tu. IV $\begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix}$ — Tu?	21
» V $\begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix}$ — Xô. V $\begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix}$ — Xô?	22
» VI $\begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix}$ — Pó. VI $\begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix}$ — Pó?	23

	Págs.
Confronto dos Resultados	25
Polissílabos	26
a) Palavras Agudas	»
1) Com uma pretónica	»
Emissões VII $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Agá. VII $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Agá?	»
2) Com duas pretónicas	28
Emissões VIII $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Amará. VIII $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Amará?	»
3) Com três pretónicas	30
Emissões IX $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Acatará. IX $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Acatará?	»
Confronto dos Resultados	33
Dissílabos agudos.....	»
Trissílabos »	34
Tetrassílabos »	36
b) Palavras Graves	37
1) Sem pretónica	»
Emissões X $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Cola. X $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Cola?	»
2) Com uma pretónica	39
Emissões XI $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Inútil. XI $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Inútil?	»
3) Com duas pretónicas	42
Emissões XII $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Papelada. XII $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Papelada?	»
4) Com três pretónicas	44
Emissões XIII $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Afadigada. XIII $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Afadigada?	»
Confronto dos Resultados	48
Dissílabos graves	»
Trissílabos »	49
Tetrassílabos »	50
c) Palavras Esdrúxulas	53
1) Sem pretónica	»
Emissões XIV $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Dádiva. XIV $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Dádiva?	»
2) Com uma pretónica	55
Emissões XV $\left \begin{smallmatrix} 1 \\ 2 \end{smallmatrix} \right $ — Binóculo. XV $\left \begin{smallmatrix} 3 \\ 4 \end{smallmatrix} \right $ — Binóculo?	»

AMERICAN «MOLAR» R AND «FLAPPED» T

This article presents some experimental evidence about the articulation of varieties of /r/ and /t/ in the speech of one American, and observations on their distribution (1).

The method of direct palatography used consists in an arrangement of mirrors such that the roof of the mouth can conveniently be photographed after a «wipe-off» has been made by articulation on a mixture of charcoal and chocolate powder previously sprayed on. It is obvious that more delicate and reliable impressions can be made in this way than by any method involving the use of an artificial palate, however thin and well-fitting. Articulations farther back on the soft palate than an artificial palate can comfortably reach are also obtainable by this method, and the trouble and expense of making false palates is obviated (2).

The difficulty of drawing valid general conclusions from experimental results each referring to one speaker and one particular utterance I have tried to overcome by making several hundred palatograms over a period of nearly a year, and choosing typical examples for presentation. The «one speaker» disadvantage remains; I can only say on this point that I have no reason to believe that there is anything peculiar about my r's and t's. I present here two palatograms from a student brought up in California which show articulations similar to mine.

«Molar» r, for which I have seen the term «velar» r, is articulated by contracting the tongue in a fore-and-aft direction and bunching it up toward the upper back molars. The tip draws back and retreats into the body of the tongue, which presents an almost vertical surface toward the front of the mouth. Some sideways pressure is exerted by the sides of the tongue against the upper molars. When unvoiced this r resembles [x].

(1) The speaker was brought up and went to school in Nebraska until age 17; university in New York City; last 19 years outside the United States except for two visits there.

(2) The apparatus was devised by Mr. J. Anthony of the Phonetics department laboratory at the University of Edinburgh. It is described in detail in an article by him in *Science Technologists Association Bulletin*, Oct.-Nov. 1954, pp. 2-5.

The vocalic sound produced by this articulation is almost indistinguishable from that produced in the classic «retroflex» position with the tip of the tongue raised to a position behind the teeth ridge and the front of the tongue held concave to the palate. The two sounds can be heard to be slightly different when presented alternately, but no phonetician of my acquaintance can say with certainty which articulation is being used when one of the two is presented singly. Without wishing to give aid and comfort to those who believe that tongue position has little to do with vowel-quality, one must admit that this is a striking case of very different articulations giving rise to very similar sounds.

Spectrograms show that the two articulations produce sounds similar in acoustic structure up to about 2500~; sections show that the molar r has an additional weak formant at about 4200~ which is very weakly represented or not at all in the tongue-tip retroflex vowel.

I long thought that the molar r was used only as a syllabic, as in «fur». I have now been observing this feature of my speech for some time and find that it also occurs as a non-syllabic, as in «fry», and that in fact in this semi-vowel function, particularly in consonant groups, it is rather commoner than the tongue-tip type.

The distribution of the two articulations in my speech is as follows:

Molar r:

syllabic, stressed and unstressed: *fur*, *Perth*, *furrow*, *hopper*

non-syllabic after a stressed vowel: *par*, *hair*, *harp*, *garb*,
forth, *wharf*, *carve*, *part*, *hard*, *course*, *wars*, *Carl*, *corn*, *harsh*,
park, *argue*

Tongue-tip r:

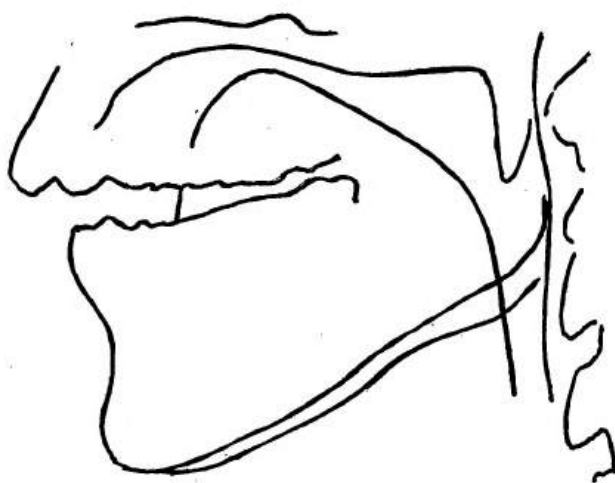
never syllabic

non-syllabic, alone, initial in a breath-group: *rap*

non-syllabic in releasing groups with, s, f, t, d: *shrub*, *trap*.,
drop, *spry*, *strap*, *scrub*

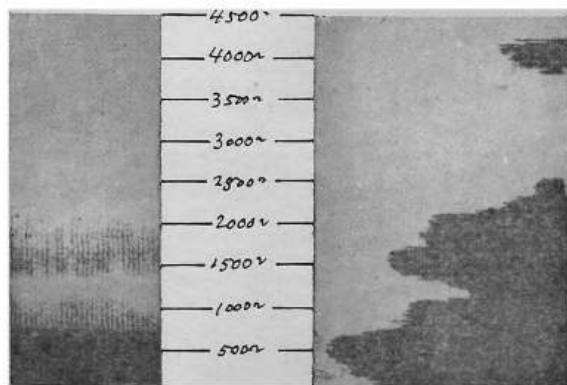
Free variation, tip r the more usual:

non-syllabic after a syllable ending in a consonant: *upright*,
Henry, *every*, *mushroom*, *all right*, *buckram*

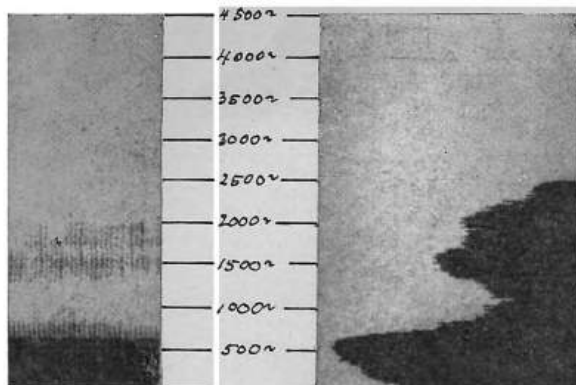


Tracing from X-ray photograph of molar r.

(Made with the kind cooperation of the staff of the X-ray department of the Sick Children's Hospital, Edinburgh).



molar r



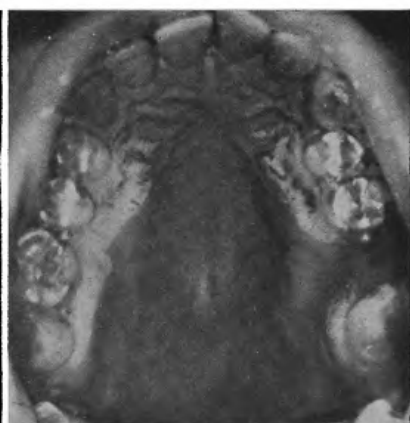
tongue-tip r



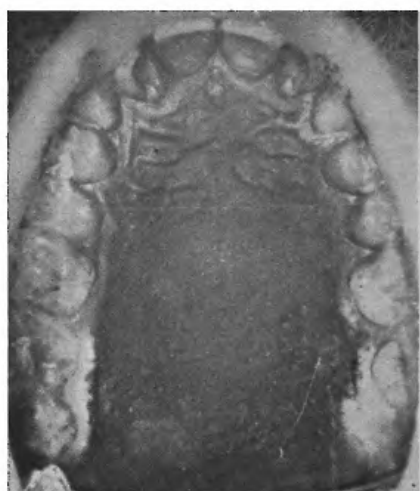
[x]



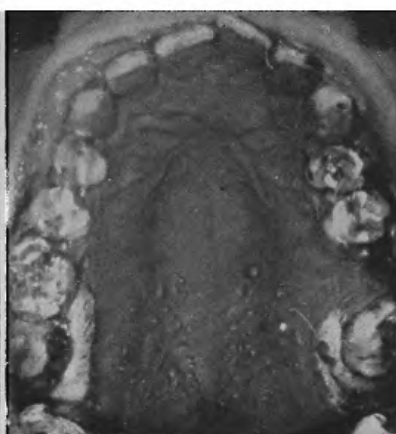
«fur»; molar r



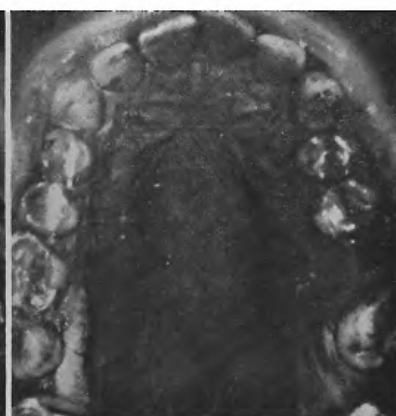
«fur»; tongue-tip r



«fur» C. M. H.



«Perth»



«furnow»



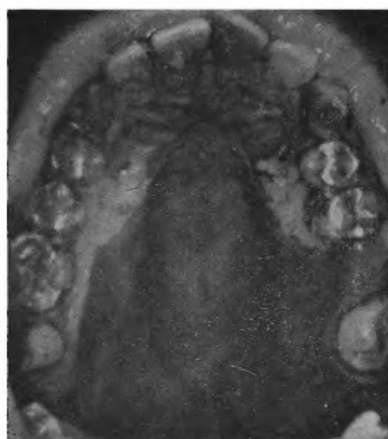
«hopper»



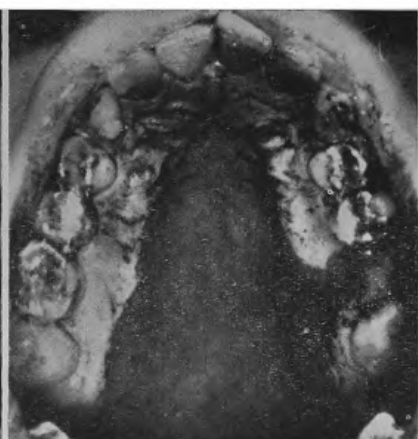
«par»



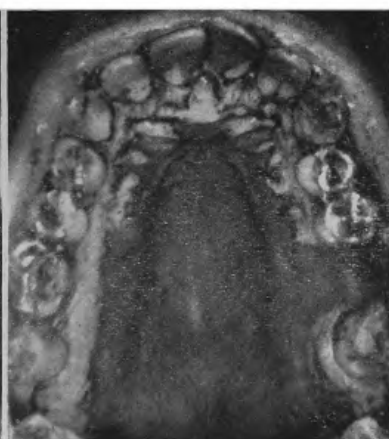
«pearl»



«rap»



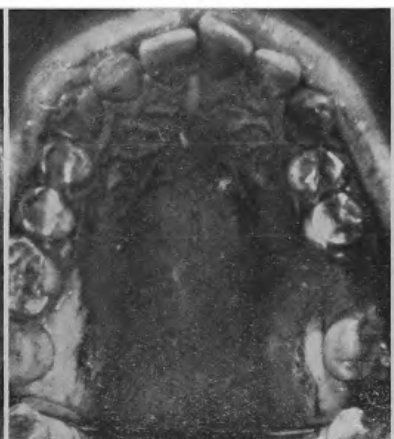
«shrub»



«drop»



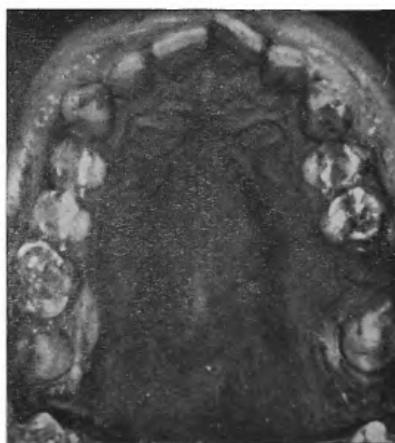
«sprit»



«Frome»; molar r



«Frome»; tongue-tip r



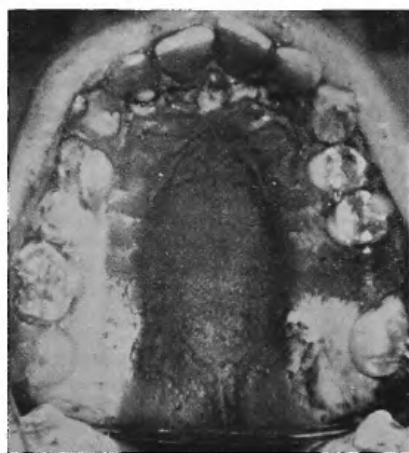
«throb»



«arrive»



«Arab»



«putty»



«putty» C. M. H.



«bottle»



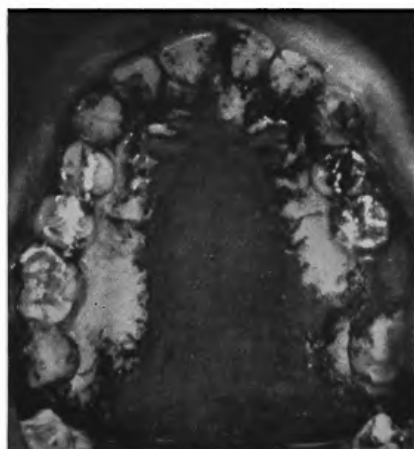
«pat»



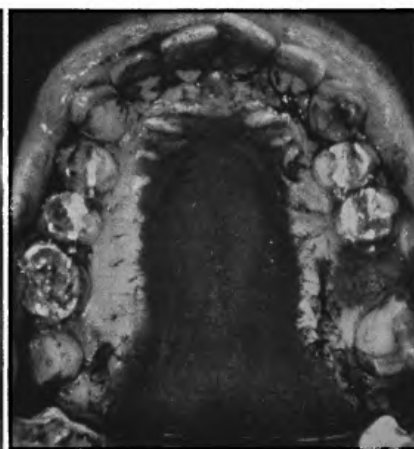
«tap»



«stab»



«eighth»



«empty»



«mashed»

Free variation, molar r the more usual:

non-syllabic in releasing groups with consonants other than those listed above: *prop, brim, fry, throb, crop, grim*

non-syllabic between vowels: *arrive, moreover, Arab*

When the sequence ə'rV- is initial in a breath-group, the tongue tip r is used after a central vowel without retroflexion; when this sequence is medial, as in «come around» or «not a red one», the ə and r are represented by a single syllabic molar r. In other non-word-final positions a syllabic molar r varies with a sequence r (of either type) + ə as in *protect, Africa*.

«Flapped t» strikes me as a suitable term for the articulation in my speech, and that of most Americans, in which t is represented not by a plosive with a «hold» and a «release» but by a flap articulation in which the tip of the tongue is flung against the teeth ridge and bounces off again, not always achieving a complete shutting off of the air stream, and having some associated friction. Voice may or may not be present; in my speech, I gather from observations of kymograph tracings and spectrograms over a long period, with this articulation voice is more usual than lack of voice. What distinguishes this articulation from a «flapped r», is the friction which accompanies it. d is distinguished from t in similar contexts in my speech by a plosive articulation with a definite «hold».

«Intervocalic» is an unsatisfactory description of the contexts in which this articulation occurs, as the difference «at all», with a flap, and «a tall man» with a plosive, illustrates. In my speech t is represented by a flap when it is not a releasing consonant in a stressed syllable and occurs

between vowels: *putty, party*

between l and a vowel: *Malta*

between vowel and syllabic l: *bottle*

final in a breath group after a vowel: *pat, part, habit*. (In this context it is without voice).

A flap occurs in *winter*, etc., when the vowel and nasal are represented by a nasalised vowel.

Plosive t's occur

releasing in stressed syllables, alone or in consonant groups:
tap, stab, trough, strap, chap, attack

arresting when another consonant follows: *eighth, pets, patch,*
Betsy, itchy, Whitney, move it back

releasing in unstressed syllables when the preceding syllable
ended in a consonant other than l: *empty, actor*

arresting, breath-group-final, after a stop: *picked, hopped*

Plosive t's with a smaller area of contact appear

releasing, with secondary stress, *foretop, washtub*

releasing, after a stressed syllable ending in a fricative:
hasty, after

arresting after a fricative: *puffed, past, mashed.*

ELIZABETH ULDALL

Phonetics Department
Edinburgh University

(CONTINUADO DO VOL. III)

(4) * «vinte a um» por «vinte e um».

┌ $\tilde{i}$ $\overset{'}{p}\tilde{u}\overset{'}{t}\overset{'}{u}f$ / *Pintos* / 96; ┌ $\tilde{i}:$ $\overset{'}{p}\tilde{u}:\overset{'}{t}\overset{'}{u}f$ / *Pintos* / 96;
 $\underset{<}{\tilde{i}}$ $\underset{<}{p}\underset{<}{t}\underset{<}{u}\underset{<}{f}$ $\underset{<}{\tilde{i}}:$ $\underset{<}{p}\underset{<}{u}:\underset{<}{t}\underset{<}{u}\underset{<}{f}$

Antecedendo (d):

┌ $\tilde{i}$ $\overset{'}{z}\tilde{u}\overset{'}{d}\overset{'}{v}$ / — (vamos) *indo!* / 78; ┌ $\tilde{i}(n)$ $\overset{'}{i}\tilde{(n)}\overset{'}{d}a$ / — (a) *inda* — / 78;
 $\underset{I}{\tilde{i}}$ $\overset{O_2}{z}\overset{I*}{u}\overset{I}{d}\overset{I}{v}$
┌ $\tilde{i}$ $\overset{I}{s}\overset{I*}{u}\tilde{b}\overset{I}{i}\overset{I}{d}u$ / — *subindo* / 119; ┌ $\tilde{i}$ $\overset{I}{l}\tilde{u}\overset{I}{d}a$ / — *linda* / 129;
 $\underset{T}{\tilde{i}}$ $\underset{<}{s}\underset{<}{u}\underset{<}{b}\underset{<}{i}\underset{<}{d}\underset{<}{u}$

Antecedendo (k):

┌ $\tilde{i}$ $\overset{I}{s}\tilde{i}\overset{I*}{k}$ / — *cinco (laranjas.)* / 63; 92; 99; ┌ $\tilde{i}$ $\overset{I}{s}\tilde{i}\overset{I*}{k}u$ / *cinco* — / 84;
┌ $\tilde{i}$ $\overset{I}{s}\tilde{i}\overset{I*}{k}u$ / — *cinco* / 99; ┌ $\tilde{i}$ $\overset{I}{s}\tilde{i}\overset{I*}{k}u\overset{I}{k}\overset{I}{a}\overset{I}{r}\overset{I}{a}\overset{I}{c}\overset{I}{o}\overset{I}{i}\overset{I}{s}$ / *cinco caracóis* / 92; 100;
 $\overset{2}{s}\tilde{i}\tilde{k}u\overset{2}{f}\overset{2}{k}u\overset{2}{d}u\overset{2}{f}$ / — *cinco escudos* / 96;
 $\underset{<}{s}\underset{<}{i}\underset{<}{k}\underset{<}{u}\underset{<}{f}\underset{<}{k}\underset{<}{u}\underset{<}{d}\underset{<}{u}\underset{<}{f}$

Antecedendo (g):

┌ $\tilde{i}(\eta)$ $\overset{I}{d}\overset{I*}{u}\tilde{m}\overset{I}{i}(\eta)\overset{I}{g}u$ / — *Domingo* / 92; 84; ┌ $\tilde{i}$ $\overset{I}{d}\overset{I*}{u}\tilde{m}\overset{I}{i}\overset{I*}{g}u$ / — *Domingo* /
/ 127; 62; 82;
 $\underset{<}{\tilde{i}(\eta)}$ $\underset{<}{d}\underset{<}{u}\underset{<}{m}\underset{<}{i}(\eta)\underset{<}{g}\underset{<}{u}$

• Outros contextos:

┌ $\tilde{i}$ $\overset{I}{s}\tilde{i}$ / *Sim.* / 131; $\overset{I}{k}\tilde{i}z$ / — *quinze* — / 119;
 $\underset{<}{\tilde{i}}$ $\underset{<}{s}\underset{<}{i}$ $\underset{<}{k}\underset{<}{i}\underset{<}{z}$

(3) * Muito próximo de (n).

(4) * O som (k) foi antecedido por um breve e frouxo terminal nasal da vogal ($\tilde{i}$), resultando um efeito acústico que não se conseguiu ouvir distintamente (segmento obscuro; — V.: Lacerda, *Transcrição Indirecta de Aspectos Fonéticos Particularizantes* in *Rev. do Lab. de Fon. Exp.* Vol, III, pg. 151, 1956).

I

1 *unəgósufó* → [*ruí*] / o negócio foi ruim / 100;

I I I*

|| i vĩvãde·la'f / hoje vim vendê-las / 100; kĩz / —quinze— / 92;

I

II

■ $\tilde{t}$ $\underset{\zeta}{\text{ço}} \cdot \text{s}\tilde{t}$ / *Sou, sim* / 134; $\text{br}\tilde{\text{t}}\text{f}\underset{\text{T}}{\text{əf}}$ / *Brinches* / 115;

■ *i* / *nufi* / *No fm*— / 88; *prami* / *—p'ra mim.* / 88; ■ *si* / *Sim,* / 101;

■ $\tilde{i}$ $\tilde{z}\tilde{z}^{\alpha f}$ / *Ginjas, (não é?)* / 81; ■ $\tilde{i}$ $\tilde{z}\tilde{z}_{\alpha}^{\dot{a}f}$ / (*São*) *ginjas* / 87;

I *u:* *ʒi:ʒɑf* / — *ginjas* / 125; I *u* *se-[ʌ]sɪnɔːr* / *Sei, sim*
senhor. / 102;

VOGAL ÁTONA ($\tilde{l}$)—VARIANTES:

Antecedendo (p) :

■ $\tilde{v}$ $\tilde{l}\tilde{v}p\acute{a}:r\alpha$ / , *limpar* / 59; ■ $\tilde{v}$ $\tilde{l}\tilde{v}p[u]e:z\alpha$ / *limpeza* / 89;

■ $\tilde{v}$ $\underset{\zeta}{v}l\cdot\underset{\zeta}{f}t\alpha\tilde{v}\underset{\zeta}{t}r\alpha s\cdot\tilde{\alpha}:t$ / — *vista interessante* / 131;

(2)* A consoante final manifestou pequeno grau de vozeamento (conforme a simbolização indica; V.: Lacerda, *ob. cit.* anteriormente).

(3) * Possivelmente (s).

(8)* Observe-se que a esta vogal nasal, realizada com um acento secundário, corresponde no respectivo vocábulo, uma vogal átona.

Antecedendo (*k*):

┌ $\tilde{\epsilon}(\tilde{i})$ $br\tilde{\epsilon}(\tilde{i})(kav\alpha)$ / *brincava* / 60;

Antecedendo (*g*):

┌ $\tilde{i}$ $n\tilde{i}g\epsilon(\tilde{i})$ / *ninguém* / 85;

VOGAL TÓNICA ($\tilde{e}$) — VARIANTES:

Antecedendo (*p*):

┌ $\tilde{e}m$ $s\tilde{e}mpr\alpha$ / *Sempre* / 71; $\tilde{t}empu$ / *tempo* / 75; 87, 88, 118;

┌ $\tilde{e}m$ $s\tilde{e}mpr\tilde{e}me(\tilde{i})$ / *Sempre em Mértola* / 131;

┌ em $semp\alpha$ / — *sempre* — / 80; ┌ $\tilde{e}m$ $\tilde{t}empu$ / — *tempo* / 64;

┌ $\tilde{a}m$ $t\tilde{a}mp^{(2)}eruf$ / — *temperos* / 125; ┌ $\tilde{e}(m)$ $s\tilde{e}(m)pr$ / *Sempre*

(*valente!*) / 79; 79; 80; 85; ┌ $\tilde{e}^{(m)}$ $te^{(m)}pu$ / — *tempo* — / 80;

┌ $\tilde{e}^{(m)}$ $s\tilde{e}^{(m)}pr\alpha$ / *Sempre* / 141; ┌ $s\tilde{e}^{(m)}pr$ (— *sempre* —) 87;

┌ $\tilde{e}(\tilde{m})$ $s\tilde{e}(\tilde{m})pr\alpha$ / *Sempre!* / 79; ┌ $\tilde{e}$ $\tilde{t}epu$ / — *tempo* / 77; 77;

$omezmu\tilde{t}epu?$ / — *ao mesmo tempo?* / 104; 105, 106, 115; $\tilde{c}\tilde{e}pr\alpha$ / — *sem-*

(2) * Observe-se que a esta vogal nasal, realizada com um acento secundário, corresponde no respectivo vocábulo, uma vogal átona.

(7) * Segmento de difícil interpretação, possivelmente com o valor de $\tilde{e}(\tilde{m})$.

pre / 118; 119 (2), 122; $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{v\epsilon}:\overset{\circ}{\lambda}u\overset{\circ}{f}t\tilde{e}\overset{\circ}{p}u\overset{\circ}{f}!$ / *Velhos tempos!* / 131; 134;

T

I I
 | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / *sempre* / 104; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $ma\rightarrow^{(v)}\overset{\circ}{f}t\tilde{e}\overset{\circ}{p}u?$ / — *mais tempo?* /

/ 102; 121; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / *sempre* / 97; 93 (2), 131;

, , I
 | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}:\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$, $\overset{\circ}{s}\tilde{e}:\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$, $\overset{\circ}{s}\tilde{e}\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / *Sempre, sempre, sempre!* / 141;

| $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}:\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / *Sempre* / 123, 133; 134, 138, 140, 143;

| $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ $\overset{\circ}{t}\tilde{e}:\overset{\circ}{p}u$ / — *tempo* / 134; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{e}\overset{2}{\overset{\circ}{m}}\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{r}\overset{\circ}{a}$ / — *sempre em*

Moura / 126; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / — *sempre* / 86; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / *sempre, —* / 115;

| $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / *sempre* / 116; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / *Sempre* / 133;

| $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ $\overset{\circ}{t}\tilde{e}:\overset{\circ}{p}u$ / — *tempo* / 137; 138; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}:\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / — *sempre* / 138;

T

| $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ $\overset{\circ}{s}\tilde{e}:\overset{\circ}{p}r\overset{\circ}{a}$ / *Sempre.* / 137;

Antecedendo (b):

| $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}m}$ $d'\overset{\circ}{z}\tilde{e}m\overset{\circ}{b}ru$ / — *de Dezembro* / 63; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}$ $m\overset{\circ}{l}\tilde{e}\overset{\circ}{b}ru\overset{u}{\overset{\circ}{d}}is\overset{\circ}{!}$ / — *me lem-*

<T

bro disso! / 129; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ $d'z\tilde{e}:\overset{\circ}{b}ru$ / — *de Dezembro* / 139;

| $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}}:$ $ds\overset{2}{\overset{\circ}{t}}\tilde{e}:\overset{\circ}{b}ru$ / *de Setembro* / 125; | $\underset{\underset{\circ}{\epsilon}}{\tilde{e}(m)}$ $\overset{\circ}{n}\tilde{a}um\overset{\circ}{l}\tilde{e}(m)\overset{\circ}{b}ru$ / — *não*

me lembro o (que seja) / 100; 64, 87;

tro / 63; I $\tilde{e}_{\zeta}$ $na\dot{s}um\tilde{e}tu$ / nascimento / 96; $\varepsilon u k a \tilde{z} e t l f \alpha m \alpha$ /
 ζ (ζ) (ζ)

/ — é o que a gente le chama / 99; 99, 102, 107 (2), 115, 116 (2), 117,

119 (2); $\tilde{d}v\tilde{e}tu$ / — de vento / 119; 119, 121 (2), 125 (2), 131;

τ

I $\tilde{e}_{\zeta}$ $a\tilde{z}e^{t\alpha}$ / — a gente — / 99; 96 (2), 97;

* I

I $\tilde{e}_{\zeta}$ $\tilde{z}e:t$ / — gente / 98; $\tilde{d}e:tru$ ($\tilde{d}e\tilde{t}ru$) / (lá) dentro; (p'ra) dentro / 119;

*

$\tilde{v}e:tu$ / — vento, / 125; 131, 139; $a:\tilde{z}ve:z^{t\alpha}a\tilde{z}e:t$ / Às vezes a gente — / 139;

I $\tilde{e}_{\zeta}$ $k^{\alpha}v\tilde{e}tu$ / — com o vento / 90; I $\tilde{e}_{\zeta}$ $\tilde{s}e^{tu}f$ / — centos (delas) / 107;

I $\tilde{e}_{\zeta}$ $du\tilde{z}e^{tuz}$ / — duzentos (e trinta) / 88; 139;

I $\tilde{e}_{\zeta}$ $naukuf.ta\delta u\tilde{z}e:tufm\alpha \rightarrow \tilde{t}r\alpha \rightarrow (f)$ / Não custa duzentos mil reis, / 138;

I $\tilde{e}_{\zeta}$ $k\tilde{v}\alpha r\tilde{e}:ta^{t}u\tilde{s}e^{t}a:nu:f$ / Quarenta e sete anos. / 140;

(5)* É possível que a vogal tivesse dado a impressão de ser mais aberta nesta realização do vocábulo «dentro» do que na realização seguinte do mesmo vocábulo, pelo facto de ter sido mais longa e mais tensa.

(6)* Observe-se que a consoante (ʒ) manifestou nasalidade bem sensível durante a sua parte média e final.

┌ ē̃ uʃ^{*}dē̃ tʃ / os dentes / 69; kōuvē̃ tu | com o vento. / 87; 93 (2),

105, 122, 123, 124 (2), 127, 129 (3), 130, 131 (3), 134, 139 (2);

┌ ē̃ uʃkēs^oimē̃ tu | —o esquecimento / 135; ┌ ē̃ kūē̃ truf / coen-

tros / 125; ┌ ē̃ bō:kūdẽ tʃ / (—uma) boca e dentes / 126;

α̃zē̃ t / A gente — / 127; 129, 131, 133 (3), 135; zē̃ t^c dɪ:f / —gente

diz? / 141; ┌ ē̃ kōrē̃ tʃ / quarenta e — / 88; ┌ ē̃ sīkuẽ tʃ / —cin-

quenta. / 84; 135; ┌ ē̃ pē̃ samẽ tu | —pensamento / 135; 141;

┌ ē̃ frēt / —frente / 117; ┌ ē̃ a:zē̃ t | —à gente / 127; 127;

┌ ē̃ bē̃ tu | —Bento / 133; 127; 129; ┌ ē̃ muɪɲudvē̃ tu | —moi-

nho de vento / 98; tʃstamẽ tu | —testamento / 135; ┌ ē̃ zē̃ t /

| —gente — / 64; ┌ ē̃ kuarē̃ ta | —quarenta — / 87; ┌ ē̃ frē̃ tʃ /

| —frente — / 127; ┌ ē̃ vē̃ tu | —vento / 110; ē̃ tʃ / —vento / 92;

(1)* Observe-se que ocorreu *f* e não *ʒ*, seguindo-se a oclusiva *d* com um grau de tensão superior ao normal.

Antecedendo (d):

┌ ē̃(n) lē̃(n)da:f / lendas / 80; vē̃(n)da:f nōvaf / Vendas Novas / 64;

┌ ē̃ vē̃da / — venda / 96; 99, 100, 107, 118 (2), 119 (2); tē̃d3 / — ten-

des— / 85; 69, 71; ┌ ē̃ pā:gũumārē dad / pagam uma renda de— / 123;

┌ ē̃: mūrē:du / — morrendo / 90; 124, 133; 133; ┌ ē̃ amē:du'af /

/ — amêndoas, — / 121; 139; ┌ ē̃ fazē du / — fazendo / 88;

┌ ē̃: ora:f3dāmārē:da / — horas de merenda / 125; ┌ ē̃ am'rēda /

/ à merenda / 125;

Antecedendo (s):

┌ ē̃ lē̃s'u / lenço — / 87; 99, 117, 118; lē̃su,po:f3unakabe:sa / Lenço,

posto na cabeça / 124; ┌ ē̃ ũ lē̃s'u / — um lenço — / 125;

┌ ē̃ lbr ē̃s'u / Lourenço / 134; ┌ ē̃ ũ lē̃s'u / um lenço e — / 82;

┌ ē̃ tē̃a:lūsēsa / — tem a licença — / 140; ┌ ē̃ pər tē̃:so→...odonu /

/ — pertence ao...ao dono, / 125;

VOGAL ÁTONA (e) — VARIANTES:

Antecedendo (t):

- $\begin{matrix} \text{O} \searrow \\ 2 \end{matrix}$
 $\begin{matrix} \text{O} \searrow \end{matrix}$
 I $\tilde{e}$ $m\tilde{e} \text{ t}ira$ / — *mentira* / 129; $s \cdot m\tilde{e} \text{ te} \rightarrow [x]ra$ / — *sementeira* / 133;
 I $\tilde{e}$ $k\tilde{e}tupuf$ / , *quentinhos* / 88; I $\tilde{e}:$ $d\tilde{e}:\text{tadu}:\text{r}\grave{a}$ / — (a) *denta-*
dura / 133; I $\tilde{e}:$ $d\tilde{e} \text{ tad}\acute{u}:\text{r}\acute{a}$ / (Uma) *dentadura* / 133 :
 I a $at\grave{a} \cdot \tilde{e} \rightarrow$ / *então é* / 78; $at\tilde{a}\tilde{u}$ / *então —* / 81;
 I $\tilde{a}$ $d\tilde{a} \text{ tad}\acute{u}:\text{r}\acute{a}$ / (Uma) *dentadura* / 101; I $\tilde{a}$ $al\tilde{a}t\tilde{e}z\grave{a}na$ / — à *alen-*
tejana / 119; I $\tilde{e}$ $v\tilde{e}tura$ / — *ventura.* / 86; 56, 64;
 I $\tilde{e}$ $du\tilde{b}\acute{a}:\text{f}ua\tilde{l}\tilde{e} \text{ te}z\tilde{u}$ / — do *Baixo Alentejo* / 126; I $\tilde{e}n$ $afsm\tilde{e}nte:raf$ /
 / *as sementeiras —* / 84; 87; I $\tilde{e}n$ $k\grave{a}:\text{dua}\tilde{l}\tilde{e}nt\tilde{e}z\acute{a}:\text{nu}$ / — cá do *Alen-*
tejano. / 89; I $\tilde{a}n$ $\grave{a}yu\tilde{a}n\tilde{t}\tilde{a}\tilde{u}$ / — *água, então —* / 125; 64;

Antecedendo (d):

- $\begin{matrix} \text{I} \\ \text{I} \end{matrix}$
 I $\tilde{e}$ $\varepsilon:\text{a}\tilde{r}\tilde{e} \text{ da}:\text{du}$ / é *arrendado* / 99; 129; I $\tilde{e}:$ $p\tilde{e}:\text{sam}\tilde{e}:\text{tu}$ / — *pen-*
samento / 135; I $\tilde{a}$ $v\tilde{a}de:la:f$ / — *vendê-las* / 100;

$\underset{\sim}{\text{u}}$ $\underset{\sim}{n\acute{e}ju}$ / — *nenhum* / 100; 90; $\underset{\sim}{\text{u}}$ $\underset{\sim}{n\acute{o}f\acute{u}z\acute{u}z\acute{a}m\acute{n}\acute{e}ju}$ / — *não*

fiz exame nenhum / 124; | $\tilde{u}:$ $n\grave{i}p\tilde{u}:$ / nenhum. / 130;

| $\tilde{u}$ $\grave{i}za:m,n\grave{i}p\tilde{u}$ / Exame, nenhum / 133; | $\tilde{u}$ $n\grave{a}p\tilde{u}$ / nenhum / 126;

Constituindo o monossílabo «um». — Antecedendo (p) e (k):

| $\tilde{u}$ $\tilde{u}p\epsilon$ / um pé / 84; 123; $\alpha\tilde{z}\epsilon\tilde{i}k\tilde{o}p\tilde{r}a....\tilde{u}p\tilde{d}as\tilde{u}d\grave{a}k\grave{a}b\grave{d}a:t$ / A gente

compra....um pedaço de cabedal / 124; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}p\grave{e}r\acute{u}$ / um peru / 80; 96; 98;

$\tilde{e}\tilde{u}p\grave{a}:r\acute{u}$ / —, é um par / 99; 105; $\tilde{u}p\tilde{o}b\tilde{u}$ / um pombo / 121; $\tilde{u}p\tilde{o}(\tilde{m})b\tilde{u}$ / Um

pombo. / 141; | $\tilde{u}$ $\tilde{i}u\grave{p}\acute{e}$ / e um pé, — / 81; $\tilde{u}p\epsilon$ / Um pé / 123;

$\tilde{u}p\acute{e}\rightarrow\iota$ / Um pé, — / 125; 125; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}p\grave{e}r\acute{u}$ / Um peru. / 125;

| $\tilde{u}$ $\tilde{u}p\grave{a}:(tu)$ / um pato / 125; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}p\epsilon\rightarrow j$ / Um pé. / 138;

| $\tilde{u}$ $\tilde{u}p\epsilon\rightarrow\iota$ / Um pé / 78; 78; || $\tilde{u}$ $\tilde{u}k\grave{u}\acute{e}\lambda\tilde{u}$ / um coelho / 125;

| $\tilde{u}$ $\tilde{u}k\acute{o}:p\grave{u}$ / um copo / 125; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}k\acute{a}f\tilde{u}d\tilde{u}y\grave{a}:f$ / Um cacho de

(di) uvas / 123; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}k\tilde{u}r\acute{d}\acute{e}:ru$ / Um cordeiro / 125; 125;

! - $\tilde{k}a\tilde{f}u\tilde{d}u\tilde{v}a:\tilde{f}$ / *Um cacho d'uvas* / 124; ! (*) $(-)\tilde{k}\tilde{o}\tilde{b} \rightarrow ju$ /
 $\begin{matrix} \circ < \Pi \\ \text{c} \end{matrix}$ $\begin{matrix} (-) \\ \text{c} \end{matrix}$

/ *Um comboio* / 138;

Antecedendo (g): (realizações dos vocábulos «gato», «galo»)

I *
! $\tilde{u}$ $\tilde{u} \gamma a:t \rightarrow [u]$ / *um gato* / 98; ! $(\tilde{u})$ $\varepsilon(\tilde{u})ga:tu$ / *é um gato* / 87;
 $\begin{matrix} < > \\ \text{c} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \circ \\ \text{c} \end{matrix}$

*
 $(\tilde{u})ga:lu$ / — *um galo!* / 141; ! $\tilde{u}$ $\tilde{u} \gamma a:tu$ / *Um gato.* / 133;
 $\begin{matrix} > \\ \text{c} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{I} \\ \text{F} \end{matrix}$

$\tilde{u} ga:tu$ / *Um gato* / 125; ! $\tilde{u}:$ $\tilde{u}:gal(u)$ / *Um galo.* / 141;
 $\begin{matrix} = \text{T} \\ \text{c} \end{matrix}$ $\begin{matrix} > \\ \text{c} \end{matrix}$

*
! $\tilde{u}$ $\tilde{u} \gamma a:tu$ / *Um gato* / 134; $\tilde{u}ga:tu$ / *Um gato* / 141;
 $\begin{matrix} \circ \\ \text{c} \end{matrix}$ $\begin{matrix} > \\ \text{c} \end{matrix}$

Antecedendo (m): (realizações do vocábulo «moinho»)

! $\tilde{u}$ $\tilde{u} m\tilde{u}i\tilde{p}ud\tilde{v}e:tu$ / *um moinho de vento* / 125; $\tilde{u}m\tilde{u}i\tilde{p}$ / *um moinho.* / 82;
 $\begin{matrix} < \text{—} < \\ \text{c} \end{matrix}$

*
 $\tilde{u}m\tilde{u}i\tilde{p}ud\tilde{k}af:\varepsilon:\tilde{o}k\tilde{s}e:\tilde{z}a\tilde{d}fari:\tilde{n}a$ / *Um moinho de café, ou que seja de fari-*
 $\begin{matrix} < < = < < \end{matrix}$

(1) * Possivelmente: $\tilde{I}$ ou seja um breve segmento de simples e fraca nasalidade.

(3) * A simbolização indica possível ausência de oralidade sensível.

(4) * Distingue-se apenas um segmento de descompressão da oclusiva (g).

(5) * Zona apical de contacto particularmente ampla.

(6) * Como no caso a que se refere a nota (3).

nha / 126; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}m\tilde{u}i\tilde{u}$ / *Um moinho* / 141; | $\tilde{u}(\tilde{m})$ $\tilde{u}m\tilde{u}i\tilde{u}$ /
 / *um moinho* / 84; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}m\tilde{u}i\tilde{u}$ / *Um moinho.* / 124; 81;

Outros casos e incluindo «*uns*»:

| $\tilde{u}$ $\tilde{u}$ / *um* / 56; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}$ / *Um,* / 130; 80, 87, 89, 123, 125;
 $\tilde{u}le'su$ / ...*um lenço*... / 125; 125, 134; | $\tilde{u}$ $fa:s'u\tilde{u}i\tilde{u}$ / *faço vinte e*
um / 125; | $\tilde{u}$ $ate,ate\rightarrow\tilde{u}$ / — *até, até um* / 98; 93; $\tilde{u}ra\tilde{g}ado:r$ / *Um*
regador / 129; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}fa\tilde{p}e'u$ / *Um chapéu* / 129; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}fa\tilde{p}e\tilde{u}$ / *um*
chapéu / 99; 81, 140; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}f\cdot a\tilde{p}e\tilde{u}$ / *um chapéu* / 84;
 | $\tilde{u}$ $\tilde{u}$ / *Um* / 66; 64 (2), 65, 63, 79; | $\tilde{u}$ $\tilde{u}z\tilde{u}:ku\tilde{u}f$ / *e---uns*
óculos / 125; 75, 81, 119, 121, 123 (2), 125 (3), 133, 137, 138, 139.

VOGAL ÁTONA ($\tilde{u}$) — VARIANTES:

Antecedendo (*d*):

| $\tilde{u}$ $ek\tilde{o}a\tilde{b}\tilde{u}d\tilde{a}s\tilde{v}a$ / — *é com abundância* / 125;

(1)* A notação mais pormenorizada, seria: $\tilde{u}$ (*m*) (V.: Lacerda, *ob. cit.* anteriormente, pg. 140).

(8)* A simbolização indica como possível uma nasalidade constante durante toda a vogal.

VOGAL TÓNICA (*ô*) — VARIANTES:

Antecedendo (*b*): (realizações dos vocábulos «*pomba*, *pombo(s)*, *assombras*»)

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o}m \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}mba \\ \underset{\underset{c}{}}{\underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} / \textit{pomba} / 56, 59; \quad \text{■} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{o}m \\ \underset{\underset{I}{}}{\underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}mba \\ \underset{\underset{I}{}}{\underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} / \textit{—pomba} / 61;$

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o}(m) \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}(m)bu\grave{f} \\ \underset{\underset{c}{}}{\underset{\underset{(\circ)}{\}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} / \textit{—pombos} / 13; \quad \text{■} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{o}(m) \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}(m)b\grave{u} \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} / \textit{—pombo.} / 78;$

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o}(m) \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}(m)bu \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} / \textit{—pombo.} / 71; \quad \text{■} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{o}(\tilde{m}) \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{u}p\tilde{o}(\tilde{m})b\tilde{u} \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} / \textit{Um pombo.} / 141;$

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o} \\ \underset{\underset{I}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{u}p\tilde{o} \\ \underset{\underset{I}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \tilde{b}u / \textit{um pombo} / 40; \quad \text{■} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{o} \\ \underset{\underset{2}{}}{\underset{\underset{2}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}b\grave{u} \\ \underset{\underset{2}{}}{\underset{\underset{2}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} / \textit{—pombo} / 89;$

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o} \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}b\tilde{u} \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} / \textit{—pombo} / 64, 66, 74, 98, 105, 110, 116, 118, 121, 122, 134;$

$\begin{smallmatrix} p\tilde{o}ba \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} / \textit{—pomba} / 116; \quad \begin{smallmatrix} a\tilde{s}\tilde{o}bra\grave{f} \\ \underset{\underset{c}{}}{\underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} / \textit{assombras} / 71;$

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o} \\ \underset{\underset{2}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}ba \\ \underset{\underset{2}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} / \textit{—pomba} / 119; \quad \text{■} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{o} \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}b\tilde{u} \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} / \textit{pombo} / 62;$

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o} : \\ \underset{\underset{(c)}{\}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o} : b\grave{u} \\ \underset{\underset{(c)}{\}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} / \textit{Pombo} / 126; \quad \text{■} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{o} \\ \underset{\underset{I}{}}{\underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}\beta\tilde{u} \\ \underset{\underset{I}{}}{\underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} / \textit{—pombo.} / 138;$

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o} \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o}bu\grave{f}k\tilde{u}r\grave{e} : u\grave{f} \\ \underset{\underset{c}{}}{\underset{\underset{oo}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} (u) \\ \end{smallmatrix} / \textit{Pombos correios} / 129; 124;$

■ $\begin{smallmatrix} \tilde{o} : \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o} : ba \\ \underset{\underset{c}{}}{\underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} / \textit{—pomba} / 96; \quad \text{■} \quad \begin{smallmatrix} \tilde{o} : \\ \underset{\underset{c}{}}{\end{smallmatrix}} \end{smallmatrix} \quad \begin{smallmatrix} p\tilde{o} : b\alpha \\ \underset{\underset{c}{}}{\underset{\underset{I(c)}{\}}{\end{smallmatrix}}} \end{smallmatrix} / \textit{—pomba} / 123;$

- $\text{umapõ}^{\text{II}}_{\text{C}}\text{:ba} / \text{Uma pomba} \text{---} / 125; \quad \text{I} \quad \text{õ}^{\text{*}}_{\text{C}} \quad \text{põ}^{\text{T}}_{\text{T}}\text{bã} / \text{---pomba} / 102;$
- $\text{I} \quad \text{õ}^{\text{*}}_{\text{C}} \quad \text{põ}^{\text{*}}_{\text{C}}\text{bu} / \text{---pombo} / 133; \quad \text{I} \quad \text{õ}_{\text{C}} \quad \text{põ}^{\text{o}}_{\text{o}}\text{bu} / \text{---pombo.} / 82;$
- $\text{I} \quad \text{õ}_{\text{C}} \quad \text{ũ}^{\text{I}} \text{p}^{\text{I}} \text{õ}^{\text{I}} \text{bũ} / \text{um pombo.} / 84; \quad \text{I} \quad \text{õ}^{\text{II}}_{\text{C}} \quad \text{umapõ}^{\text{II}}_{\text{C}}\text{bã} / \text{uma pomba} / 101;$
- $\text{I} \quad \text{õ}^{\text{T}}_{\text{C}} \quad \text{põ}^{\text{T}}_{\text{T}}\text{bũ} / \text{pombo} / 103;$

Antecedendo (t):

- $\text{I} \quad \text{õ}^{\text{n}}_{\text{C}} \quad \text{põ}^{\text{n}}_{\text{C}}\text{tu} / \text{---ponte} / 63; 60, 71, 74, 75, 84; \quad \text{fõ}^{\text{n}}_{\text{C}}\text{ntãf} / \text{---Fontes} / 111;$
- $\text{põ}^{\text{n}}_{\text{C}}\text{t} / \text{---ponte} / 111; 115; \quad \text{I} \quad \text{õ}^{\text{n}} \quad \text{umapõ}^{\text{n}}_{\text{C}}\text{tã?} / \text{Uma ponte?} / 81;$
- $\text{I} \quad \text{õ}^{\text{n}} \quad \text{põ}^{\text{n}}_{\text{C}}\text{t}^{\text{(v)}} / \text{ponte} / 56; 100; \quad \text{I} \quad \text{õ}^{\text{n}} \quad \text{põ}^{\text{n}}_{\text{C}}\text{t}^{\text{(v)}} / \text{---ponte} / 87, 78;$
- $\text{I} \quad \text{õ}^{\text{n}} \quad \text{põ}^{\text{n}}_{\text{C}}\text{t} / \text{---ponte} / 103; \quad \text{I} \quad \text{õ}^{\text{(n)}}_{\text{C}} \quad \text{põ}^{\text{(n)}}_{\text{C}}\text{t} / \text{---ponte} / 66, 96,$
- $99, 102, 118; \quad \text{mõ}^{\text{(n)}}_{\text{C}}\text{tã} / \text{---monte} / 121; 121, 124;$
- $\text{I} \quad \text{õ}^{\text{*}}_{\text{C}} \quad \text{põ}^{\text{(n)}}_{\text{C}}\text{t} / \text{---ponte.} / 80; \quad \text{I} \quad \text{õ}_{\text{C}} \quad \text{põ}^{\text{n}}_{\text{C}}\text{tu} / \text{---ponte} / 100;$

(1-2) * Som muito próximo de (m).

(4) * Possivelmente (β).

I
F

(10) * A simbolização indica tratar-se da vogal nasal ã e que esta pode ter sido particularmente fechada. Indica também, como incerto, ter-se-lhe seguido a consoante n em baixo nível tensional.

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $p\tilde{o}ti$ / — *ponte* / 67, 93, 98, 101, 115, 119; $m\tilde{o}ti$ / — *monte* / 71;

$\varepsilon ap\tilde{o}t\overset{\circ}{d}agad\overset{\circ}{a}na$ / *É a ponte da Guadiana* / 129;

┌ $\tilde{o}_{(\zeta)} :$ $p\tilde{o} : t^{\alpha}$ / *Ponte* / 126; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\vare d\tilde{u}m\tilde{o}t'ali----$ / *é dum monte*

$ali----$ / 125; ┌ $\tilde{o}$ $me:m\tilde{o}t$ / *meu monte* / 93; 62; ┌ $\tilde{o}^{\sim}$ $ume'm\tilde{o}t$ /

/ *o meu monte* / 93; ┌ $\tilde{o}^{\sim}$ $k\tilde{o}ta$ / — *conta* / 88; 89, 93, 105, 107, 134,

139, 143; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $p\tilde{o}:taf$ / — *pontas* / 82; 92, 122, 123, 125, 133, 138, 141;

┌ $\tilde{o}^{\sim}$ $p\tilde{o}t^{\alpha}$ / *ponte?* / 92;

Antecedendo (d):

┌ $\tilde{o}^n_{\zeta}$ $m\tilde{o}nda$ / *monda* / 119; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $t\acute{e}muz\grave{a}v\tilde{o}du$ / —, *temos avondo.* / 139;

┌ $\tilde{o}$ $\vare am\tilde{o}da$ / *é a monda* — / 88; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $d\alpha m\tilde{o}da$ / — *da monda* — 125;

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\tilde{o}da:$ / ---*onde há* — / 126; ┌ $\tilde{u}_{\zeta}$ $\tilde{u}da:$ / *Onde há* --- / 126;

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $am\tilde{o}da$ / *a monda* / 84; 122; $\overset{\circ}{u}mepai,d\tilde{o}d\acute{e}ra:$ / *O meu pai, donde*

era, — / 139; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $am\tilde{o}da:$ / — *à monda* / 98; $r\tilde{e}d\tilde{o}da:f$ / *redondas* / 117;

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\overset{3}{p}(\overset{2}{v})are:s'k\grave{u}fta:p\tilde{o}:dur$ / *Parece que está pondo* / 126;

Outros contextos:

┌ $\tilde{o}_{(\zeta)}$ $\tilde{o}_{(\zeta)}z$ / onze / 105; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\tilde{o}_{\zeta}z$ / onze / 74, 82, 119, 121;

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\tilde{o}_{\zeta}z$ / onze / 87, 96, 100, 111, 115, 122; $otra\tilde{o}lo\tilde{o}z$ / —, outras

longe / 100; $lo\tilde{o}z^{(2)}p^{(2)}v$ / — longe do povo / 121; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\tilde{o}_{\zeta}z$ / onze / 90;

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\tilde{o}_{\zeta}z$ / , onze, — / 88; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\tilde{o}_{\zeta}z$ / onze / 93; $de:z\tilde{o}z$ / dez

onze / 126; 129, 134; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\tilde{o}_{\zeta}z$ / onze — / 80, 92, 125, 137;

$ma\tilde{o}:z\acute{a}ktepufe.tu$ / — mais longe que tenho feito / 138;

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\tilde{o}_{\zeta}z$ / onze — / 118, 130, 133, 138, 139, 140, 143;

No monossílabo «com» antecedendo sons diversos:

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $k\tilde{o}batataf$ / com batatas, — / 115; 125; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $k\tilde{o}karak\acute{o}f$ / Com

caracóis / 124; ┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $k\tilde{o}m^{(-)}ed\acute{u}$ / — com medo / 90;

┌ $\tilde{o}_{\zeta}$ $k\tilde{o}ka\acute{r}n\acute{s}fula\acute{d}i:s\acute{a}$ / com carne esfoladiça — / 125;

┌ $\tilde{o}$ $k\tilde{o}adubu!$ / — com adubo! / 88; ┌ $\tilde{o}$ $k\tilde{o}$ / com — / 81, 84;

$k\tilde{o}afm\acute{a}nikaf$ / com as máquinas / 84; $k\tilde{o}u$ / com um / 84; 85;

(6) * Apenas perceptível.

Antecedendo (b): (realizações dos vocábulos «pombinha», «comboio»)

- I $\tilde{o}$ $\text{uma}^{\text{u}}\text{põbɨɲa}$ / *uma pombinha* / 99; I $\tilde{o}$ $\text{uma}^{\text{u}}\text{põ}^{\text{I}}\text{bɨɲa}$ / *uma pom-*
 binha / 100 I $\tilde{o}$ põbɨɲa / *—pombinha* / 111; I $\tilde{o}$ $\text{põ}^{\text{I}}\text{bɨɲa}?$ /
 / *—pombinha?* / 92; I $\tilde{o}$ $\text{ũ}^{\text{I}}\text{kõbõ}^{\text{I}}\text{u}$ / *um comboio* / 125; $\text{ũ}^{\text{I}}\text{kõbõ}^{\text{I}}\text{u} \rightarrow [\text{u}]$ /
 / *um comboio* / 134; I $\tilde{o}$ $\text{kõ}^{\text{I}}\text{bõ}^{\text{I}}\text{u} \rightarrow \text{u}$ / *—comboio* / 102;
 I $\tilde{o}$ $\text{kõ}^{\text{I}}\text{bõ}^{\text{I}}\text{u} \rightarrow \text{u}$ / *—comboio?* / 92; I $\tilde{o}$ $\text{kõ}^{\text{I}}\text{bõ}^{\text{I}}\text{u}$ / *—comboio* / 90;
 I $\tilde{o}$ $\text{kõ}^{\text{I}}\text{bõ}^{\text{I}}\text{u}?$ / *Comboio?* / 141; I $\tilde{a}$ $\text{kãbõ}^{\text{I}}\text{u}$ / *—comboio* / 63;
 I $\tilde{a}$ $\text{kãbõ}^{\text{I}}\text{u}$ / *Comboio* / 133; I $\tilde{a}$ $\text{kãbõ}^{\text{I}}\text{u}$ / *—comboio* / 126;
 I $\tilde{ou}$ $\text{kõ}^{\text{I}}\text{bõ}^{\text{I}}\text{u}$ / *—comboio* / 129;

Antecedendo (t):

- I $\tilde{o}$ $\text{kõ}^{\text{u}}\text{ta}^{\text{u}}\text{ra}$ / *—contar.* / 64; I $\tilde{o}^{(n)}$ $\text{kma}^{\text{I}}\text{kõ}^{\text{I}}\text{tse}^{\text{I}}\text{u}$ / *—que me*
aconteceu. / 89; I $\tilde{o}$ $\text{kõt}^{\text{I}}\text{a}^{\text{I}} \text{r} \rightarrow [\text{x}]$ / *—contar.* / 137;

Antecedendo (d):

- I $\tilde{o}$ $\text{rã}^{\text{I}}\text{põ}^{\text{I}}\text{der}^{\text{I}}\text{lã}$ / *responder-lhe* / 96; I $\tilde{o}$ $\text{rã}^{\text{I}}\text{põ}^{\text{I}}\text{de}^{\text{I}}\text{r}$ / *responder* / 137;

(11) * Amplo contacto palatal em nível tensional elevado.

■ $\tilde{o}_{\zeta}$ $s\acute{a}:\rightarrow(\iota)b\grave{\alpha}r\grave{\alpha}sp\tilde{o}d\acute{e}:r$ / *saiba responder* / 99; ■ $\tilde{o}_{(\zeta)}$ $r\grave{\alpha}sp\tilde{o}\delta i\delta u$ /
F F

/ — *respondido* / 135; ■ $\tilde{o}(n)_{\zeta}$ $m\tilde{o}(n)dar$ / — *mondar*, — / 111;

Outros contextos:

■ $\tilde{o}$ $\epsilon k\tilde{o}f\grave{o}:rm$ --- / — *é conforme*--- / 125; ■ $\tilde{o}$ $k\tilde{o}nido:m$ / — *con-*

vidou-me / 97; ■ $\tilde{o}$ $k\tilde{o}selu\grave{d}me:rtula$ / *concelho de Mértola* / 99;

■ $\tilde{o}$ $k\tilde{o}fsada?$ / — *confessada?* / 98; ■ $\tilde{o}_{\zeta}$ $n\grave{o}l\grave{a}k\tilde{o}ve(\iota)?$ / *não lhe*

convém? / 108; 105; ■ $\tilde{o}_{\zeta}$ $\epsilon k\tilde{o}f\grave{o}:rm$ / — *é conforme* / 125;

■ $\tilde{o}_{\zeta}$ $a\grave{z}e(n)t\tilde{e}v\tilde{o}tad\iota$ / — *a gente tem vontade* 124; ■ $\tilde{o}_{\zeta}$ $k\tilde{o}f\grave{o}:rm$ /

/ *conforme* — / 123 (2) ■ $\tilde{o}_{\zeta}$ $m\tilde{o}f\iota k\iota$ / — *Monchique* / 118;

■ $\tilde{o}$ $\epsilon k\tilde{o}f\grave{o}rm$ / *é conforme* / 111, 123; ■ $o:\tilde{}$ $\epsilon k\tilde{o}:\tilde{f}\grave{o}rm$ / — *é con-*
forme — / 102;

(5) * Como a notação indica a nasalidade foi decrescente e decorreu em baixo nível.

(9) * Vogal oral longa seguida dum segmento de simples nasalidade. Mais rigorosamente: vogal oral longa seguida dum segmento com regressão oral e progressão nasal.

SÉRIE CENTRAL

VOGAL TÓNICA (ã) — VARIANTES:

Antecedendo (p): (realizações dos vocábulos «campo», «tampa», «escampa»)

■ $\tilde{a}^m$ $k\tilde{a}^m p u$ / — campo / 119; ■ $\tilde{a}^m$ $du k \tilde{a}^m p u$ / — do campo / 87;

■ a^m $du k a^m p u$ / do campo / 103; ■ $\acute{a}^m$ $k \acute{a}^m p u$ / — campo / 82;

$\acute{a}^m p u$ / — campo / 81; ■ $\acute{a}^m$ $n u k \acute{a}^m p u$ / — no campo / 87;

■ $\tilde{a}^u$ $traba\lambda a d e : r a d k \tilde{a}^u p u$ / trabalhadeira do campo / 125;

T T T

■ $\tilde{a}^u$ $du k \tilde{a}^u p u$ / do campo / 107; ■ $\tilde{a}^u$ $k \tilde{a}^u p u$ / — campo / 101;

■ $\tilde{a}^r$ $traba\lambda a d o r d u k \tilde{a}^r p u$ / trabalhador do campo / 67;

■ $\tilde{a}$ $\acute{e} t r a b a \lambda \acute{a} : r n u k \tilde{a} p u$ / É trabalhar no campo / 146;

■ $\tilde{a}^:$ $t \tilde{a}^: p \tilde{a}^:$ / — tampa / 135; ■ $\tilde{a}$ $k \tilde{a} p u$ / — campo / 71;

■ $\tilde{a}$ $k \tilde{a} (p u)$ / campo / 60; ■ $\tilde{a}$ $k \tilde{a} p u$ / — campo / 64, 56;

■ $\tilde{a}$ $du k \tilde{a}^* p u$ / do campo / 84; 92, 115; ■ $\tilde{a}$ $d k \tilde{a} p u$ / — de campo / 83;

(10) Muito próximo de $\tilde{a}^r$ na emissão do loc. 84.

I I I I
 I $\tilde{a}$ $\text{duk}\tilde{a}\text{pu}$ / —do campo / 92; I $\tilde{a}$ $\text{duk}\tilde{a}\text{pu}$ / —do campo / 133;

I $\tilde{a}$: $\text{f}\underset{\text{T}}{\text{v}}\text{:}\text{v}\text{:}\text{k}\tilde{u}\tilde{a}\text{d}\text{f}\text{k}\tilde{a}\text{:}\text{p}\text{a}$ / —chove e quando escampa / 135;

Antecedendo (t):

I I
 I $\tilde{a}^{\text{~}}$ $\text{is}\tilde{a}^{\text{~}}\text{t}\tilde{a}\text{f}\text{in } \underset{<(\text{c})}{\text{a}}$ / —, e Santa Fina— / 81; I $\tilde{a}\rightarrow\text{n}$ $\text{k}^{\text{~}} \text{k}\tilde{a}\rightarrow\text{n}\text{t}\text{a}^{\text{~}}?$ /

/ (Quer) que cante? / 133; I $\tilde{a}(n)$ $\text{ab}\tilde{u}\tilde{d}\tilde{a}(n)\text{t}\text{i}$ / —abundante / 64;

I $\tilde{a}:(n)$ $\text{m}\tilde{a}^{\text{~}}\text{:}\text{z}\text{:}\text{e}\text{:}\text{k}\tilde{a}:(n)\text{t}\tilde{u}\text{m}\text{t}\rightarrow\text{v}\text{m}\tilde{a}^{\text{~}}\text{l}$ / Mas eu canto muito mal / 127;

I $\tilde{a}(n)$ $\text{s}\tilde{a}(n)\text{t}\text{uf}$ / —santos / 80; I $\tilde{a}$ $\text{d}(\text{v})\text{f}\text{t}\tilde{a}\text{t}$ / —----distante— / 80;

I $\tilde{a}$: $\text{v}\text{i}\text{:}\text{f}\text{t}\text{a}\text{:}\text{i}\text{:}\text{t}\text{r}\tilde{a}\text{s}\text{:}\tilde{a}\text{:}\text{t}$ / —vista interessante / 131; I $\tilde{a}$ $\text{k}\tilde{u}\tilde{a}\text{t}\text{u}$ /

I I
 / —quanto— / 88; I $\tilde{a}$ $\text{s}\tilde{a}\text{:}\text{t}\tilde{a}\text{k}\text{l}\text{a}\text{:}\text{r } \underset{<>(\text{c})}{\text{a}}$ / —Santa Clara— / 97;

*
 I $\tilde{a}$: $\text{iz } \tilde{a}\text{:}\text{t}\text{a}$ / —e janta— / 134; I $\tilde{a}$ $\text{k}\tilde{u}\tilde{a}\text{t}\tilde{a}\text{v}\text{i}\text{:}\text{e}\text{:}\text{r}$ / quanta vier / 64;

Antecedendo (d):

I $\tilde{a}(n)$ $\text{to}\tilde{d}\tilde{a}\tilde{b}\tilde{a}(n)\text{d}\tilde{a}\text{!}$ / —toda a banda! / 81; I $\tilde{a}$ $\text{gr}\tilde{a}\tilde{d}\text{!}$ / —grande / 27;

(9)* Emitido com ímpeto tensional.

kuãde·vo·dno·tã / —, quando eu vou de noite, — / 99 (2); 141;

■ *ã* *ẽumõntgrãdã* / — é um monte grande / 100; 125;

■ *ã* *o·tafukãdu* / ou (es) tá chocando / 100; ■ *ã:* *vo:msã:f·ã:du!* /

/ Vou-me safando! / 139; ■ *ã* *umé:namurã:duã:danã:sé:f·ã:* / O meu

namorado anda na (a)ceifa / 141; ■ *ã* *bãda:f* / — bandas / 78;

■ *ã* *grã'df* / grandes — / 82; ■ *ã* *kuãdu* / — quando — / 84; 99; 135;

■ *ã* *ftafukãdu* / está chocando / 96; ■ *ã* *fukãdu* / — cho-

cando / 87; 88; ■ *ã* *abãda* / — a banda — / 140;

■ *ã* *ãdõ:a:s·é·→[x]fã* / Andam à (a)ceifa. / 138; ■ *ã:* *elanokã·ã:du* /

/ ela não caiando---- / 99; ■ *ã* *lvãdu* / — levando — / 119;

■ *ã:* *prao·trãbã:da* / — p'ra outra banda / 99;

Antecedendo (k):

■ *ã* *frãku* / — Franco. / 62 (2); ■ *ã* *brãka* / — branca / 88;

I I
 I $\tilde{a}$ $\tilde{b}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{k}uf$ / — *brancos* / 89; I $\tilde{a}$ $\tilde{b}\tilde{r}\tilde{a}^3 \tilde{k}u$ / *Branco* / 126;

I $\tilde{a} u$ $\tilde{b}\tilde{a} \tilde{u}ku$ / *banco* / 118;

Antecedendo (g): (realizações dos vocábulos «*morangos*», «*cantas*», «*canga*»)

I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ / — *morangos* / 101; 59, 58; I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ / *muran-*
gos / 87; I $\tilde{a}(\eta)$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a}(\eta) \tilde{g}uf$ / *morangos.* / 71; I $\tilde{e}(\eta)$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{e}(\eta) \tilde{g}uf$? /

/ *morangos*, — ? / 78; I $\tilde{a}(\eta)$ $\tilde{d}o \tilde{v}z \tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a}(\eta) \tilde{g}uf$ / *dois morangos* / 125;

I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r} \tilde{a} \tilde{g}uf$ / — *murangos* / 61; I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}u$ / *morango* / 63;

56, 74, 75, 84, 102; I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$! / — *morangos!* — / 141;

I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ / *morangos* / 90; 93, 98, 133; I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ / *moran-*

gos / 99; I $\tilde{a}$ $\tilde{k}\tilde{a} : \tilde{t}\tilde{a} f$? / — *cantas?* / 141; I $\tilde{a}$ $\tilde{s}\tilde{c} \rightarrow \tilde{u}\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ /

/ *São morangos* / 134; I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ / *morangos* / 80; I $\tilde{a}$ $\tilde{e}\tilde{a}\tilde{k}\tilde{a} \tilde{g}a$ /

/ *é a canga* / 89; 103; I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g} u f$ / *morangos* / 92 (2);

I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ / *morangos* / 100; I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ / *morangos* / 96;

*

($\tilde{e}$ — *Loc.* 60); I $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{r}\tilde{a} \tilde{g}uf$ / *morangos* / 82;

(13) * Som de difícil apreciação.

Outros contextos, incluindo «(a)rã(s)» que vale como dissílabo agudo:

■ $\tilde{a}_{\zeta}$ larãzãf / — laranjas — / 64; 56, 129; dãf^ukãs'o / —descanso / 69; 71;

gãfu / — gancho, — / 102; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ larã:zãf / — laranjas / 102;

■ $\tilde{a}_{\zeta}$ mañã / —manhã— / 95; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ duãzãrãf / Duas (a)rãs. / 126;

■ $\tilde{a}_{\zeta}$ masã:f? / Maçãs? / 141; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ dũazãrãf / duas (a)rãs / 100;

56; 126; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ la:rãzãf? / laranjas? / 87; 90 (2), 92 (3), 96, 98, 100 (2),

101, 122, 124, 125; masãf / —maçãs / 100; damãñã / —da manhã / 119;

■ $\tilde{a}_{\zeta}$ m²ešmunaliftrã: / mesmo na Alistrã / 125; 138 (2); sũkularã:zãf /

/ cinco laranjas / 125; 99, 118, 119; ■ $\tilde{a}_{(\zeta)}$ larãzãf / —, laran-

jas,— / 123; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ umãrã / uma (a)rã / 93; 84, 89, 93, 98; duazãrãf /

duas (a)rãs / 101; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ mãsãf / maçãs / 57; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ larãzãf? / — laran-

jas? / 81; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ la:rãzãf / laranjas. / 78; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ duazãrãf / duas

(a)rãs / 99; ■ $\tilde{a}_{\zeta}$ tẽpularãzãf / tenho laranjas / 87;

■ $\tilde{a}_{\zeta}$ knasãrãzã→[u]akũ: / —que não se arranjam aqui / 102;

- | $\tilde{a}$ $mas\tilde{a}:f$ / — *maçãs* / 84; | $\tilde{a}$ $\varepsilon u\tilde{g}\tilde{a}:f\grave{u}$ / *é o gancho* / 89;
 | $\tilde{a}$ $lar\tilde{a}:z\tilde{a}:f$ / *laranjas* / 124; | $\tilde{a}$ $lar\tilde{a}:z\tilde{a}:f$ / *laranjas* / 103;
 | $\tilde{a}$ $mas\tilde{a}:f$ / — *maçãs* / 123; | $\tilde{a}$ $duaza\tilde{r}\tilde{a}:f$ / *duas (a)rãs* / 96;
 | $\tilde{a}$ $lar\tilde{a}:z\tilde{a}:f$ / *laranjas* / 105; 129;
 | $\tilde{a}$ $s\tilde{a}:lar\tilde{a}:z\tilde{a}:f$ / *São laranjas* / 134; $ma:s\tilde{a}:f$ / — *maçãs* / 134;
 | $\tilde{a}$ $d\phi f\tilde{k}\tilde{a}\tilde{c}\tilde{u}$ / — *descanso* / 118; | $\tilde{a}$ $prama\tilde{r}\tilde{a}$ / — *p'ra manhã* / 143;
 | $\tilde{a}$ $ir\tilde{m}\tilde{a}$ / *irmã* / 57; | $\tilde{a}$ $\tilde{m}\tilde{a}s\tilde{a}:f$ / *Maçãs* / 126;
 | $\tilde{a}$ $\acute{u}ma\tilde{r}\tilde{a}$ / — *uma (a)rã* / 89; | $\tilde{a}$ $lar\tilde{a}:z\tilde{a}:f$ / — *laranjas* / 89;
 | $\tilde{a}$ $kue:\lambda u\tilde{m}\tilde{a}\tilde{c}\tilde{u}$ / — *coelho manso* / 118; $au\tilde{t}\tilde{m}\tilde{a}:c\tilde{u}$ / *Almanço* / 138;

VOGAL ÁTONA ($\tilde{a}$) — VARIANTES:

Antecedendo (b):

- | $\tilde{a}$ $t\tilde{a}\tilde{b}\tilde{e}$ / *também* / 71;

Antecedendo (t):

- | $\tilde{a}(n)$ $\acute{u}ma\tilde{k}\tilde{a}(\tilde{n})\tilde{t}\tilde{i}:\gamma\tilde{a}?$ / — *uma cantiga?* / 141; | $\tilde{a}$ $k\tilde{a}t\tilde{i} g a\tilde{f}$ /

| — *cantigas.* | 76; | $\tilde{a}.$ $\overset{*}{s'e:k\tilde{a}t\tilde{a}':r\tilde{u}!}$ | — *sei cantar!* | 141;
→>

| $\tilde{a}.$ $\overset{\cdot}{k\tilde{a}t\tilde{a}':r\tilde{u}?$ | — *cantar?* | 133; | $\tilde{a}$ $\text{---}n^o\text{so}\text{---}k\tilde{a}t\tilde{a}d\tilde{o}rd$ |
| $\text{---}N\tilde{a}o\text{ sou}\text{---}cantador\text{ de}$ — | 139;

Antecedendo (d):

| $\tilde{a}n$ $\tilde{a}nde\rightarrow$ | — *andei* — | 79; | $\tilde{a}$ $k\tilde{a}de\tilde{a}f$ | *Candeias* | 134;
| $\tilde{a}$ $\overset{\cdot}{o\tilde{a}da:r}$ | —, *ou andar* | 133; $\tilde{a}d\tilde{a}:\overset{\circ}{d}ur\tilde{ma}:\tilde{u}$ | — *andado mal* | 135;

Antecedendo (g):

| $\tilde{a}$ $\overset{\cdot}{uma}\tilde{m}\tilde{a}ge:r\tilde{a}f$ | — *umas mangueiras* | 125, 133;
T

Outros contextos:

| $\tilde{a}$ $\overset{\cdot}{fr}\tilde{a}s\tilde{f}ku$ | *Francisco* — | 68; $\overset{\cdot}{lar}\tilde{a}ze:r\tilde{a}f$ | *laranjeiras* | 75;
| $\tilde{a}(n)$ $\overset{\cdot}{fr}\tilde{a}(n)s\tilde{f}ku$ | *Francisco* | 80; | $\tilde{a}$ $\overset{\cdot}{lar}\tilde{a}z\tilde{a}da\tilde{f}!$ | — *laran-*
 $\overset{\cdot}{jadas}!$ | 81; $\tilde{b}l\tilde{a}s\tilde{a}t$ | — «*belancial*». | 87; $\overset{\cdot}{z}\tilde{a}:\tilde{r}\tilde{a}\tilde{z}\tilde{a}$ | *Já arranjei* | 130;

| $\tilde{a}$ $\overset{\cdot}{fr}\tilde{a}se:f$ | — *francês* — | 131;

(1)* A notação traduz um som longo, intermédio entre *e* e *u*.

DITONGOS ORAIS

DITONGO TÓNICO (*eu*) — VARIANTES:

! é ná'fseu / —nasceu— / 139; ! é:→u ná'fsé:→u---- / nasceu---- / 139;

! é ná'fse'u / nasceu / 84; ! e'u rəkupəsə'u / —reconheceu / 127;

! e_ç adeu'fse:ra / Adeus terra— / 133; 67, 119; ! e_ç ná'fse'u /

/ nasceu---- / 92; ! é'u kmakō(n)tse'u / —que me aconteceu / 89;

! é'u lis'éuf / —liceus / 135; ! eu (ard)eu / ardeu / 71;

Constituindo o monossílabo «eu»:

! e: e'se: / eu sei — / 92; e:na'pruve→[v] / eu não provei / 99;

e:---é:k / eu---é que — / 102; e:napərse:bu / eu não percebo — / 123;

! e: e:ñ²digu / Eu não digo — / 129; ! è: è:s'é→[v]fazer tú:du / Eu

sei fazer tudo / 127; ù'kè:ké:rue:sà'f'á:rm¹¹! / O que eu quero é safar-me! / 139;

! e bũ,e'ká / Bom, eu cá — / 63; 72, 82 (3), 88 (2); soe'kapaf /

/ ----sou eu capaz — / 99; 135; e'nag^{*}ofdis'u / eu não gosto disso / 100;

(11)* Possivelmente (n_ç).

- 102, 118, 123; | $\acute{e}$ $\acute{e}$ / Eu — / 82; | $\grave{e}$ $\grave{e}^n \tilde{a} \tilde{f}ar\grave{a} \rightarrow \iota s^u$ / Eu não
(ζ) <
- faria isso - 129; | $\grave{e}$ $\tilde{n}ave:k\iota \tilde{e}^n \tilde{n}av\acute{e}:z\grave{u}$ / Não vê que eu não vejo / 129;
 ζ T
- | e e / — eu — / 88; 81; | $\acute{e} \rightarrow [v]$ $\tilde{ida}o\zeta:\acute{e} \rightarrow [v] f^u!$ / Ainda hoje eu
 ζ <—
- fui! / 141; $\epsilon kep\grave{a}rsebu$ / — é que eu percebo — / 101;
 ζ o
- | $e^{\cdot}(u)$ $e^{\cdot}(u) \tilde{t}ep\grave{u}tadunum\tilde{e}m\tilde{o} t$ / eu tenho (es)tado no meu monte / 93;
 ζ ζ
- | eu eu / — eu — / 88; | e^u e^u / eu — / 86;
- | $e^{\cdot}(u)$ $e^{\cdot}(u) \tilde{n}\tilde{o}n\tilde{a}m\tilde{o}:ru$ / eu não namoro / 61; | $e \rightarrow u$ $e \rightarrow u$ / Eu — / 85;
- | $e \rightarrow u$ $e \rightarrow u$ / — eu — / 106; | $e^{\cdot}(\rightarrow u)$ $e^{\cdot}(\rightarrow u)$ / Eu — / 62;
- | $e \rightarrow (u)$ $e \rightarrow (u) \overset{o}{n}^o k\tilde{o}:mu$ / eu não como / 99;
 ζ
- $\tilde{n}a, e \rightarrow (u) \tilde{n}\tilde{o} \tilde{t}ep\grave{u}lan\tilde{a}p\grave{u}ma$ / não, eu não tenho lá nenhuma / 118;
 ζ ζ
- | $e \rightarrow [u]$ $e \rightarrow [u] \tilde{n}\tilde{a}te:jum a r\grave{u}du$ / eu não tenho marido — / 101;
(ζ) < <
- | $e:\rightarrow u$ $e:\rightarrow us^e:$ / eu sei — / 92; | $e:\rightarrow u$ $e:\rightarrow u?$ / Eu? / 81;
- | $\acute{e}:u:$ $\acute{e}:u:?$ / Eu? / 88; | $\acute{e}:$ $\acute{e}:\tilde{t}\tilde{a}b\tilde{e}^{\tilde{u}}$ / eu também / 104;
 ζ I
- | $\grave{e}$ $\grave{e} \text{---} \tilde{n}\tilde{a}ak^{\cdot} r\grave{d}\grave{u}!$ / Eu --- não acredito! / 126;
 ζ ' < o
- | $\acute{e}:$ $\iota s^{\cdot} \acute{e}k\tilde{e}:\tilde{k}\tilde{a}n\tilde{s} \acute{e} \tilde{i}b\tilde{e}^{\rightarrow}$ / Isso é que eu cá não sei bem / 137;
 ζ

┌ e^u e^u? / Eu? — / 88; ┌ é^u é^u / eu — / 88;

┌ e is'ek^{en}as'e→(u) / isso é que eu não sei / 103; is'ek^{en}ase' / isso é

que eu não sei — / 103; ┌ e: e: / Eu — / 60; ┌ e: e: / Eu — / 139;

I I
C C
T T

I
┌ è: è: dó^siku / — e eu dou cinco / 99; è: nã→(u) / Eu não, / 126;

è: nã^kstú^mfaze^r / — Eu não costumo fazer / 129;

┌ è: atã^ẽg^ost^ude^r / e «atã» eu gosto de ver / 100;

┌ e^u kuã^{de}vo^dno^t / —, quando eu vou de noite, — / 99;

┌ e^u e^v / Eu vi — / 135; ┌ e^u e^gustá:va^dve^r / Eu gostava de

T

ver. / 141; ┌ e^u e^u / eu / 119; ┌ e→²u e→^{*2}u / Eu — — / 139;

┌ e→[v] é^ke→[v]n^õse→^zde^r / —, é que eu não sei dizer — / 139;

┌ e→[v] isue^ke→[v]n^õkup^e:s^ur / Isso é que eu não conheço / 141;

┌ e^u k^je^u / — que eu / 134; ┌ é→^ju é→^ju / — eu / 135;

T T

┌ é→^ju b^ẽtu^ka^o:rd^o:zu, k^um^õe→^ju / Bento Cardoso, como eu / 139;

(9)* Longa transição com função expressiva.

ku'mu→é→u / — *cómo eu* / 139; | *é'u* *é'u?* / *Eu?* / 100;

| *e:→u* *e:→u---?* / *Eu---?* / 80; | *e'u* *e'u?* / *Eu?----* / 82; 68, 89;

| *eu* *eufi'ké* / *eu fiquei—* / 90; 71 (2), 73, 79, 90;

| *eu* *ekieugustava* / — *é que eu gostava* / 98; 60, 122;

| *e u* *e upo:kaf* / *eu, poucas* / 96; | *é→(ə)* *é→(ə)* / *Eu—* / 141;

| *eu* *e'u?* / *eu?* / 90; | *ε* *ε* / *eu* / 59; | *eu* *eu?* / *Eu?—* / 60;

eu? / *Eu?* / 60; | *é* *é'fɔ:ɪ* / — *eu fui* / 134;

Como parte do monossílabo «*meu*»:

| *e* *me* / *meu—* / 57 (2), 67, 78; *umeno'mi?* / *O meu nome?* / 88;

memari^d— / *meu marido—* / 98; 105; *umeluyarɪ* / — *o meu lugar* / 118;

umedʒtɪ'nekā ta:ra / *o meu destino é cantar* / 124; *u'mepai,do de'é:ra* /

/ *o meu pai, donde era,—* / 139; | *e* *me* / — *meu—* / 60, 65, 77, 88,

93, 98; *ume'pa:ieraðaki:tameñ* / *O meu pai era daqui também* / 137;

| *e* *ume'traba:lu* / *o meu trabalho* / 122;

| *é* *úme* / *O meu—?* / 82; 87; | *e* *me* / *meu—* / 119;

| *e* *ume'pa:ɪ* / *o meu pai—* / 118; | *e* *me* / — *meu—* / 93;

| *e* *um e' na'mura:dufe:ʒnudi:aoi tu* / *O meu namorado fez no dia*

oito — / 141; | $\begin{smallmatrix} e \\ \zeta \end{smallmatrix}$ $\begin{smallmatrix} numem\tilde{o} \\ \zeta \end{smallmatrix} t$ / —no meu monte / 93;

| $\begin{smallmatrix} e' \\ \zeta \end{smallmatrix}$ $me'pa'ɾ$ / —meu pai / 63; $ume'm\tilde{o} t$ / o meu monte / 93;

| $\begin{smallmatrix} é' \\ \zeta \end{smallmatrix}$ $eramé'pá:j'$ / Era meu pai. / 140; | $\begin{smallmatrix} e: \\ \zeta \end{smallmatrix}$ $me:m\tilde{o}t$ / meu monte / 93;

$dv'yu:me:no:m^*$? / Digo o meu nome? / 134;

I

| $\begin{smallmatrix} é: \\ \zeta \end{smallmatrix}$ $umé:namurá:dũã:dãñã'sé:f'ã'$ / O meu namorado anda na (a)ceifa / 141;

| ϵ me / —meu— / 63 (2); | $\begin{smallmatrix} 2 \\ e^{(v)} \end{smallmatrix}$ $me^{(v)}pa'ɾ$ / meu pai / 117; 138;

2 I

2 I

3

| $\tilde{e}^{(u)}$ $umē^{(u)}$ / O meu — ? / 81; | $\tilde{e} \rightarrow [u]$ $mē \rightarrow [u]paɪ$ / Meu

pai — / 133; | $\begin{smallmatrix} (2) \\ e \rightarrow [u] \end{smallmatrix}$ $\begin{smallmatrix} (2) \\ me \rightarrow [u]paɪ \end{smallmatrix}$ / meu pai — / 100;

| $e^{(u)}$ $me^{(u)}$ / meu — / 66; | $e \rightarrow u$ $me \rightarrow u$ / meu — / 86;

| $\begin{smallmatrix} ú \\ e' \end{smallmatrix}$ $umē'm\tilde{o}:dvída$ / O meu modo de vida / 80; | $\begin{smallmatrix} é'u \\ e' \end{smallmatrix}$ $mē'u$ / meu — / 86;

O₃

| $\begin{smallmatrix} é'u \\ e' \end{smallmatrix}$ $kanumé'u\tilde{a}tē'dimē:tu$ / Cá no meu entendimento / 135;

I

| $\begin{smallmatrix} é-u \\ e' \end{smallmatrix}$ $purkté'nu la:ũfílume-u$ / porque tenho lá um filho meu / 140;

Como parte de outros monossílabos:

| $e'u$ $de'u$ / deu / 100; | $\begin{smallmatrix} é' \\ \zeta \end{smallmatrix}$ $té'pã'trã'só \rightarrow u$ / teu patrão sou / 135;

| $\begin{smallmatrix} e:u \\ \zeta \end{smallmatrix}$ $de:uf$ / —Deus / 107; | $\begin{smallmatrix} e u \\ (\zeta) \end{smallmatrix}$ $t e u f s a g r e d u f$ / —teus segredos. / 62;

┌ ϵ^u $kau\breve{m}e^ufpatro^uf$ / *Cá os meus patrões* — / 125; de^uf / *Deus* / 57;

┌ $\acute{\epsilon}$ $ad\acute{e}uf$ / *a Deus* / 135; ┌ $\epsilon \rightarrow u$ $p^l r \tilde{\alpha} nu^s de \rightarrow u f k i z e : r$ / *P'ro*

ano se Deus quiser. / 141; ┌ $\acute{\epsilon}u$ $ad\acute{e}uf$ / — *a Deus*, — / 141;

┌ ϵ^u $grasazade^uf$ / —, *graças a Deus* / 98; ┌ ϵ^u de^uf / — *Deus* / 111;

DITONGO TÓNICO (eu) — VARIANTES:

Como parte do dissílabo «chapéu»:

┌ ϵ^u $\int ap\epsilon^u$ / *chapéu* / 101; ┌ ϵu $\int^{\circ} ap\epsilon u$ / — *chapéu.* / 84, 62, 67,

71, 74, 80; $\tilde{u} \int ap\epsilon u$ / *Um chapéu* / 99, 100, 119; ┌ ϵ^u $\int^{\circ} ap\epsilon u^l dpa\lambda a^{\circ}$ /

/ *chapéu de palha* / 124; 93, 98, 110, 122; ┌ $\acute{\epsilon}^u$ $\tilde{u} \int^{\circ} ap\acute{\epsilon}^u$ / *Um cha-*

péu. / 134; ┌ $\acute{\epsilon}u$ $\int^{\circ} ap\acute{\epsilon}u$ / *chapéu* / 75; 81, 82; ┌ $\acute{\epsilon}u$ $\int ap\acute{\epsilon}u$ / — *cha-*

péu. / 82; 117; ┌ $\epsilon : u$ $\int ap\epsilon : u$ / *chapéu* / 124; ┌ $\epsilon \rightarrow u$ $\int ap\epsilon \rightarrow u$ / — *cha-*

péu — / 133; ┌ $\acute{\epsilon} \rightarrow u$ $\int^{\circ} ap\acute{\epsilon} \rightarrow u$ / — *chapéu* — / 141;

┌ $\epsilon \rightarrow \alpha$ $\epsilon^u \int^{\circ} ap\epsilon \rightarrow \alpha dpa\lambda a$ / *é um chapéu de palha* / 118;

┌ $\acute{\epsilon} : \rightarrow u$ $\int ap\acute{\epsilon} : \rightarrow u$ / — *chapéu.* / 138; ┌ ϵu $(\int ap)\epsilon u$ / — *chapéu* / 61,

64, 66; ┌ ϵ^u $\int ap\epsilon^u$ / *Chapéu* / 77; 85, 87, 105; ┌ $\epsilon : u$ $\tilde{u} \int ap\epsilon : u$ /

/ *Um chapéu* / 102; 103; | $\acute{e}:u$ $\overset{2}{\underset{\zeta}{f\grave{a}p\acute{e}:ugro\grave{o}}}\underset{\zeta}{s}:u$ / *chapéu grosso* / 141;

| $\acute{e}u$ $\underset{T}{\underset{T}{fap\acute{e}u}}$ / *chapéu* / 96; 84; | $\acute{e}:u$ $\overset{\sim}{fap\acute{e}:u}$ / — *chapéu* / 90;

66, 123; | $\epsilon(u)$ $\tilde{u} fap\epsilon(u) dpa\lambda\eta\alpha$ / *Um chapéu de palhinha* / 92;

| $\epsilon:u$ $\tilde{u} fap\epsilon:u$ / *um chapéu* — / 111; | $\epsilon:\rightarrow u$ $\tilde{u} fap\epsilon:\rightarrow u$ / ----*um*

chapéu--- / 125; | $\acute{e}:\rightarrow u$ $\overset{\sim}{fap\acute{e}:\rightarrow u}$ / *Um chapéu* / 129;

| $\acute{e}:\rightarrow u$ $\underset{T}{fap\acute{e}:\rightarrow u}$ / *Chapéu.* / 141; | $\acute{e}:u$ $\underset{T}{fap\acute{e}:u}$ / — *chapéu* / 135;

| ϵu $(fap)\epsilon u$ / *chapéu* / 60; | $\epsilon:u$ $(fap)\epsilon:u$ / *chapéu* / 60;

I

| $\epsilon:u$ $fap\epsilon:u$ / *chapéu* / 109; 125; $fap\epsilon:u d\phi m\epsilon i$ / ----*chapéu de homem*, / 125;

| $\epsilon:u$ $\tilde{u} fap\epsilon:u$ / *um chapéu* / 115; | $\overset{2}{\underset{\cdot}{\epsilon}}:\rightarrow u$ $\tilde{u} \overset{2}{\underset{\cdot}{fap\epsilon}}:\rightarrow u$ / *um chapéu* / 125;

Ocorreram com a mesma palavra, mais as variantes seguintes:

| $\underset{\zeta}{e}:u$ | $\underset{\zeta}{e}u$ | $\underset{\zeta}{e}:u$ 56; 57; 58; (respectivamente);

DITONGO ÁTONO (*eu*) — VARIANTES:

| ϵ $\overset{\sim}{fap\acute{e}zi:n}$ / — *chapèuzinho* / 100;

DITONGO TÓNICO (*ai*) — VARIANTES:

Como parte das palavras «*abaixo*», «*baixo*», «*debaixo*»:

| $\underset{\zeta}{a}: \underset{\zeta}{dukaftel(u)aba:f}u$ / — *do castelo abaixo* / 127; | $\underset{\zeta}{a}: \underset{\zeta}{ba:f}u$ /

/ —baixo / 135; | a dba_ofu / debaixo — / 82; 59; dba_ofu / debaixo — / 82;

| a dba_ofu / —debaixo. / 82; aba_ofu / —abaixo. / 88;

| a: ma_o3ba_o:fu / —mais baixo / 133; | á: bá:fu / —baixo / 135;

| a: du_oba_o:fu_ole tezu_o / —do Baixo Alentejo / 126; 119;

| a lapraba_ofu / —lá p'ra baixo / 119;

Outros contextos:

| a ba_ola / —baila — / 89; | á:→(ι) sá:→(ι)ba_orãsfpode_o:r / —saiba

responder. / 99; | a_o ba_ola_o / —bailes / 108; | a(→ι) ba(→ι)la_o /

/ —bailes / 109; | a_o umaksa_oiba_o* / Uma que saiba / 127;

| a_o bai_ola_o* / —baile / 134; | á→ι triγá→ιf / —trigais / 137;

| a→ι alvure_o:duf, mi_olara_o→ιf / Arvoredos, milharais. / 137;

Como parte do monossílabo «mais»:

| a mazna_o:da / mais nada / 9; ste do_osp_ouma_osp_okenudba_o:fu / Se tem

dois, põe o mais pequeno debaixo / 119; | a_o *sto_oma_o:sfarta_o:de:la_o!za_o! /

/ Estou mais farta dela! já! / 141; ma_ozda / —mais de — / 125;

(8)* A vogal manifestou um ímpeto tensional com possível função expressiva.

(9)* Próximo de (λ).

- I a s'õ,mãna:da / —, só; mais nada / 102; I ã mā̃*bara:tuʃ /
 <> <> > > <>
 / — mais baratos / 119; I ã mā̃→²buni:tu...? / Mais bonito...? / 139;
 f < <
 I a mãlõ^{*}ktepuʃe:tu / — mais longe que tenho feito / 138;
 c
 I a→ ma→²ũnepũ / Mais nenhum / 126; 126; I a^u ma^u3 / — mais
 (do) — / 84; ma^u3ve:lũ / --mais velho / 125; I a→(u) ma→(u)ʃtēpu? /
 . <- c o
 / — mais tempo? / 102; 105; I a^u ma:ʃkōprida / mais com-
 c > T c
 prida, — / 125; I a^u ma^u3ba:fu / — mais baixo / 133;
 o
 I a^u ĩ²da^uma:ʃ! / Ainda mais! / 141; I a^u sēma^uʃ / Sei mais / 137;
 c < < > >

Como parte de outros monossílabos:

- I ai ume'pai / o meu pai / 98; I aⁱ me'pa:ɪ / — meu pai / 63;
 117, 118, 137; tãbe:va:ɪ / também vai, — / 125; I aⁱ kã^u / cai — / 84;
 I áⁱ ũ²me'pa:ɪ / O meu pai — / 138; I áⁱ vá:u^opé / — vai o pé / 84;
 I á:→ i^ovã:→ / — e vai — / 127; I á: i^opã:ʃ? / — pais? / 90;
 I á:j érame'pã:j / — Era meu pai / 140;
 c

(1) * Som muito próximo da bilabial nasal com frouxa tensão articulatória.

(3) * Apenas esboçado.

| $o \rightarrow i$ $po \rightarrow i z a t a \tilde{u}$ / *Pois então* / 141; 84; | $\acute{o} i$ $d\acute{o} i f p i \tilde{o} \tilde{a} f$ / *Dois*
piões / 133; | $\acute{o} i$ $d\acute{o} i z \tilde{u}$ / *dois um* / 92; | $o i$ $d o i f$ / *dois —* / 61;
 74, 88, 93, 97, 101, 121, 125, 127; $i f o i m e m u$ / *e foi mesmo* / 119;
 | $\acute{o} i$ $p \acute{o} i f$ / *Pois!* / 134; 81; | $o i$ $d o i f$ / *dois —* / 63; 81, 88,
 90, 98, 99; $d o i z \tilde{u}$ / *— dois um* / 100; $p o i f$ / *—, pois* / 101;
 $p o i z e d o i f k \tilde{a} f$ / *pois é dois cães* / 118; 118, 119 (3), 122 (2); $\varphi o : b o i f$ /
 / *— só bois* / 118; 102; $f o i$ / *— foi —* / 87; | $o i$ $b o : i f$ / *— bois* / 89;
 | $\acute{o} i$ $d \acute{o} i f$ / *dois* / 63; 64; $t r e f, d \acute{o} i z \tilde{u}$ / *três, dois um* / 82; 135;
 | $\acute{o} (i)$ $p \acute{o} (i) z (e l a f)$ / *pois elas —* / 81; | $o (i)$ $d o (i) f$ / *dois —* / 82;
 92, 93, 99, 122; | $o \rightarrow i$ $d o \rightarrow i f$ / *dois* / 119; | $o \rightarrow \mathfrak{x}$ $d o \rightarrow \mathfrak{x} f$ /
 / *dois —* / 71; 89, 115, 116, 123; | $o \rightarrow \mathfrak{x}$ $d o \rightarrow \mathfrak{x} f k \tilde{a} f$ / *dois cães* / 110;
 $f o \rightarrow \mathfrak{x} b \tilde{v}$ / *— foi bom* / 119; | $o \rightarrow \mathfrak{x}$ $d o \rightarrow \mathfrak{x} f p i \tilde{o} \tilde{a} f$ / *Dois piões* / 124; 138;
 | $\acute{o} \rightarrow \mathfrak{x}$ $d \acute{o} \rightarrow \mathfrak{x} f k \tilde{a} \tilde{v} f$ / *Dois cães* / 138; | $\acute{o} \rightarrow i$ $d \acute{o} \rightarrow i f p i \tilde{o} \tilde{a} f$ / *Dois*
piões / 134; 138; | $\acute{o} \rightarrow [i]$ $f \acute{o} \rightarrow [i]$ / *— foi —* / 100; | $o (i)$ $d o (i) f$ /
 / *dois —* / 62; 87, 102; | $o \rightarrow [i]$ $f o \rightarrow [i] b \tilde{v} n u t u$ / *— foi bonito, —* / 102;
 | τ $< (o)$

(7) * Possivelmente $\mathfrak{x}$.

- | $o:u$ $do:uf$ / *dois* / 96; 86, 88, 116; | $ó:u$ $f'ó:u$ / —, *foi* — / 140;
 | $o:(u)$ $do:(u)f'kãf$ / *dois cães* / 61; 98 (2); | $o:→u$ $bo:→u$ / — *boi* / 89;
 $\tilde{u}, do:→uf$, / *Um, dois*, — / 137; | $\underset{T}{o:}$ $d o:uf$ / *dois* — / 124;
 | $\underset{(\zeta)}{o:}$ $d o:fkãf$ / — *dois cães* / 90; | $\underset{\zeta}{o:}$ $do:fkãuf$ / *dois cani-*
tos / 100; | $\underset{\zeta}{o:}$ $sare:zãf, po:uf$ / *cerejas, pois* / 103; 75, 124;
 | $\underset{\zeta}{o:u}$ $po:uf$ / *pois* / 67; 87, 133; | $\underset{\zeta}{o:u}$ $po:→uf$ / —, *pois.* / 139;
 | $ó:u$ $dó:uf$ / —, *dois*, — / 139; | $\underset{\zeta}{o:u}$ $po:uf!$ / *Pois!* / 89;
 | $\underset{\zeta}{o:→u}→[j]$ $po:→u→[j]f!$ / *Pois!* / 141; | $\underset{\zeta}{o:→u}→j$ $fo:→u→j$ / *Foi* — / 139;
 | $\underset{\zeta}{ou}$ $\tilde{u}, do:uf$ / *Um, dois* / 130; | $\underset{\zeta}{o:→u}$ $fo:→u$ / *Foi* — / 141;
 | $\underset{\zeta}{o:→u}$ $fó:→u$ / *Foi* — / 141; | $\underset{\zeta}{o:u}$ $ekskõ:m, po:uf!$ / — *é que se come,*
pois! / 133; | $\underset{\zeta}{ó:u}$ $dó:ufp'v'õ:uf$ / *Dois piões* / 141; | $\underset{\zeta}{ó:→u}$ $dó:→uf$ /
 / *Dois* / 137; | oa $vĩtãdox:zu$ / *vinte e dois e* — / 125;
 | $\underset{(\cdot)}{o:(u)}$ $p o:(u)f$ / *pois* — / 68; | $\underset{(\cdot)}{o:}$ $d o:zãuf$ / — *dois anos* / 130;
 | $\underset{\cdot}{o:}$ $do:f$ / *dois* — / 81; 125; | $\underset{\cdot}{o:}$ $po:f_3$ / *pois, num.* / — 88;
 $\underset{\cdot}{po:f}stenu$ / *Pois tenho* / 121; | $\underset{T}{\underset{\cdot}{ó:}}$ $pó:fstenu$ / *Pois tenho* — / 134;
 | $\underset{\cdot}{o:u}$ $do:uf$ / — *dois* / 83; | $\underset{\cdot}{o:(u)}$ $po:(u)f$ / *pois* / 81;

- | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{p}o:\overset{\circ}{t}$ / pois, — / 92; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{f}o:\overset{\circ}{u}n\overset{\circ}{u}v(u)r\overset{\circ}{a}\overset{\circ}{u}$ / foi no verão / 89;
 | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{p}o:\overset{\circ}{f}$ / —, pois / 138; 99; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{2}{\overset{\circ}{p}o}:\overset{2}{\overset{\circ}{t}}\overset{\circ}{f}$ / Pois / 137;
 | $\overset{2}{\overset{\circ}{o}}:\overset{2}{\overset{\circ}{u}}$ $\overset{2}{\overset{\circ}{p}o}:\overset{2}{\overset{\circ}{t}}\overset{\circ}{f}$! / Pois! / 138; | $\overset{2}{\overset{\circ}{o}}:\overset{2}{\overset{\circ}{u}}$ $\overset{2}{\overset{\circ}{p}o}:\overset{2}{\overset{\circ}{t}}\overset{\circ}{f}$ / Pois há. / 137;
 | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{p}o:\overset{\circ}{f}$ / Pois / 107; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{p}o:\overset{\circ}{t}\overset{\circ}{f}$! / pois! / 88;
 | $\overset{\circ}{o}(\overset{\circ}{u})$ $\overset{\circ}{p}o(\overset{\circ}{u})\overset{\circ}{f}$, / Pois, — / 139; 105; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{d}o:\overset{\circ}{t}$ / Dois — / 125;

Em polissílabos:

- | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{d}z\overset{\circ}{o}i\overset{\circ}{t}u$ / dezoito / 78; 78; $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{o}i\overset{\circ}{t}u$ / oito / 80; 100; $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{n}o\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{t}$ / — de
 noite / 98; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{e}k\overset{\circ}{o}i\overset{\circ}{z}a\overset{\circ}{b}\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{a}$ / É coisa boa / 138; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{d}a\overset{\circ}{n}o\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{t}$ /
 / da noite. / 80; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{k}o\overset{\circ}{a}\overset{\circ}{l}\overset{\circ}{f}o\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{c}e\overset{\circ}{s}$ / com as foices / 117;
 | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{f}o\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{c}e\overset{\circ}{s}$ / — foice / 133; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{n}\overset{\circ}{o}\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{v}u$ / — noivo / 123;
 | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{o}i\overset{\circ}{t}u$ / —, oito, — / 88; $\overset{\circ}{a}:\overset{\circ}{z}\overset{\circ}{o}i\overset{\circ}{t}\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{r}\overset{\circ}{a}\overset{\circ}{f}$ / — às oito horas. / 125;
 $\overset{\circ}{d}a\overset{\circ}{z}\overset{\circ}{o}i\overset{\circ}{t}u$ / — das oito, — / 141; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{d}n\overset{\circ}{o}\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{t}$ / de noite / 105;
 | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{d}n\overset{\circ}{o}\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{t}$ / De noite / 137; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{d}n\overset{\circ}{o}\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{t}$ / — de noite. / 89;
 | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{a}m\overset{\circ}{e}\overset{\circ}{a}n\overset{\circ}{o}\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{t}$ / à meia noite / 119; | $\overset{\circ}{o}:\overset{\circ}{u}$ $\overset{\circ}{d}n\overset{\circ}{o}\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{t}$ $\overset{\circ}{k}u\overset{\circ}{a}\overset{\circ}{d}\overset{\circ}{e}\overset{\circ}{v}\overset{\circ}{o}\overset{\circ}{d}n\overset{\circ}{o}\overset{\circ}{i}\overset{\circ}{t}$ /

(3)* Muito labializado.

(11)* Próximo de (v).

pokaʃ / *poucas* — / 81; 87; 85; 88; *as̃ĩ^τpoku* / *assim um pouco* / 125;

otr̃ α_(c) f̃^o ñ^{} pre:ʃt̃^{*}* / —, *outras não prestam*; — / 99; *otruʃbaraɪʃ* / —, *outros*

baratos / 100; 109; *! ó meʒm̃^o p̃okʊfalad̃^o:r̃ɐʃ* / *mesmo pouco falado-*

res / 104; 49; *! ò p̃okʊʃ* / —, *poucas* —. / 78; *! o lɪʒbõ^a* /

/ *Lisboa* / 62; 59; *tabõ^a* / *'tá boa* / 62; *stõ* / — (*cá*) *estou* — / 63; 88;

təzõ^a r̃ɐ / — *tesoura* / 68; *lɪʒbõ^a* / — *Lisboa*. / 69; *põ^a k̃a* / *pouca* —. / 71;

fikõ / *ficou* — / 71; 71; *kõv* / — *couve*. / 80; *rõp̃ α_(c)* / — *roupa* / 81;

ps̃^o α_(c) f̃ / — *possoas*. / 82; *tõ* / (*es*)*tou* — / 84; *ēf̃eʃõ* / *enfeixou* / 85;

87, 88, 89; *k̃ovidõm* / — *convidou-me* / 97; 99, 100; *ēsinõ* / — *ensi-*

nou, — / 105; 106; *lavõ^a r̃ɐ* / *lavoura* / 107; *otraʒṽdõ^o trã* / —, *outras vão*

doutra / 109; 107; *mõ^a r̃ɐ* / — (*a*) *Moura* / 116; *lɪʒbõ^a* / — *Lisboa* / 119;

lɪʒ(f)bõ^a / — *Lisboa* / 123; 124, 125 (2), 126, 127; *lɪʒbõ^a* / — *Lisboa* — / 140;

ʌʃtõmaʃ / *Estou mais* — / 141; *! õ² õ² trũ²* / — *outro* / 119;

! ó ùma ps̃^o:ó̃^a / *uma pessoa* / 81; *ó̃^o trũ* / *outro*. / 85; *s̃^adm̃^o r̃ɐ* / *São*

de Moura / 126; | ò ò'tra / —, outra — / 87; | o: e^upo:kaf- / eu,
(^c)
poucas / 96; 65; amargo: / — amargou / 99; 116; o:vẽ / — ouvem / 119;
121; po:kũ / pouco / 122; 125; o:tra? / Outra? / 127; ma^ufpo:kũ / —, mas
I
pouco / 139; | ò: ò:v / Houve, — / 122; na²lavo:ra: / —na lavoura / 125;
T
ĩ²mo:rã / Em Moura / 126; | ò: f^o:s^uka^unu:du²f / fouce* e canudos / 141;
C C
I
| ó: pó:kũ! / —pouco! / 87; zãsakabó:amõda / Já se acabou a
(^o) T
monda. / 102; 127; lĩzbo:ã / Lisboa / 134, 137; 140; f^u:s^u / Fouce* / 141;
T
I
| ó: s²ẽ^uprẽ^umó:ra: / —sempre em Moura / 126; id²r^uio:af / —e derro-
C C
tou-as / 127; | o: fto: / (não) estou / 82; ul^uo:ru / o Louro / 97;
C
po:kũ / —pouco / 103; | o: mo:ra: / (Lá vai) Moura, / 127;
C
mo:ra: / —Moura / 124; po:kaf / —poucas / 102; | ò: mo:rã /
T C
/ —Moura / 123; | ó: dtó:ru^uf / —de touros* / 127; | ó: pó:kũf —! /
C C
/ poucos —! / 88; | ó: ó:tru / —outro / 79; 107; | o: otra —? /
(^c) (^c) C C

(5-7)* O vocábulo «fouce» realiza-se com o ditongo (oi) ou (ou).

(11)* Possivelmente o.

(12)* Observemos que o vocábulo «touro» também apresenta a realização (touru).

/ —outra—? / 81; $p\underset{\zeta}{\bar{r}}\underset{o}{\bar{s}}\underset{\zeta}{\bar{e}}\underset{o}{\bar{b}}\underset{\zeta}{\bar{u}}\underset{o}{\bar{p}}\underset{o}{\bar{k}}\underset{o}{\bar{u}}$ / —percebo pouco / 101; $\tilde{m}\underset{\zeta}{\bar{a}}\underset{\zeta}{\bar{n}}\underset{\zeta}{\bar{a}}\underset{\zeta}{\bar{t}}\underset{\zeta}{\bar{o}}\underset{\zeta}{\bar{b}}\underset{\zeta}{\bar{e}}\underset{\zeta}{\bar{s}}\underset{\zeta}{\bar{e}}\underset{\zeta}{\bar{r}}\underset{\zeta}{\bar{t}}\underset{\zeta}{\bar{u}}$ /

/ E não estou bem certo^T / 127; $\text{I } o\underset{\zeta}{\cdot}$ $a\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{e}$ / a outra é — / 88;^T

$\text{I } o\underset{\zeta}{\cdot}$ $m\underset{\zeta}{a}z\underset{\zeta}{a}p\underset{\zeta}{a}p\underset{\zeta}{u}p\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}k\underset{\zeta}{u}$ / —mas apanho pouco / 99; 127, 137, 138;

$\text{I } o\underset{\zeta}{\cdot}$ $\bar{r}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}p\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{\cdot}$ / —roupa. / 138; $\text{I } \overset{2}{o}\underset{\zeta}{\cdot}$ $p\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}k\underset{o}{u}$ / —pouco / 137;

$\overset{2}{p}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}k\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{f}$ / Poucas. / 143; $\text{I } \overset{2}{o}\underset{\zeta}{\cdot}$ $p\underset{\zeta}{o}\underset{o}{\cdot}k\underset{o}{u}$ / —pouco / 92;

$\underset{\cdot}{e}k\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{i}z\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{b}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}a\underset{\zeta}{\cdot}$ / É coisa boa / 138; $\text{I } \underset{\zeta}{v}$ $m\underset{\zeta}{u}\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{a}$ / Moura / 117;

$p\underset{\zeta}{u}k\underset{\zeta}{u}\underset{\zeta}{t}\underset{o}{e}\underset{o}{\cdot}p\underset{o}{u}$! / Pouco tempo! / 143; $\text{I } \overset{1}{o}(\underset{\cdot}{\kappa})$ $\overset{2}{f}\underset{\cdot}{o}(\underset{\cdot}{\kappa})\underset{\cdot}{s}$ / —fouce / 107;

$\text{I } o^*$ $t\underset{\zeta}{u}\underset{\zeta}{\cdot}d\underset{\zeta}{u}\underset{\zeta}{\cdot}v\underset{\zeta}{\cdot}s\underset{\zeta}{\cdot}e\underset{\zeta}{\cdot}f\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{v}\underset{\zeta}{\cdot}e\underset{\zeta}{\cdot}r$ / Tudo isso eu estou a ver / 135;

$p\underset{\zeta}{\bar{s}}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{f}$ / —pessoas / 121; $\text{I } o^*$ $(g\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{p})\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}s$ / —ganhou-se / 119;

$\text{I } o^*$ $m\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}r\underset{\zeta}{a}$ / —Moura / 124; $\text{I } o\underset{\cdot}{\cdot}$ $l\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{\cdot}k\underset{\zeta}{a}z\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{\cdot}d\underset{\zeta}{e}\underset{\zeta}{\cdot}l\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{z}\underset{\zeta}{b}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}a\underset{\zeta}{\cdot}$ / lá casado

em Lisboa / 140; 117, 119, 143; $\text{I } o^*$ $d\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{\cdot}t\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{a}$ / doutra / 139;

$\text{I } o(u)$ $\underset{\zeta}{e}k\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{o}(u)$ / —é que (es)tou—. / 79; $\text{I } \overset{1}{o}(u)$ $t\underset{\zeta}{o}(u)\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{u}$ /

/ —touro / 89; $\text{I } \overset{1}{o}(\rightarrow u)$ $k\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{\cdot}f\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{o}(\rightarrow u)$ / —cá estou / 108;

(8)* Cons. A. Lacerda, «Transcrição indirecta...» *ob. cit.* anteriormente, pg. 39 (Sons intermédios).

(10)* Possivelmente ζ com vozeamento inicial.

- I $\underset{\zeta}{\dot{o}}$ $\underset{\zeta}{\dot{o}}\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{e}\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{\dot{a}}$ / —, ou *terça* / 126; I $\underset{\zeta}{o}$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{l}\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{e}\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{a}$ / —, sou *sol-*
teira / 101; 139 (2); I $\underset{\zeta}{o}$ $\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{f}\underset{\zeta}{u}\underset{\zeta}{k}\underset{\zeta}{\ddot{a}}\underset{\zeta}{d}\underset{\zeta}{u}$ / ou (es) *tá chocando* / 100;
 $\underset{\zeta}{\dot{o}}$ $\underset{\zeta}{\dot{o}}\underset{\zeta}{\dot{t}}\underset{\zeta}{e}\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{u}$ / sou *solteiro* / 118, 134, 138; I $\underset{\zeta}{o}$ $\underset{\zeta}{n}\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{k}\underset{\zeta}{u}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{d}\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{i}\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{\dots}!$ /
 / *Não sou quadrista...!* / 137; 137; I $\underset{\zeta}{o}$ $\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{m}\underset{\zeta}{e}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{f}$ / ...ou *meias*, — / 90;
 I $\underset{\zeta}{o}$ $\underset{\zeta}{\alpha}\underset{\zeta}{k}\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{e}\underset{\zeta}{z}\underset{\zeta}{\ddot{a}}\underset{\zeta}{u}$ / — ou *que sejam* / 126; I $\underset{\zeta}{\dot{o}}$ $\underset{\zeta}{\dot{o}}\underset{\zeta}{k}\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{e}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{z}\underset{\zeta}{\alpha}\underset{\zeta}{d}\underset{\zeta}{f}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{r}\underset{\zeta}{i}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{p}\underset{\zeta}{a}$ /
 / —, ou *que seja de farinha* / 126; I $\underset{\zeta}{v}$ $\underset{\zeta}{v}\underset{\zeta}{\overset{*}{o}}$ / *vou* — / 74;
 I $\underset{\zeta}{o}\rightarrow(u)$ $\underset{\zeta}{v}\underset{\zeta}{o}\rightarrow(u)\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{m}\underset{\zeta}{\ddot{o}}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{d}\underset{\zeta}{a}$ / —, *vou à monda* / 98;
 I $\underset{\zeta}{o}\rightarrow(u)$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\rightarrow(u),\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\rightarrow(u)$ / *Sou, sou.* / 62; 100; I $\underset{\zeta}{o}\rightarrow[u]$ $\underset{\zeta}{o}\rightarrow[u]\underset{\zeta}{g}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{t}\underset{\zeta}{a}$ /
 / —, ou *gata* — / 119; 135; I $\underset{\zeta}{o}\rightarrow u$ $\underset{\zeta}{n}^{\text{II}}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\rightarrow u$ / *Não sou* — — / 141;
 I $\underset{\zeta}{\acute{o}}\rightarrow u$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{\acute{o}}\rightarrow u$ / — *sou* / 135; I $\underset{\zeta}{o}^u$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}^*$ / *Sou* — / 88; 88;
 I $\underset{\zeta}{o}^v$ $\underset{\zeta}{o}^v\underset{\zeta}{n}\underset{\zeta}{a}\underset{\zeta}{d}\underset{\zeta}{a}$ / ou *nada*, — / 119; I $\underset{\zeta}{o}^u$ $\underset{\zeta}{v}\underset{\zeta}{o}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{m}\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{\alpha}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{f}\underset{\zeta}{\ddot{a}}\underset{\zeta}{:}\underset{\zeta}{d}\underset{\zeta}{u}!$ / *Vou-me*
safando! / 139; I $\underset{\zeta}{\acute{o}}\rightarrow[u]$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{\acute{o}}\rightarrow[u]$ / — *sou* — / 139;
 I $\underset{\zeta}{o}^u$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\rightarrow u$ / — *sou* / 79; I $\underset{\zeta}{o}\rightarrow u$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\rightarrow u$ / — *sou* — / 86;
 I $\underset{\zeta}{\dot{o}}\rightarrow(u)$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\rightarrow(u)$ / —, *sou* / 100; I $\underset{\zeta}{\dot{o}}\rightarrow(u)$ $\underset{\zeta}{v}\underset{\zeta}{o}\rightarrow(u)$ / — *vou.* / 102;
 I $\underset{\zeta}{\overset{2}{o}}\rightarrow(u)$ $\underset{\zeta}{\overset{2}{v}\underset{\zeta}{o}}\rightarrow(u)$ / — *vou* / 109; I $\underset{\zeta}{\dot{o}}\rightarrow v$ $\underset{\zeta}{s}\underset{\zeta}{o}\rightarrow v$ / — *sou* / 80;

(6) * Possivelmente (o).

(10) * Possivelmente $\underset{\zeta}{o}^u$.

! $\overset{v}{o} \rightarrow u$ $po \rightarrow i\breve{v}o \rightarrow u!$ / pois vou! / 99; ! $\overset{2}{o}$ $\overset{2}{vo}, s' \tilde{n} a' t i v e r$ / — vou,

se não tiver — / 102; ! $o \rightarrow v$ $s' o \rightarrow v s' o l t e : r u$ / Sou solteiro / 125;

! $\overset{2}{o} v$ $\overset{2}{s} o v, \overset{2}{s} o v$ / Sou, sou / 117; ! $o \rightarrow (u)$ $a : , p a r v \tilde{u} n \tilde{a} s o \rightarrow (u)!$ / Ah,

parvo não sou! / 100; ! $o u$ $s o u s o l t e : r u$ / Sou solteiro / 134;

DITONGO ÁTONO (ou) — VARIANTES:

! $\overset{\circ}{o}$ $p \overset{\circ}{o} k a f i t a f$ / «poucachitas» / 115; ! o $p o' k a f i : p a f$ / — «pou-

cachinhas». / 65; $k o' s e (i) r u$ / (Paiva) Couceiro / 79; $\tilde{e} (i) o' r i : k$ / Em

Ourique / 102; ! $\overset{\circ}{o}$ $\overset{\circ}{o} r i' k$ / — Ourique — / 122; ! $\overset{\circ}{o}$ $s \overset{*}{e} : p \overset{\circ}{o} k a f i : p u$ /

/ sei «poucachinho» / 102; $\tilde{i} (n) d a n \tilde{a} \overset{\circ}{o} : v i :$ / — Ainda não ouvi — / 140;

! $\overset{\circ}{o}$ $t e' p u o v i d u$ / tenho ouvido — / 121; $d \overset{v}{p} e d o r i : k$ / — de ao pé de

Ourique / 125; $\overset{*}{s} o b e : s$ / — soubesse — / 139; $s' s o b e : s \overset{\Pi}{\pi}$ / — se soubesse — / 143;

! $o (v)$ $s o (v) b e' \zeta i$ / soubesse / 119; ! $\overset{v}{o}$ $k o r e : l a$ / — courela / 121;

! $o \rightarrow (u)$ $d z o : u d o \rightarrow (u) t u b r u$ / — dezoito d'Outubro / 102;

! $\overset{2}{o}$ $\overset{2}{o} r i : k$ / Ourique / 102; ! $\overset{\circ}{o}$ $f u' i a l \overset{\circ}{o} l \overset{\circ}{e} \rightarrow [i]$ / —, fui a Loulé, — / 100;

(1) * Muito próximo de $\overset{2}{v}$.

(7) * Próximo de v .

(10) * Possivelmente $\overset{\circ}{o}$.

$s^{\circ} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{r} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{f} / S\tilde{a}o = . / 133; fl o \overset{\circ}{r} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{r} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{f} / - flor com = / 134;$
 $(\overset{\circ}{c})_I \overset{\circ}{c} \dots$

F

■ $\overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{r} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{f} / 87; k\grave{a} \overset{\circ}{r} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{f} / 89; 92; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{r} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{f} / 122, 125;$

■ $\overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{r} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{f} / 103, 141 (2); \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{r} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{f} / 138;$

Em realizações do vocábulo «comboio»: (a)

■ $\overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / comboio / 126; k\grave{a} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / 103; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{u} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} /$

$/ um = / 96; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} \rightarrow j \overset{\circ}{u} / 138; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} (m) \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / 81;$
 $(\overset{\circ}{c}) \quad (\overset{\circ}{c})$

■ $\overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{u} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / um = / 87; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} \rightarrow (u) / 60;$

■ $\overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / 102; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} \rightarrow ? / 141; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} \rightarrow ? / 92;$

F

I

I

$\overset{\circ}{u} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{a} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / um = , - / 99; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} \rightarrow \overset{\circ}{u} / 101; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / 90;$

■ $\overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{u} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / 129; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{u} \overset{\circ}{k} \overset{\circ}{o} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / um = / 125;$

Em outros contextos:

■ $\overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{z} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{f} ? / anzóis? / 84; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{b} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} \overset{\circ}{a} / boina / 84;$

Em realizações do vocábulo «dezoito»: (b)

■ $\overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{d} \overset{\circ}{z} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / dezoito / 125; \text{■ } \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{d} \overset{\circ}{z} \overset{\circ}{\omega} \overset{\circ}{i} \overset{\circ}{u} / 96;$

(a) Observe-se que o ditongo ($\overset{\circ}{\omega}$) pode neste caso, ou noutro contexto semelhante, coarticular-se com a vogal seguinte de forma a originar-se um tritongo.

(b) Vocábulo que admite, normalmente, realizações com ($\overset{\circ}{\omega}$) e com ($\overset{\circ}{\omega}$).

┌ ɔɪ dzɔɪtu / 138, 139; ┌ ɔɪ dzɔɪu / 137; ┌ ɔɪ dzɔɪ(u) / 87;

┌ ɔɪ dzɔɪtu / 90; ┌ ɔɪ dzɔɪtu / 102;

DITONGO (ui) — VARIANTES:

Como parte do monossílabo «fui»:

┌ úɪ f.úɪ / fui / 129; ┌ úɪ ãdanof.úɪ / —, ainda não = / 137;

be:ʒa:ʒa:fúɪ / Beja, já = / 141; ┌ uɪ tamēfúɪ / —, também = / 122;

┌ úɪ fúɪ / 99; ┌ úɪ f.úɪ / 140, 141; ┌ úɪ fúɪ / 87;

┌ úɪ fúɪ / 96; ┌ uɪ fúɪ / 109; ┌ uɪ lĩ:ʒbó'a,nofúɪ / — Lisboa,

não = / 126; f.úɪlamilitar,nazdúɪa:sté:rã:f / = lá militar, nas duas ter-

ras / 137; ┌ úɪ ʒaf.úɪ / Já = / 137; ┌ úɪ éfúɪ / — eu = / 139;

┌ ɔɪ prãme:ãravé'klafɔɪ / — primeira vez que lá = / 139;

┌ ɔɪ nu kafɔɪm→[ɔɪ]lita:r / Nunca fui militar. / 139;

DITONGO TÓNICO (au) — VARIANTES:

┌ a→u dbakal a→ua:ʒve:zəf / — de bacalhau às vezes / 138;

(11) * Possivelmente l, ou seja l fracamente palatalizado.

¹ e fe'ra / —feira / 62; 56 (4), 61, 58 (4), 59, 60 (5), 61;
 me'af / —meias / 62; 63; ruze'ra / —roseira / 63; 63 (2), 64, 65, 66 (2);
 kurde'ru / Cordeiro / 67; 69; fe'ta / —feita / 70; 71 (2); pase / —pas-
 sei — / 72; gu'fue / gostei / 74; 74 (3); la'rãze'raf / laranjeiras / 75; 75,
 76 (2), 78 (3), 79, 80 (6); ma'sfe'af / —mais feias / 81; 81 (3);
 ke'fu / —queixo — / 82; ma'ge'raf / —mangueiras / 82; 82 (9);
 afsmēte'raf / as sementeiras — / 84; se'fa / ceifa / 84; 84 (4);
 traba'lade'ra f! / trabalhadeiras! / 87; kase'ra / —caseira (de melão, de
 melancia) / 87 (2); 87 (3); ūka'ra'fke'ru / um carrasqueiro / 89;
 fe'to / —feito / 90; 90, 93 (2); kuar'te'ra / —Quarteira / 96; 96;
 prime'r a kla's / —primeira classe / 97; te'pu'fe'tu / tenho feito / 97; 98 (2);
 zu'ale'raf / —joelheiras / 98; 98; 99 (3), 100 (3); pe'f / —peixe — / 101;
 sa're'za'f / 101; 101 (6); na'zbe'ra / —na algibeira — / 102; so'lte'ru / sol-
 teiro / 102; 102 (2); pa're'ra / —parreira / 103; 103; 105 (3), 106 (2);
 da'me'ra / —da Amieira / 107; 107; 109, 110 (2), 111, 115 (2), 116 (2),
 117 (2); so'co'lte'ru / Sou solteiro / 118; 118; pu'dre'raf / —pedreiras / 119;
 119 (4); 121 (4); ²prā'me'ra / —primeira / 122; 122 (5); kñāse'zadel'af /

(6)* Possivelmente e.

/ — que não seja deles / 123; 123; mad' re: ta' / — mão direita, — / 125;
 125 (2); m'ore: r a' / — moreira / 126; 126; 138; 139; I e: zane: ru /
 (c)
 / — Janeiro / 63; 56, 63; made: ra / — Madeira / 64; pe: fəf / — pei-
 xes / 64; 64, 65, 66, 71; vd: ge: ra / Vidigueira / 77; ka: lde: ra / — cal-
 deira / 88; tudud(x) re: tu / tudo direito / 89; 89 (3); 92; ters' afe: ra / terça-
 feira / 96; 96 (4); 98 (2); igre: z a' / 100; 100 (3); 101, 115; fəv(ə) re: ru /
 (c)
 / Fevereiro / 119; 119 (3); 121 (2), 122; ale: fu / Aleixo / 123; 123 (2);
 124 (2); um' a: dūke: zu / e metade dum queijo / 125; 125 (4); s' o: mure: ra /
 T c
 / Só Moreira — / 126; 129; kure: a' / — correia — / 133; 133 (2), 135,
 139, 141; I e: zane: ru / Janeiro / 63; 81; ũka: fke: ru / um cas-
 queiro / 89 (2), 118; brī kadé: ra' / — brincadeira / 122; 126, 127; dyé: ru' /
 / — dinheiro / 127; tabulé: ru' / — tabuleiro / 129; 129, 133, 141;
 ribé: ra' / — Ribeira / 143; I e ao' treav e ' a / A outra é aveia / 88;
 (c) c (c)
 88, 123; I e pureraf / pereiras / 75; 56, 59, 60, 61, 63, 66, 71;
 kadera / — cadeira / 75; epefe, epefe / É peixe, é peixe / 81; gu²ste /
 c c c c
 / Gostei — / 102; I e: solt e : ru / Solteiro / 127; I e' aze: t /
 (c) c (c) c c
 / — azeite / 69; 57, 60, 62; pe: fəf / — peixes / 75; 78; qe' fpe: tua /

(10) * Tensão crescente com acréscimo inicial momentâneo.

/ — (com) respeito a — / 81; 88 (3), 93, 96; lame_çra / —Lameira. / 102;

mane_çra / —maneira, — / 109; çare_çzaf / cerejas / 115; 118;

pe_çf / Peixe / 126; 123; e:uma_çde_çra--- / É uma dedeira--- / 125; 134;

! e: ç:me:af,me:af / ou me^Tias, me_çias / 90; 59; 92 (2), 96, 99;

uma⁻²ruze:r a / Uma roseira / 100; 121 (2); agre:za / igre_çja / 123;

igre:za / —igreja / 123; 124, 125 (2), 126, 130, 133 (2); mã_çge:raf / man-

gueiras / 133; a lke:v_ça / Alqueiva / 138; 138; upe:fa / O peixe — / 139;

kue'kv'e:zu? / Que é que vejo? / 141; 141; ! è trè'spésaf / Três pei-

xes. / 62; ! é me_çaf / —meias / 78; ! é se_çza / —seja — / 80;

uazé_çta / —o azeite / 91; ùmaka_çdé_çra / uma cadeira / 103;

! é: opé:fi / —, ---ou peixe / 90; 89; ù'kørde_çru / Um cordeiro / 125;

134; v'é:zu / Vejo / 137; 141 (2); vgre:za / Igre_çja. / 141; pé:fa! /

/ Peixes! / 141; ! e nã²te:ju_çdneru / — não tenho dinheiro. / 140;

! é: fé_çru / —cheiro / 89; ! è d^u(ⁿ)ñeru / —dinheiro / 121;

! e apr_çmerave_çf / —a primeira vez / 118; ! è besuf / beiços / 64;

! e de_çfã s.alé_ç / deixam-se além / 121; fera_ç / —feira / 126;

- ^u e ^u kōpre / — comprei / 118; aldeia / — aldeia / 121; 121 (2);
 za:rã ^u ʒe / Já arranjei / 130; ^u e ^u u'lep̃aru'f̃ãũ / Olhei p'ro chão. / 135;
^u e ^u soumãʒme'af / São umas meias / 87; 117; kōpre'ʃep̃ikunuf /
 / comprei-os em pequeninos / 118; 119 (2); le't / — leite / 121; 122;
^{*}
^u me'af / meias / 121; ^{*}
^u nume'u / — no meio / 123; 124 (2), 125;
^u e ^u me'adu:ziad / meia dúzia de — / 125; ^u ame'ano:u' / à meia
 noite / 119; ^(u) e ^(u) s'e'ftai / Sexta e — / 140; ^(u) e ^(u) f'e'ra' /
 / — feira. / 130; ^(u) e : ^(u) pō buskur e :uf / Pombos correios / 129;
^u e: ^u s̃are:ʒa / cereja / 89; 117; ^u ñde'ʃe: / não deixei / 118; 121 (2),
 124, 125 (7): ^u ʒ'le: / Olhei — / 133; ^u ʒe:ra'eũ d̃i'adtrab̃a'lu' / — geira é um
 dia de trabalho. / 133; ^u e: ^u ve:u / — veio / 127; ^u umaka'de:ra' / Uma
 cadeira / 133; ^u e ^u d̃de'ra' / — dedeira. / 133; ^u ʃag̃^{*} / che-
 guei / 63; 64; ^u perg̃unt̃a / perguntei / 71; ^u and̃a'la: / — andei lá / 79;

(5)* Possivelmente me'u.

(5)* Possivelmente me' ou me'.

(12)* Dúvida entre (u) e (e→u).

guf^{ts} / —gostei— / 79; prəst^{ts} / prestei / 103; I e(→^{ts}) * guarde(→^{ts}) /
(.) (.)
/ guardei— / 89; I e^{ts} fəge^{ts} / —cheguei— / 84; I e^{ts} aprəs^{e^{ts}} /
/ —aprepei— / 134; I e→^{ts} sərə→^{ts}ʒa / cereja / 89 (3);

I
I é→^j ɪ danā^{ts} vve→^j→^u / Ainda não veio / 141; I e^(v) r̄u^{ze}(^v)ra /
<
/ —roseira / 63; 63, 64, 67, 68, 76, 78, 81; I e→^(v) ānde→^(v) /
<
/ —andei— / 79; 98, 103, 111, 135; I e→^[v] ʒug e→^[v] / —joguei / 80;
(^o)

I
n̄ās^{ts} ərte→^[v] / não acertei / 93; a:usā^{ts} pē^{ts} druisā^{ts} t̄afin a ume→^[v]u / Há o
< (c)

S. Pedro e Santa Fina e o meio / 97; e:nā^{ts} pruve→^[v] / eu não provei / 99;
<

me→^[v]ᾱ3 / meias / 101; 110, 116 (2); I e→^{ts} d̄uā^{ts} me→^{ts}ᾱf / duas
cf

meias / 119; I é→^{ts} umak^{ts} ᾱ^{ts} dé→^{ts}ra / uma cadeira / 141; I e^{ts} me^{ts}ᾱf /

/ meias / 71; 67, 84, 96, 138; I e^(j) f^e(j)·ᾱf / —feias / 140;

I é^{ts} k̄ā^{ts} dé^{ts}ra / —cadeira / 111; 130 134 (3); ᾱs^{ts} é^{ts}ᾱ / —a ceia / 134;

137, 139, 140; I e^{ts} v̄o:lte^{ts} / Voltei— / 66; 115, 116, 117, 123;
>

n̄ū^{ts} :katrabale² n̄uka² p̄u / Nunca trabalhei no campo / 129; at̄eume^{ts} d̄ia^{ts} /
=

/ —até ao meio dia / 141; I e→^[ts] s^e→^[ts]fta / —sexta / 129;

I é→^[ts] a:s^{ts} é→^[ts]fā / —à ceifa. / 138; I e^(→^{ts}) kade^(→^{ts})ra /

(1) * A simbolização denuncia a grande dificuldade do respectivo exame auditivo. Duvidou-se quanto ao grau de abertura de (e) e quanto ao segmento final que pode, ou não, ter constituído um deslize no sentido de (ts).

/ —cadeira / 105; 60; 1 e⁽ⁿ⁾ lã pre⁽ⁿ⁾ α / —Lampreia / 116;
(c)

arãçe·(x)u / — *(a)receio* / 117; *u3lãtre·(x)ruʃ* / — *os letreros* / 119;

I I

! e:(x) ñapẽse:(x) / Não pensei / 123; pade:(x)ra / —padeira / 129; 129;

! é: ɤ prəmé: ɤ rəvéʃkɫafɔ → ɤ --- / —primeira vez que lá fui--- / 139;

I é:ɪ mē:ɪαf / —meias / 109; I e→(ɪ) ūkurde→(ɪ)ru / um cor-
 deiro / 84; 59, 66; (̃) mē→(ɪ)αf / —meias / 84; 98, 107, 117, 125;

1. $e \rightarrow [i]$. $pas'e \rightarrow [i]u?$ / — *passaio?* / 108; 99, 102, 115 (2);

I é→[i] f.a.luamané → [ɨ]raðé:ləʃ / Falo à maneira deles / 135;
 <— I
 T

■ *et* *sexta-feira* / *Sexta-feira* / 130 (2); 105, 117, 125; ■ *é* *sabteíru* /

/ solteiro / 131; 138; I ei . kã deɪaːʃ / Candeias / 134; 138;

■ $e \rightarrow [u]$ $dzas \cdot e \rightarrow [u]f$ / *dezas* / 129; 116; ■ $\overset{O_3}{e'} \rightarrow [u]$ $s'm\ddot{e} \ t\acute{e} \rightarrow [u]ra$ /
 / — *sementeira* / 133; ■ $e \rightarrow [u]$ $kade \rightarrow [u]ra$ / — *cadeira* / 126;

■ $e \rightarrow \text{u}$ $\text{z}^{\text{u}}\text{u}^{\text{e}}\text{r}^{\text{u}}\text{n}^{\text{a}}\text{l}^{\text{e}} \rightarrow \text{u}^{\text{u}}\text{r}^{\text{u}}$ / —jornaleiro / 137; ■ $e(\rightarrow \text{u})$ $\text{z}^{\text{a}}\text{a}^{\text{e}}\text{d}^{\text{e}} \rightarrow (\text{u})$ /
 / já andei / 89; ■ $e \rightarrow \text{u}$ $\text{n}^{\text{a}}, \text{n}^{\text{a}}\text{p}^{\text{r}}\text{e}^{\text{a}}\text{s}^{\text{t}}\text{e} \rightarrow \text{u}$ / não, não prestei / 100; 118;

²*gufte* → *gostei*. / 138; I *e* *kāze* / — *casei* / 90; 122, 125;

(15) * Nasalidade de valor expressivo.

nããde^u / —, *nãõ andei* / 129; *koumapne^ura* / *Com uma peneira* / 129;

pe^uf / —peixes / 134; | *e^u* *fē^ura* / —feira / 138;

| *e(→^u)* *volte(→^u)nume^uzmu* / *Voltei no mesmo* / 103; 103, 117;

| *e→^u* *de^ute→^u* / *deitei* — / 104; 123, 126, 139; | *e→^u* *fē^u→^ura* *α* /

/ —feira / 127 (2); 141; | *e→[u]* *fē^u→[u]ra* / —feira / 143;

| *e→^u* *pē^u→^uf^uf* / —peixes / 138; | *e→[u]* *b^ua^urbē^u→[u]ru* / *Bar-*

beiro / 131; | *e→(u)* *zapra^uste→(u)* / *Já prestei* / 80; 81;

| *e→[u]* *fē^u→[u]ra* / *feira* / 101; | *e^u* *kuarte^uf* / —quarteis / 78;

dzas^ue^uf / *dezas^useis* / 90; 111; | *e^u* *me^ura* / —meia / 123;

| *e→j* *nē^uefe→ju* / —, *nãõ é feio* / 140; | *e(j):* *fē^u(j)tu* / —feito / 140;

| *e^u* *fē^uru* / —feio / 79; 127; | *e^u* *tepuar^use^uru* / —tenho

(a)receio / 127; *brē^uru* / —berreiro / 131; *kū^I:barbē^Iru* / *Com o bar-*

beiro / 131; | *e^(u)* *se^(u)za* / —seja, — / 79; | *e^u* *gu²fte^u* / *gos-*

tei / 127; | *e→^u* *tre^uspe→^uf* / *três peixes* / 125;

Em monossílabos:

| *e* *sē^uf* / —seis — / 80; | *e* *se^uf* / —, *seis*, — / 88; 90;

(1) * Sem nasalidade sensível.

(6) * O segmento assinalado é obscuro e consequentemente duvidoso.

┌ e: se: | —sei | 89; ┌ é: s:é:mũtã:f | Sei muitas | 127;

┌ e se'le(ʔ),se: | sei ler, sei | 62; 57, 58, 60, 62; se:f | seis | 65, 67;

67 (2), 82 (2), 88, 96; ñũse,nãʂɔr | Não sei, não senhor | 103; 103;

çe: | Sei— | 121 (2), 122; 135; s'e'le:ʔ, | Sei ler,— | 139;

┌ e sema:v:f | Sei mais | 137; ┌ e se | sei— | 90, 102;

mũtref | —mil reis— | 99; ┌ é sékã: | Sei cá! | 81;

┌ e tamese: | também sei | 63, 71 (2), 82; e:—us'e:ukie→ | Eu sei o

que é | 92; e:s'e: | eu.sei— | 92; 102, 118 (2), 126 (3), 129, 130;

┌ é: sé: | Sei— | 102; nase'ukse:ʒ^a | —não sei o que seja | 103; 141;

┌ e s'e:f | —, seis | 96; ┌ e seũnom | sei o nome— | 102;

┌ e s'e: | Sei,— | 87; 124; ┌ e nose | —, não sei— | 119;

133, 141 (2); ┌ é: vĩtse:f | —vinte e seis | 141; ┌ e: s'e:kã:ta:ru |

| —sei cantar! | 141 (2); ┌ é: sé'ɪf | seis,— | 140;

┌ e:(→ɲ) nas'e:(→ɲ)! | —não sei! | 89; ┌ e→[ɲ] s:e→[ɲ]! |

| Sei! | 127; 129; ┌ e→ɲ se→ɲ | —sei— | 139; ┌ é→ɲ s'é→ɲ |

| Sei,— | 127; ┌ eɲ s'eɲ | Sei,— | 133; ┌ eɲ seɲpɫikar | —sei

explicar / 81, 105, 107; s'e^uf / seis / 117; 118, 123, 124; | e'^u s'e'^u /
 / —sei— / 139; | e→[u] nãse→[u]dãze'r / não sei dizer / 105;
 | e→[u] se→[u],sispno'r / Sei, sim senhor / 102;
 | e'^u s'e'^u / Sei— / 127; | e(u) se(u) / —sei— / 82;
 | e→(u) is'ek^uenas'e→(u) / isso é que eu não sei / 103;
 | e→u: se→u:af a : rəta! / Sei à fartal / 138; | e^u se:u^f /
 / seis / 89; 122, 124; | e^u s'e^u / —sei / 141; | e^u çekta / sei
 que há— / 122; | e^u se^uf —seis / 78; | e→(u) dzas'e→(u)f /
 / —, dezasseis,— / 125; | e:(u) se:(u) / sei / 58;
 | e^u dẽzma're^uf / —dez mil reis / 119; 131; | e→(u) rē→(u)f /
 / —reis— / 81; | e' s'e^uf / seis / 139; | e' s'e→zĩ:zã:f /
 / Seis gijas. / 138; | e'→ s'e'→ / —sei / 135; | e^u se^uf /
 / seis / 130; | ei s'e^uf / —seis. / 79; | e→ s'e→ / —sei / 111;
 | e→[u] ñs'e→[u] / não sei. / 77; | e→(u) se→(u)! / —sei! / 82;
 84, 92; se→(u)lavar,se→(u) / sei lavar, sei / 102; | e^u vĩtmẽre^uf /
 / Vinte mil reis / 124; s'e^uf / Seis / 64, 106, 115, 119, 131, 143;

(7)* Possivelmente ç.

(10)* Muito próximo do som (æ).

- I
 | e^u s'e:ɥf / —, seis, — / 121, 122, 126, 138; 111; | é^u s'e^u,s^u /
 / Sei, sim / 123, 137; | é^u→[ɥ] | è:s'e^u→[ɥ] / Eu sei — / 127;
 | e^(u) se^(u) / Sei / 61, 63, 64, 76; se^(u)f / seis / 58, 60, 61, 67, 82, 87;
 | e^(u) se^(u)f / Seis / 100; | e^u→[ɥ] s'e^u→[ɥ]f / —, seis. / 78, 81, 141;
 | é^u→[ɥ] n̄o→s'e^u→[ɥ] / ---Não sei. / 141; | e^u→ se^u→! /
 I
 / Sei! / 98; e^u→n̄o→s'e^u→[ɥ] / Eu---não sei. / 143; | é^u→ s'e^u→ɥf /
 / seis / 137; | é^u s'e^u:ɥf / seis / 141; | e^u se^u / Sei —. / 62;
 se^u:ɥf / seis / 82; | e→(u) se→(u) / Sei — / 98; 101, 116, 124;
 | e→[ɥ] se→[ɥ]fçareʒaɥf / Seis cerejas / 117; 96, 105;
 | é^u→[ɥ] s'e^u→[ɥ]le:r / Sei ler, — / 137; | e^u s'e:ɥf / seis / 133;
 | e^u se:ɥf / seis / 75, 76; 81;

DITONGO ÁTONO (ai) — VARIANTES:

- | e efefo: / enfeixou / 85; | è prɔzas'efad ó :raɥf / —p'ros
 T
 (a)ceifadores, / 125 | é^u aze'tónaɥf / azeitonas — / 92;
 I
 | e^u smde:farã / Se me deixarem — / 69; ze'tɔza^u 'jeitosa / 73;
 vo:de*tar / vou deitar / 87, 87; n̄o:de*fe: / não deixei / 118; be:zipu /
 T ←

(15)* Possivelmente com um levíssimo deslize para (ɐ).

/ —beijinho / 119; feːzãũ / —feijão— / 125; deːtaːdu / —deitado— / 125; 125;

! eː malfetoːrː / —malfeitor / 118; ! eː seːfãːra / —, ceifar — / 126;

! eː deːfãːr / Deixar — / 139; ! eː seːfãːra! / —Ceifar! / 126;

! eː seːfãːr → [a] / —ceifar— / 126; ! eː keːziːnu / queijinho — / 125;

125 (2); ! eː duː keːziːnu / —dum queijinho / 125; ! eː eː ãːkeːvãːr /

/ É alqueivar / 133; ! eː fãːzãũ / —feijão / 87; ! eː dk aːldeːrada /

/ de caldeirada — / 105; baːleːzãũ / Baleizão / 134; ! eː pãːrfeːtãːt /

/ Perfeitamente / 131; ! eː → [i] baːleː → [i] zãũ / —Baleizão — / 134;

! eː(ː) azeː(ː) toːnãːf / azeitonas / 90 (2); 104, 124;

DITONGOS NASAIS

DITONGO TÓNICO (ãĩ) — VARIANTES:

! eː feːgaːyaːpãːraːle / —chega a ganhar além— / 125;

! eː ñĩgeː / ninguém. / 73; 125; ! eː poːdyaːnaːraːle / —pode

ganhar além— / 125; ! eː(ː) ñlãːkõvẽ(ː)? / Não lhe convém? / 108;

(9) * Nasalização com função expressiva.

┌ ē̃ alē̃ / —além / 121; ┌ ẽ aːlẽ: / Além em— / 134;

┌ ē̃ aṅgē̃ / a ninguém / —129; ┌ ē̃ kōvē̃ / —convém / 108;

┌ ē̃ nṅē̃ / —Ninguém!— / 141; ┌ ē̃ nṅē̃ / ninguém / 85;

┌ ē̃ nṅē̃ / Ninguém!— / 141; ┌ ē̃ aːlē̃ / além— / 101;

┌ ẽ aːlẽ: / Além em— / 134; ┌ ā mʊgálāif / Magalhães / 69;

Em monossílabos:

D)

┌ ē̃ kvē̃? / que vem—? / 81, 140; ┌ ē̃ el̃→[v]tē̃! / —ele o tem! / 141;

┌ ē̃ bē̃ / —bem— / 107; ┌ ē̃ sē̃preːmoːra / —sempre em

Moura / 126; ┌ ē̃ tāːbē̃ / (es)tá bem / 89; tē̃ / —tem— / 135;

┌ ē̃ vē̃ / —vem— / 104; ┌ ē̃ bē̃,maʒbē̃! / bem, mas bem! / 119;

┌ ē̃ vē̃ːsːbē̃ / vê-se bem / 126, 60, 62, 72, 78, 81; aːkẽ / —há

quem— / 125; ┌ ē̃ bē̃ / Bem. / 71, 127; ┌ ē̃ tē̃ aʒē̃t / Tem a

gente— / 121; 119; ┌ ē̃ nōtē̃nada / não tem nada / 100; 59; 119; 129;

┌ ẽ nomte / não me tem— / 90; ┌ ẽ ẽ̃rvidel / em Ervidel. / 86;

- sẽ(m)prẽ / — sempre em — / 87; | ē̃ ē̃pikiniɲuf / — em pequeninos / 118; | ē̃ ē̃ sẽ du / Em sendo — / 124; 123; 133;
- sẽ / Sem — / 134; 88, 108, 118, 122, 124, 135, 140 (2);
- | ē̃ sẽ / — sem — / 133; | ẽ vẽ / — vem — / 84;
- bẽ / — bem — / 126; 99 (2); | é̃ b̃ aɫabé̃ / — baila bem / 89;
- | ē̃(ι) ē̃(ι) õ rɪ:k / Em Ourique / 102; 62; | ẽ dkẽ / — de quem — / 100; | ẽ bẽ / — bem / 80; | ē̃ sẽ m̃prẽ m̃ẽ: r̃ tulã /
- / Sempre em Mértola. / 131; | ē̃ tẽ ã lɪs̃ẽ s̃ã / — tem a licença — / 140;
- | ē̃ b̃ẽ / — bem. / 64, 116; 137; | tẽ ã ṽõ d̃ / tem avonde. / 140;
- | ẽ mã f̃tẽ kẽ? / —, mas tem quê? / 101; | ē̃ fẽ: γab̃ẽ / Chega bem — / 126; | ē̃: kẽ:?! / Quem?!... / 127; | ē̃ b̃ẽ, mã 3b̃ẽ /
- / bem, mas bem! / 119; | ẽ sẽ nada / — sem nada — / 85;
- | ē̃: ã lẽ ē̃: / Além em — / 134; | ẽ kẽ? / Quem? / 121;
- | ē̃ ebẽ d̃vert̃ / É bem de ver e / 131; | ə̃ dɪg̃ → [ul̃ ə̃ p̃al̃a: ṽrã f̃? /
- / Digo em palavras? / 127; | ā ābẽ: ʒã / Em Beja. / 88;

! ē̃ ine, inēf̃ ego asaber kē uſfẽf̃ / e nem, e nem chegam a saber quem

os fez / 119; ! ē̃ t a mē / —também / 78; ! ē̃ kē / Quem — / 99;

! ε→(ι) ε→(ι)sāp e dru / É em S. Pedro / 99; ! ε̃ n̄sē ibẽ /

/ — não sei bem / 137; ! ē̃: m̄tubē: / Muito bem! / 138;

! ē̃ sẽos ē̃t̄---v̄: / — cem ou cento e... vinte / 138;

II)

! ā̃ do:fkãf̃ / dois cães / 101; ! ā̃ do:(ι)f'kãf̃ / = / 61;

! ā̃ do:fkãf̃ / = / 75; ! α̃ do:fkãf̃ / = / 98;

! ā̃ do:fkãf̃ / = / 74; ! ā̃:(ι) k̄ā:(ι)f̃ / cães / 58;

! ā̃ k̄āf̃ / = / 57; ! ā̃ do:(ι)fkãf̃ / dois cães / 62;

! ā̃(ι) do:fkã(ι)f̃ / = / 66;

(Continua).

ARMANDO DE LACERDA

JOHN M. PARKER

THE PERFORMANCE OF «PAT»

THE SIX-PARAMETER SPEECH SYNTHESIZER

DESIGNED BY W. LAWRENCE

In the course of research in communications engineering a British scientist conceived a hypothesis as to the nature of speech, and in order to test that hypothesis he built a model of the human vocal tract. The scientist is Mr. W. Lawrence, of the Signals Research and Development Establishment of the Ministry of Supply. His hypothesis was that only 6 variables (or *parameters*) are necessary in order to describe speech unambiguously at any moment. His analogue of the human vocal tract has become known as PAT, from the initials of its title, Parametric Artificial Talking device. In addition to Mr. Lawrence's own prototypes, a replica of PAT has been built and is now being operated by the Phonetics Department of the University of Edinburgh.

Thanks to the generosity of the Ministry of Supply, which provides financial support for the Edinburgh work, PAT was demonstrated at the VIII International Congress of Linguists, in Oslo, in August 1957. The designer of PAT had previously demonstrated the instrument in the United States.

This paper is an attempt to show, in terms accessible to the linguist, the extent to which Lawrence's original hypothesis is justified, basing our judgment on the performance and shortcomings of PAT. It will be seen that in general the parametric hypothesis is confirmed, but that the exact number of parameters necessary to describe speech without ambiguity is somewhat higher than the six parameters originally postulated.

A description of the instrument is now necessary. PAT is basically a device for imitating by electrical circuits the following six properties of human speech:

1. Fundamental frequency of the larynx: «pitch».
 2. Intensity of the larynx tone: «loudness».
 3. Intensity of hiss: «fricative noise».
 4. The frequency of Formant 1.
 5. The frequency of Formant 2.
 6. The frequency of Formant 3.
- } i.e. the 3 lowest vowel resonances.

The above are the *primary parameters*. It is in terms of the sum of their values at any given moment that speech is described, and shortcomings in the speech produced by the instrument may be due, in theory, either to an error in the values of the parameters or to the fact that the number of parameters provided is insufficient. We shall see that both these sources

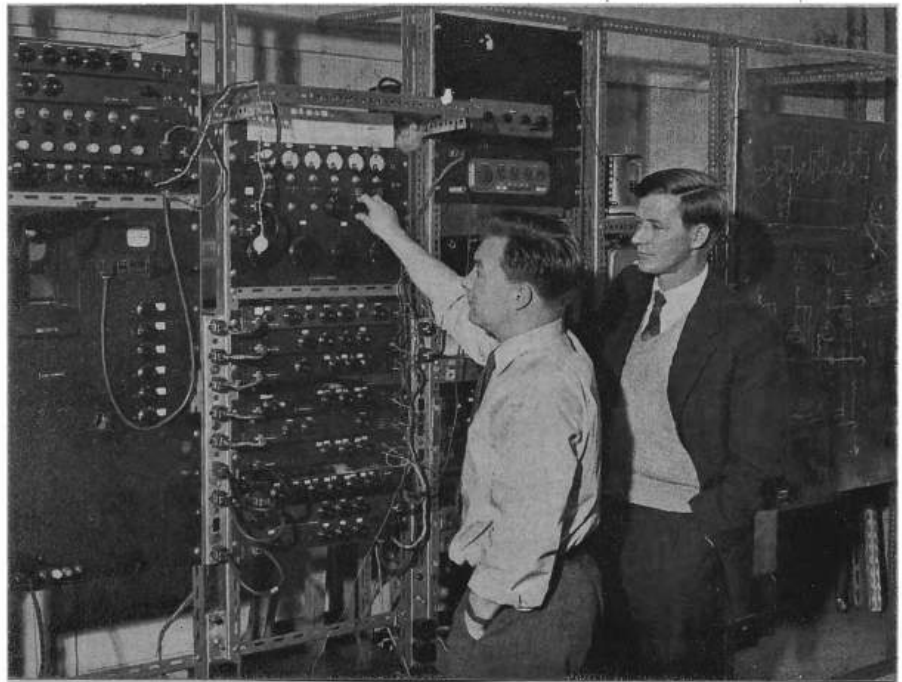


FIG. 1. P.A.T. with (l.) its constructor, Mr. J. Anthony, and (r.) the author.

(Photo by courtesy of the *Sunday Graphic*.)

of error exist, and that certain kinds of inadequacy may be attributed to one source, and other kinds of inadequacy to the other. These kinds of error are *operating errors* and *design errors* respectively.

In addition to the primary parameters, certain other dimensions of variation are available. These arise from two sources: most of them are the necessary controls of the electronic circuits of the instrument, and arise from the nature of the device as an electrical analogue, rather than as essential elements in the parametric approach; some have been added as modifications

by Mr. James Anthony, who built this replica of PAT and who is concerned with its maintenance and development. These *subsidiary parameters* are as follows: —

1. Alternative ranges of larynx frequency (i.e. simulating pitch ranges of a woman and a child.)
2. Speed of utterance.
3. Frequency of hiss (roughly illustrated by the pitch difference between *f* and *s*)
4. Bandwidth of hiss.
5. Bandwidths of Formants 1, 2, 3 and 4.
6. Relative amplitudes of Formants 1, 2, 3 and 4.
7. Ranges of Formants 1, 2, and 3.
8. Frequency of Formant 4.

There is a further distinction that needs to be made between primary and subsidiary parameters. The former are *dynamic*, the latter *static*. That is, the operator of PAT may arrange for each of his primary parameters to vary at will throughout each «utterance» of the machine. This is achieved by the following process: from the inspection of visible speech spectrograms of the utterance which it is desired to synthesize, information is extracted about the values, at each instant of time, of each of the primary parameters; these are then plotted as graphs or «contours» and transferred to a glass slide; this slide is scanned by a flying spot, whose light passes through the clear portions of the slide but does not pass through the painted contours or patterns; the output of a photo-electric cell beyond the slide is thus made to vary according to the patterns on the slide; these variations are separated by electronic means, so that six voltages are derived, which vary proportionately to the contours and which control the six sound-producing portions of the instrument. Thus the primary parameters vary dynamically, throughout each utterance. The subsidiary parameters, on the other hand, are not included on the controlling glass slide. They are in the nature of pre-set static controls.

Having described the parameters available, we can now consider the sounds and features which PAT produces, and the most convenient classification is into sounds which PAT can make satisfactorily, and sounds which it cannot make satisfactorily. The large number of sounds which have not yet been attempted are chiefly found in non-European languages. These sounds may be assigned to one or other of the categories by extrapolation from our general phonetic knowledge, added to our experience of the design and performance of PAT.

It is not possible to define very closely what we mean by the statement that a given sound or feature «can be made by PAT». There are occasions when listeners are unable to identify sounds which we regard as belonging to the category of sounds which PAT can simulate with success; on other occasions there have been accurate identifications of sounds which PAT

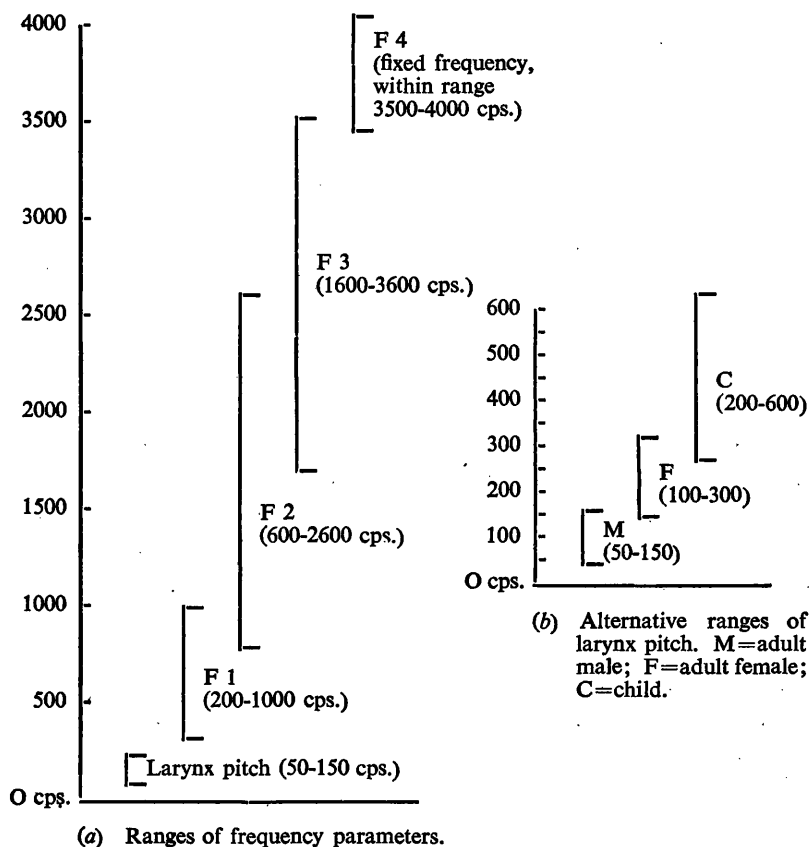


FIG. 2. Frequency ranges of P.A.T. parameters.

can only approximate, or can only «fake». Nevertheless, this is common experience in dealing with human judgments. In general we can say that repeated observations by trained observers lead us to certain conclusions. In making categorical statements about these conclusions we must bear in mind that we are applying to the output of a machine the standards and judgments appropriate to a branch of human behaviour. This is inevitable.

If we do not permit ourselves the use of some such simplifying formula as «PAT can make the following sounds», then no concise statement about the output of the machine, in linguistic terms, is possible at all; and that is nonsensical, since every listener to PAT makes judgments, and he makes them in linguistic and phonetic terms.

The sounds and features which PAT *can* make are these:—

1. Vowels.
2. Diphthongs.
3. Semi-vowels.
4. Voiced *r* and *l* sounds.
5. Plosives.
6. *Some* fricatives.
7. Variations of stress.
8. Variations of intonation.
9. Variations of rate of utterance.
10. Variations of voice quality.
11. Variations of apparent age and sex.

The sounds and features which PAT *can not* make adequately are these: —

12. Nasals.
13. Most voiceless fricatives.

Some explanation of some of these statements, and reservations about them, are necessary.

First, not all these sounds and features are equally easy to produce with accuracy, because of the fact that operating errors are more common in connection with some than with others. These errors arise chiefly from the practical difficulty of reading precise details from spectrograms. This matters comparatively less for vowels, diphthongs and even semi-vowels, for example, than it does for plosives, or for *r* and *l* sounds, in which the parametric values are critical. Consequently these latter types of sound more frequently lead to difficulties of synthesis or of recognition.

The age and sex distinction, and variations of rate of speech and of voice qualities are of a different order from the items just described, since they depend on variations of the subsidiary parameters only. In one sense, therefore, they are quite straight-forward.

Thirdly, since the primary parameter concerned with hiss controls only its intensity, and not its frequency, only one kind of voiceless fricative can be made. This point is discussed further below.

Finally, it should be noted that the titles «variations of stress» and «variations of intonation» used above are linguistic terms. Converted into

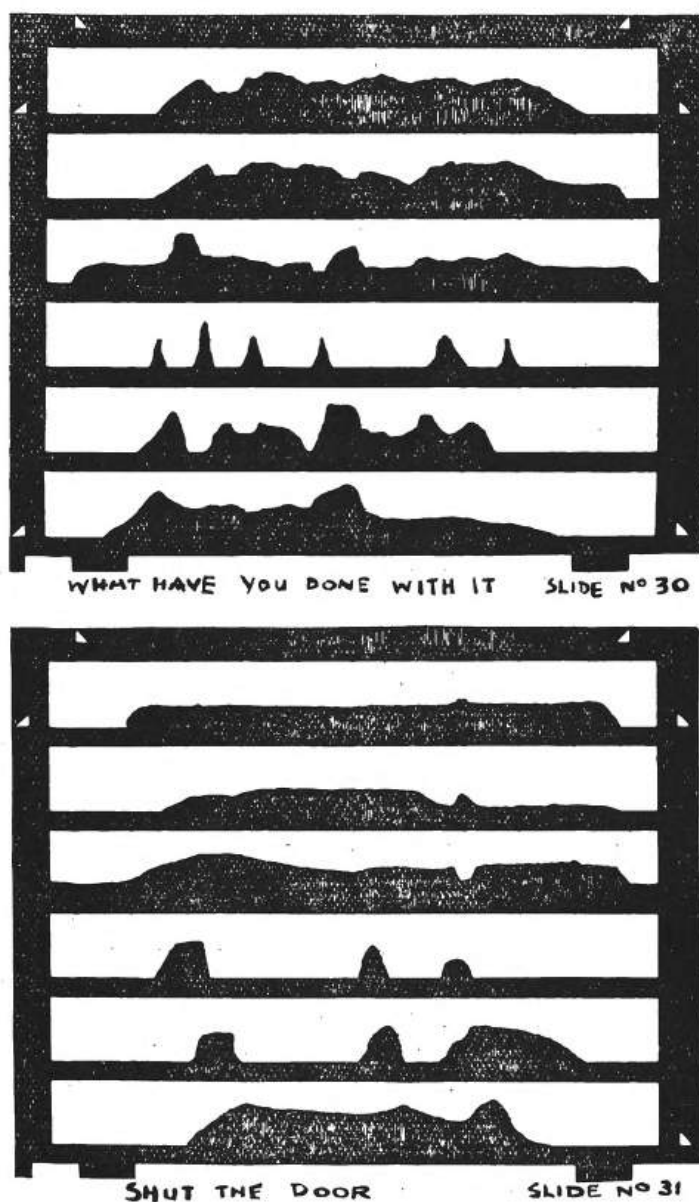


FIG. 3. A pair of typical control patterns. On each slide, the parameters read from top to bottom thus: F 3; F 2; F 1; Hiss; Larynx Amplitude; Larynx Frequency.

statements about operating conditions on the machine they refer to a complex involving the primary parameters of larynx frequency and larynx amplitude (i.e., loudness and pitch) and the subsidiary parameter of duration. It is our experience that all the necessary effects of stress may be obtained by varying only one of these parameters, namely, pitch. Variations of intensity have little or no effect. Variations of duration have been little studied on this instrument, but their effect on the perception of stress is less than that of variations of pitch.

If we now consider the reasons why the categories of nasals and some voiceless fricatives are beyond the present capabilities of PAT we find three factors to be distinguished. These same factors act as limitations which would, we can be reasonably sure, prevent PAT from making certain other sounds which have not yet, in fact, been attempted. The three factors are these: —

- a) The absence of dynamic control of the amplitudes of each formant.
- b) The absence of dynamic control of frequency (and possibly other dimensions) of hiss.
- c) The absence of adequate acoustic data for specifying synthesis needed in some cases.

In the production of vowels, the relative amplitudes (that is, intensities) of the vowel formants remain roughly constant, so that different vowels can be specified quite well by describing simply the frequency of each of the first three formants. (The fourth formant is not varied dynamically in PAT, and is included chiefly in the interests of «naturalness»). But in nasal consonants the intensity of the upper formants drops very rapidly almost to zero, only the first formant remaining at a level comparable to that which it has in vowels. It follows that unless the amplitudes of the upper formants can be dynamically reduced in the same way, and restored again at the appropriate instant and at the appropriate rate, no adequate simulation of nasals is to be expected.

Similarly, the different voiceless fricatives vary in respect of frequency characteristics, as well as in intensity. It follows that unless dynamic control over these characteristics is provided, no adequate simulation of voiceless fricatives is to be expected.

But here we encounter the third factor. We do not know enough about the dimensions of variation of fricative noise for us to design an adequate synthesizer. Because of this, a programme of investigation into the acoustic nature of hiss has been undertaken at Edinburgh. From the results of this we hope that it may soon be possible to specify with some accuracy the requirements in frequency, bandwidth and relative intensity, for any of the

eight or so voiceless fricatives which have been studied. Until then, absence of data remains a limiting factor.

PAT is, of course, a replica of a very early stage in the work of the designer, and therefore it contains shortcomings which are likely to be progressively eliminated in succeeding designs. It should be noted that the frequency of occurrence and the semantic importance of these shortcomings would differ very considerably from one language to another. In a language in which nasals and voiceless fricatives were rare, or not phonemically distinguished, the present performance of PAT might well be quite adequate. In a language where nasals and voiceless fricatives were many and phonemically distinguished, PAT would perform less well.

Nevertheless, there are only two basic deficiencies of design, both of which can be made good in future models. In short, the original hypothesis has proved to be basically sound and to require modification only in respect of certain details.

PETER STREVENS

Edinburgh
Jan. 1958

NOTES POUR L'ÉTUDE DE L'ACTIVITÉ NASALE EN FRANÇAIS *

I — L'ÉTUDE AUDITIVE

Nous avons commencé — notre étude de la nasalité en français — par une étude auditive. Pour cela nous avons apporté de France un grand nombre de magnétogrammes enregistrés par des sujets de différentes régions: Nord, Est francophone, Est germanique, Paris, Centre, Ouest, Sud-Ouest, Midi méditerranéen, etc.

Chaque sujet a enregistré une liste de 162 mots et une liste de 39 phrases.

Les mots étaient ceux donnés par Grammont comme exemple de mots à voyelle nasale dans la prononciation française. Ils renferment un grand nombre de cas possibles de voyelles nasales toniques et atones, finales ou non, précédées et suivies de diverses consonnes, etc. Chaque mot était demandé sous sa forme informative et interrogative mais toujours sans aucun aspect affectif (1). Pour cela nous avons écrit tous les mots sur de petites fiches que nous tendions successivement à nos locuteurs en les priant de lire comme en répondant à la question «Qu'est-ce qui est écrit là-dessus?». Naturellement les formes informatives et interrogatives étaient sur des fiches séparées et toutes les fiches avaient été mélangées pour éviter la mécanisation de la diction.

Les phrases renfermaient des mots à voyelle nasale avec tous les phénomènes subséquents possibles. Elles se prêtaient à des modalités expressives diverses. Elles étaient également sur des fiches (2) et nous laissions le locuteur

* Ce travail a été réalisé en Août 1955 dans le Laboratoire de Phonétique de la Faculté des Lettres de Colmbre. Des circonstances indépendantes de notre volonté nous ont empêché de le publier plus tôt.

les lire avec la variante expressive qui lui paraissait la plus adaptée. Voici cette liste:

Voyelle [ǣ]

<i>Finale</i>	— On cultive le CHAMP. (23)
<i>Hiatus</i>	— Un numéro EN HAUT à gauche. (32)
+ [p]	— Change l'ampoule de la LAMPE. (24)
	— Change l'AMPOULE de la lampe. (24)
+ [f]	— L'odeur du CAMPHRE. (25)
+ [j]	— ENFIN! (17)
	— On ENFONCE un clou. (14)
+ [s]	— Quelle CHANCE! (26)
	— PENSE à l'annonce. (38)
+ [t]	— L'air qu'on CHANTE. (19)
	— C'est INCHANTABLE, cet air-là. (29)
+ [ʃ]	— Il se PENCHE. (21)
+ [k]	— Il a été ENCHANTÉ par le Musée de Conques. (33)
	— Un compte en BANQUE. (8)
	— ENCORE un! (27)
+ [n]	— Tu t'ENNUIES. (20)
[j] + [ǣ]	— Il est PATIENT. (22)

Voyelle [ō]

<i>Finale</i>	— Il est gai comme un PINSON. (28).
<i>Hiatus</i>	— Ils le FONT AVEC un soin...! (5)
<i>dénasalisation</i>	— ON ENFONCE un clou. (14)
+ [p]	— J'ai perdu ma POMPE. (9)
	— C'est un fait; ON PEUT le croire. (34).
+ [f]	— Ce fut un TRIOMPHE. (10)
	— ON FÊTE la Sainte Odile. (31)
+ [s]	— Pense à l'ANNONCE. (38)
	— On ENFONCE un clou. (14)
+ [t]	— Qu'est ce qu'il RACONTE? (11)
	— MONTE-moi les pinces. (1)
	— Un COMPTE en Banque. (8)
+ [ʃ]	— Buvez cet PUNCH (prononcez à la française). (35)
	— L'air qu'on CHANTE. (19)
+ [k]	— Il est enchanté par le Musée de CONQUES. (33)
	— ON CULTIVE le champ. (23).
+ [n]	— ON NE dit rien. (15)
[j] + [ō]	— Quelle ÉMOTION. (36)

Voyelle [ẽ]

- Finale* — ENFIN! (17)
 — J'aime le parfum au THYM. (6)
Hiatus — Le PAIN à l'orge c'est du pain noir. (37)
 + [p] — C'est très SIMPLE. (13)
 — Les dieux de l'OLYMPE. (7)
 — IMPOSSIBLE! chacun te le dira. (12)
 + [f] — Voici le chœur des NYMPHES. (3)
 — Un cheval INFATIGABLE. (2)
 + [s] — Montre-moi les PINCES. (1)
 — Il est gai comme un PINSON. (28)
 + [t] — La porte est PEINTE. (18)
 — On fête la SAINTE ODILE. (31)
 + [ʃ] — Ils le LYNCHENT. (30)
 — C'est INCHANTABLE, cet air-là. (29)
 + [k] — La rue des SALINQUES. (39)
 — Un pot de bière et du PAIN CROUSTILLANT. (16)
 [w] + [ẽ] — Ils le font avec un SOIN...! (5)
 [j] + [ẽ] — On ne dit RIEN. (15)
 — TIENS! un foulard. (4)
 + [n] — Le pain à l'orge c'est du PAIN NOIR. (37)

Voyelle [ẽ̃]

- Finale* — Encore UN. (27)
Hiatus — J'aime le PARFUM thym. (6)
 + [p] — UN POT de bière et du pain croustillant. (16)
 — Il est gai comme UN PINSON. (28)
 + [f] — C'est UN FAIT: on peut le croire. (34)
 + [s] — Ils le font avec UN SOIN...! (5)
 + [ʃ] — Ce fut UN TRIOMPHE. (10)
 — Impossible! CHACUN TE le dira. (12)
 + [ʃ] — UN CHEVAL infatigable. (2)
 + [k] — UN COMPTE en Banque. (8)
 — On enfonce UN CLOU. (14)
 + [n] — UN NUMÉRO en haut à gauche. (32)

Nous donnons ci-dessus les phrases classées dans l'ordre des phonèmes suivant la voyelle nasale, avec un exemple tonique et un exemple atone. Chaque phrase pouvant contenir plusieurs voyelles nasales, elles reviennent donc plusieurs fois sur notre liste. Naturellement chaque phrase ne figurait

que sur une fiche et aucun mot n'y était souligné. L'ordre des fiches est indiqué ci-dessus par un numéro placé après chaque phrase.

Ainsi les mots et les phrases se complétaient. Celles-ci se sont surtout révélées intéressantes dans le cas des sujets méridionaux qui font suivre leurs voyelles, de résonances consonantiques diverses suivant les sons qui suivent, le degré de nasalité dépendant à la fois de la consonne suivante et de l'expressivité.

Faire l'étude objective des voyelles nasales des méridionaux, ou, mieux encore, comparer les diverses prononciations françaises, nous aurait conduits à étudier un très grand nombre de courbes sous peine de faire un travail fragmentaire et sans intérêt. Il valait mieux étudier une prononciation où les voyelles nasales soient (du moins auditivement) aussi égales que possible d'un contexte phonétique à l'autre. Nous avons préféré, dans ces conditions étudier la nasalité parisienne, bien que la seule personne de Paris que nous puissions joindre à Coimbra fut une femme; or la voix féminine, plus aiguë est toujours plus difficile à étudier qu'une voix masculine (2).

II—LE CHOIX DES ÉLOCUTIONS POUR L'ÉTUDE OBJECTIVE

Dans l'étude objective nous nous proposons d'observer le comportement relatif de l'activité orale et de l'activité nasale dans les quatre voyelles nasales du français normal. L'examen subjectif minutieux nous a confirmé l'opinion couramment admise que, dans cette prononciation, la nasalité ne présente pas de différences appréciables suivant le son qui suit, mais qu'on observe trois cas de durée et de tension différents: 1/ accentué en fin de mot (4); 2/ accentué et suivi de consonne (5); 3/ avant l'accent (6): nous avons donc choisi un exemple de chaque cas pour chacune des voyelles et nous avons obtenu le tableau ci-contre qui demande quelques commentaires.

le chant <i>ləfã</i>	je chante <i>ʒəfãt</i>	je chantais <i>ʒəfãte</i>
le pont <i>ləpõ</i>	la ponte <i>lapõt</i>	c'est ponté <i>sepõte</i>
le teint <i>lətẽ</i>	la teinte <i>latẽt</i>	je teintais <i>ʒõtẽte</i>
défunt <i>defã</i>	la défunte <i>ladefãt</i>	laisse un thé <i>lesãte</i>

N'étant pas sûrs que l'examen objectif ne révélerait pas une influence des sons subséquents sur la voyelle nasale, et pour faciliter les comparaisons

de durée, nous avons fait suivre celles-ci des mêmes phonèmes: [t] dans le second cas, [te] dans le troisième.

L'idéal aurait été de trouver des mots qui ne diffèrent que par la voyelle nasale. Nous n'avons pu qu'uniformiser la consonne précédente à l'intérieur de chaque case horizontale sauf dans le troisième cas de la voyelle [ʊ] (7).

C'était l'essentiel puisque c'est entre les trois cas de chaque voyelle que nous désirions faire le plus de comparaisons.

Les mots en [ʊ] ont été difficiles à trouver. Nous avons dû nous contenter d'un vrai dissyllabe dans le premier cas, au lieu d'un monosyllabe précédé d'un mot-outil. Ceci nous a conduits à un tétrasyllabe dans le deuxième cas, au lieu d'un trisyllabe. Enfin, dans le troisième cas, nous avons dû avoir recours à un groupe phonique plus complexe: impératif et complément, dans lequel le [ʊ] atone est l'article, et la syllabe [te] le nom.

Du point de vue purement phonétique, le mal est moins grand qu'on ne pourrait le croire, «un thé» formant toujours un mot indissoluble et «Laisse un thé» constituant généralement un groupe phonique comparable à «c'est ponté». Notre solution a l'avantage de faire appel à des termes vivants, toujours préférables à des termes rares ou livresques (8).

Pour faciliter la délimitation des voyelles nasales, la consonne précédente a été choisie toujours sourde (9) ainsi que la dentale suivante pour le deuxième et troisième cas.

Pour rendre possible les comparaisons des durées nous avons pris des mots dissyllabes (soit un monosyllabe précédé d'un outil grammatical monosyllabique et proclitique) pour le premier cas, auxquels nous ajoutons [t] et (te) pour le deuxième et troisième cas. Nous n'avons pas ainsi des mots d'égale longueur pour les trois cas dont il faut comparer les durées des nasales, mais cette proportion de durée du mot pour chacun des trois cas correspond à ce qui se trouve le plus souvent dans la langue.

Il nous a paru plus intéressant de comparer de tels mots, quitte à tenir compte de leur durée relative dans notre étude comparative de la valeur temporelle des voyelles nasales.

Enfin pour l'étude objective nous avons préféré intégrer les mots dans de courtes phrases. Cela était nécessaire en premier lieu dans les mots en [t] final, car si le mot terminait la phrase il nous était impossible, avec un électro-chromogramme, de connaître la durée de ce [t], et par conséquent, de pouvoir apprécier la durée relative de la voyelle nasale.

Dans les autres cas aussi il nous a paru indiqué d'intégrer le mot dans une phrase: pour uniformiser la liste, d'abord, et surtout pour pouvoir donner le mot dans un contexte fournissant, en quelque sorte, l'échelle des temps. Nos phrases comprennent des mots de toutes sortes; dans certaines on en trouve également avec des voyelles nasales placées dans des conditions diver-

ses. Ils n'étaient pas destinés à une étude aussi détaillée que celle des mots donnés dans le tableau ci-dessus. Ils devaient seulement servir de réactif, de point de comparaison. Leur étude détaillée aurait été, d'ailleurs, plus difficile car leurs voyelles nasales se trouvent dans un contexte phonétique moins favorable.

Dans la constitution des phrases il fallait veiller à ce que le mot subséquent ne forme pas un groupe phonique avec le mot à étudier qui aurait alors perdu son accent, faussant ainsi les données de tension et de durée.

Enfin il valait mieux que le mot à étudier joue toujours un rôle analogue dans la phrase et qu'il soit situé sur un fragment mélodique analogue. Ceci a été obtenu en le mettant en tête, ce qui présentait d'ailleurs des avantages de commodité matérielle pour la chromographie et l'examen des courbes.

Là encore, le troisième cas de [ʉ] a dû faire exception puisque nous avons été obligés d'en faire un complément venant en deuxième lieu. Cependant la place du mot dans la ligne mélodique de la phrase n'est pas très différente: «Un thé» se trouvant, à la fin de la partie montante ainsi que les mots des autres phrases.

Remarquons pour terminer que dans le tableau des phrases ci-contre deux mots ont été laissés isolés «Je chantais» et «Défunt» afin de pouvoir les comparer aux formes interrogatives correspondantes «Je chantais?» et «Défunt?», la valorisation interrogative altérant de façon très variable les mots dans une phrase, et n'étant observable de façon sûre que dans un mot-phrase.

Toutes les phrases ont été demandées avec une modalité expressive neutre, c'est à dire non subjective.

Elles étaient écrites sur des fiches que nous passions successivement au locuteur qui les lisait comme il l'aurait fait en répondant à la question: «Qu'est-ce qui est écrit là-dessus?»

Liste des phrases:

- 1 — Je chante aussi mal que possible.
- 2 — Je chantais.
- 3 — Le chant est une activité éducative.
- 4 — La ponte est élevé en cette saison.
- 5 — C'est ponté pour faire joli.
- 6 — Le pont est en ruines.
- 7 — La teinte est jolie.
- 8 — Je teintais mon eau.
- 9 — Le teint est bronzé.

- 10 — La défunte avait soixante ans.
- 11 — Défunt.
- 12 — Laisse un thé: je le prendrai après.
- 13 — Je chantais?
- 14 — Défunt?

III — PROCÉDÉ EMPLOYÉ

Pour étudier la nasalité nous pouvions faire des chromogrammes directs, le locuteur parlant directement dans une embouchure avec une olive nasale. Nous aurions obtenu ainsi les mouvements macrophoniques, en particulier des tracés des consonnes sourdes. La synchronisation aurait été parfaite, les deux courbes étant tracées simultanément sur le même papier. Mais il faut être entraîné pour parler dans une embouchure: savoir y parler aussi normalement que possible, maintenir une adhérence parfaite pour qu'il n'y ait pas de perte de pression, etc. Un tel procédé nous aurait conduits à demander à notre locuteur un temps dont il ne disposait pas. Les courbes risquaient d'être mauvaises. De plus il ne nous serait resté aucun enregistrement témoignant de ce qui avait été réellement prononcé.

Une grande partie de ces inconvénients disparaissait si nous remplaçons l'embouchure par un microphone, mais alors la synchronisation devenait difficile (Voir ci-dessous) et d'autres problèmes se posaient: le bruit du moteur du *chromographe direct* en particulier. Nous pouvions l'éliminer en utilisant un *chromographe direct* portable, entraîné par un moteur à ressort. Il nous aurait permis d'opérer dans le studio de prise de son (10) mais la qualité de la courbe risquait d'être inférieure. De toutes façons la qualité d'un chromogramme direct est toujours inférieure à celle d'un chromogramme obtenu électriquement. Seul l'électrochromographe permet un étalement de deux mètres par seconde, et il est seul capable de donner des courbes superposables à partir du même magnétogramme. De plus le temps à exiger du locuteur pour chromographier directement, et surtout, le problème de la synchronisation nous poussaient à l'enregistrement électrique.

Dès lors deux solutions s'offraient à nous pour capter les vibrations nasales: micro de contact et la classique olive. Cette dernière solution posait des problèmes d'isolement du micro nasal; voir le schéma où nous représentons en pointillé la solution par le micro de contact (fig. 1).

Dans tous nos essais nous avons constaté que les sons non nasals donnaient quelque chose en Mn, quoique avec un niveau beaucoup plus faible que les sons nasals. Cela n'a pas, au fond, de quoi nous surprendre; les ondes sonores se propageant par les tissus à travers le palais mettent en vibra-

tion l'air contenu dans les fosses nasales (11). Comme les tissus sont mauvais conducteurs ces vibrations sont d'amplitude très réduite, et elles se transmettent moins bien à l'extérieur du fait qu'il ne sort pas de colonne d'air pour les véhiculer et les diffuser dans l'espace ambiant. Mais elles n'en existent pas moins (12) et elles peuvent même se propager pendant que les occlusions orales rendent la bouche silencieuse (13).

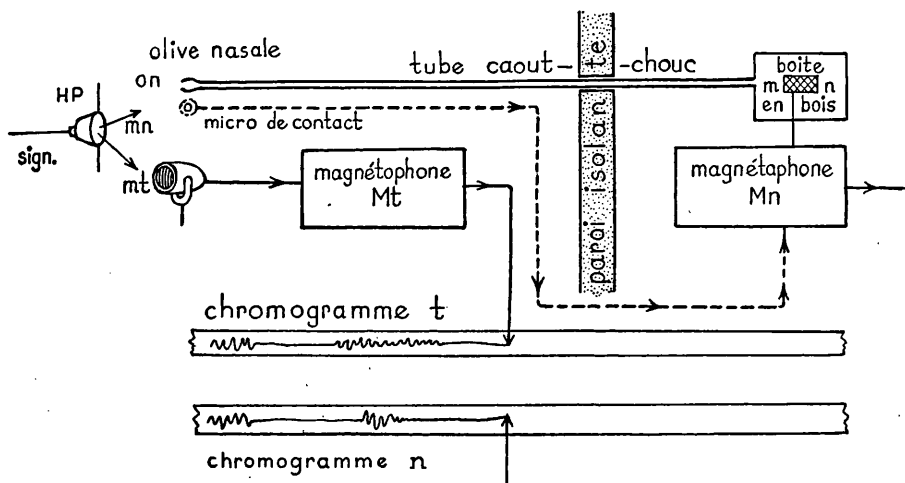


FIG. 1

Ceci nous a conduits à un changement d'attitude. Il ne s'agit plus de voir où il y a de la nasalité et où il n'y en a pas, mais d'étudier les manifestations de l'activité nasale et sa force relative. Nous réserverons le terme de *nasalité* pour le cas où elle est appréciable auditivement (c'est-à-dire, en général quand il y a émission d'air modulé par le nez) et nous parlerons, d'*activité nasale* toutes les fois que des vibrations se manifesteront sur le chromogramme nasal.

Avec le microphone de contact la différence de niveau d'enregistrement entre sons nasals et non-nasals était plus faible qu'avec l'olive. C'est que le micro de contact transmet les vibrations de la masse musculaire au niveau du nez, alors que l'olive nasale ne transmettait que les vibrations de l'air contenu dans les fosses nasales (14). En effet, les vibrations des tissus, recueillies par l'olive, ne sont pas transmises par le tube en caoutchouc, mauvais conducteur, qui présentait des raccords de matière différente et des segments de diamètre et d'épaisseur différents: un coup donné sur l'olive avec un objet métallique était à peine perceptible dans le magnétogramme de Mn. De plus, dans le cas de l'olive la colonne d'air, relativement longue contenue dans le tube, contrariait quelque peu les vibrations de l'air contenu

dans les fosses nasales, alors que lorsqu'une colonne d'air véhiculaire s'en échappait la transmission devait être beaucoup plus complète, même si cet air expiratoire n'atteignait pas lui-même le micro.

Enfin deux autres raisons ont contribué à nous faire rejeter le micro de contact: la crainte que le locuteur, non entraîné, ne maintienne pas celui-ci contre son nez avec une pression convenable, ce qui aurait faussé les résultats, et le problème de la synchronisation des courbes, problème que nous traiterons après.

Nous avons donc procédé selon le schéma de la fig. 1 (traits pleins). Le locuteur parlait devant le micro *mt*, avec une olive nasale *on*, dans le studio de prise de son. La totalité du son, recueillie par *mt*, est enregistrée par le magnétophone *Mt*. Simultanément un tube en caoutchouc passé par un trou pratiqué dans la paroi du studio amenait le son recueilli par *on* dans une petite boîte en bois où un micro cristal *mn*, calé avec du coton, permettait de l'enregistrer dans le magnétophone *Mn* placé à proximité. Pour isoler davantage *mn* nous avons placé la boîte en bois dans une caisse remplie de lainages.

La synchronisation a présenté des difficultés. Nous avons pensé d'abord à faire émettre par le locuteur un son à bouche fermée avant chaque élocution. Ce signal était capté par les deux microphones mais avec une amplitude très différente. Le signal nasal était en surmodulation en *Mn* et le chromogramme correspondant, difficile à observer. Mais le plus grave c'est que l'attaque du son étant très progressive, le début était capté seulement par *mn* et il était impossible de dire avec précision à quel point de la courbe nasale se plaçait le début des oscillations du chromogramme *t*.

Nous avons essayé alors un signal bref en frappant l'olive de verre avec un objet métallique, mais, comme il a déjà été dit, ces vibrations n'atteignaient pas *mn*.

Un claquement des mains tout près de *mn*, capté directement (quoique très faiblement) était mal entendu en *mt*. De plus ce procédé nous obligeait à des décomptes correspondants au temps mis par la claquement pour arriver à *mt* d'une part, et au temps mis par la parole pour traverser le tuyau d'autre part.

Après bien des essais nous en sommes venus au procédé ci-après. Le signal était un la obtenu avec un diapason-sifflet du type la-mi-re, ce qui avait l'avantage de donner une courbe nette. Il était enregistré sur bande magnétique et amputé de son segment initial pour éviter qu'une partie du signal soit enregistrée seulement par un des deux appareils. Le signal débutait ainsi à son niveau maximum. Le bande était collée en boucle et défilait en permanence faisant entendre le signal toutes les huit secondes. Cet intervalle, suffisant pour une phrase, correspondait, à la longueur des bandes sans fin préparées pour le chromographe.

Le haut-parleur était placé devant le locuteur à la même distance du micro que celui-ci. Le micro, un cristal unidirectionnel, tournait ainsi le dos au haut-parleur de façon à atténuer le haut niveau sonore nécessaire.

Avant de prononcer chaque élocution, le locuteur plaçait l'orifice de l'olive sur la partie axiale de la toile du haut-parleur. Le son enregistré en *Mn* était d'un niveau suffisant pour l'audition, mais encore un peu faible pour donner une bonne courbe. On y remédiait au moment de chromographier en mettant le potentiomètre de volume au maximum avant de commencer chaque courbe et en le baissant jusqu'au repère marqué pour la parole dès que le signal était entendu sur la plaque du chromographe.

Malgré toutes les précautions prises, les amplitudes, dans *t* et *n* n'étaient pas égales et les courbes ne débutaient pas immédiatement à leur amplitude maximum, à cause, semble-t-il, de l'inertie de l'inscripteur et du diffuseur. C'est pourquoi la précision de notre synchronisation restait imparfaite. L'erreur ne dépassait guère 5 millièmes du seconde.

En ce qui concerne l'interprétation des courbes et la séparation des phonèmes, nos erreurs ne doivent pas dépasser 10 millièmes de seconde dans les cas les plus défavorables, ce qui nous paraît une approximation suffisante.

IV — ÉTUDE DES ÉLOCUTIONS

Nous avons donné ci-dessus la transcription orthographique des élocutions. Pour situer les voyelles à analyser dans leur contexte de durée nous présentons maintenant (fig. 2) les phrases dans des schémas à l'échelle des temps: 1 mm: 1/100 de seconde (15). Nous indiquons schématiquement l'activité nasale par les trois signes conventionnels suivants placés également à l'échelle des temps:

———— : vibrations nasales faibles ou à peine décelables (dans le chromogramme).

~~~~~ : vibrations moyennes ou faibles mais bien nettes.

VAVAVAVAV : vibrations d'amplitude très forte ou forte.

En outre les silences (pauses) sont indiqués par le signe  $\theta$ .

##### Remarques:

1/ Quand la délimitation des phonèmes était incertaine à cause d'une coarticulation (Voir Menzerath-Lacerda, *Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung*, Berlin und Bonn 1933) nous nous sommes abstenus de les séparer et nous les présentons dans la même case sur le schéma.

- 1 

|       |   |       |   |   |   |       |   |   |   |       |    |   |   |   |
|-------|---|-------|---|---|---|-------|---|---|---|-------|----|---|---|---|
| 3     | ə | ʃ     | ā | t | o | s     | l | m | a | l     | ~k | ə | p | o |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |   | ~~~~~ |   |   |   | ~~~~~ |    |   |   |   |
- 2 

|       |   |       |   |   |   |
|-------|---|-------|---|---|---|
| 3     | ə | ʃ     | ā | t | ε |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |   |
- 3 

|       |   |   |       |   |       |   |   |       |   |   |   |       |   |   |
|-------|---|---|-------|---|-------|---|---|-------|---|---|---|-------|---|---|
| l     | ə | ʃ | ā     | ə | ε     | t | ʊ | n     | a | k | t | i     | v | i |
| ~~~~~ |   |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   | ~~~~~ |   |   |   | ~~~~~ |   |   |
- 4 

|       |   |       |   |   |   |       |   |       |   |   |   |   |   |
|-------|---|-------|---|---|---|-------|---|-------|---|---|---|---|---|
| l     | a | p     | ō | t | ə | q     | ε | t     | ε | l | ə | v | e |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |   |   |   |
| ~~~~~ |   |       |   |   |   |       |   |       |   |   |   |   |   |
- 5 

|       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |   |  |
|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|---|--|
| s     | ε | p     | ō | t     | e | p     | u | e     | f | ε     | e | q |  |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |  |
| ~~~~~ |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |   |  |
- 6 

|       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |  |
|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|--|
| l     | ə | p     | ō | ə     | ε | t     | ā | e     | ɥ | n     |  |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |  |
- 7 

|       |   |       |   |   |   |       |   |   |   |   |
|-------|---|-------|---|---|---|-------|---|---|---|---|
| l     | a | t     | ē | t | ə | ε     | 3 | ə | l | i |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |   | ~~~~~ |   |   |   |   |
- 8 

|       |   |       |   |       |   |       |   |   |   |
|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|---|---|
| 3     | ə | t     | ē | t     | ε | m     | ō | n | o |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |   |
- 9 

|       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |
|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|
| l     | ə | t     | ē | ə     | ε | ə     | b | e     | ō | z     | e |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |
- 10 

|       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |   |
|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|---|
| l     | a | d     | e | f     | ā | t     | ə | ə     | a | v     | ε | ə     | s | w     | a | s |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |
| ~~~~~ |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |   |
- 11 

|       |   |       |   |
|-------|---|-------|---|
| d     | e | f     | ā |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |
- 12 

|       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |
|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|-------|---|
| l     | ε | ʃ     | ə | ā     | t | e     | ə | 3     | ə | l     | p | ε     | ā | d     | e | e     | ə |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |
| ~~~~~ |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |       |   |
- 13 

|       |   |       |   |
|-------|---|-------|---|
| d     | e | f     | ā |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |

 ?
- 14 

|       |   |       |   |   |   |
|-------|---|-------|---|---|---|
| 3     | ə | ʃ     | ā | t | ε |
| ~~~~~ |   | ~~~~~ |   |   |   |

 ?

FIG. 2

2/ Pour la phrase No 5 le début du son initial est incertain et par conséquent nous ne connaissons pas sa durée.

3/ Nous utilisons le système de transcription Lacerda-Hammarström (*Transcrição fonética do Português Normal*, Revue citée, vol. 1, 1952) en ajoutant les symboles [æ] et [ʊ] (7) de l'A. P. I. et le symbole [u] qui note la voyelle du mot français «tu».

## V — ANALYSE OBJECTIVE DES VOYELLES NASALES

Nous nous proposons d'observer pour chaque voyelle les aspects suivants: Degré et variation de l'amplitude dans le temps et dans les deux courbes (*t* et *n*).

Pour simplifier la terminologie nous appellerons *courbe orale* celle provenant du micro *mt* (Voir figure 1) bien qu'il ait recueilli aussi les sons nasals.

[ã + t] dans «Je chante».

Élocution N.º 1

- Durée de la courbe orale: 280 m/s (millièmes de seconde)
- La nasalité se maintient sensiblement constante pendant toute la voyelle.
- L'activité nasale commence simultanément et s'arrête 18 m/s après, presque aussitôt finie la courbe or.
- La qualité de la courbe or. est sensiblement constante. Elle présente une progression rapide et un sensible *étranglement* (segment d'amplitude décroissante-croissante). Régression finale très brève (30 m/s).
- La courbe nasale présente un début moins rapidement atteint, des variations légères d'amplitude (dont une correspond à l'étranglement de la courbe or.).
- Le tiers final, de très forte amplitude, s'amortit plus lentement que dans la courbe or. Des vibrations extrêmement faibles empiètent légèrement sur la zone correspondant à l'occlusion du [t] pendant 18 m/s.

[ã + tɛ] dans «Je chantais».

Élocution N.º 2.

- Durée de la courbe or. : 182 m/s.
- La nasalité débute rapidement environ 29 m/s après l'activité orale.
- Elle s'achève environ 36 m/s après la fin de celle-ci.
- La courbe or. décroissante-presque constante a un début croissant, et présente un étranglement à peine sensible aux deux tiers de la durée totale de la voyelle.

— La courbe nas., presque constante a cependant une amplitude plus forte pendant les 32 premiers m/s., puis on observe une zone décroissante avec un amortissement final empiétant sur le [t].

[ã] dans «Le chant».

Élocution N.º 3.

— Durée de la courbe or. 246 m/s.

— L'activité nasale débute 14 m/s après le commencement de l'activité orale, et termine 12 m/s après la fin de la courbe orale.

— La courbe or. présente une amplitude décroissante-croissante constituant un étranglement (vers les trois quarts) avec un segment initial révélant une *conformation* rapide.

— La courbe nas. presque constante-croissante a un début progressif et un amortissement final.

[ð + t] dans «La ponte...»

Élocution N.º 4.

— Durée de la courbe or. 285 m/s.

— La nasalité débute 44 m/s après et se poursuit pendant 43 m/s après la fin de l'activité orale.

— La courbe or. présente un premier segment de qualité sensiblement constante avec une différenciation initiale extrêmement brève (8 m/s). L'activité nas. commence avec un deuxième segment de configuration à prédominance constante: On y observe toutefois un bref étranglement d'environ 30 m/s de longueur situé vers le tiers de la courbe or.

— La courbe nas. à configuration sensiblement constante continue pendant 43 m/s après la disparition des vibrations audibles; ce dernier segment maintient une amplitude élevée jusqu'au final très rapidement régressif.

[ð + te] dans C'est ponté...

Élocution N.º 5.

— Durée de la courbe or. 234 m/s. La nasalité commence avec un retard de 25 m/s et finit 18 m/s après la courbe or.

— La courbe or. nous révèle un segment initial de 36 m/s sans nasalité correspondant à la courte zone de conformation de la voyelle. L'amplitude devient alors presque constante puis décroît et augmente de nouveau jusqu'à la régression finale qui est presque instantanée. L'étranglement, très net, se situe vers le milieu de la courbe.

— Le cours de la nasalité est progressif d'abord, puis presque constant sur une zone plus longue. L'amplitude se maintient très élevée pendant le dernier segment or. puis disparaît rapidement à son tour.

[ø] dans «Le pont...»

Élocution N.º 6.

— Durée de la courbe or. 287 m/s. La nasalité commence 50 m/s après et finit avec 45 m/s de retard.

— On observe au début de la courbe or. une zone attribuée à l'explosion douce du [p]. Suit un bref segment d'environ 30 m/s et de forte amplitude presque constante. Puis l'amplitude décroît, se maintient sensiblement stationnaire, croît de nouveau et décroît lentement jusqu'à la fin. On observe un étranglement important un peu avant le tiers de la courbe or.

— La nasalité commence à la fin de la zone attribuée à l'explosion douce du [p]. Elle révèle une lente progression pendant environ 54 m/s; elle acquiert alors un niveau très élevé qui se maintient jusqu'à 45 m/s après la courbe or.. L'amortissement final est presque instantané.

— La reproduction réduite du chromogramme de cette voyelle est donnée dans la fig. 3.

[ $\tilde{e}$  + t] dans «La teinte...»

Élocution N.º 7.

— La durée de la courbe or. est 329 m/s. La nasalité s'initie 60 m/s après et disparaît 36 m/s après la fin de la courbe or..

— La courbe or. révèle une progression relativement lente de *conformation*. L'amplitude atteint alors son maximum en même temps que débute l'activité nasale. La conformation reste constante pendant quelque temps puis décroît et redevient constante jusqu'au segment final lentement régressif.

— L'activité nasale est presque constante jusqu'au début de sa zone terminale. Celle-ci se situe pendant l'occlusion du [t] et révèle une brève augmentation de la nasalité suivie d'un rapide amortissement.

[ $\tilde{e}$  + tɛ] dans «Je teintais...»

Élocution N.º 8.

— La durée de la courbe or. est de 117 m/s. La nasalité s'initie 4 m/s après et finit avec un décalage de 28 m/s.

— La courbe or., après une rapide conformation de la voyelle, atteint presque instantanément une amplitude maximum et se maintient constante pendant 65 m/s. On observe alors un étranglement sur 80 m/s après quoi l'amplitude devient constante jusqu'à la régression finale, excessivement rapide.

— La nasalité débute avec une amplitude très faible; elle augmente alors rapidement et reste constante pendant le premier tiers de la voyelle. Une nouvelle augmentation amène l'amplitude à son maximum jusqu'au début de la phase finale. Celle-ci révèle une régression rapide suivie d'un segment



FIG. 3



de faible amplitude. Pendant ce dernier segment, que nous attribuons à l'occlusion de la dentale, la courbe or. n'accuse pas de vibrations.

[*ẽ*] dans «Le teint...»

Élocution N.º 9.

— La durée de la courbe or. est de 285 m/s. La nasalité commence avec 28 m/s de retard et se poursuit sur 33 m/s après la fin de la courbe or.

— La conformation de la courbe or. est presque instantanée et l'amplitude reste constante pendant un premier segment de 77 m/s. Pendant ce segment on ne voit dans la courbe nasale que quelques vibrations, vers son milieu que nous attribuons à l'explosion du [*t*]. Suit un segment décroissant-croissant de 124 m/s formant un étranglement. Le dernier segment présente une amplitude constante suivie d'une lente régression orale.

— L'activité nasale presque inexistante pendant le premier segment, (il ya seulement de très légères vibrations sur le milieu de cette zone) est presque constante, puis croissante, dans le second. Au troisième segment oral correspond un troisième segment nasal de grande amplitude qui se maintient jusqu'à l'amortissement de 33 m/s, qui a lieu pendant l'occlusion.

[*ʋ + t*] dans «La défunte...»

Élocution N.º 10.

— La durée de la courbe or. est de 290 m/s. La nasalité commence avec 17 m/s de retard, et disparaît 30 m/s après la courbe orale.

— A une période de conformation vocalique de 38 m/s, suit un segment d'amplitude maximum (52 m/s). Vient alors un segment présentant une nette régression de la configuration périodique, après lequel l'amplitude se maintient sensiblement constante. La voyelle se termine par un segment de qualité régressive d'une durée de 31 m/s environ. Dans cette courbe or. on peut observer un étranglement d'amplitude vers la fin du premier quart de la courbe.

— La nasalité s'initie avec un léger retard. Elle atteint son niveau le plus élevé, se maintient constante puis décroît pendant le second segment de la courbe or. A partir d'alors elle présente une longue constance jusqu'au commencement du dernier segment oral. Un dernier segment, presque uniquement nasal, a une amplitude croissante-presque constante, avec un final de très faible amplitude. Ce dernier segment s'achève 30 m/s après la fin de l'activité orale.

[*ʋ*] dans «Défunt.»

Élocution N.º 11.

— La durée de la courbe or. est de 150 m/s. La courbe nas. commence 13 m/s en retard et continue sur 50 m/s après la fin de la courbe or.

— La courbe or. présente une amplitude croissante après un bref *initial* d'environ 13 m/s qui est uniquement oral. Les vibrations disparaissent totalement après une brève régression. On constate une nette différence qualitative entre la première et la seconde moitié de la courbe.

— Le tracé nasal révèle un aspect semblable mais son amplitude reste au maximum pendant la régression orale, la courbe nas. continuant son amortissement et ne se terminant que 40 m/s après la fin des vibrations orales.

[ʋ] dans «Laisse un thé...»

Élocution N.º 12.

— La durée de la courbe or. est de 159 m/s. La nasalité commence avec 27 m/s de retard et finit avec 39 m/s de décalage.

— Le tracé oral révèle une qualité constante et une faible amplitude pendant près de la moitié de la voyelle. La courbe semble montrer alors une simplification de la configuration vocalique qui est suivie d'un bref amortissement final.

— La nasalité nous fait constater les phases suivantes: brève zone d'amplitude progressive; zone prédominante, montrant une lente variation de configuration; amortissement rapide n'embrassant guère que 4 périodes.

[ã + tɛ] dans «Je chantais?»

Élocution N.º 13.

— La durée de la courbe or. est de 164 m/s. La nasalité s'initie 17 m/s après et disparaît 42 m/s après l'occlusion.

— La configuration orale présente une phase initiale de 41 m/s et de qualité progressive-régressive; suit une phase qui prédomine par sa longueur et dont l'amplitude, presque constante, est inférieure au maximum atteint dans la phase initiale.

— La nasalité se manifeste d'abord par un à-coup initial, puis devient constante-décroissante. Après quoi l'amplitude ne cesse de décroître jusqu'à sa disparition 42 m/s après l'occlusion.

— On remarque en confrontant rapidement les deux courbes une similitude très nette de la configuration générale mais avec un décalage inversant les parties montante et descendante; de telle façon qu'à la seconde partie (descendante) de la courbe or. correspond à peu près la première (montante) de la courbe nasale.

[ʋ] dans «Défunt?»

Élocution N.º 14.

— La durée de la courbe or. est de 268 m/s. La nasalité présente un léger décalage en retard sur la courbe or.: 18 m/s à l'initiale et 16 m/s à la disparition.

— Un long segment (55 m/s) de qualité progressive commence le tracé oral. Suit un segment de faible amplitude, presque constante, de 117 m/s. On constate alors un net et bref étranglement d'amplitude; celle-ci redevenant progressive jusqu'à la fin de l'activité orale à l'exception d'une régression finale, relativement lente, d'une durée de 28 m/s.

— La nasalité commençant peu après la courbe orale, est constante sur la plus grande partie de son parcours. Vers la fin l'amplitude s'accroît et décroît, cette régression finale se poursuivant pendant 16 m/s après la disparition de la dernière vibration dans la courbe orale.

## VI — CONCLUSIONS

Notre brève étude terminée, nous sommes livrés à une comparaison détaillée des chromogrammes des voyelles nasales. Nous présentons ci-dessous quelques remarques portant sur les aspects suivants: 1) Degré de simultanéité des activités orales et nasales; 2) Étranglement de l'amplitude; 3) Comportement de la qualité vocalique; 4) Les durées.

1) — Les examens des chromogrammes nous ont montré toujours un retard de l'activité nasale sur l'activité orale.

Le décalage initial a varié entre 2 m/s «Je chante...» (N.º 1) et 60 m/s «La teinte...» (N.º 17); le décalage final a varié entre 12 m/s «Le chant...» N.º 3) et 50 m/s «Défunt.» (N.º 11). Nous donnons en appendice la valeur exacte des décalages.

2) — Dans toutes les courbes orales (sauf le N.º 12 «Laisse un thé...» et N.º 13 «Je chantais?») on constate un étranglement d'amplitude des voyelles nasales. (Nous nous bornons à signaler en appendice la longueur de la zone étranglée, sa netteté et sa situation). La longueur de l'étranglement varie entre 40 m/s et 110 m/s. Il se trouve généralement entre le début et la fin du deuxième tiers de la courbe.

3) — D'après l'aspect de toutes les courbes on peut déduire une qualité sensiblement constante de la voyelle. La zone de conformation et la zone de régression finale sont très brèves. La configuration périodique est, relativement, très stable; elle n'est pas sensiblement affectée par les variations de l'amplitude.

4) — Nous représentons sous forme de diagrammes (figures 4 et 5) les durées exactes des sons des mots contenant les quatre voyelles nasales étudiées dans les trois cas de: finale absolue, tonique suivie de consonne, atone. Pour chaque mot phonique le premier chiffre indique la durée totale, le second la durée de la voyelle nasale correspondant à la hauteur de la colonne

noire. Dans [sepöte] nous n'avons pas pu déterminer la longueur du [s] et dans [latët] celle du [t] final: le premier chiffre représente alors la durée totale du mot, compte non tenu de ces sons de longueur inconnue.

Nous observons que la durée absolue des voyelles nasales est nettement plus petite en position atone mais il faut considérer que ces voyelles se trouvent dans des mots plus longs d'un ou de deux phonèmes. Les voyelles

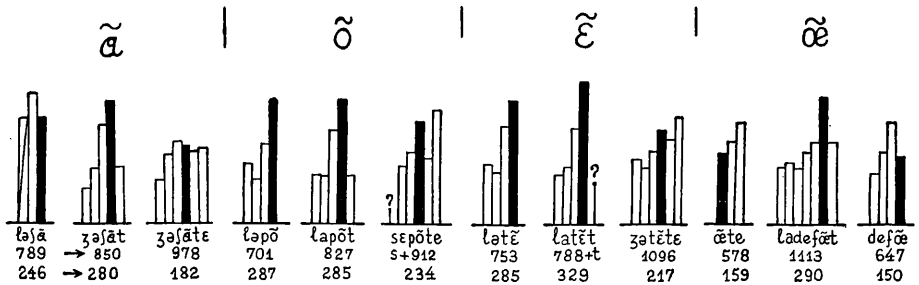


FIG. 4

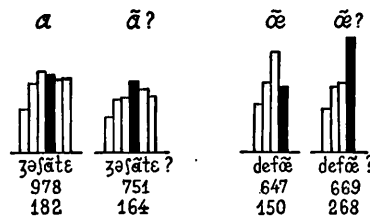


FIG. 5

toniques suivies de consonne ont la plus grande valeur absolue, excepté pour le [ȃ] dont la durée est sensiblement la même en position finale. Si l'on tient compte que les voyelles toniques suivies de consonne se trouvent dans des mots plus longs d'un phonème — on pourrait presque dire d'une syllabe, voir Note 5 — l'impression auditive d'allongement en cette position se trouve confirmée par nos chromogrammes.

## VII — ACTIVITÉ NASALE DANS DES SONS DITS NON-NASALS

Nous avons remarqué des vibrations plus ou moins nettes et de plus ou moins grande amplitude sur la courbe nasale, alors que l'on se serait attendu à une activité uniquement orale. Des vibrations nasales ont même été constatées pendant des occlusions orales. Nous ne sommes pas les premiers

à remarquer de tels faits: Rousselot en a parlé longuement et il a publié les tracés correspondants. Nous donnerons ci-dessous un compte rendu de nos propres observations et nous suggérerons quelques hypothèses, plus ou moins acceptables, pour les expliquer.

En ce qui concerne les voyelles orales nous distinguerons deux cas: les voyelles «purement orales» et celles qui, se trouvant en contact avec une nasale, sont susceptibles de contamination.

«Voyelles purement orales»

Parmi les voyelles purement orales certaines accusent des vibrations dans la courbe nasale correspondante, à peu près sur toute l'étendue de leur tracé oral. L'amplitude des vibrations nasales est généralement faible, sauf dans le cas du [i] où elles peuvent atteindre une valeur assez forte. Voici quelques exemples:

|                                               |                  |
|-----------------------------------------------|------------------|
| [ə] dans «Je chante aussi mal <i>que</i> ...» | Élocution N.º 1. |
| [ɛ] » «Le chant <i>est</i> ...»               | » 3              |
| » » «C' <i>est</i> ponté ...»                 | » 5              |
| » » «La teinte <i>est</i> jolie...»           | » 7              |
| [e] » «C'est ponté...»                        | » 5              |
| [i] » «Le chant est une activité...»          | » 3              |
| » » «C'est ponté pour faire joli»             | » 5              |

Le [ɛ] de l'élocution N.º 9 («*est* bronzé») ne présente que quelques vibrations dans la partie centrale. Le [i] de l'élocution N.º 5 présente des vibrations très fortes très supérieures à celles qui accompagnaient le [l]; la différence de la configuration nasale permettant seule de délimiter les sons.

Il faut remarquer que seules certaines voyelles orales, même parmi des [i], donnent des vibrations sur la courbe nasale. Par exemple, un [e] tonique et bien mis en relief dans la phrase «Laisse un *thé*...» (Élocution N.º 12) n'accuse rien; rien non plus dans le [ɛ] également tonique de «prendrai après».

Dans d'autres voyelles orales les oscillations du chromogramme nasal ne se manifestent, qu'au début. Exemple: [ə] dans «Je chante...». On peut attribuer cela à la détente de la consonne précédente; mais alors on trouvera paradoxal qu'il n'en soit pas de même pour les voyelles nasales, où, au contraire, on observe en général un bref segment initial dépourvu de nasalité. Cependant les vibrations nasales initiales des voyelles non-nasales, loin de se produire toujours, n'ont lieu que dans certaines conditions que nous ignorons, mais où l'on observe auditivement une faible tension phonatoire. De plus, à notre connaissance, ces vibrations ne se manifestent jamais sur des voyelles toniques. On peut donc supposer que pour la transmission indirecte des vibrations la faible tension articulaire joue un rôle important.

Dans d'autres cas c'est vers la fin de la voyelle qu'on observe des vibrations nasales (16). Dans certains cas, même, les vibrations n'apparaissent qu'après le commencement de l'occlusion de la consonne suivante: [ɛ] dans «Cette saison...» (Élocution N.º 4). Assez souvent on observe à la fois les vibrations initiales et finales: [ə] de «Le pont...» (Élocution N.º 6) où de faibles vibrations apparaissent quelques millièmes de seconde après l'occlusion du [p]. Pour le cas des vibrations finales, la première explication qui vient à l'idée est que la pression de l'air dans la bouche continue à augmenter permettant ainsi la transmission à travers la voûte palatine. Dans le cas des voyelles nasales nous avons observé une prolongation importante de la nasalité après le début des occlusions. Le problème peut ne pas être le même puisque tout nous porte à croire que pendant ce dernier segment des voyelles nasales le voile du palais restait ouvert; une telle éventualité semble très peu probable dans le cas des voyelles orales: elle serait d'ailleurs très difficile à expliquer. De plus il est admis que les occlusives françaises sont prononcées avec une occlusion glottale. Dès lors l'interprétation ci-dessous paraît très difficile à soutenir, le courant d'air étant interrompu. Restent deux possibilités: ou l'occlusion glottale s'effectue avec un certain retard sur l'occlusion orale, (et nous tombons dans le cas des fricatives), et la première interprétation reste plausible), ou bien c'est précisément l'occlusion glottale qui est à la base du phénomène. En effet la fermeture de la glotte en s'accompagnant d'un déplacement de certains organes peut causer des conditions momentanées qui facilitent la transmission des vibrations.

*Voyelles orales en contact avec une consonne nasale.*

Dans quelques cas on observe une contamination plus ou moins étendue. Dans le [i] de «aussi mal...», Élocution N.º 11, la voyelle entière présente une forte activité nasale; vibrations constantes et simultanées. Dans le [u] de «Le chant est une activité...», Élocution N.º 3, les vibrations commencent dès le premier tiers de la voyelle avec une amplitude très forte. Dans le [a] de cette même phrase les vibrations du [n] continuent quelque peu en s'amortissant. Dans le [a] de «...mal que possible», Élocution N.º 1, on observe des vibrations très nettes et d'amplitude moyenne pendant toute l'étendue de la voyelle.

Dans le [ui] de «ruine», Élocution N.º 6, les vibrations nasales, très nettes, commencent avec le segment oral attribué au [i].

Dans le [ɛ] de «Je teintais mon eau», Élocution N.º 8, des vibrations croissantes et fortes se manifestent 40 m/s avant le [m] subséquent. Dans la même phrase le [o] compris entre deux consonnes nasales apparaît pleinement nasal, et pendant le [o] final les vibrations restent d'abord très fortes puis diminuent et s'amortissent en même temps que les vibrations orales.

*Consonnes manifestant une activité nasale*

Nous avons observé des vibrations dans la courbe nasale de quelques consonnes dites non-nasales: les fricatives [v] et [z], la latérale [l] et l'occlusive [d] en particulier.

Tous les [l] se trouvant dans nos phrases accusent des vibrations nasales plus ou moins fortes, le plus souvent d'amplitude moyenne, parfois de très forte amplitude. Quand une voyelle suit, l'amplitude des vibrations nasales de cette voyelle est toujours inférieure à l'amplitude de celles du [l], excepté le [i], qui a des vibrations plus fortes que le [l] précédent. Parfois le [l] accusant de fortes vibrations est suivi d'une voyelle uniquement orale.

En ce qui concerne le [v] l'activité nasale, qui se manifeste presque toujours, ne donne jamais lieu à une amplitude comparable à celle des [l].

Les [v], accompagnés également d'activité nasale ont, dans l'ensemble, une amplitude encore plus faible, mais cette amplitude reste relativement plus importante que celle de la courbe orale correspondante, à tel point que la courbe nasale constitue un auxiliaire pour la délimitation des fricatives sonores.

Le [d] constitue le cas le plus intéressant. Des vibrations nasales de grande amplitude et de configuration très nette se manifestent pendant toute la durée de l'occlusion orale. Dans le cas de «Défunt», Élocution N.º 11, et de «Défunt?», Élocution N.º 13, ces vibrations nasales permettent seules de déceler le début de l'occlusion. Le [e] qui suit s'accompagne dès le commencement de vibrations extrêmement faibles: la délimitation des deux sons sur la courbe nasale est très nette et simultanée avec la délimitation sur la courbe orale. Dans «La défunte...» Élocution N.º 10, aucune vibration nasale n'apparaît pour le [a], l'amplitude devient instantanément forte à partir de l'occlusion de la dentale et reste constante pour s'amortir au début de la voyelle suivante. Dans «...prendrai...», Élocution N.º 12, le [d] présente des vibrations d'amplitude très fortes égales à celle de la voyelle nasale précédente. La configuration périodique change cependant rapidement d'un son à l'autre. Les vibrations du [d] s'amortissent pendant l'explosion qui correspond à l'articulation du [e].

Nous pouvons remarquer avant de terminer ces notes que tous les sons dits non-nasals qui accusent des vibrations dans la courbe nasale sont articulés dans la partie antérieure de la bouche. En ce qui concerne les voyelles on peut même remarquer une certaine gradation entre le [a], rarement accompagné de vibrations nasales, le [e], le [e] et le [ə], montrant souvent des vibrations, et le [i] en accusant, généralement, de très fortes.

Des études spectrographiques et cine-radiographiques permettraient sûrement d'éclaircir ces problèmes si complexes.

## APPENDICE

### VALEURS DES DÉCALAGES:

| Courbe | Début | Fin    |
|--------|-------|--------|
| 1      | 2 m/s | 18 m/s |
| 2      | 29    | 36     |
| 3      | 14    | 12     |
| 4      | 44    | 43     |
| 5      | 25    | 18     |
| 6      | 50    | 45     |
| 7      | 60    | 36     |
| 8      | 24    | 28     |
| 9      | 28    | 33     |
| 10     | 17    | 30     |
| 11     | 13    | 50     |
| 12     | 27    | 39     |
| 13     | 17    | 42     |
| 14     | 18    | 16     |

### LONGUEUR, SITUATION ET ASPECT DES ÉTRANGLEMENTS:

| Courbe | Longueur | Situation     | Aspect   |          |
|--------|----------|---------------|----------|----------|
| 1      | 65 m/s   | Centrale      | Très net | Très net |
| 2      | 40       | Post-centrale | Peu net  | Peu net  |
| 3      | 75       | » »           | Net      | Net      |
| 4      | 70       | Pré-centrale  | Très net | Net      |
| 5      | 95       | Centrale      | Très net | Très net |
| 6      | 90       | »             | Très net | Net      |
| 7      | 110      | Pré-centrale  | Très net | Peu net  |
| 8      | 85       | Centrale      | Très net | Très net |
| 9      | 60       | »             | Très net | Net      |
| 10     | 95       | »             | Net      | Peu net  |
| 11     | 65       | Pré-centrale  | Peu net  | Peu net  |
| 14     | 110      | Centrale      | Peu net  | Net      |

ÉTUDE DE LA VOYELLE [ã] DANS LA RÉALISATION «SOIXANTE» ANS

L'examen du chromogramme N.º 20 correspondant à élocution N.º 10 nous a fait remarquer la voyelle finale, le [ã] du mot «ans». La brièveté de cette voyelle malgré sa position importante dans la phrase et son intensité, et l'importance de son décalage nous ont poussée à donner ci-dessus la description qui va suivre:

Durée de la courbe orale: 92 m/s. La nasalité apparaît et disparaît en retard avec un décalage de 50 m/s.

La courbe orale est progressive, puis presque constante (on pourrait voir là un étranglement à peine décelable) pendant la première moitié de la courbe, uniquement orale. La deuxième partie révèle un amortissement lent. La nasalité s'initie brusquement avec cette deuxième partie. L'amplitude devient instantanément forte et reste constante jusqu'à la disparition des vibrations orales. La nasalité se poursuit une cinquantaine de millièmes de seconde pendant lesquelles la configuration s'amortit lentement.

Il est curieux de comparer l'importance relative énorme du décalage dans cette voyelle avec les voyelles précédemment étudiées. Il faut remarquer que c'est le seul cas où le retard initial soit égal au retard final. Nous ignorons s'il s'agit d'une exception (apparente ou non) et quelles en sont ses causes. Seule une étude beaucoup plus vaste portant sur plusieurs locuteurs, avec un grand nombre d'exemples diversement situés dans la chaîne parlée pourrait nous renseigner à cet égard.

ARMANDO DE LACERDA

MANUEL COMPANYS

## NOTES

(1) Voir A. Lacerda *Facteurs de la Variation Élocutive*, in Revista do Lab. de Fon. Exp. da Fac. de Letras da Univ. de Coimbra, Vol. 1, 1952, tiré à part 1953.

(2) Nous présentons au lecteur les phrases d'une façon systématique, les numéros correspondant à l'ordre de la lecture des fiches.

(3) Notre locutrice, bien que parisienne, distinguait normalement [æ] et [ɛ]. Sa prononciation nous a paru correspondre à celle qui est connue sous le nom de «français normal».

(4) Nous entendons par «mot» (dans cet article) l'unité phonique présentant un seul accent structural. On sait que des groupes comme «les petits enfants» ou «les grands hommes», par exemple, ne constituent qu'un mot phonique en français normal.

(5) Autrement dit, suivies de consonnes plus *e* dans l'orthographe. Nous n'osons plus parler dans ce cas de syllabe finale, la consonne appartenant probablement à la syllabe suivante et se chargeant elle-même de valeur syllabique dans les cas, moins fréquents que ne le laisse croire l'oreille, où la voyelle est totalement escamotée. En effet, l'examen objectif révèle souvent un [ə] bref, parfois un [ɐ], soit à la suite d'un segment vocalique sourd, soit directement après l'explosion de la consonne même si elle est sourde. Voir plus loin.

(6) Nous avons négligé des cas très rares, où la voyelle nasale est suivie d'une autre voyelle en hiatus, comme dans Panhard (prononcé à Paris *pãar*).

(7) Nous avons bien l'argotique «défunter» que nous avons rejeté, l'argot suggérant souvent des modalités expressives diverses. (Des difficultés typographiques nous obligent à remplacer souvent *œ* par *u*; le lecteur voudra bien en tenir compte).

(8) Il est vrai que la phrase «La ponte est élevée en cette saison», peut se lire: «La ponte est élevée // en cette saison», mais «La ponte // est élevée en cette saison», est la prononciation que nous avons enregistrée.

(9) Un des auteurs, (A. L.) préférerait le mot «aphone»; nous imprimons «sourde», plus usuel.

(10) Voir l'article «Laboratório de Fonética Experimental» in Revista do Lab. de Fon. Exp. da Fac. de Letras da Univ. de Coimbra, Vol. 1, 1952.

(11) Les auteurs pensent que le timbre individuel d'un locuteur dépend en partie de la plus ou moins grande activité nasale dans les sons considérés comme non nasals. Ce trait peut être compté au nombre des «caractéristiques acoustiques individuelles». Voir: A. L., *Características da Entoação Portuguesa*, Vol. II, Coimbra 1947 (utiliser l'index terminologique). Des études spectrographiques réservent sans doute d'intéressantes découvertes spécialement dans le domaine de la psycho-phonétique. Remarquons que Rousselot a déjà émis, lui aussi, cette hypothèse.

(12) Rousselot les avait décélées avec la méthode kymographique.

(13) Voir plus bas les observations que nous avons faites, en particulier sur les dentales.

(14) Quand le locuteur parlait en retirant l'olive de sa narine aucun son n'était transmis au magnétophone Mn.

(15) Ce qui suppose une réduction de 20 fois par rapport aux chromogrammes fournis par un chromographe à projection horizontale. Nous donnons en hors texte la reproduction de quelques courbes.

(16) Voir Heffner, *General Phonetics*, Madison, 1949, p. 119; Grammont, *Traité de Phonétique*, Paris, 1956, p. 40.

## LABORATÓRIO DE FONÉTICA NA BAHIA

### BREVE NOTÍCIA SOBRE A SUA CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO

A Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia dispõe, desde junho do ano passado, de mais um organismo destinado à consecução dos seus altos objectivos de ensino e pesquisa: o primeiro Laboratório de Fonética Experimental do Brasil.

A aplicação em nosso país dos métodos instrumentais — criados na última década do século passado por ROUSSELOT, a quem de toda justiça coube a direcção do primeiro laboratório de fonética do mundo, o do Collège de France, fundado em 1896 — vem sendo reclamada com insistência e unanimidade excepcionais há dezenas de anos.

O Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, reunido em São Paulo em julho de 1937, cujos Anais estão repletos de pronunciamentos nesse sentido, depois de reconhecido por todos que os «gabinetes de fonética experimental ... são o único elemento verdadeiramente científico e atual capaz de determinar de maneira insofismável o número e a natureza dos sons duma língua», resolveu na sessão plenária do dia 9, por unanimidade, «exprimir um voto ardente para que os Governos da República e Estaduais criem nos institutos oficiais de cultura, gabinetes de fonética experimental».

No Primeiro Congresso Brasileiro da Língua Falada no Teatro, realizado nesta cidade em setembro de 1956 sob os auspícios da Universidade e no quadro das comemorações do seu decenário, lingüistas nacionais e estrangeiros reconheceram de público a procedência de tal reclamo, congratulando-se com a Bahia por sua Universidade ser a primeira a atendê-lo.

A Universidade da Bahia, na pessoa do Magnífico Reitor Edgard Rêgo Santos, e a Faculdade de Filosofia, representada por seu Director, Professor Doutor Isaías Alves de Almeida, entraram em contacto em julho de 1955, através do Professor Francisco Heron de Alencar, com o Professor Armando de Lacerda, fundador e director do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, convidando-o a instalar entre nós um instituto similar, e encomendando-lhe os aparelhos necessários à aplicação do método cromográfico, de que é criador.

Só em novembro de 1956, contudo, foi possível ao ilustre foneticista português atender ao convite e permanecer no Brasil os seis meses necessários à realização da empresa.

### INSTALAÇÕES

Ocupa o laboratório cinco dependências, todas providas do condicionamento acústico que convém aos objectivos de cada uma delas:

- a* — câmara de captação microfónica para tomada e registo de som;
- b* — sala de medições e confecção de gráficos destinados à publicação;
- c* — arquivo sonoro e sala dos trabalhos de direcção;
- d* — sala de cromografia, com equipamentos vários para investigação, mesas para exame e classificação de registos sonoros e gráficos;
- e* — sala para aulas e demonstrações.

### MATERIAL DE INVESTIGAÇÃO

*A* — Registadores de som:

- a* — Dois registadores-reprodutores em cinta magnética, marca WEBCOR, portáteis;
- b* — Um registador-reprodutor marca BUTOBA, dotado de capacidade de funcionamento autónomo.

*B* — Tradutor de sons em gráficos analisáveis:

Electro-cromógrafo de projecção horizontal.

*C* — Aparelhos para análise de gráficos:

- a* — Triângulo tonométrico de Lacerda para determinação da linha e dos níveis tonais;
- b* — Mesa tonométrica para conjugação com o triângulo tonométrico.

O Laboratório de Fonética da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia pretende manter com os congéneres de todo o mundo o maior intercâmbio possível. Em especial com o de Coimbra, não só pelo facto de trabalharem ambos fundamentalmente sobre a mesma língua — o que garante a tudo o que se fizer em um dêles grande interesse para o outro — mas sobretudo porque se inspirou e consumou nos padrões e métodos do verdadeiro criador de ambos: Armando de Lacerda. Começa modestamente, conforme revelará o confronto desta nota com as doze páginas (136-



**FIG. 1**

**Câmara de captação microfónica para tomada e registo de som**



**FIG. 2**

**Aspecto geral das instalações laboratoriais**



FIG. 3  
Mesa tonométrica



FIG. 4  
Sala de trabalhos cromográficos

-148) da *Revista do Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra*, vol. I, 1952. Mas esse confronto é, não esqueçamos, entre dezesseis anos de um lado (o laboratório de Coimbra foi fundado em 1936) e alguns meses do outro.

As dimensões das dependências enumeradas foram estabelecidas tendo em vista a expansão natural dos trabalhos, que exigirá aquisição sempre crescente de novos aparelhos e equipamentos. Esperamos em futuro próximo poder utilizar:

- um novo tradutor de sons em gráficos analisáveis — o quimógrafo, ainda hoje muito útil para demonstrações didáticas e para certos tipos de pesquisa;
- um registador e reproduzidor de som fixo, de alta fidelidade;
- um conjunto para fotografias do palato.

Mais tarde, se o laboratório continuar a merecer o apoio, a boa-vontade e compreensão que desde o primeiro momento — em julho de 1955 — vem encontrando no Magnífico Reitor Edgard Rêgo Santos, no Professor Doutor Isaías Alves de Almeida e em todos os professores da Faculdade, pretendemos instalar os departamentos de Oscilografia e Espectrografia.

*Laboratório de Fonética da Faculdade de Filosofia da  
Universidade da Bahia.*

NELSON ROSSI



## ÍNDICE

|                                                                                                                                       | Págs. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| ARMANDO DE LACERDA e NELSON ROSSI — Particularidades Fonéticas do Comportamento Elocucional do Falar do Rio de Janeiro .....          | 5     |
| ELIZABETH ULDALL — American «Molar» R and «Flapped» T .....                                                                           | 103   |
| ARMANDO DE LACERDA e JOHN MORRIS PARKER — Variantes Fonéticas de Falares Regionais do Distrito de Beja (continuado do Vol. III) ..... | 107   |
| PETER STREVEVS — The Performance of «PAT» .....                                                                                       | 175   |
| ARMANDO DE LACERDA e MANUEL COMPANYS — Notes pour l'Étude de l'Activité Nasale en Français .....                                      | 183   |
| NELSON ROSSI — Laboratório de Fonética na Bahia .....                                                                                 | 207   |





